

CELMA LAURINDA FREITAS COSTA

A NOÇÃO DE CIÊNCIA E EDUCAÇÃO NO ESPIRITISMO

**Universidade Católica de Goiás
Mestrado em Educação
Goiânia – 2009**

CELMA LAURINDA FREITAS COSTA

A NOÇÃO DE CIÊNCIA E EDUCAÇÃO NO ESPIRITISMO

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Mestrado em Educação da Universidade Católica de Goiás (UCG) como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação, sob a orientação do professor Dr. José Ternes.

Universidade Católica de Goiás
Mestrado em Educação
Goiânia – 2009

C837n

Costa, Celma Laurinda Freitas.

A noção de ciência e educação no espiritismo / Celma Laurinda Freitas Costa. – 2009.

250 f.

Dissertação (mestrado) – Universidade Católica de Goiás, Departamento de Educação, 2009.

“Orientação do professor Dr. José Ternes”.

1. Espiritismo – educação - ciência. 2. Educação espírita. 3. Pedagogia espírita. I. Título.

CDU: 133.9:37(043.3)

CELMA LAURINDA FREITAS COSTA

A NOÇÃO DE CIÊNCIA E EDUCAÇÃO NO ESPIRISTIMO

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. José Ternes (Orientador)
Universidade Católica de Goiás (UCG)

Prof. Dr. José Maria Baldino
Universidade Católica de Goiás (UCG)

Prof.^a Dr.^a Maria Luzia dos Santos Sisterolli
Universidade Federal de Goiás, Campus de Jataí,GO

Goiânia, GO, 28/08/2009

À minha mãe, *Dumissiana Tomaz Freitas*, pela ousadia de viver, pela fé inquebrantável e pela determinação corajosa em educar seus filhos, colocando-os conscientes da educação como um valor além da existência física, sem temor aos obstáculos e adversidades da vida.

À Vida e a todas as formas de riquezas nela contidas.
Aos pensadores que tiveram a coragem de escrever sobre as suas ideias, os seus pensamentos, independentemente de classificações no ato de conhecer e de buscar a verdade, legando ao mundo o registro contínuo de seu tempo, de modo a provocar reflexões e inflexões a pensadores das sucessivas gerações.

A educação é a arte de formar os homens, isto é, a arte de neles fazer surgir os germes das virtudes e reprimir os do vício; de desenvolver sua inteligência e dar-lhes a instrução adequada às suas necessidades; enfim, de formar o corpo e de lhe dar a força e a saúde. Em uma palavra, o objetivo da educação consiste no desenvolvimento simultâneo das faculdades morais, físicas e intelectuais. Eis aí o que todos repetem, mas o que não se pratica nunca.

Hippolyte Léon Denizard Rivail
(Pseudônimo Allan Kardec)

RESUMO

O trabalho “A noção de ciência e educação no Espiritismo” estuda o Espiritismo, doutrina de teor científico, filosófico e religioso codificada por Allan Kardec no século XIX (Allan Kardec é pseudônimo de Hippolyte Léon Denizard Rivail, cientista, pensador e educador francês da linha pestalozziana e seguidor do Catolicismo), apresentando os princípios da doutrina e também analisando a sua viabilidade como programa didático-pedagógico. Trata-se de uma pesquisa teórico-bibliográfica com foco principal nas obras de Kardec. O Espiritismo traz ensinamentos sobre o homem, a natureza, a origem e o destino do mundo, as esferas material e espiritual, Deus e princípios religiosos cristãos, ditados pelos Espíritos por meio dos médiuns. Com ênfase no aspecto da educação moral, enfoca as pessoas como Espíritos imortais em constante evolução através das vidas sucessivas (reencarnações). O Espiritismo surgiu dentro de um amplo movimento espiritualista da época, que abrangia experiências em magnetismo e hipnotismo. Kardec declara ter realizado suas pesquisas pelos moldes da ciência positivista então predominante, com observações empíricas e experimentais, dentro do raciocínio indutivo-dedutivo, portanto, sob o terceiro estado do conhecimento proposto por Comte (teoria dos três estados). Como todo o conteúdo do Espiritismo foi ditado pelos Espíritos manifestantes, diz-se que é uma doutrina dos Espíritos e não de Allan Kardec. O Brasil, o maior país espírita do mundo, recepcionou o Espiritismo principalmente como religião, realizando ainda, de modo isolado, nos séculos XIX e XX, algumas experiências na área da educação escolar. Estas, produzidas por alguns espíritas mais dedicados, não lograram o efeito duradouro pretendido, tendo sido frustradas também pela falta de recursos financeiros e humanos. Hoje, alguns pensadores espíritas brasileiros tentam elaborar uma proposta educativa espírita, falando em Pedagogia Espírita. No entanto esses pensamentos, como estão expostos, parecem inviáveis, mormente em razão de proporem uma educação escolar humanista religiosa para o ensino público brasileiro, que é laico e passa por todo tipo de dificuldades, principalmente financeiras, tendo sua própria política direcionada pelo Ministério da Educação e Cultura. Além disso, o Espiritismo, em si, não aborda a educação escolar, mas sim a educação do Espírito, do homem individual, do ser imortal, cuja meta é, em vidas sucessivas, formar-se moralmente e atingir a perfeição, indo ao encontro de Deus. Portanto um projeto de Pedagogia Espírita para a rede escolar pública brasileira carece de estudos, análise, financiamento e principalmente de experiências práticas e concretas que venham a configurar o Espiritismo como uma práxis efetiva viável no âmbito didático-escolar.

Palavras-chave: Espiritismo, ciência, filosofia, religião, reencarnação, educação.

ABSTRACT

This paper, *Science and Education notions in Spiritism*, studies spiritism, a doctrine with scientific, philosophical and religious content expounded by Allan Kardec in the 19th century. (Allan Kardec was the nom de plume of Hypollite León-Denizard Rivail, a Catholic French scientist, thinker and educator who followed the Pestalozzi theory.). This paper presents his doctrine and also analyses its viability as a didactic-pedagogical program. It's a theoretical-bibliographical research mainly based on Kardec's works. Spiritism presents information about man, nature, the origin and the destiny of the worlds, the material and spiritual spheres, God and Christian religious principles based on trance communications received by "mediums". It emphasizes moral education and it focuses on persons as immortal spirits in constant evolution through consecutive lives (reincarnation). Spiritism appeared as part of a large surge of Spiritualism which also included experiences in magnetism and hypnotism. Kardec states that he did his research according to the predominant positivist model, which implies in experimental and empirical observation within an inductive-deductive thought process, so within the third state of knowledge proposed by Comte (three-state theory). As all the spiritism content was dictated by spirits it is said that this is not Kardec's doctrine but the spirits'. Brazil, the largest spiritistic country in the world, received spiritism mainly as a religion but during the 19th and 20th centuries isolated educational experiences occurred. These experiences failed due to the lack of financial and human resources. Nowadays some Brazilian spiritistic thinkers try to elaborate an educational spiritistic proposal related to a spiritistic pedagogy. However, these theories, as presented, seem to be impractical considering that they propose a religious humanist public education to Brazil which has a public educational system directed by the Ministry of Education. Besides, spiritism is about the education of the spirit, of the individual man, the immortal being whose goal is, after consecutive lives, to become moral and achieve perfection meeting God. So, a project of spiritistic Pedagogy for the Brazilian public education system needs more research, financial resources, and, above all, concrete and practical experiences that can show spiritism as a viable praxis for the educational system.

Key-words: Spiritism, science, philosophy, religion, reincarnation, education.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
CAPÍTULO I – O ESPIRITISMO: DOCTRINA DOS ESPÍRITOS.....	28
1.1 Allan Kardec: o codificador do Espiritismo.....	28
1.2 Espiritualismo e Espiritismo.....	33
1.3 Precursores clássicos do Espiritismo: Sócrates e Platão.....	55
1.4 Linguagem do Espiritismo.....	59
CAPÍTULO II – CIÊNCIA ESPÍRITA: POSITIVISTA?.....	79
2.1 A ciência positiva do século XIX.....	79
2.2 A ciência espírita de Allan Kardec.....	96
CAPÍTULO III – EDUCAÇÃO ESPÍRITA: O HOMEM DE BEM.....	124
CAPÍTULO IV – PEDAGOGIA ESPÍRITA.....	144
4.1 Dora Incontri: “teorizadora” da Pedagogia Espírita na atualidade.....	145
4.1.1 Eurípedes Barsanulfo, o médium educador.....	149
4.1.2 Anália Franco, a ativista social.....	153
4.1.3 Tomás Novelino, o herdeiro.....	155
4.1.4. Ney Lobo, o pragmático.....	158
4.1.5 Pedro de Camargo (ou Vinicius), o apologista do Cristo.....	162
4.1.6 Herculano Pires: o filósofo.....	165
4.2 Outro teórico da Pedagogia Espírita: Marcus Alberto De Mario.....	187
4.3 Pode haver uma pedagogia espírita?.....	197
CONCLUSÃO.....	215
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	224
ANEXO I.....	227
ANEXO II.....	231

INTRODUÇÃO

Hoje, defender um trabalho acadêmico sobre o Espiritismo já não causa espanto, mesmo porque já existe um número razoável de monografias, dissertações e teses sobre o tema – além do que a tolerância religiosa no Ocidente permite atualmente que as pessoas expressem de modo livre sua tendência religiosa ou sua religiosidade.

Porém o que se pretende com esta pesquisa não é somente abordar o Espiritismo, mas também a Educação Espírita, levantando-se algumas questões fundamentais: o que é a Educação Espírita; existe Educação Espírita no âmbito escolar; seria possível construir uma linha educacional espírita; quais princípios a norteariam?

A motivação para esta pesquisa sobre o Espiritismo e suas possibilidades educacionais, dentro de um curso de mestrado em educação, nasceu de uma inquietação surgida durante a nossa participação no 2º Congresso Brasileiro de Pedagogia Espírita, realizado em Santos, São Paulo, de 07.09.2006 a 10.09.2006, promovido pela Associação Brasileira de Pedagogia Espírita (ABPE), que tem como objetivo viabilizar um debate reflexivo e científico sobre a Pedagogia Espírita, fomentando a criação de pós-graduações *lato sensu* acerca do tema, para se discutir a proposta de uma pedagogia transformadora, pluralista, aberta ao diálogo, com vista à defesa da transcendência humana na formação educacional do indivíduo.

Naquele encontro, vários palestrantes, de formações diversas, demonstraram-se ávidos de novos paradigmas para a educação de crianças e adolescentes (tal como sucede com as várias linhas pedagógicas não religiosas historicamente construídas e em construção até hoje), em razão dos insatisfatórios resultados oriundos da educação tradicional, como expressa Heloísa Ferraz Pires, em prefácio à obra *Pedagogia Espírita*, de J. Herculano Pires, que comunga com o pensamento do educador René Hubert:

“Educação é um ato de amor pelo qual uma consciência formada procura elevar uma consciência em formação”; Herculano Pires nos apresenta esse pensamento de René Hubert, que exemplificava a necessidade e a possibilidade do

auxílio aos educandos na utilização dos vínculos de amor tecidos através dos séculos, utilizando a estimulação da Doutrina Espírita. Bastava a compreensão da importância da Reencarnação para entendermos a necessidade da divulgação da Pedagogia Espírita. A educação tradicional, fruto de uma sociedade “baseada no lucro”, não consegue promover a transcendência, o domínio das paixões, a superação da animalidade, a incapacidade de ser feliz e auxiliar o outro a conseguir a felicidade. [...] A nossa deseducação tem produzido tristes resultados.

A Educação Espírita visa ao desenvolvimento pleno do indivíduo, considerando-o interexistente. Nossa interexistência exige a Pedagogia Espírita, que, ressuscitando os ensinamentos de irmãos mais maduros espiritualmente, e os exemplos de Jesus, possibilita compreender o educando como “centelha divina, inteligência do universo”, como lembra *O Livro dos Espíritos*, “deuses e luzes”, segundo Jesus (Pires, 1982, p. 9-10).

Diante das teorias apresentadas sobre a Educação Espírita, o questionamento que nos ficou foi quanto às reais possibilidades concretas (humanas e financeiras, de políticas públicas ou privadas) para se implantar, implementar, conduzir, sustentar e manter em funcionamento, na prática, escolas pautadas em tais princípios espíritas.

A principal dúvida surgiu do fato de que o Espiritismo não traz em seus postulados considerações sobre a estruturação de uma Pedagogia Espírita no âmbito escolar, mas, sim, de um ensino moral do homem. Revela-se como um código de preceitos e leis ditados pelos Espíritos desencarnados com o propósito de conduzir, no processo evolutivo, o desenvolvimento integral e espiritual dos seres humanos.

Portanto sentimos a necessidade de estudar o pensamento do codificador do Espiritismo, Allan Kardec, sob uma leitura acadêmica, em busca da compreensão de seus conceitos defendidos sob os aspectos científicos, filosóficos, religiosos e educativos, a fim de encontrar substratos para analisar com mais acuidade as propostas da Pedagogia Espírita idealizada no Brasil.

Se hoje é aceitável socialmente falar-se em Espiritismo – que chega inclusive a ser uma religião “de elite”, ao lado da população humilde que também busca consolo em seus preceitos confortadores (e conformadores) –, séculos atrás quem ousasse invocar os mortos seria condenado por bruxaria e levado às fogueiras da Igreja Católica.

O próprio Allan Kardec foi relegado a um certo ostracismo após enveredar-se por esse caminho, sendo que antes, como educador pestalozziano e sob seu verdadeiro nome

(Hippolyte Léon Denizard Rivail), gozava da mais alta conceituação entre o público científico e pedagógico da época.

Contudo, mesmo não contando com a aprovação da comunidade acadêmica de seu tempo, Allan Kardec acabou convencido das manifestações mediúnicas e legou à humanidade uma teoria da mais alta relevância em termos filosóficos, morais e religiosos – pleiteando ainda o *status* de ciência para a nova doutrina.

Um ponto fundamental do Espiritismo é que ele se atribui um caráter múltiplo, eclético, autodefinindo-se como ciência, filosofia e religião. Portanto à pergunta “o que é o Espiritismo”, responde-se: o Espiritismo é uma ciência, uma filosofia e uma religião – só que, segundo Allan Kardec, ditada pelos Espíritos, os verdadeiros autores da Doutrina Espírita.

Quer esta doutrina unificar observação empírica, racionalidade filosófica e religiosidade natural, numa proposta epistemológica que ligue todas as áreas do conhecimento, desembocando tudo numa pedagogia. Como se pretende ciência, observando um fenômeno (o mediúnico) que a ciência oficial não aceita, como se pretende filosofia sem a terminologia hermética do academicismo, e como se pretende religião, sem ritos e hierarquias e igrejas organizadas, provavelmente encontra a resistência de cientistas, filósofos e religiosos, que podem considerar tal proposta *a priori* inconsistente (Incontri, 2004, p. 20).

Diante disso, cabe então buscar os princípios científicos, filosóficos e religiosos do Espiritismo.

Neste trabalho não se vai adentrar na longa e eterna discussão quanto à existência ou não-existência do transcendente, envolvendo os entes Deus, Jesus, alma, fé e categorias correlatas. Neste trabalho, Deus é tomado como um pressuposto. Não se discutirá sua existência, nem se tentará prová-la. Isso por várias razões: 1^a) Não é objetivo deste trabalho. 2^a) Trata-se de uma discussão improfícua, que já rendeu inúmeros tratados em filosofia e teologia (e outras áreas do pensamento), sob os mais diversos pontos de vista, sempre com resultados particularistas, sectários ou insatisfatórios aos olhos da ciência e da própria filosofia. 3^a) A existência inegável de Deus é condição *sine qua non* do Espiritismo como religião – e mesmo como ciência e filosofia. Um estudo expositivo do Espiritismo kardecista pressupõe, portanto, que se tomem como verdadeiros os princípios que o fundamentaram e nos quais Allan Kardec acreditava, amparado, segundo ele, pelos Espíritos manifestantes. Entre esses princípios coloca-se a existência de Deus e dos Espíritos.

Para o Espiritismo, Deus existe inquestionavelmente. Trata-se de uma questão fechada – ou de um dogma, se assim se quiser interpretar. E não importa qual é a forma dessa entidade, mesmo porque os Espíritos (os verdadeiros criadores do Espiritismo), quando questionados sobre “que é Deus”, respondem categoricamente que isso não pode ainda ser revelado. Evidentemente, não se vislumbra a imagem plástica de um ancião de longas barbas brancas, feito “à imagem e semelhança do homem”. Tampouco se professa qualquer conceituação elaborada pelos filósofos que se debruçaram sobre o tema. Assim, levando-se em conta a resposta dos Espíritos de que ainda não é dado conhecer a essência divina, o Espiritismo contenta-se, obedientemente, em imaginar Deus como uma energia pensante eterna, sem início nem fim, que perpassa todo o universo; ou como a substantivação máxima de todos os atributos morais imagináveis pela mente humana: o amor, a bondade, a justiça, a paz, o bem, a caridade, etc. Em síntese: o Espiritismo não responde, com precisão, à pergunta “que é Deus”, limitando-se a aceitá-lo sem questionamentos, podendo responder, no máximo, que “Deus é luz” ou “a causa primária de todas as coisas”.

O Livro dos Espíritos (composto de 1019 perguntas feitas aos Espíritos, com as respectivas respostas dadas por eles) inicia-se com a indagação sobre Deus (as respostas dos Espíritos vêm entre aspas; abaixo, em letra menor, vêm complementações acrescentadas por Allan Kardec – essa disposição gráfica inclusive é a que o livro traz):

1. *Que é Deus?*

“Deus é a inteligência suprema, causa primária de todas as coisas.”

4. *Onde se pode encontrar a prova da existência de Deus?*

“Num axioma que aplicais às vossas ciências. Não há efeito sem causa. Procurai a causa de tudo o que não é obra do homem e a vossa razão responderá.”

Para crer-se em Deus, basta se lance o olhar sobre as obras da Criação. O Universo existe, logo, tem uma causa. Duvidar da existência de Deus é negar que todo efeito tem uma causa e avançar que o nada pôde fazer alguma coisa.

7. *Poder-se-ia achar nas propriedades íntimas da matéria a causa primária da formação das coisas?*

“Mas, então, qual seria a causa dessas propriedades? É indispensável sempre uma causa primária.”

Atribuir a formação primária das coisas às propriedades íntimas da matéria seria tomar o efeito pela causa, porquanto essas propriedades são, também elas, um efeito que há de ter uma causa.

8. *Que se deve pensar da opinião dos que atribuem a formação primária a uma combinação fortuita da matéria, ou, por outra, ao acaso?*

“Outro absurdo”. Que homem de bom-senso pode considerar o acaso um ser inteligente? E, demais, que é o acaso? Nada.”

A harmonia existente no mecanismo do Universo patenteia combinações e desígnios determinados e, por isso mesmo, revela um poder inteligente. Atribuir a formação primária ao acaso é insensatez, pois que o acaso é cego e não pode produzir os efeitos que a inteligência produz. Um acaso inteligente já não seria acaso.

9. *Em que é que, na causa primária, se revela uma inteligência suprema e superior a todas as inteligências?*

“Tendes um provérbio que diz: Pela obra se reconhece o autor. Pois bem! Vede a obra e procurai o autor. O orgulho é que gera a incredulidade. O homem orgulhoso nada admite acima de si. Por isso é que ele se denomina a si mesmo de espírito forte. Pobre ser, que um sopro de Deus pode abater!”

Do poder de uma inteligência se julga pelas suas obras. Não podendo nenhum ser humano criar o que a Natureza produz, a causa primária é, conseguintemente, uma inteligência superior à Humanidade.

Quaisquer que sejam os prodígios que a inteligência humana tenha operado, ela própria tem uma causa e, quanto maior for o que opere, tanto maior há de ser a causa primária. Aquela inteligência superior é que é a causa primária de todas as coisas, seja qual for o nome que lhe dêem.

10. *Pode o homem compreender a natureza íntima de Deus?*

“Não; falta-lhe para isso o sentido.”

11. *Será dado um dia ao homem compreender o mistério da Divindade?*

“Quando não mais tiver o espírito obscurecido pela matéria. Quando, pela sua perfeição, se houver aproximado de Deus, ele o verá e compreenderá” (Kardec, LE¹, p. 65-68).

Expõe Kardec sobre a aceitação inquestionável de Deus não só pelo Espiritismo, mas pelo homem:

Todos os povos oram, do selvagem ao civilizado: aí são levados pelo instinto, e é o que os distingue dos animais. Sem dúvida oram de maneira mais ou menos racional, mas, enfim, oram. Os que, por ignorância ou presunção, não praticam a prece formam no mundo insignificante minoria. A prece é, pois, uma necessidade universal, independente das seitas e das nacionalidades. (...) Contestando um dogma, a gente não se põe em oposição senão com a seita que o professa. Negando a eficácia da prece, fere-se o sentimento íntimo da quase unanimidade dos homens (Kardec, Revista Espírita, 1866:6, in Incontri, 2006, p. 62).

Portanto são da essência humana (da própria natureza ontológica do homem) a ideia da imortalidade e a busca e aceitação do sagrado. Nas palavras de Dora Incontri:

Não são invenções cristãs, mas dados universais, atávicos, enraizados na alma dos povos, presentes nas mais diversas culturas do planeta. Podem variar os ritos, as representações, os costumes, os dogmas, mas não se conhece civilização humana sem a dimensão do espiritual, sem o sentimento religioso (Incontri, 2006, p. 77).

¹ Nas citações bibliográficas deste estudo, algumas obras de Allan Kardec serão apresentadas através de siglas que comumente são usadas por autores que a elas se referem. Assim: *O Livro dos Espíritos* (LE), *O Evangelho segundo o Espiritismo* (ESE), *O Livro dos Médiuns* (LM), *Obras Póstumas* (OP).

E ela cita Herculano Pires dentro do mesmo raciocínio sobre a dualidade espiritualismo–materialismo, que sempre esteve presente na história humana, dividindo os estudiosos:

É assim que o materialismo aparece na História, como uma flor de estufa, um produto artificial da razão, elaborado pelas elites, intelectuais, sem jamais penetrar as camadas profundas da vida social. É por isso que nunca houve, e jamais haverá, um povo materialista e ateu (Pires, apud Incontri, 2006, p. 77).

Mas então esses mesmos que relativizam toda a verdade e qualquer conceito de evolução, se põem eles apenas como detentores de uma verdade (embora nadificante) e como representantes do ápice da evolução humana – os super-homens nietzschenianos que, acima da tola credulidade das massas, nostálgicas de bases seguras – sabem afinal que Deus está morto e que o ser nada é... (Incontri, 2006, p. 78).

Os espíritas acreditam ainda que, pela providência divina, o Espiritismo surgiu na época certa, no século XIX, no apogeu do positivismo, tendo sido os três séculos anteriores (XVI, XVII, XVIII) – com os movimentos do Renascimento, Iluminismo, Enciclopedismo, Cientificismo, Evolucionismo, Humanismo, Racionalismo – um grande preparo, com uma “abertura de mentes”, uma fase de encarnação de Espíritos encarregados de criar o clima propício para o advento do Espiritismo. Portanto, para os espíritas, Kardec foi guiado pelos Espíritos Superiores em sua tarefa, na hora propícia. Lê-se em *Obras Póstumas*, em biografia de Allan Kardec:

Nascido sob a religião católica, mas educado num país protestante, os atos de intolerância que por isso teve de suportar, no tocante a essa circunstância, cedo o levaram a conceber a ideia de uma reforma religiosa, na qual trabalhou em silêncio durante longos anos com o intuito de alcançar a unificação das crenças. Faltava-lhe, porém, o elemento indispensável à solução desse grande problema.

O Espiritismo veio, a seu tempo, imprimir-lhe especial direção aos trabalhos (Kardec, *OP*, 2006, p. 15). (Sem grifo no original)

A expressão “a seu tempo” remete ao fato de Allan Kardec ter sido destinado a elaborar a Doutrina Espírita exatamente no tempo em que a mesma ocorreu (ideia que desponta em vários lugares na obra que ele produziu). De fato, como seria possível o nascimento de doutrina tão “antiortodoxa” durante a fase da “queima das bruxas”; das heresias; das lutas religiosas entre as duas seitas ocidentais hegemônicas (Catolicismo e Protestantismo); da Santa Inquisição (Tribunal Eclesiástico ou Tribunal do Santo Ofício – instituição criada pela Igreja Católica em 1184 e só extinta em 1821), que perseguia implacavelmente até os cientistas confessadamente neutros em termos de religião, como

aconteceu com Nicolau Copérnico (1473-1543), Giordano Bruno (1548-1600), Galileu Galilei (1564-1642), Johannes Kepler (1571-1630) e outros?

Possivelmente, pela análise histórica dos fatos, se Allan Kardec tivesse nascido mais cedo e tivesse tentado expor as ideias espíritas antes ao século XIX, teria acabado na fogueira.

Allan Kardec, ao demonstrar o caráter científico dos seus estudos e da sua produção espírita, situa a si mesmo dentro do positivismo, declarando em várias partes de sua obra que era preciso realizar um trabalho positivo e ter uma atitude positiva diante dos fenômenos mediúnicos.

Diante disso, este trabalho faz um breve estudo do positivismo do século XIX, que tem como base Augusto Comte. Além de Comte, com sua teoria dos três estados, é importante para a caracterização do positivismo o posicionamento de Bachelard, que, partindo de Comte, propõe um quarto estado, o qual, indo além do fenômeno empírico, seria a construção de uma linguagem científica abstrata, elaborada a partir dos dados factuais. Bachelard diz, assim, que é preciso ultrapassar o nível da simples “geometrização”, para se galgar o verdadeiro estado científico. Em *A formação do espírito científico*, ele professa a insuficiência da geometrização na elaboração científica.

Tornar geométrica a representação, isto é, delinear os fenômenos e ordenar em série os acontecimentos decisivos de uma experiência, eis a tarefa primordial em que se firma o espírito científico. [...] Essa tarefa de geometrização que muitas vezes pareceu realizada [...] acaba sempre por revelar-se insuficiente. Mais cedo ou mais tarde, na maioria dos domínios, é forçoso constatar que essa primeira representação geométrica, fundada num *realismo ingênuo das propriedades espaciais*, implica ligações mais ocultas, leis topológicas menos nitidamente solidárias com as relações métricas imediatamente aparentes [...]. O pensamento científico é então levado para “construções” mais metafóricas que reais, para “espaços de configuração”, dos quais o espaço sensível não passa, no fundo, de um pobre exemplo (Bachelard, 1996, p. 7)

O que ele quer dizer é que, além da geometrização física (necessária), imediata, existe um outro nível de ciência, um nível teórico e mediato, atingido e conquistado pelo racionalismo.

Em *O racionalismo aplicado (Le rationalisme appliqué)*, Bachelard contrapõe a ciência “morta” (que corresponderia ao conhecimento comum e à geometrização científica) a

uma ciência “viva”, obtida em um nível epistemológico superior. Ele esclarece (inclusive quanto ao termo “morta”, que poderia ser mal interpretado):

Nada existe de pejorativo nisso, se pretendermos apenas observar que existe uma ciência viva. (...) Mas os rudimentos não são mais suficientes para determinar os caracteres filosóficos fundamentais da ciência. O filósofo deve tomar consciência dos novos aspectos da ciência nova (Bachelard, 1977, p. 121).

A nova ciência (ou no novo epistemológico) de que fala Bachelard é o caráter indireto, solidificado no “primado da reflexão sobre a apercepção”, nos “teoremas reificados”, fora da natureza, situado nas equações matemáticas. Esse nível é posterior (e superior cientificamente) ao nível da geometrização positivista (do empírico, experimental, visível, mensurável).

Bachelard defende ainda o ponto de vista de que se faz ciência por outros caminhos, com outros objetos, além dos caminhos e objetos tradicionais (empíricos, observáveis, experimentais), já consagrados e respaldados pela academia científica até então. Em *Estudos*, ele faz uma crítica aos limites epistemológicos da ciência. Bachelard inicia o capítulo V (Crítica preliminar do conceito de fronteira epistemológica) com uma série de perguntas seguidas:

O conceito de fronteira do conhecimento científico tem um sentido absoluto? Será possível traçar as fronteiras do pensamento científico? Estamos dentro de um domínio objetivamente fechado? Estamos sujeitos a uma razão imutável? É o espírito uma espécie de instrumento orgânico, invariável como a mão, limitado como a visão? É ele obrigado a uma evolução regular ligada a uma evolução orgânica? (2008, p. 69).

Para Bachelard, o conhecimento científico não tem fronteiras – aliás, hoje, nenhum epistemólogo teria a coragem de anunciar limites ao conhecimento humano e ao objeto do conhecimento, sob pena de cair no descrédito perante a comunidade científica mundial. O cientista pode até se calar, não se manifestar sobre determinados aspectos da ciência cujos foros de cientificidade ele desconsidere, porém declarações abertas negando o valor epistemológico dos objetos estudados são passíveis de críticas ferozes por parte da vigilante classe científica – a não ser que sejam declarações pontuais e muito bem embasadas. Expõe Bachelard:

Se o conceito de fronteira do conhecimento científico parece claro à primeira vista, é porque ele parte de afirmações realistas elementares.

[...]

[...] as antigas fronteiras são vistas apenas como marca do espírito acanhado, designam mais o erro que a verdade.

[...]

Só a ciência está habilitada a traçar suas próprias fronteiras. Ora, para o espírito científico, traçar nitidamente uma fronteira já equivale a ultrapassá-la (Bachelard, 2008, p. 69, 73 e 71).

Quando Bachelard declara que só a ciência está habilitada a traçar suas próprias fronteiras, está dizendo que a ciência não tem fronteiras. Ele não afirmou que somente os cientistas podem determinar os limites da ciência. A ciência é uma categoria e não um ser humano. Ora, o que é a ciência; o que é passível de ser científico? Ninguém sabe, ninguém pode responder, porque a cada dia fica demonstrado que a ciência não se fez totalmente ainda – aliás, nem se sabe se esse totalmente existe.

Resumidamente, de modo quase superficial, o que se tem, até o presente momento, sobre o objeto do conhecimento, ao longo de uma trajetória epistemológica de alguns milênios, é que inicialmente, em nível de conhecimento comum, o objeto do conhecimento do homem era o mundo físico, exterior, constituído pelos objetos e seres que o povoavam, de modo visível. A realidade mais distante, como os astros e estrelas, também fazia parte desse mundo. Tratava-se das ciências naturais, físicas, biológicas e ainda da astronomia.

Mas o próprio homem também se tornou objeto de análise para o sujeito cognoscente, com suas sociedades, leis, cultura, crenças, educação, costumes diferenciados – ou seja, o mundo de representações criadas pelo homem, o nível da superestrutura marxista. Nascia o reino das ciências humanas.

Concomitantemente, ainda no âmbito do homem, ganhou foros científicos o próprio espírito pensante, com seu psiquismo, suas atividades mentais, com o funcionamento das suas capacidades cognitivas – a mente torna-se, portanto, através de suas manifestações, objeto de estudo e conhecimento. Está-se na esfera da psicanálise, da psicologia, da psiquiatria, da pedagogia, da aprendizagem.

Com o Espiritismo, galga-se mais um degrau: não só o espírito humano pode ser objeto de conhecimento, mas a própria alma, o Espírito (com letra maiúscula para se

diferenciar do que tradicionalmente se designa por “espírito”, na dicotomia “corporeamente/espírito”), que é tido como a verdadeira definição da categoria “ser humano”: o homem imortal, eterno, perfectível por meio de sucessivas vidas corpóreas (encarnações).

Assim, Allan Kardec, ao codificar o Espiritismo, inaugurou no mundo científico um novo objeto cognoscível, expondo a entidade Espírito e também o tema da morte – que ainda não tinha sido encarado como objeto do conhecimento, conforme admite Bachelard:

Aparecem objeções, como, por exemplo, a impossibilidade de vencer a morte, de conhecer a essência da vida, a essência do espírito, a essência da matéria.

[...]

Para resolver o insolúvel problema da morte, será preciso recorrer a transcendências experimentais, a transcendências biológicas, no mesmo sentido do matemático que completa seu material de explicação diante de um novo objeto matemático (Bachelard, 2008, p. 70 e 71).

Portanto, é preciso clarear: o Espiritismo não trata do espírito, mas do Espírito. Para o Espiritismo como ciência, reivindica-se não a psicanálise, não a psique humana, mas, sim, o plano transcendente imaterial, situado não nos recônditos da mente humana, mas em dimensões invisíveis e fluídicas da imaterialidade terrestre, que é o mundo dos Espíritos – das almas humanas. Então, ao invés do psiquismo, a Doutrina Espírita toma como objeto a alma (mesmo que Kardec tenha inscrito “Jornal de Estudos Psicológicos” como subtítulo da Revista Espírita). Conforme o Espiritismo, o Espírito dos mortos é tão real quanto o ser vivo. A diferença entre o Espírito encarnado e o desencarnado é somente de dimensão, de plano. O Espírito é tão “material” quanto o corpo físico visível. Mesmo porque até o “material” – visível, palpável –, para a ciência física, não passa de uma forma de energia, como demonstra a teoria atômica.

Falar em energia invisível quando se trata de Espiritismo é fundamental a fim de se esclarecer um ponto que poderia ser tido como uma contradição, uma aporia que seria apontada em todo esse raciocínio quanto à dicotomia material– imaterial. Reivindica-se um novo objeto de estudos (os Espíritos e seus ensinamentos divinos), que está além do visível, mas que, no entanto, não se confunde com o psiquismo. E que é colocado tanto pelos Espíritos quanto por Kardec como objeto “material” (de uma energia sutil, etérea), ou seja, o mundo espiritual está no reino da natureza, no mundo fenomênico, no “realismo elementar” de que fala Bachelard.

Portanto, epistemologicamente, a realidade espiritual está ainda no nível da simples geometrização apontada por Bachelard, está no primeiro conceito de objeto científico – e o Espiritismo aguarda, calmamente, o dia em que a Física provará a existência material (porém fluídica, menos densa) do Espírito, por meio de aparelhos que o fotografem e o representem de alguma outra forma, tal como aconteceu com os micro-organismos, com os vírus, com o átomo.

Segundo Bachelard, o pensamento científico se erige, além dos postulados positivistas tradicionais (geometria da ciência), sobre outros elementos, como a imaginação e a própria intuição, como frutos da mente criadora, indicando ser o potencial científico também “metafisicamente indutivo”.

Se o imaginário, a intuição e a metafísica podem gerar verdade na comunidade científica, com mais razão as observações experimentais feitas por Allan Kardec sobre os fenômenos espíritas – considerados como forças inteligentes fora do corpo físico – têm cunho científico, apesar da natureza *sui generis* do seu objeto de análise (os Espíritos do mundo invisível e seus ensinamentos). Para o Espiritismo, os Espíritos não são fruto da imaginação nem da intuição; eles são reais (dentro do conceito primeiro de real em ciência; os espíritos têm existência material, são visíveis (mesmo que somente para os médiuns videntes), são audíveis (para os médiuns ouvintes ou audientes); manifestam-se e falam (para os médiuns psicofônicos, psicográficos ou escreventes); são entidades físicas fluídicas; não são criações psíquicas, literárias, míticas, fantasiosas, oníricas). Logo, o objeto de conhecimento do Espiritismo (o Espírito) encontra-se – por mais estranha que pareça tal afirmação – no âmbito das ciências físicas e naturais, porque a alma dos mortos (os Espíritos) nada mais é do que matéria: os Espíritos são corpos perispirituais, de densidade fluídica, mas são um tipo de matéria, fazendo parte da natureza, tal como qualquer outro ser orgânico vivo.

No entanto, embora o objeto pesquisado por Kardec não seja físico no sentido comum desse termo (no sentido de visível por qualquer cientista, ponderável e mensurável através dos aparelhos e laboratórios físicos e anatômicos), não se pode dizer que Kardec tenha feito metafísica. Ao contrário, ele trabalhou com o método científico positivista. Não é a índole ou a natureza do objeto que determina o método ou caráter da pesquisa – é comum o objeto determinar a escolha do método, por uma questão de adequação e conveniência;

porém, *a priori*, qualquer objeto pode ser abordado por qualquer método, dependendo do enfoque pretendido pelo pesquisador. Os Espíritos são seres extrafísicos, imateriais (aos olhos humanos), transcendentais (se assim preferirem alguns), mas a abordagem de Kardec quanto a esses seres e seu mundo não é metafísica, porque ele não especulou, não fez elucubrações, ilações ou imagens abstratas; não imaginou as almas dos mortos em uma morada específica, com características e detalhes criados por sua mente. Kardec observou concretamente, viu manifestações mediúnicas ocorrendo, ouviu explicações dos Espíritos – sendo que, principalmente no início dos seus trabalhos no Espiritismo, ele presenciou, ao vivo, os fenômenos físicos de movimento e sons de objetos (mesas girantes, pancadas, etc.), juntamente com centenas de pessoas que assistiram aos mesmos fatos.

Allan Kardec procurou cercar-se de todos os cuidados científicos proporcionados pelo método positivista que lhe foram possíveis – método científico então em voga e o único aceito na época (meados do século XIX) como gerador de critérios de verdade –, principalmente devido ao caráter estranho dos fatos que ele se propôs estudar. A sua preocupação, diante de uma comunidade científica rígida, pautada em métodos empíricos experimentais, era assegurar e garantir à nascente ciência (a Ciência Espírita) a plena legitimidade no mundo científico.

Pelo critério racional da observação experimental (perguntas e respostas, como em uma entrevista entre dois seres vivos), Kardec, em *O Livro dos Espíritos*, busca identificar o seu objeto de estudo, os Espíritos, perquirindo os mesmos através dos médiuns (pessoas portadoras de faculdades sensíveis de comunicação entre os vivos e os “mortos”).

O ponto fundamental que provocou o interesse de Denizard Rivail (Allan Kardec) para as primeiras investigações dos fenômenos espíritas e lhe deu a devida certeza de que poderia extrair ciência daqueles fatos é que os referidos fenômenos não partiam de pessoas (Espíritos encarnados) e sim de objetos materiais, seres inanimados – mesas, cestas, lápis –, o que afastava possíveis fraudes, mistificações e artimanhas da mente humana, considerando-se que a riqueza do psiquismo e suas manifestações pessoais, imprevisíveis e misteriosas. Rivail sentiria desconfiança e insegurança – e talvez temesse o ridículo – se, ao invés de mesas batendo, girando, falando, saltando e correndo, ele se deparasse com pessoas agindo desse modo. De atitudes humanas ele poderia desacreditar, não somente por ser conhecedor da alma humana, como educador, mas principalmente porque o ser humano, provido de raciocínio,

pode simular, fingir, dissimular, usar intencionalmente suas potencialidades físicas e mentais. Mas como duvidar e imputar artifícios mentais humanos e intencionalidade a objetos, a seres inanimados? Este foi um detalhe importantíssimo para que os Espíritos fossem levados a sério: suas primeiras manifestações, na fase de codificação do Espiritismo, não se deram por meio de pessoas, mas por meio de coisas, de objetos materiais, de seres inanimados.

Há que se ressaltar ainda que, se o Espiritismo não nasceu da imaginação humana, igualmente não o fez pelos canais da inspiração de profetas nem da criação de um sistema filosófico preestabelecido em forma de corrente criada por um pensador. A Doutrina Espírita se fez à medida que os Espíritos se manifestavam e expunham os ensinamentos, que, segundo eles, eram ditados pela espiritualidade superior.

Como Deus, as entidades Espírito e Alma também são pressupostos dentro desta pesquisa, e sua existência não é objeto de discussão. Sua definição, dada pelos Espíritos, vem no capítulo “O Espiritismo: Doutrina dos Espíritos” deste trabalho.

Imortal e eterno, o Espírito, tal como os mensageiros declararam a Allan Kardec, descreve uma trajetória de evolução, desde quando é criado por Deus até alcançar a sua perfeição – o homem é um ser perfectível –, quando se encontrará novamente com o Criador. Essa característica levou um filósofo espírita brasileiro, José Herculano Pires, a denominar, em razão da multivivência, o homem como um “ser interexistente”, que só alcança o estágio de luz pela educação de si mesmo. Dessa forma, o ponto alto da Doutrina Espírita centra-se na educação ou evolução interior do Espírito, de cada pessoa individualmente.

Diante disso, julga-se não ter sido coincidência que o seu codificador haja se formado, durante algumas décadas, sob o nome de Denizard Rivail, na seara da educação, seguindo as pegadas de Pestalozzi, considerado como o educador mais humanista, amoroso e completo jamais existente – Pestalozzi foi o educador que mais se aproximou dos sentimentos crísticos de amor, fraternidade e justiça. Sobre esse aspecto, escreve Wantuil:

Durante trinta anos, de 1819 a 1850, muitas vezes se sobrepondo às incompreensões e aos reveses, Hippolyte Léon Denizard Rivail empenhou-se de corpo e alma em instruir e educar um sem-número de crianças e jovens parisienses, segundo o método pestalozziano, com modificações, acrescido de práticas pedagógicas por ele mesmo criadas ou desenvolvidas, algumas das quais só mais

tarde, no século XX, seriam retomadas e largamente difundidas por ilustres reformadores do ensino.

Esse primeiro período da vida de Rivail foi pródigo em benefícios para a coletividade francesa, e preparou-o convenientemente para ser o homem universal, novo Cristóvão Colombo que, arrostando lutas e escolhos sem conta, patentearia ao espírito humano um outro mundo que até então vivia envolto em denso mistério: o mundo dos Espíritos.

Toda essa fase existencial de Rivail, bem como a seguinte, sofreram a influência dos ensinamentos colhidos no Instituto de Yverdon. “Foi nessa escola” – acentuou Henri Sausse – “que se lhe desenvolveram as ideias que mais tarde deviam fazer dele um observador atento e metucioso, um pensador prudente e profundo. Nesse estabelecimento, em que a coação não existia, permitindo ao aluno expandir naturalmente suas forças em gérmen, Rivail aprendeu a pedagogia inteligente, não atrofiadora da mente juvenil. Ele, afinal, podia fazer suas estas palavras de Fröbel, o genial criador dos “jardins-de-infância”: “O tempo que passei em Yverdon foi decisivo em minha vida”. Daí a observação do biógrafo Jean Vartier: “Pestalozzi pode ser considerado como o pai espiritual de Rivail, da mesma forma que Jean-Jacques Rousseau foi o pai espiritual de Pestalozzi”.

No decorrer de sua frutuosa carreira pedagógica de instrutor-filantropo, Rivail exercitou “a paciência, a abnegação, o trabalho, a observação, a força de vontade e o amor às boas causas, a fim de melhor poder desempenhar a gloriosa missão que lhe estava reservada” (Wantuil, 2004, 224).

Dentro dessa tendência humanizadora, o Espiritismo tenta resgatar o Cristianismo primitivo, aquele exercido pelo Cristo, aquele ainda não contaminado por interesses políticos, econômicos e de poder que as igrejas imprimiram às religiões cristãs até os dias de hoje. Os ensinamentos de Jesus eram todos estabelecidos em princípios morais, humanistas, igualitários, fraternos e de justiça, voltados para o melhoramento constante e progressivo do homem em sua consciência íntima.

Seguindo o postulado da educação pela moral, alguns espíritas brasileiros, no século XX, realizaram algumas experiências na educação de crianças e adolescentes, abrindo escolas que se pautaram pelo ideário espírita de educação do ser integral, cooperativo, fraterno, que busca a sua formação na vida terrena tendo em vista a continuação da mesma além da matéria – embora imbuídos de todos os preceitos espíritas, esses educadores, na sua maioria, realizaram práticas educativas ecumênicas, sem imposição ou discriminação de credos religiosos, e alguns nem abordavam assuntos espíritas nas escolas.

Dessa forma, o Espiritismo é essencialmente uma proposta educativa – mas educativa do Espírito, como expõe Menezes, inclusive citando a mensagem de um Espírito:

Joanna de Ângelis², no livro *Estudos Espíritas* (Psicografia de Divaldo Pereira Franco, FEB) afirma: “A educação encontra no Espiritismo respostas precisas para melhor compreensão do educando e maior eficiência do educador no labor produtivo de ensinar a viver, oferecendo os instrumentos do conhecimento e da serenidade, da cultura e da experiência aos reiniciantes do sublime caminho redentor, através dos quais os tornam homens voltados para Deus, o bem e o próximo” (Menezes, 2006, p. 18).

Nas pegadas desses educadores do passado, pensadores espíritas atuais tentam erguer uma proposta de Pedagogia Espírita para as escolas brasileiras, com ênfase na escola pública, a fim de fazer cumprir o ideário espírita de amor fraterno, de educação moral, resgatando o sentimento de religiosidade, com vistas a um melhoramento ético e espiritual da humanidade e ainda vislumbrando as vidas futuras de cada indivíduo.

É inegável o papel social do Espiritismo no Brasil, bem como sua importância filosófica, religiosa e científica, considerando-se as esferas mundiais da área do conhecimento humano. Porém é discutível a viabilidade de uma proposta didático-pedagógica espírita, nos moldes apresentados pelos ideólogos desse projeto, para as escolas de primeiro e segundo graus na atual sociedade capitalista brasileira, que se encontra dividida entre uma educação pública precária e uma educação privada em pleno desenvolvimento – ambas com vistas aos interesses da sobrevivência material.

Tal é o conteúdo do presente trabalho, elaborado por meio de um estudo analítico-descritivo, de cunho teórico-bibliográfico, sobre o Espiritismo, em seus aspectos científicos, filosóficos, religiosos e educativos, com base na leitura e compilação das obras de Allan Kardec e de outros estudiosos da Doutrina Espírita, bem como da Pedagogia Espírita.

O capítulo I faz, em linhas gerais, uma apresentação do que é o Espiritismo. Inicia expondo como surgiu Allan Kardec a partir do professor pestalozziano francês Hippolyte Léon Denizard Rivail (1804-1869). Em seguida, traça um paralelo entre os conceitos de espiritualismo e Espiritismo, movimentos do século XIX resistentes à tendência positivista

² Joana de Ângelis é o Espírito mentor (desencarnado) do orador espírita baiano Divaldo Pereira Franco (encarnado), acompanhando-o, passando-lhe ensinamentos e dialogando com ele há décadas (segundo relatos do Divaldo, ele conversa normalmente com Joana de Ângelis, como se ela fosse encarnada). Essa naturalidade com que os grandes médiuns falam com seus mentores espirituais é reconhecida por todos os adeptos do Espiritismo, a exemplo de escritores como Menezes, que faz a citação de uma voz espírita como se fora de um escritor vivo (encarnado) de renome, sem anúncio prévio de que se trata de um ser desencarnado.

reinante. E finalmente faz um apanhado geral da linguagem espírita corrente, encontrada nas obras de Kardec e também na vasta teoria e prática espíritas.

O capítulo II, que tem como título uma interrogação – ciência espírita: positivista? – tem o objetivo de focar o Espiritismo como ciência e ciência elaborada pelos moldes positivistas, como enfatiza o próprio Allan Kardec. Para tanto, é apresentada a teoria comteana dos três estados (teológico, metafísico e positivo), com o fim de se estabelecer o positivismo como a matriz epistemológica fundamental do trabalho de Kardec – como ele quis e pensou. Ainda no mesmo capítulo, que tem o termo ciência como palavra-chave, tenta-se extrair princípios científicos do pensamento kardecista a partir dos seus passos na elaboração da Doutrina Espírita.

No capítulo III é exposto o verdadeiro conceito de educação dentro do Espiritismo: a educação moral, individual, pautada nos ensinamentos de Jesus, com base no amor ao próximo, na caridade, na bondade, na fé em Deus e no ponto alto do pensamento espírita: a evolução interior de cada pessoa, elaborada progressivamente, por meio do controle dos próprios impulsos negativos, em um longo processo de estudos e prática religiosos e autoeducação – processo ocorrido em cada encarnação e através das várias encarnações que tem cada ser humano na sua grande trajetória rumo à perfeição. Embora tendo um passado ligado ao ensino para crianças e adolescentes – quando ainda usava seu nome original de Hippolyte Léon Denizard Rivail e atuava na linha pestalozziana –, Allan Kardec, já no âmbito do Espiritismo, não se propôs a realizar uma Pedagogia Espírita escolar, mas uma Educação Espírita, voltada para a formação do homem de bem – educação que poderia e deveria se iniciar na infância, mas não especificamente dirigida à escola, à sala de aula.

Assim, o capítulo III tem dupla finalidade: apresentar o conceito de Educação Espírita pregado por Allan Kardec e fazer um contraponto com o capítulo seguinte (Pedagogia Espírita), dentro do projeto deste trabalho, que é o de mostrar o Espiritismo e ao mesmo tempo questionar a existência real ou a possibilidade da existência, no atual momento, de uma Pedagogia Espírita para a escola pública brasileira, como idealizam alguns teóricos espíritas brasileiros.

Finalmente, o capítulo IV enfoca o tema da Pedagogia Espírita, teoria e prática escolar ensaiada e preconizada por alguns espíritas brasileiros nos séculos XIX e XX. Apesar

de as poucas iniciativas concretas de escolas espíritas terem vigorado por pouco tempo e ao final se frustrado, existem espíritas na atualidade que escrevem sobre o assunto, levantando a possibilidade de se implantar no Brasil, mais especificamente na rede escolar pública, a Pedagogia Espírita, com princípios cristãos, ecumênicos, espirituais, fraternos, transcendentais. O capítulo pretende questionar – e de certa forma negar – a ideia como é exposta, contra-argumentando à luz de muitas dificuldades existentes.

Uma das principais teorizadoras da Pedagogia Espírita, na atualidade, é a paulista Dora Incontri, doutora pela USP, que publicou várias obras e inclusive criou um curso de especialização, em São Paulo, para tentar formar um grupo de estudos sobre o tema – sem contudo implantar nenhuma prática concreta da Pedagogia Espírita em escolas para crianças e adolescentes. Dora Incontri, em seus estudos, relata experiências pedagógicas realizadas por algumas pessoas, que deixaram seu nome registrado na história da Educação Espírita, devido à criação de colégios, creches e outras atividades relacionadas ao ensino. Ela se baseia em alguns espíritas que militaram, no passado, na área da educação – como Eurípedes Barsanulfo, Herculano Pires, Ney Lobo, Anália Franco, Tomás Novelino e Vinicius –, propondo que se erga e se concretize, nos dias de hoje, uma Pedagogia Espírita para a escola pública brasileira.

CAPÍTULO I – O ESPIRITISMO: DOCTRINA DOS ESPÍRITOS

1.1 Allan Kardec: o codificador do Espiritismo

“Allan Kardec” é o pseudônimo de Hippolyte Léon Denizard Rivail (1804-1869), que nasceu em Lyon, França. Foi discípulo de Pestalozzi, de quem herdou os fundamentos pedagógicos que desenvolveria por três profícuas décadas, no exercício do magistério, tendo fundado e dirigido escolas na linha pestalozziana e produzido diversas obras na área da educação, inclusive uma gramática da língua francesa. Foi também diretor da Escola da Academia de Paris e membro de várias sociedades científicas. Destacou-se como um dos defensores da escola pública para todos no Parlamento Francês³, quando ainda imperava a educação elitista para poucos.

Seguindo a tradição dos grandes pensadores e filósofos clássicos, Denizard Rivail, bacharel em Letras e Ciências, também possuía um conhecimento amplo e diversificado. Dedicou-se ao estudo de diversos idiomas e de outras áreas do saber, como filosofia, medicina, química, física, fisiologia, astronomia e anatomia comparada. Depois que entrou em contato com o fenômeno espírita, fundou a Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas (1858), criando ainda a Revista Espírita (1858 a 1869).

O codificador do Espiritismo e fundador da Filosofia Espírita optou, por sugestão de seu guia espiritual, pela substituição de seu nome natural (Denizard Rivail) por um pseudônimo (Allan Kardec, nome que tivera como druida celta, segundo lhe foi informado por seu mentor espiritual), para diferenciar-se do conhecido educador e também para não provocar confusão em sua nova linha de pesquisa (os fenômenos espíritas). Esse fato significa, portanto, na análise do pensamento desse estudioso, a existência de dois sujeitos

³ Denizar Rivail, em 1828, elaborou um plano para a melhoria da educação pública da França: *Plan proposé pour l'amélioration de l'éducation publique* (Rivail, 2005).

(Denizard Rivail, católico, pedagogo; e Allan Kardec, espírita, educador de homens) e dois objetos diferentes quanto ao campo do conhecimento (Pedagogia e Espiritismo) – ambos, porém, considerados com o mesmo rigor científico que sempre caracterizou esse pesquisador, considerado mesmo cético em assuntos estranhos à ciência. Segundo depoimento de Anna Blackwell: “Conforme assinalara a escritora inglesa Anna Blackwell, que o conheceu de perto, aquele espírito ‘ativo e tenaz’ era ‘precavido até quase à friez, céptico por natureza e por educação” (Wantuil, 2004, p. 263).

De mente curiosa e aberta, Denizard Rivail interessou-se também por estudos de hipnotismo e magnetismo, então em voga na França. Através de um companheiro de estudos de magnetismo, ele teve notícia das mesas girantes, de que inicialmente duvidou:

Foi em 1854 que o Sr. Rivail ouviu pela primeira vez falar nas mesas girantes, a princípio do Sr. Fortier, magnetizador, com o qual mantinha relações, em razão dos seus estudos sobre o Magnetismo. O Sr. Fortier lhe disse um dia: “Eis aqui uma coisa que é bem mais extraordinária: não somente se faz girar uma mesa, magnetizando-a, mas também se pode fazê-la falar. Interroga-se, e ela responde.”

– Isso, replicou o Sr. Rivail, é uma outra questão; eu acreditarei quando vir e quando me tiverem provado que uma mesa tem cérebro para pensar, nervos para sentir, e que se pode tornar sonâmbula. Até lá, permita-me que não veja nisso senão uma fábula para provocar o sono (Kardec, *O que é o Espiritismo*, 2006, p.15).

O fenômeno das mesas girantes já vinha acontecendo desde os anos de 1840 nos Estados Unidos da América. O primeiro registro histórico é de março de 1848, ocorrido em Hydesville, Nova Iorque, narrando os episódios vividos por duas jovens, as irmãs Fox: Katherine (Katie ou Kate), com 9 anos de idade, e Margaretta (Margareth), com 12 anos de idade, filhas de John D. Fox. As irmãs Fox (primeiro caso registrado e exemplo clássico para o Espiritismo) eram portadoras de paranormalidade, por servirem como médiuns, atuando entre o mundo corpóreo e o incorpóreo, iniciando o diálogo com os Espíritos por meio de um código previamente estabelecido, constituído de batidas e pancadas como respostas a perguntas feitas a uma possível entidade comunicante (Espírito desencarnado).

Após ouvir, com medo, altas pancadas nas paredes da sua casa de madeira, durante muitas noites, a caçula (Kate), mais viva e já acostumada ao fenômeno, começou a imitar as pancadas, pedindo, em voz alta, que “o desconhecido” que as provocava fizesse o mesmo que ela, batendo um certo número de vezes. Ela notou então que as pancadas se repetiam como ela queria e silenciavam quando ela parava, como se fosse uma brincadeira, que foi crescendo

progressivamente. Ela tomou como pressuposto que alguém desconhecido produzia aquelas pancadas e começou então um diálogo com “o batedor invisível”, o “desconhecido”, no que foi ajudada pelos familiares e mais pessoas curiosas quanto ao fenômeno, que passaram a frequentar a casa a fim de presenciar e participar do mesmo.

Foi então estabelecido um código para essas comunicações, abrangendo contagem de números conforme as pancadas; relação entre números e letras do alfabeto; perguntas e respostas; etc., obtendo-se com isso verdadeiros diálogos com o mundo invisível. “Estava estabelecida a comunicação dos vivos com os mortos e assentada uma nova era de mais dilatadas esperanças, com a prova provada da continuidade da vida além do túmulo” (Wantuil, 2004, vol. I, p. 249). Abria-se um novo campo de estudo e investigação:

As meninas Fox viajaram, e também em outras casas, onde se hospedavam, ouviam-se as tais pancadas, travavam-se novas conversações com os Espíritos, processando-se ainda outros fenômenos interessantíssimos. Notou-se que possuíam elas uma faculdade especial, e pouco depois se observou que outras pessoas eram dotadas de semelhantes faculdades: ao contacto de suas mãos uma mesa se levantava, dava pancadas com os pés, e essas pancadas respondiam com inteligência a perguntas. Nomes de respeitáveis personalidades já falecidas assinavam belas mensagens anunciadoras de uma revolução no campo moral das criaturas humanas, dizendo que afinal os tempos eram chegados para que novos horizontes se descortinassem aos destinos do homem (Wantuil, vol. I, p. 250-251).

O fenômeno disseminou-se para outros continentes, provocando a estupefação da comunidade da época:

As insólitas manifestações de Hydesville (Estado de New York), misteriosamente surgidas na residência das irmãs Fox, em fins da metade do século XIX, rapidamente foram tomando terreno e em pouco tempo todo o Velho Continente estava a par dos *rappings*, das mesas girantes e dançantes e de outros fenômenos inabituais. O grande ruído da América comunicou-se à Alemanha, à França, à Inglaterra, à Espanha, à Itália, à Turquia e a outros países, invadindo todas as classes sociais, da choupana ao palácio. Verdadeira época de loucura – comentavam os jornais da época. Revolução inacreditável nas leis físicas. Os objetos repentinamente pareciam ter adquirido movimento autônomo, nos pontos mais diferentes do Mundo.

[...]

Surgiu a época das mesas girantes que se tornou epidemia no mundo [...].

Foram as mesas girantes, e depois falantes, que chamaram a atenção do Prof. Hippolyte Léon Denizard Rivail para os fenômenos espíritas.

Depois das mesas surgiu a escrita com o lápis preso a uma cestinha de vime e, finalmente, com a mão do médium. Servindo-se desses últimos meios, Rivail elaborou a grandiosa Codificação do Espiritismo (Wantuil, vol. I, 245 e 251).

A manifestação dos Espíritos teve durante vários anos larga repercussão na alta sociedade e no meio intelectual, como divertimento para aquela e como instigante curiosidade para este, o que levou a imprensa da época a noticiar os fatos como surpreendentes e fantásticos, a exemplo do jornal *L. Illustracion*, de 14 de maio de 1853:

A Europa inteira, que digo, a Europa? Nesse momento, o mundo inteiro tem o espírito perturbado por uma experiência que consiste em fazer girar as mesas. Galileu fez menos barulho quando provou que era a terra que girava em torno do sol (in Incontri, 2006, p. 25).

Denizard Rivail tomou conhecimento do que se passava, mas, envolvido em suas atividades pedagógicas e possuidor do mais fino caráter científico, não deve ter-se interessado pela novidade, mantendo-se a distância dela. Porém um dia foi abordado por pessoas idôneas do seu relacionamento intelectual para participar desse novo campo de investigação. Com relutância no início, finalmente Rivail dispôs-se a estudá-lo. Este foi o seu ponto de partida: os fenômenos espíritas manifestos de forma concreta, física e material, por meios visíveis e audíveis, presenciados *in loco* pelo pesquisador. Impactado, impressionado com o que presenciava, ele passou a ter interesse pelo fenômeno, iniciando um rigoroso trabalho de observação, compilação, registro e análise dos fatos. Embora longo, merece registro um dos seus depoimentos, devido à sua sinceridade, bem como à estranheza que causaram em seu espírito científico os fenômenos apresentados como manifestação dos mortos:

Eu estava, pois, diante de um fato inexplicado, aparentemente contrário às leis da Natureza e que a minha razão repelia. Ainda nada vira, nem observara; as experiências, realizadas em presença de pessoas honradas e dignas de fé, confirmavam a minha opinião, quanto à possibilidade do efeito puramente material; a ideia, porém, de uma mesa *falante* ainda não me entrara na mente.

No ano seguinte, estávamos em começo de 1855, encontrei-me com o Sr. Carlotti, amigo de 25 anos, que me falou daqueles fenômenos durante cerca de uma hora, com o entusiasmo que consagrava a todas as ideias novas. Ele era corso, de temperamento ardoroso e enérgico e eu sempre lhe apreciara as qualidades que distinguem uma grande e bela alma, porém desconfiava da sua exaltação. Foi o primeiro que me falou na intervenção dos Espíritos e me contou tantas coisas surpreendentes que, longe de me convencer, me aumentou as dúvidas. Um dia, o senhor será dos nossos, concluiu. Não direi que não, respondi-lhe; veremos isso mais tarde.

Passado algum tempo, pelo mês de maio de 1855, fui à casa da sonâmbula Sra. Roger, em companhia do Sr. Fortier, seu magnetizador. Lá encontrei o Sr. Pâtier e a Sra. Plainemaison, que daqueles fenômenos me falaram no mesmo sentido em que o Sr. Carlotti se pronunciara, mas em tom muito diverso. O Sr. Pâtier era funcionário público, já de certa idade, muito instruído, de caráter grave, frio e calmo; sua linguagem pausada, isenta de todo entusiasmo, produziu em mim viva impressão e, quando me convidou a assistir às experiências que se realizavam em casa da Sra. Plainemaison, à rua Grange-Batelière, 18, aceitei imediatamente. A reunião foi marcada para terça-feira de maio às oito horas da noite.

Foi aí que, pela primeira vez, presenciei o fenômeno das mesas que giravam, saltavam e corriam em condições tais que não deixavam lugar para qualquer dúvida. Assisti então a alguns ensaios, muito imperfeitos, de escrita mediúnica numa ardósia, com o auxílio de uma cesta. Minhas ideias estavam longe de precisar-se, mas havia ali um fato que necessariamente decorria de uma causa. Eu entrevia, naquelas aparentes futilidades, no passatempo que faziam daqueles fenômenos, qualquer coisa de sério, como que a revelação de uma nova lei, que tomei a mim estudar a fundo.

Bem depressa, ocasião se me ofereceu de observar mais atentamente os fatos, como ainda o não fizera. Numa das reuniões da Sra. Plainemaison, travei conhecimento com a família Baudin, que residia então à rua Rochechouart. O Sr. Baudin me convidou para assistir às sessões hebdomadárias que se realizavam em sua casa e às quais me tornei desde logo muito assíduo.

Eram bastante numerosas essas reuniões; além dos freqüentadores habituais, admitiam-se todos os que solicitavam permissão para assistir a elas. Os médiuns eram as duas senhoritas Baudin, que escreviam numa ardósia com o auxílio de uma cesta, chamada *carrapeta* e que se encontra descrita em “*O Livro dos Médiuns*”. Esse processo, que exige o concurso de duas pessoas, exclui toda possibilidade de intromissão das ideias do médium. Aí, tive ensejo de ver comunicações contínuas e respostas a perguntas formuladas, algumas vezes, até, a perguntas mentais, que acusavam, de modo evidente, a intervenção de uma inteligência estranha.

Eram geralmente frívolos os assuntos tratados. Os assistentes se ocupavam, principalmente, de coisas respeitantes à vida material, ao futuro, numa palavra, de coisas que nada tinham de realmente sério; a curiosidade e o divertimento eram os móveis capitais de todos. Dava o nome de Zéfiro o Espírito que costumava manifestar-se, nome perfeitamente acorde com o seu caráter e com o da reunião. Entretanto, era muito bom e se dissera protetor da família. Se com freqüência fazia rir, também sabia, quando preciso, dar ponderados conselhos e manejar, se ensejo se apresentava, o epigrama, espirituoso e mordaz. Relacionando-nos de pronto e ele me ofereceu constantes provas de grande simpatia. Não era um *Espírito* muito adiantado, porém, mais tarde, assistido por Espíritos superiores, me auxiliou nos meus trabalhos. Depois, disse que tinha de reencarnar e dele não mais ouvi falar.

Foi nessas reuniões que comencei os meus estudos sérios de Espiritismo, menos, ainda, por meio de revelações, do que de observações. Apliquei a essa nova ciência, como o fizera até então, o método experimental; nunca elaborei teorias preconcebidas; observava cuidadosamente, comparava, deduzia conseqüências; dos efeitos procurava remontar às causas, por dedução e pelo encadeamento lógico dos fatos, não admitindo por válida uma explicação, senão quando resolvia todas as dificuldades da questão. Foi assim que procedi sempre em meus trabalhos anteriores, desde a idade de 15 a 16 anos. Compreendi, antes de tudo, a gravidade da exploração que ia empreender; percebi, naqueles fenômenos, a chave do problema tão obscuro e tão controvertido do passado e do futuro da humanidade, a solução que eu procurara em toda a minha vida. Era, em suma, toda uma revolução nas ideias e nas crenças; fazia-se mister, portanto, andar com a maior circunspeção e não levianamente; ser positivista e não idealista, para não me deixar iludir.

Um dos primeiros resultados que colhi das minhas observações foi que os Espíritos, nada mais sendo do que as almas dos homens, não possuíam nem a plena sabedoria, nem a ciência integral; que o saber de que dispunham se circunscrevia ao grau, que haviam alcançado, de adiantamento, e que a opinião deles só tinha o valor de uma opinião pessoal. Reconhecida desde o princípio, esta verdade me preservou do grave escolho de crer na infalibilidade dos Espíritos e me impediu de formular teorias prematuras, tendo por base o que fora dito por um ou alguns deles.

O simples fato da comunicação com os Espíritos, dissessem eles o que dissessem, provava a existência do mundo invisível ambiente. Já era um ponto essencial, um imenso campo aberto às nossas explorações, a chave de inúmeros fenômenos até então inexplicados. O segundo ponto, não menos importante, era que aquela comunicação permitia se conhecessem o estado desse mundo, seus costumes, se assim nos podemos exprimir. Vi logo que cada Espírito, em virtude da sua posição pessoal e de seus conhecimentos, me desvendava uma face daquele mundo, do mesmo modo que se chega a conhecer o estado de um país, interrogando

habitantes seus de todas as classes, não podendo um só, individualmente, informarnos de tudo. Compete ao observador formar o conjunto, por meio dos documentos colhidos de diferentes lados, colecionados, coordenados e comparados uns com outros. Conduzi-me, pois, com os Espíritos, como houvera feito com homens. Para mim, eles foram, do menor ao maior, meios de me informar e não reveladores predestinados.

Tais as disposições com que empreendi meus estudos e neles prossegui sempre. Observar, comparar e julgar, essa a regra que constantemente segui (Kardec, OP, 2006, p. 296 a 300). (Sem grifos no original)

As palavras de Kardec acima transcritas, colhidas em livro publicado após a sua morte, relatam os seus primeiros contatos com os fenômenos espíritas, ocorridos em 1854, e demonstram sua relutância em se dedicar ao estudo daqueles fatos para os quais os seus amigos e conhecidos o chamavam e aos quais os senhores Carlotti, René Taillandier (membro da Academia das Ciências), Tiederman-Manthèse, Sardou e Didier (editor) se dedicavam havia uns cinco anos. Esses senhores tinham reunido em torno de cinquenta cadernos de comunicações dos Espíritos e não conseguiam organizá-los, tarefa para a qual estavam solicitando o concurso de Denizard Rivail, ante as suas aptidões de escrita e de síntese.

Decidido a estudar o conteúdo daqueles cadernos, Rivail, em uma sessão mediúnica, recebeu por um médium uma mensagem de amizade de seu Espírito protetor, que lhe revelou tê-lo conhecido no tempo dos druidas, nas Gálias, sob o nome de Allan Kardec, e que desde então lhe dedicava crescente amizade e que o ajudaria na tarefa para a qual estava sendo solicitado. Assim “nasceu” Allan Kardec.

1.2 Espiritualismo e Espiritismo

Espiritismo e espiritualismo são dois conceitos diferentes. O espiritualismo, como uma das reflexões do homem quanto à sua origem e destino, sempre esteve presente, de uma forma ou de outra, sob diferentes manifestações, em todas as comunidades e culturas, desde o início da história da humanidade. Os registros históricos relatam que os povos mais primitivos já acreditavam na existência de divindades, de deuses (e finalmente de Deus, na atual cultura religiosa ocidental monoteísta) e praticavam rituais referentes à realidade não-física do homem, ou seja, àquilo que, de modo generalizado, se poderia chamar de espírito ou alma dos ancestrais. Tal fato pôde ser observado em todas as comunidades, desde simples tribos

indígenas às tradicionais culturas orientais, tidas como possuidoras de grande saber cultural e filosófico, no campo da espiritualidade.

O sentimento inerente no homem de que algo persiste além da morte física é denominado, *grosso modo*, de espiritualismo, termo genérico que abrange as mais diversas tendências e crenças relacionadas à parte imaterial do ser. Espiritualistas são, portanto, pessoas, seitas, grupos religiosos, culturas quaisquer que acreditem na existência da alma ou espírito.

Como doutrina filosófica, o espiritualismo se opõe ao materialismo, que só admite a existência de coisas materiais e do corpo (no ser humano). Credo na existência e na imortalidade da alma, em forças abstratas universais e cósmicas, em valores espirituais e morais (como um aspecto místico e também racional do homem), o espiritualismo é a crença interior que subjaz em todas as religiões e seitas e no íntimo de todos que professam credos religiosos: cristãos (católicos, protestantes, espíritas), judeus, budistas, muçulmanos, maometanos, hinduístas, umbandistas, adeptos do candomblé, etc. Espiritualistas são também as pessoas que acreditam nos preceitos básicos do espiritualismo, mesmo que não pertençam a uma religião ou seita específica.

Enquanto o materialismo explica os fenômenos psíquicos (raciocínio, memória, imaginação), os sentimentos, as emoções como impulsos físico-químicos do sistema nervoso central (do organismo humano), o espiritualismo prega que na origem de todos esses processos atuam Deus e forças divinas, como entidades diversas. Enquanto o materialismo vê o universo como obra do acaso (explicável pela ciência), o espiritualismo defende a ideia do universo como criação de Deus, devido ao fato de que aquilo que não é realizado pelas forças do homem ganha explicação pela presença atuante de um criador “desconhecido” às concepções materiais humanas – ou seja, Deus.

O questionamento da existência do ser e do universo sempre ocupou a mente de pensadores diversos, como filósofos, cientistas, escritores, artistas, educadores, que buscavam uma explicação, além do nível material e do conhecimento científico, para fenômenos que fugiam ao controle da percepção humana e das suas respostas científicas, por mais avançadas que fossem. Dessa forma, mesmo reconhecendo o poder da ciência, muitos pensadores se curvaram ante a possibilidade da existência de um ser superior, que seria, em hipótese, o autor

das obras da natureza e da origem do próprio homem e do mundo. Aqueles que se ocuparam da ciência e, ao mesmo tempo, reconheceram esse outro lado desconhecido da “verdade universal” admitiram também estar fazendo ciência com a descrição dos fenômenos pesquisados (seus objetos de estudo), porém reconheceram que trabalhavam sobre fatos já existentes, cuja própria existência eles não conseguiam explicar ou atingir. Em outras palavras, o cientista teoriza sobre fatos contudo não os cria, nem define a sua essência – coisa que a metafísica tentou fazer mas não conseguiu, tendo sido por isso abandonada como método epistemológico.

Assim, espiritualismo é essencialmente a concepção de que há, além da matéria, algo que sobrevive, ideia básica de várias correntes espiritualistas, no campo humanista, social, educacional, filosófico, etc. – mesmo que não sejam de teor religioso. Em tese, toda filosofia gera uma moral. Portanto o espiritualismo não está ligado apenas à religião, ao deísmo, mas também à filosofia. Se o panteísmo é espiritualista, Descartes, Kant e Hegel também os são, na sua visão humanista – e ainda mais porque falam em Deus.

Kardec, classificando os homens quanto ao aspecto de serem materialistas, espiritualistas ou espíritas, diz, nas questões 26 e 27 de *O Livro dos Médiuns* (no fim da questão 27 ele amplia a categoria dos espíritas – e, por decorrência, dos espiritualistas):

26. Uma classe muito numerosa, a mais numerosa mesmo de todas, mas que não poderia ser incluída entre as dos opositores, é dos *incertos*. São, em geral, espiritualistas por princípio. Na maioria deles, há uma vaga intuição das ideias espíritas, uma aspiração de qualquer coisa que não podem definir. Não lhes falta aos pensamentos senão serem coordenados e formulados. O Espiritismo lhes é como um traço de luz: a claridade que dissipa o nevoeiro. Por isso mesmo o acolhem pressurosos, porque ele os livra das angústias da incerteza.

27. Se, daí, projetarmos o olhar sobre as diversas categorias de *crentes*, depararemos primeiro com os que *são espíritas sem o saberem*. Propriamente falando, estes constituem uma variedade, ou um matiz da classe precedente. Sem jamais terem ouvido tratar da Doutrina Espírita, possuem o sentimento inato dos grandes princípios que dela decorrem e esse sentimento se reflete em algumas passagens de seus escritos e de seus discursos, a ponto de suporem, os que os ouvem, que eles são completamente iniciados. Numerosos exemplos de tal fato se encontram nos escritores profanos e sagrados, nos poetas, oradores, moralistas e filósofos, antigos e modernos (Kardec, LM, p. 44-45).

De raízes orientais, a filosofia espiritualista atingiu o Ocidente, vindo desde os gregos, com Sócrates e Platão. E a Europa toda se torna espiritualista por meio da religião, com o Cristianismo, adotado no início da Idade Média e exacerbado com a ação da Igreja

Católica durante esse longo período histórico, dominando o ideário dos sistemas filosóficos de então, como a patrística e a escolástica. Ainda com matizes religiosos, o espiritualismo europeu diversifica-se com os movimentos protestantes liderados por Lutero (1483-1546) e Calvino (1509-1564) e difunde-se pelo Novo Mundo, as Américas, a partir do século XVI, assim permanecendo nos séculos posteriores.

Porém, concomitantemente aos preceitos tradicionais católicos e protestantes, inicia-se nos séculos XVIII e XIX uma nova e importante tendência em espiritualismo, com os movimentos que passaram à história sob a denominação de magnetismo, mesmerismo, hipnotismo, tornando conhecidos nomes que, a partir de um conhecimento iniciado por Paracelso (Phillipus Aureolus Theophrastus Bombastus Von Hohenheim: 1493-1541), popularizaram práticas do fenômeno do magnetismo, como Emanuel Swedenborg (1688-1772), Franz Mesmer (1734-1815), Marquês de Puységur (Armand Marie Jacques de Chastent: 1751-1825), Chardel (que publicou em 1818 a obra *Memória sobre o magnetismo animal*), Deleuze (Joseph Philippe François: 1755-1835), Bruno (que publicou em 1819 a obra *Dos princípios e dos processos do magnetismo animal e da suas relações com as leis da física e da fisiologia*), Barão du Potet (1796-1881), Charles Lafontaine (1803-1892), Jean Baptiste Roustaing (1805-1879), James Braid (1795-1860), entre muitos outros, que acabaram preparando campo para o surgimento do Espiritismo. Entrava-se naquele momento em contato com os fenômenos da paranormalidade, cuja manipulação já não podia mais levar as pessoas às fogueiras. Afinal, a França vivia grande clima de efervescência cultural, social, política. Estava-se em prenúncios da Revolução Francesa (1789). O século XVIII foi o século de Descartes e Leibniz. Freud só viria mais tarde (1856-1939), porém o funcionamento e enigmas da mente humana já eram motivo de curiosidade e investigação. Isso sem falar no tema eterno que sempre rondou o pensamento dos homens: a morte.

Tanto Swedenborg quanto Mesmer proclamavam um conhecimento pessoal direto da vida após a morte. Swedenborg, em estado de transe, se comunicava com os espíritos, vindo a produzir muitas obras sobre a estrutura do mundo espiritual. Essas descrições mostravam que não existiam apenas um céu e um inferno, mas uma série de esferas intermediárias pelas quais um espírito passava à medida que evoluía. Uma ideia importante da sua doutrina é a de os espíritos dos mortos eram mediadores entre Deus e os homens (os vivos), não havendo, portanto, contato direto entre os homens e Deus – o preceito de nível intermediário e da intermediação entre homens e Deus faz parte do catolicismo, que propõe a

existência do purgatório e dos santos e anjos, aos quais os homens recorrem pedindo que interfiram por eles junto a Deus. No Espiritismo também há níveis intermediários (cidades espaciais, umbral) e intermediação (Espíritos superiores e entidades de diversas ordens).

Mesmer difundiu uma técnica, o mesmerismo (uma espécie de hipnotismo), que induzia ao transe, fazendo com que as pessoas entrassem em contato com seres espirituais. Houve muito exibicionismo com o mesmerismo; seus praticantes entretinham audiências com palestras e demonstrações ao vivo. A França daquela época era lugar propício para o desenvolvimento dessas experiências, que na verdade eram a descoberta e aplicação do magnetismo que Kardec registrará mais tarde.

Conforme Michaelus, na obra *Magnetismo Espiritual*:

O magnetismo animal não surgiu com Mesmer. A sua prática remonta a eras imemoriais. Os sacerdotes nos templos dos deuses, no antigo Egito, segundo parece, já eram iniciados nos segredos da experimentação magnética. Já no século XV, segundo atesta Medeiros e Albuquerque, se falava na simpatia magnética, designando um sistema perfeitamente análogo, nas suas bases essenciais, ao que tinha sido formulado por Paracelso. E no século XVII Van Helmont já usa o nome de magnetismo animal.

Não se pode, entretanto, negar que Mesmer foi realmente quem despertou a atenção pública para os fenômenos magnéticos e provocou a intervenção acadêmica, agitando e alimentando polêmicas em torno do assunto, muito embora tivesse sido acusado de métodos charlatanescos e extravagantes (Michaelus, 1995, p. 8-9).

O termo “magnetismo” foi criado a partir do topônimo “Magnésia”, cidade grega, onde o fenômeno científico do magnetismo foi descoberto, por volta do ano 121 a.D., e, de acordo com o Dicionário Aurélio, entrou no português pelo francês “*magnétisme*”.

Em física, magnetismo é um ramo que estuda os fenômenos e propriedades relacionados aos ímãs. Começou a ser estudado na Grécia antiga e foi desenvolvido no século XIX por Maxwell, que formulou leis científicas sobre os fenômenos magnéticos e os relacionou com a eletricidade, dando origem ao eletromagnetismo.

O termo “magnetismo” designa também a influência exercida por um indivíduo na vontade de outro(s), sendo ainda aplicado ao “magnetismo animal”, que é, “segundo Mesmer (v. *mesmeriano*), força vital de que são dotados certos indivíduos, e que propicia uma

série de fenômenos paranormais”⁴. Kardec responde ao estranho fenômeno de simpatia e antipatia terrenas na questão 388 de *O Livro dos Espíritos*:

388. *Os encontros, que costumam dar-se, de algumas pessoas e que comumente se atribuem ao acaso, não serão efeito de uma certa relação de simpatia?*

“Entre os seres pensantes há ligação que ainda não conheceis. O magnetismo é o piloto desta ciência, que mais tarde compreenderéis melhor.” (LE, 2007, p. 241).

O magnetismo animal (ou mesmerismo) foi praticado por Mesmer, médico austríaco (Franz Anton Mesmer – 1734-1815), nos séculos XVIII e XIX. O fenômeno do mesmerismo era o mesmo do magnetismo, que se identifica também, em muitos aspectos, com o hipnotismo. Portanto “mesmerizar”, “magnetizar” e “hipnotizar” são termos usados por alguns estudiosos da área como sinônimos para identificar o trabalho que Mesmer realizava⁵. O “médico Mesmer criou uma terapia científica, revolucionou a medicina, antecipou conceitos da Doutrina Espírita, elaborou uma fisiologia humana espiritualista, iniciou a psicologia experimental”⁶.

O mesmerismo despertou os pesquisadores do fenômeno para o fato de que o homem possui além do corpo material um corpo sutil, um princípio vital ou fluido vital (que é o magnetismo animal), alojado no espírito das pessoas e importante para a saúde, para a vitalidade orgânica. O doutor Mesmer desenvolveu esse princípio para fins de cura de doentes, e suas revelações inovaram as ciências médicas.

O princípio do magnetismo desenvolvido por ele era tido como um agente natural, comparável à eletricidade (por exemplo), no sentido de ser mais uma força ou elemento da natureza; estava relacionado com a natureza humana e era aplicado como uma terapia para as doenças e a recuperação da saúde. Para Mesmer, o fluido magnético animal, a eletricidade, o magnetismo mineral e até a luz eram diferentes manifestações do fluido universal. Vários eram os elementos da natureza utilizados dentro desse campo de investigação, como o ímã, o vidro, metais e a água todos usados como condutores da energia do fluido universal. Mesmer

⁴ Dicionário Aurélio.

⁵ Segundo Michaelus, o chamado magnetismo animal de Mesmer e dos sectários é em geral a mesma coisa que hipnotismo, mas em casos especiais, e nas mãos de algumas pessoas, torna-se um misto de hipnotismo e de espiritismo, como predominância ora de um ora de outro (Dr. José Lapponi, Hipnotismo e Espiritismo, *apud Michaelus*, ob. cit., p. 12.).

⁶ http://www.universoespirita.com.br/revista/clipping_detalle.asp?cng_ukey=38650175519509QIQM.

e magnetizadores do passado usaram principalmente a água – que tem papel fundamental nas práticas espíritas até hoje.

Segundo Mesmer, suas descobertas eram fruto da observação das leis da natureza e de estudos racionais. A doutrina mesmeriana preparava o médico para entender melhor a condição dos pacientes e para prevenir enfermidades. O mesmerismo ia de encontro a práticas médicas ocidentais falhas e perigosas (vomitórios, sangrias, vesicatórios, uso de ópio, cirurgias a ferro em brasa e sem anestésias, etc.), conduzindo a medicina para métodos mais naturais e eficazes, e só foi a público após mais de década de estudos e observações realizadas pelo pesquisador.

Em 1813, o mais famoso discípulo direto de Mesmer, Armand Marc Jacques de Chastenet de Puységur (1751-1825), o marquês de Puységur, escreveu: "Cumpria que se encontrasse um observador que, somente mais atento que outro aos perpétuos eflúvios do fluido, ou princípio vital dos corpos organizados, reparasse enfim na influência dos seus sobre o princípio ou fluido vital de seus semelhantes; cumpria que aquele homem fosse douto na Física, na Química e na Fisiologia, para que pudesse dirigir as suas observações sobre causas pertencentes àquelas ciências; e ademais cumpria ainda que fosse médico, para logo aplicá-lo ao tratamento e ao alívio dos males da humanidade. Esse homem, em quem se achou reunido tanto mérito e tantas qualidades, é o senhor doutor Mesmer, ancião hoje retirado e quase ignorado em uma pequena aldeia da Suíça, porém cuja imagem e nome transmitir-se-ão com glória à posteridade reconhecida"⁷.

Allan Kardec considerou o mesmerismo ou magnetismo ciência-irmã do Espiritismo, tendo-o estudado em suas práticas e observações dos fenômenos mediúnicos. Portanto, para ele, o magnetismo e o Espiritismo se completam. Kardec considerou mesmo que a rápida aceitação do Espiritismo se deveu ao magnetismo animal, que havia antecipado a existência de princípios da natureza até então desconhecidos:

Décadas depois, no início de suas pesquisas espíritas, Kardec afirmou que a rápida aceitação do Espiritismo deveu-se exatamente ao Magnetismo Animal, que antecipara a existência do fluido universal, princípio vital, corpo espiritual, dualidade entre alma e corpo, e outros conceitos confirmados pelos Espíritos da Codificação. E disse mais. Garantiu que as duas ciências eram tão próximas que seria impossível conhecer uma sem o auxílio da outra. "Se devêssemos ficar fora da ciência magnética, nosso quadro estaria incompleto, e se poderia nos comparar a um professor de Física que se abstinhasse de falar da luz", esclareceu Kardec na Revista Espírita de 1858. A teoria médica do Magnetismo Animal foi confirmada e adotada pela Doutrina Espírita⁸.

⁷ Idem (mesmo site indicado na nota 6, acima).

⁸ Idem (mesmo site indicado na nota 6).

Dessa forma, o mesmerismo é o principal componente de um grande movimento espiritualista europeu dos séculos XVIII e XIX, que, além da abordagem espiritual (em oposição ao aspecto puramente material da vida), também proporcionava àquela época esclarecimentos valiosos sobre fatos antes considerados sobrenaturais, ou como superstição, milagre, credices. Esse movimento espiritualista buscou *status* de cunho científico, racional – e, de certa forma, abriu caminho para o Espiritismo.

Na questão 555 de *O Livro dos Espíritos* Kardec declara:

O Espiritismo e o magnetismo nos dão a chave de uma imensidade de fenômenos sobre os quais a ignorância teceu um sem-número de fábulas, em que os fatos se apresentam exagerados pela imaginação. O conhecimento lúcido dessas duas ciências que, a bem dizer, formam uma, mostrando a realidade das coisas e suas verdadeiras causas, constitui o melhor preservativo contra as ideias supersticiosas, porque revela o que é possível e o que é impossível, o que está nas leis da natureza e o que não passa de ridícula credence. (Sem grifo no original)

Na *Revista Espírita*, Kardec vai além, reconhecendo que o magnetismo foi um precursor importante para o Espiritismo:

O Magnetismo preparou o caminho do Espiritismo, e o rápido progresso desta última doutrina se deve, incontestavelmente, à vulgarização das ideias sobre a primeira. Dos fenômenos magnéticos, do sonambulismo e do êxtase às manifestações espíritas não há mais que um passo; tal é sua conexão que, por assim dizer, torna-se impossível falar de um sem falar do outro. Se tivéssemos que ficar fora da ciência magnética, nosso quadro seria incompleto e poderíamos ser comparados a um professor de física que se abstivesse de falar da luz. Todavia, como entre nós o magnetismo já possui órgãos especiais justamente acreditados, seria supérfluo insistirmos sobre um assunto que é tratado com tanta superioridade de talento e de experiência; a ele, pois, não nos referiremos senão acessoriamente, mas de maneira suficiente para mostrar *as relações íntimas entre essas duas ciências que, a bem da verdade, não passam de uma* (Kardec, *Revista Espírita*, ano I (1858), 2004, pág. 149).

Nessas passagens, Kardec quis enfatizar a importância do magnetismo, porém, em toda a sua obra, fica mais do que evidente que magnetismo e Espiritismo não são a mesma coisa: o Espiritismo é muito mais amplo (mesmo porque, além de ciência, ele é filosofia e religião) e apenas usa o magnetismo como um dos seus instrumentos de trabalho.

Outra área de extrema importância no caudal do espiritualismo dessa fase foi o hipnotismo, que teve nomes de destaque, como o Abade Faria (1756-1819), Lenobel⁹ e o próprio Mesmer, que atuavam usando elementos naturais, como o ímã, ou apenas a imposição

⁹ Lenobel é muito citado, porém não foi possível localizar dados da sua biografia.

das mãos sobre as pessoas; provocando sonos e transe; levando as pessoas a falar e a agir de modo diferente do seu estado normal. Desde a Antiguidade Clássica, eram feitas tentativas de hipnotismo, e a história relata tentativas de se detectar no homem forças extrafísicas, como o magnetismo, que foi exercido inclusive por alguns padres jesuítas.

Na verdade, os estudiosos sempre relacionaram o hipnotismo ao magnetismo – e depois ambos do Espiritismo. De fato, todas essas tendências lidam com a misteriosa força magnética, antevista desde sempre na história da humanidade sob diferentes aspectos, conduzindo a Deus (ou deuses), aos Espíritos (ou almas), ao misticismo, ao sobrenatural, aos milagres, ao metafísico – enfim, ao “inexplicável”.

Portanto pode-se afirmar que o hipnotismo originou-se do magnetismo animal estudado por Mesmer. E para Kardec o hipnotismo não passa do magnetismo exposto de outra maneira e com status de ciência. Ele traz na Revista Espírita, em tom irônico:

Deixado à porta, o magnetismo entrou pela janela, mediante um disfarce e um outro nome. Em vez de dizer: Sou o magnetismo, o que provavelmente não lhe teria valido uma acolhida favorável, disse: Chamo-me *hipnotismo* (do grego *hypnos*, sono). Graças a esse salvo-conduto conseguiu entrar após vinte anos de paciência. Mas não perdeu por esperar, pois soube fazer-se introduzir por uma das maiores celebridades. Evitou cuidadosamente apresentar-se com seu cortejo de passes, de sonambulismo, de visão a distância, de êxtases, que o teriam traído. Disse simplesmente: Sois bons e humanos; vosso coração sangra ao ver sofrer os vossos doentes; procurais um meio de suavizar a dor do paciente, cortado pelo vosso escalpelo, mas o que empregais às vezes é muito perigoso. Eu vos trago um mais simples e que, em todo caso, não tem inconvenientes. Estava bem seguro de ser ouvido, falando em nome da Humanidade. E acrescentou, matreiro:

Sou da família, pois devo a vida a um dos vossos. Pensava, não sem razão, que essa origem não o prejudicaria.

Se vivêssemos ao tempo da brilhante e poética Grécia, diríamos: O magnetismo, filho da Natureza e de um simples mortal, foi proscrito do Olimpo porque, ao fazer concorrência com Esculápio¹⁰, feriu os interesses desse último, louvando-se de poder curar sem o seu concurso (Revista Espírita, ano VII (1864), sétimo volume, 2004, p.22).

O espiritualismo da época estava presente em muitos países europeus, chegando também à América. Desenvolveu-se na Europa, principalmente na Inglaterra, um movimento denominado “moderno espiritualismo” ou simplesmente “espiritualismo”, paralelamente ao Espiritismo francês, e muito semelhante a ele, porque também pressupunha o contato com almas do outro mundo.

¹⁰ Esculápio: deus romano da medicina e da cura.

Na verdade, os conceitos de espiritualismo e Espiritismo, embora guardem diferenças fundamentais, no sentido de o primeiro ser mais abrangente e envolver pensamentos não-espíritos (e às vezes religiosos), em certo momento da história, como no século XIX, os dois movimentos se cruzam de tal forma que chegam a ser confundidos, rotulados como fenômenos paranormais, chegando a usar as mesmas técnicas, como o magnetismo e a manifestação dos mortos por intermédio dos vivos, e a ser adotados por pessoas nem sempre declaradamente adeptas dos postulados kardecistas.

Ou às vezes espíritos são conceituados de espiritualistas na visão de historiadores, o que contempla a ideia de Kardec de que o Espiritismo é também uma filosofia espiritualista.

Gilberto Schroeder¹¹ afirma a respeito de William Stainton Moses, um médium europeu de destaque do século XIX, contemporâneo a Kardec, um espiritualista defensor da pesquisa científica dos fenômenos paranormais e psíquicos e pesquisador e estudioso dos fenômenos espíritos:

Além de ser um médium notável, William Stainton Moses (1839-1892) foi uma das figuras mais importantes do chamado *espiritualismo europeu*, participando ativamente das experiências de paranormalidade realizadas na época, bem como sendo membro ativo de algumas das mais importantes associações a grupos de pesquisa científica dos fenômenos psíquicos. Esteve presente na fundação da Associação Nacional Britânica dos Espiritualistas (1873) e da Sociedade Psicológica da Grã-Bretanha (1875), da qual chegou a ser um dos primeiros membros do Conselho; também participou da fundação da lendária Sociedade de Pesquisas Psíquicas (1882), além da *Aliança Espiritualista de Londres*, da qual foi presidente, desde a fundação até seu desencarne. (Sem grifos no original).

De acordo com Schroeder, Moses tinha um mentor espiritual, fazia recolhimentos para meditação e era influenciado por entidades espirituais que o auxiliavam em sua educação espiritual. Moses participava, como médium, de sessões mediúnicas, nas quais ocorriam vários tipos de fenômenos (ouviam-se sons musicais, passos, pancadas, vozes; sentia-se cheiro de perfumes; corriam levitações de corpos pesados (mesas, cadeiras); fazia-se transposição de matéria; etc.). Ele também fazia psicografias, levitações, lia livros fechados. Interessou-se pela pesquisa e estudo do fenômeno espírita, já considerando esses fatos como

¹¹ <http://ippb.org.br/modules.php?op=modload&name=News&file=article&sid=3676>

manifestação dos mortos, vindo a produzir a obra *Ensinamentos dos Espíritos (Spirit Teachings)*.

Ainda conforme esse autor, outros pesquisadores, como Ernesto Bozzano (1862-1943), pesquisador italiano, ocupou-se do estudo do espiritismo e estudos, que eram levados a sério e tinham declarado teor teológico (religioso).

Quanto à América, não se pode esquecer que partiram dos Estados Unidos as primeiras manifestações espíritas registradas pelo Espiritismo (o caso das irmãs Fox). Portanto, Europa e Estados Unidos viviam, nos séculos XIX e XX, experiências semelhantes relacionados ao espiritualismo e ao magnetismo em sentido amplo, provocando curiosidade mas ao mesmo tempo ceticismo e desconfiança quanto à veracidade dos fenômenos espiritualistas, devido ao seu caráter de espetáculo para o público popular.

Nos Estados Unidos, nos anos de 1840, deflagraram-se movimentos religiosos espiritualistas como o millerismo (Adventistas do Sétimo Dia) e o mormonismo, que emergiram durante o Second Great Awakening (Segundo Grande Despertar), cujo princípio era o da possibilidade de um contato direto entre humanos e Deus e os anjos.

Esses movimentos espiritualistas acabaram adquirindo uma grande importância na luta social contra a escravidão e a subjugação das mulheres – o que os afastava das igrejas tradicionais estabelecidas. Dava-se o nome de “quakers” aos adeptos desses movimentos; eles eram radicais e propunham reformas na igreja. A literatura espírita (do Espiritismo kardecista) relata que foram *quakers*¹² que deram proteção às irmãs Fox¹³, impedindo que elas fossem agredidas pela comunidade religiosa tradicional quando declararam os fenômenos das batidas

¹² *Quaker* é o nome dado a um membro de um grupo religioso de tradição protestante, chamado *Sociedade Religiosa dos Amigos (Religious Society of Friends)*. Criada em 1652, pelo inglês George Fox, a Sociedade dos Amigos reagiu contra os abusos da Igreja Anglicana, colocando-se sob a inspiração directa do Espírito Santo. Os membros desta sociedade, ridicularizados com o nome de *quakers*, ou tremedores, rejeitam qualquer organização clerical, para viver no recolhimento, na pureza moral e na prática activa do pacifismo, da solidariedade e da filantropia. Perseguidos na Inglaterra por Carlos II, os *quakers* emigraram em massa para a América, onde, em 1681, criaram sob a égide de William Penn a colónia da Pensilvânia. Em 1947, os comités ingleses e americanos do Auxílio *Quaker* Internacional receberam o Prêmio Nobel da Paz. <http://pt.wikipedia.org/wiki/Quaker>.

¹³ Registros históricos (geralmente não-espíritas) relatam que as irmãs Fox e outros médiuns que despontaram faziam dos fenômenos uma forma de sobrevivência, cobrando para exibi-los e para atender ao público; referem-se também ao grande índice de fraude. Esses aspectos eram de conhecimento público e fizeram com que pessoas mais sérias, como Allan Kardec, desconfiassem dos fenômenos mediúnicos. Por isso Allan Kardec relutou, inicialmente, em se aproximar dos fenômenos mediúnicos.

em sua casa e o contato com mortos. Assim, o espiritualismo norte-americano teve um cunho de movimento social e político.

O Espiritismo, termo cunhado por Allan Kardec, é, dessa forma, um desdobramento do espiritualismo, conforme ele mesmo afirma:

Para se designarem coisas novas são precisos termos novos. Assim o exige a clareza da linguagem, para evitar a confusão inerente à variedade de sentidos das mesmas palavras. Os vocábulos *espiritual*, *espiritualista*, *espiritualismo* têm acepção bem definida. Dar-lhes outras, para aplicá-los à doutrina dos Espíritos, fora multiplicar as causas já numerosas de anfibologia. Com efeito, o espiritualismo é o oposto do materialismo. Quem quer que acredite haver em si alguma coisa mais do que matéria é espiritualista. Não se segue daí, porém, que creia na existência dos Espíritos ou em suas comunicações com o mundo visível. Em vez das palavras *espiritual*, *espiritualismo*, empregamos, para indicar a crença a que vimos de referir-nos, os termos *espírita* e *espiritismo*, cuja forma lembra a origem e o sentido radical e que, por isso mesmo, apresentam a vantagem de ser perfeitamente inteligíveis, deixando ao vocábulo *espiritualismo* a acepção que lhe é própria. Diremos, pois, que a doutrina *espírita* ou o Espiritismo tem por princípio as relações do mundo material com os Espíritos ou seres do mundo invisível. Os adeptos do Espiritismo serão os *espíritas*, ou, se quiserem, os *espiritistas*.

Como especialidade, *O Livro dos Espíritos* contém a doutrina espírita; como generalidade, prende-se à doutrina espiritualista, uma de cujas fases apresenta. Essa a razão por que traz no cabeçalho do seu título as palavras: *Filosofia espiritualista*. (LE, 2007, p. 15-16).

Conservando o radical das palavras *espiritual*, *espiritualista* e *espiritualismo*, a primeira obra de Kardec, *O Livro dos Espíritos*, embora traga em seu título a especialidade (Espiritismo ou Doutrina Espírita), apresenta no seu cabeçalho a expressão *Filosofia Espiritualista*, como generalidade.

A Doutrina Espírita é para Kardec o ensinamento dado pelos Espíritos em suas comunicações por meio dos médiuns (pessoas encarnadas dotadas de faculdades extrassensoriais). Ele destaca ainda que a força do Espiritismo está na “universalidade do ensino dos Espíritos” (ESE, 2006, p. 28):

Uma só garantia séria existe para o ensino dos Espíritos: a concordância que haja entre as revelações que eles façam espontaneamente, servindo-se de grande número de médiuns estranhos uns aos outros e em vários lugares (ESE, 2006, p. 30).

De acordo com essa noção, o termo “doutrina” em Kardec não tem o cunho tradicional de dogmatismo místico, de ordem transcendental, executado pelas autoridades

eclesiásticas, que detinham o poder de determinar, na existência terrena, o destino dos homens, como representantes de Deus, decidindo, em nome do bem e do mal, a vida e a morte. No Espiritismo, embora este seja todo codificado em regras calcadas na ética e na moral das condutas humanas (em certo sentido, dogmas), o dogmatismo se fundamenta pela verdade inscrita no ensinamento moral dos Espíritos, tornando-se essas leis ditadas por eles verdades irrefutáveis pelos espíritas, principalmente pela clareza e lógica do raciocínio – ou seja, trata-se de novas acepções de “dogmatismo” e de “doutrina”.

Portanto, o pensamento dos espíritas é de que o Espiritismo seja “a” verdade, o que não é de se estranhar, pois toda religião ou seita se julga a única correta. Afirma Kardec:

Muitos pontos dos Evangelhos, da Bíblia e dos autores sacros em geral só são ininteligíveis, parecendo alguns até irracionais, por falta da chave que faculte se lhes apreenda o verdadeiro sentido. Essa chave está completa no Espiritismo, como já o puderam reconhecer os que o têm estudado seriamente e como todos, mais tarde, ainda melhor o reconhecerão.

[...]

Se a Doutrina Espírita fosse a concepção puramente humana, não ofereceria por penhor senão as luzes daquele que a houvesse concebido. Ora, ninguém, neste mundo, poderia alimentar fundadamente a pretensão de possuir, com exclusividade, a verdade absoluta. Se os Espíritos que a revelaram se houvessem manifestado a um só homem, nada lhe garantiria a origem, porquanto fora mister acreditar, sob palavra, naquele que dissesse ter recebido deles o ensino.

Quis Deus que a nova revelação chegasse aos homens por mais rápido caminho e mais autêntico. Incumbiu, pois, os Espíritos de levá-la de um pólo a outro, manifestando-se por toda a parte, sem conferir a ninguém o privilégio de lhes ouvir a palavra. Um homem pode ser ludibriado, pode enganar-se a si mesmo; já não será assim, quando milhões de criaturas vêem e ouvem a mesma coisa. Constitui isso uma garantia para cada um e para todos. Ao demais, pode fazer-se que desapareça um homem; mas não se pode fazer que desapareçam as coletividades; podem queimar-se os livros, mas não se podem queimar os Espíritos. Ora, queimassem-se todos os livros e a fonte da doutrina não deixaria de conservar-se inexaurível, pela razão mesma de não estar na Terra, de surgir em todos os lugares e de poderem todos dessedentar-se nela. Faltem os homens para difundi-la: haverá sempre os Espíritos, cuja atuação a todos atinge e aos quais ninguém pode atingir.

São, pois, os próprios Espíritos que fazem a propaganda, com o auxílio dos inúmeros médiuns, que, também eles, os Espíritos, vão suscitando de todos os lados. Se tivesse havido unicamente um intérprete, por mais favorecido que fosse, o Espiritismo mal seria conhecido. Qualquer que fosse a classe a que pertencesse, tal intérprete houvesse sido objeto das prevenções de muita gente e nem todas as nações o teriam aceitado, ao passo que os Espíritos se comunicam em todos os pontos da Terra, e todos os aceitam. O Espiritismo não tem nacionalidade e não faz parte de nenhum culto existente; nenhuma classe social o impõe, visto que qualquer pessoa pode receber instruções de seus parentes e amigos de além-túmulo. Cumpra-se assim, para que ele possa conduzir todos os homens à fraternidade. Se não se mantivesse em terreno neutro, alimentaria as dissensões, em vez de apaziguá-las.

Nessa universalidade do ensino dos Espíritos reside a força do Espiritismo (Kardec, ESE, p. 25-28).

O pensador francês deixa claro em sua obra que o Espiritismo é criação dos Espíritos e não dele. E foi criado por obra divina, como o consolador prometido por Jesus. Diante disso, pode-se dizer o Espiritismo não foi criado exatamente criado por Allan Kardec. Depreende-se de toda a obra de Kardec que o Espiritismo foi um recado de Deus aos homens por meio dos Espíritos. O Espiritismo não é um construto teórico. Não foi o resultado de um estudo proposital de qualquer teor – empírico, dedutivo, indutivo, experimental, de laboratório (transcendente, metafísico, filosófico, científico ou de qualquer outro teor epistemológico) –, levado a cabo por um pensador que tenha tido uma acuidade, inspiração, interesse ou curiosidade, como acontece geralmente nas pesquisas sistematizadas, em todos os campos do saber.

Kardec, até então educador, discípulo de Pestalozzi, dedicado ao conhecimento e à produção (livros, palestras, revistas) no campo da educação, jamais imaginou que fosse se tornar um dia o sistematizador e codificador do Espiritismo, como ficou mundialmente conhecido. Imbuído dos preceitos católicos, ele não procurava contato com os mortos. Ao contrário, quando convidado a assistir aos fenômenos espíritas, ele relutou, duvidoso.

É nesse sentido que se pode afirmar que o “Espiritismo aconteceu”, como um exemplo de imposição do objeto (os Espíritos, o conteúdo espírita) ao sujeito cognoscente. As leis espíritas já estavam prontas, só precisavam ser transcritas; os Espíritos superiores as sabiam de cor, conheciam a sua tarefa na Terra, da mesma forma em que tinham consciência de que Allan Kardec estava sendo preparado para sua própria missão, como co-partícipe em uma incumbência designada por um ser superior. Kardec teria apenas o trabalho de presenciar, ouvir, copiar, refletir, organizar, escrever e divulgar – no que ainda seria ajudado por espíritos superiores e pelo seu guia espiritual, como ele declara nas obras que editou.

Doutrina Espírita, codificada por Allan Kardec, é um conjunto de preceitos ditados pelos Espíritos em resposta a questões apresentadas explicitamente pelo pesquisador acerca de Deus, da natureza, do mundo, da vida, do destino do homem. Tal código de conhecimento tem um tríplice aspecto, sendo ao mesmo tempo filosofia, religião e ciência. Conhecimento ditado por mortos, não por vivos. E conhecimento que os Espíritos teriam que repassar a Kardec, obrigatoriamente, porque já estava estabelecido no plano superior.

Portanto, quando Kardec afirma:

Conduzi-me, pois, com os Espíritos, como houvera feito com homens. Para mim, eles foram, do menor ao maior, meios de me informar e não *reveladores predestinados*.

Tais as disposições com que empreendi meus estudos e neles prossegui sempre. Observar, comparar e julgar, essa a regra que constantemente segui (Kardec, OP, 2006, p. 296 a 300).

Ele está se referindo ao seu método de trabalho positivista, não ao seu objeto de estudo metafísico. Ele tinha consciência de que os Espíritos eram “reveladores predestinados”, porém, mesmo assim, tinha que proceder como se não fossem, tinha que usar com eles o rigor que empregaria a homens vivos, em um trabalho de teor materialista. Sob pena de não fazer ciência.

Em outra obra, *O que é o Espiritismo*, Kardec declara ser apenas um missionário que cumpria um serviço predestinado:

“Escrevo esta nota no dia 1º de janeiro de 1867, dez anos e meio depois que esta comunicação me foi dada, e verifico que ela se realizou em todos os pontos, porque experimentei todas as vicissitudes que nela me foram anunciadas. (...)”

Entretanto, graças à proteção e à assistência dos bons Espíritos, que sem cessar me têm dado provas manifestas de sua solicitude, sou feliz em reconhecer que não tenho experimentado um único instante de desfalecimento nem de desânimo, e que tenho constantemente prosseguido na minha tarefa com o mesmo ardor, sem me preocupar com a malevolência de que sou alvo. Segundo a comunicação do Espírito Verdade¹⁴, eu devia contar com tudo isso, e tudo se verificou” (*O que é o Espiritismo*, p. 27). (Sem grifo no original)

Essas palavras de Allan Kardec são conformes às palavras do evangelista João, que relata, na Bíblia Sagrada, palavras de Jesus:

Se me amais, guardai os meus mandamentos; e eu rogarei a meu Pai e ele vos enviará outro Consolador, a fim de que fique eternamente convosco: – O Espírito de Verdade, que o mundo não pode receber, porque o não vê e absolutamente o não conhece. Mas, quanto a vós, conhecê-lo-eis, porque ficará convosco e estará em vós. – Porém, o Consolador, que é o Santo Espírito, que meu Pai enviará em meu nome, vos ensinará todas as coisas e vos fará recordar tudo o que vos tenho dito (João, 14:15 a 17 e 26).

¹⁴ A expressão “Espírito de Verdade” ou “Espírito Verdade” aparece muito nas obras de Kardec, principalmente em *O Evangelho segundo o Espiritismo*, em que o Espírito Verdade assume a autoria de várias mensagens espirituais recebidas por médiuns em sessões espíritas e que Kardec transcreve. Porém não é um conceito claramente definido e o assunto é polêmico. Para boa parte de espíritas, o “Espírito Verdade” seria Jesus. Para outros, por Jesus ter dito que o Pai enviaria outro Consolador, o “Espírito Verdade” não é Jesus, que teria sido então o primeiro consolador. Porém a interpretação predominante é a de que o Consolador (e ainda, em certo sentido e sob alguns pontos de vista, o Espírito de Verdade) seriam o próprio Espiritismo.

Entretanto, digo-vos a verdade: Convém que eu me vá, porquanto, se eu não me for, o Consolador não vos virá; eu, porém, me vou e vô-lo enviarei. – E quando ele vier, convencerá o mundo no que respeita ao pecado, à justiça e ao juízo [...]

Tenho ainda muitas coisas a dizer-vos, mas presentemente não as podeis suportar.

Quando vier esse Espírito de Verdade, ele vos ensinará toda a verdade, porquanto não falará de si mesmo, mas dirá tudo o que tenha escutado e vos anunciará as coisas porvindouras.

Ele me glorificará, porque receberá do que está em mim e vô-lo anunciará (João, 16:7 a 14).

Em *O Evangelho segundo o Espiritismo*, Kardec comenta essa passagem de João, expondo que Jesus não anunciou muitas coisas (principalmente o Espiritismo) enquanto viveu na Terra devido à ignorância da época, pois as pessoas não tinham condições de compreendê-las. Jesus então já estaria pensando em uma complementação ulterior a seus ensinamentos, que seria dada pelo Consolador e pelo Espírito de Verdade, em ocasião propícia, quando houvesse mais progresso científico e os ensinamentos pudessem ser absorvidos.

Quanto à frase de Jesus “a fim de que fique eternamente convosco e ele estará em vós”, Kardec expressa nos itens 39 e 40:

Esta proposição não poderia referir-se a uma individualidade encarnada, visto que não poderia ficar eternamente conosco, nem, ainda menos, estar em nós; compreendemo-la, porém, muito bem com referência a uma doutrina, a qual, com efeito, quando a tenhamos assimilado, poderá estar eternamente em nós. O *Consolador* é, pois, segundo pensamento de Jesus, a personificação de uma doutrina soberanamente consoladora, cujo inspirador há de ser o *Espírito de Verdade*.

O *Espiritismo* realiza, como ficou demonstrado (cap. I, nº 30), todas as condições do *Consolador* que Jesus prometeu. Não é uma doutrina individual, nem de concepção humana; ninguém pode dizer-se seu criador. É fruto do ensino coletivo dos Espíritos, ensino a que preside o Espírito de Verdade. Não suprime do Evangelho: antes o completa e elucida. Com o auxílio das novas leis que revela, conjugadas essas leis às que a Ciência já descobrira, faz se compreenda o que era ininteligível e se admita a possibilidade daquilo que a incredulidade considerava inadmissível. Teve precursores e profetas, que lhe pressentiram a vinda. Pela sua força moralizadora, ele prepara o reinado no bem na Terra (Kardec, *A Gênese*, itens 39 e 40, p. 441). (Sem grifo no original).

Para Kardec, “o Espiritismo realiza todas as condições do *Consolador* que Jesus prometeu”. Consolador que é “uma doutrina”. Ou seja, o Consolador é o Espiritismo – ideia que ele registra em *O Evangelho segundo o Espiritismo*:

4. Jesus promete outro consolador: o Espírito de Verdade, que o mundo ainda não conhece, por não estar maduro para o compreender, consolador que o Pai enviará para ensinar todas as coisas e para lembrar o que o Cristo há dito. Se, portanto, o Espírito de Verdade tinha de vir mais tarde ensinar todas as coisas, é que

o Cristo não dissera tudo; se ele vem relembrar o que o Cristo disse, é que o que este disse foi esquecido ou mal compreendido.

O Espiritismo vem, na época predita, cumprir a promessa do Cristo: preside ao seu advento o Espírito de Verdade (Kardec, ESE, p. 140).

“*O Espiritismo vem, na época predita*”. “*E tudo se verificou*”. Quem não acreditar nisso não pode defender o ponto de vista de que tenha sido possível a Kardec fazer ciência (positiva) sobre um objeto atípico (um objeto desconhecido). Não pode escrever um texto descrevendo o Espiritismo e se colocando a seu favor¹⁵.

Um outro tipo de espiritualismo desenvolveu-se no século XIX, na França, tendo sido denominado “espiritualismo eclético francês”, com certa influência de Descartes – mas ao mesmo tempo com uma certa base alógica. Surgiu por fora da linha escolástica, com tendências ecléticas, com aspectos fideístas, e também cartesianos – desde que não rompessem com a linha geral do Cristianismo¹⁶.

Desenvolveu-se dentro da filosofia e de círculos religiosos, em reação ao idealismo, ao materialismo e mesmo ao positivismo – e também “contra os monismos de qualquer espécie”. Ocorreu sobretudo no meio da Igreja católica, atingindo outras áreas cristãs e tinha um cunho realista, considerando a espiritualidade de um modo diferente daquele proposto pela Escolástica. Foi portanto um movimento filosófico religioso. E tinha uma tendência marcadamente metafísica – daí ser contrário ao positivismo que se instalava, principalmente com as ideias de Comte.

Não chegou a ser um movimento estável, mesmo em razão do seu ecletismo: várias tendências de pensamento eram aceitas, desde que não se rompesse com o Cristianismo.

¹⁵ E que essa observação não seja tida, dentro de um academicismo estreito, castrador e retrógrado (sob o peso do “mito da neutralidade” em ciência, que prega a isenção e total objetividade do sujeito em relação ao objeto), como um “juízo de valor” (prejudicial e inconveniente na exposição da pesquisa) e um instrumento ideológico de silenciamento da voz livre do pesquisador.

¹⁶ Esta síntese do espiritualismo eclético francês foi elaborada a partir de material colhido, em 08.06.2009, nos sites <http://www.carlosparchen.net/filosofia020205.html> e <http://www.cfh.ufsc.br/~simposio/novo/2216y810.htm>

Alguns nomes proeminentes do espiritualismo eclético francês foram Maine de Biran (1766-1824) e Victor Cousin (1792-1867). Abordando o tema, em artigo na Internet, assim inicia João Alberto Vandrani Donha:

O termo "espiritualismo" foi colocado no jargão filosófico no século XIX, por Victor Cousin, quando elaborou o programa dessa filosofia no prefácio de sua obra "Du vrai, du beau e du bien". Ele assim se expressou: "A nossa verdadeira doutrina, a nossa verdadeira bandeira é o Espiritualismo, essa filosofia tão sólida como generosa, que começou em Sócrates e Platão, que o Evangelho difundiu no mundo, que Descartes colocou nas formas severas do gênio moderno, ... que no princípio deste século (XIX) Royer Collard veio reabilitar no ensino público ao passo que Chateaubriand e Madame de Staël a transportaram para a literatura e para a arte ... Essa filosofia ensina a espiritualidade da alma, a liberdade e a responsabilidade das ações humanas, as obrigações morais, a virtude desinteressada, a dignidade da justiça, a beleza da caridade; além dos limites desse mundo, ela mostra um Deus, autor e modelo da humanidade ... Essa filosofia é a aliada natural de todas as causas justas"¹⁷.

Vandrani Donha esclarece que Victor Cousin exerceu enorme influência na filosofia francesa da primeira metade do século XIX, tendo sido considerado, por muito tempo, o filósofo ditador do pensamento francês. Entusiasta do idealismo alemão, na juventude, tornou-se depois divulgador de Kant, Fichte, Schelling e Hegel na França. Porém o cerne da sua filosofia era o ecletismo, por julgar que nenhum sistema filosófico detinha toda a verdade, assim como nenhum deles poderia ser considerado falso. Todos eles representavam verdades incompletas. Por isso ele buscava uma combinação de todos, aproveitando o que havia de certo em cada um.

Sobre o espiritualismo eclético francês, Vandrani Donha expõe:

A filosofia espiritualista francesa do século XIX surgiu como reação ao exagerado materialismo pós-revolucionário, que no momento se manifestava no cientificismo positivista. Teve representantes em vários países, começando por Taine de Biran (1766-1824), na própria França, passando pelos italianos Mazzini, Gioberti e outros, pelo alemão Lotze, entrando pelo século XX com Henry Bergson (1859-1941). Na França vamos encontrar, ainda, em uma vertente tradicionalista católica do espiritualismo, Joseph De Maistre e Felicité De Lamennais.

Segundo Vandrani Donha, Kardec teria professado um ecletismo semelhante, por ter adotado o positivismo como ciência e o espiritualismo na filosofia, propondo as causas justas à/da humanidade. Kardec, aliás, cita alguns pensadores do ecletismo francês na Revista Espírita. E afirma que: "Talvez por todas estas conexões Kardec tenha colocado no

¹⁷ Nicola Abbagnano. Dicionário de Filosofia. Verbete "espiritualismo". Editora Mestre Jou.

frontispício das edições atualizadas do Livro dos Espíritos a expressão "Filosofia Espiritualista".

Porém o espiritualismo eclético francês foi muito mais vasto, sendo constituído de vários autores e tendências.

Destacaram-se alguns movimentos mais definidos, cada um com seus expoentes: tradicionalismo (no contexto da história da filosofia, tradicionalismo é um sistema que tem por base gnosiológica duas suposições: a de que tenha havido uma revelação primitiva, e que a tradição tenha conduzido através do tempo, possibilitando à razão resolver o problema da verdade, que ela por si só não atingiria. Na suposição, portanto, que a razão por si só não consegue resolver o problema da verdade, o tradicionalismo é um movimento teológico e filosófico, que coloca na base uma revelação primitiva; expoentes: Felicité de Lamennais (1782-1854), Joseph de Maistre: 1754-1821); ontologismo (atribuição radical somente a Deus e ao poder divino da causalidade e do saber humano – Antônio Rosmini (1797-1855), Vincenzo Gioberti: 1801-1852); modernismo (com variados sentidos nas artes plásticas e na literatura, modernismo em religião foi um movimento acontecido principalmente na Igreja Católica no sentido de amoldar a teologia ao pensamento moderno, tomando como base gnosiológica um conhecimento sentimental, através do qual se faria o conhecimento seguro da natureza de Deus e da religião; expoentes: Auguste Sabatier, Adolph Harnack (1851-1930), Alfred Loisy (1857-1940)); intuicionismo (tentativa alogicista de filosofar, com raízes no positivismo, mas para o superar – Henri Bérgrson: 1859-1941); filosofia da ação (a diretriz epistemológica, que, no binômio especulativo–prático, opta por este último como decisivo na determinação da verdade; principal destaque: Maurice Blondel (1861-1949); escolástica renovada (fatores propícios houve para a retomada da antiga escolástica no século XIX e mesmo no XX, com vasta literatura, tanto em línguas nacionais, como na latina; expoentes: Adolf Trendelenburg (1802-1872); Sigismundo Storchenau (1751-1797), jesuíta austríaco; Vicente Buzzetti (1777-1824); Jaques Maritain (1882-1973); Etienne Gilson (1884-1978); Jolivet (1891-1966); o cardeal Desidério Mercier (1851-1926); Joseph Marechal (1878-1944), jesuíta).

Uma simples passada de olhos sobre os assuntos desenvolvidos, por diversos autores, no espiritualismo eclético francês comprova a heterogeneidade da sua temática e indica por que não tinha como haver unicidade e consistência da “corrente”, o que determinou

o seu esfacelamento progressivo: ideais políticos (combate a Napoleão, por exemplo); problemas do conhecimento; atitudes filosóficas existenciais (como resistência ao mundo exterior (por maior espiritualização); oposição à passividade); ética; moral; busca de equilíbrio entre sistemas que levassem à verdade; o fundamento das verdades universais e eternas, dos princípios e valores absolutos; a razão como elemento capaz de levar à verdade e à moral; laicização do ensino; busca da revelação primitiva originária; liberalismo; catolicismo liberal; fideísmo; galicanismo (a Igreja Católica da França limitava a autoridade do papa); defesa à democracia e à república; defesa à monarquia; defesa da liberdade do ensino e da imprensa; defesa da separação entre a igreja e o Estado; modernização da igreja; ideias constitucionalistas e reformistas; elementos platônicos, agostinianos, kantianos; elementos empiristas; ideias universais; inatismo; ideia inata do ser; crítica aos escolásticos e aristotélicos; idealismo; realismo; monismo panteísta; semirracionalismo católico; razão e fé; alogicismo; fenomenologia; existencialismo; a intuição como fonte primeira e alógica de conhecimento (homen sapiens); a razão (inteligência), como segunda fonte, opera com a realidade nas relações extrínsecas (como na ciência experimental positiva) (homen faber); conhecimentos místicos; a filosofia como reflexão sobre dados da intuição; evolucionismo; o devir; evolução criadora; valorização da ação (que revela e institui o conhecimento da realidade, atingindo mais o objeto); espiritualismo metafísico antipositivista; a ação como consciência de si mesma (diz mais do que a noção, o nocional); aceitação das críticas ao intelectualismo e ao positivismo; antidogmatismo; cristianismo primitivo; o cristianismo como religião universal fundada na noção de humanidade; a organização institucional da igreja e a cristalização das doutrinas em dogmas, em virtude da demora da segunda vinda de Cristo; imanentismo; concepção organizada e integrada do universo; finalismo geral; o direito natural fundado na ética; retomada do fundamentalismo do Concílio de Trento; contraposição entre a escolástica e filosofias modernas; tomismo; antitomismo; agostinianismo; críticas às filosofias modernas; gnosiologia em oposição à fenomenologia (mundo dos fenômenos do empirismo); cosmologia; reação contra o Protestantismo; reformulação do teocentrismo medieval; o problema filosófico de Deus; a providência divina (que se manifesta na história e provoca a evolução da humanidade); a razão individual; fé; razão universal; o apocalipse bíblico; a segunda revelação divina, que seria na França – a primeira foi a do Monte Sinai (quando Deus fala pela primeira vez aos homens; mediunidade (alguns filósofos do ecletismo francês presenciam aparição de mortos; kardecismo; etc.).

O espiritualismo eclético francês foi uma oposição ao positivismo e ao empirismo em geral. E também reação ao Espiritismo. Algumas ideias daqueles filósofos e pensadores foram combatidas pelos papas e pela Igreja Católica. Representa conservadorismo em muitos aspectos e ainda uma volta a certos princípios da religião, como a tentativa de se reimplantar a Escolástica, desaparecida no Século das Luzes (século XVIII), ofuscada pela filosofia de Descartes e de Kant e ainda pelo avanço do empirismo. Foi também decisivo para a renovação escolástica a alteração das circunstâncias político-religiosas após as guerras napoleônicas, com a Igreja Católica readquirindo um relativo desenvolvimento, com abertura de novas congregações religiosas (às vezes de caráter extremista e fanático), com a participação dos jesuítas e outras congregações – apesar da origem de Napoleão, a Neoescolástica se instalou primeiro em outros países, antes da França. A renovação da Escolástica foi uma das mais bem-sucedidas tendências dentro do espiritualismo eclético francês, devido ao seu longo e tradicional passado e agora se apresentar aperfeiçoada e mais crítica.

O espiritualismo eclético francês surge em um momento em que a filosofia e a ciência buscavam um novo paradigma (o do empirismo positivista), após a negação da metafísica (aliás, dos dois primeiros estados comteanos). Configura-se portanto como um movimento metafísico, embora façam parte dele pensadores que defendiam o racionalismo e outras tendências antimetálicas. Sua existência vem demonstrar o eterno pêndulo da história a oscilar para a esquerda e para a direita, entre o materialismo e o espiritualismo, entre o romantismo e o realismo, entre a razão e a fé, ora prevalecendo uma ou outra dessas tendências, a mostrar o homem eternamente dividido e radical em posições às vezes extremas. E elas sempre se revezando, como a demonstrar a verdade relativa do pensamento humano por uma ou por outra, e cada uma se reafirmando ao sabor de tempos novos, de mudanças na sociedade como um todo, nos aspectos econômicos, políticos, religiosos, culturais.

Dentro dessa dicotomia do movimento histórico, surge o Espiritismo, a única corrente espiritualista que prega a harmonia entre a fé e a razão, entre a ciência e a religião, entre Deus e o mundo. A única a apresentar a possibilidade de um homem uno, harmônico, centrado, equilibrado, porque conhecedor da sua origem e do seu fim, bem como do objetivo da sua existência e do seu papel no mundo. A única a conciliar ciência e religião, sem os pudores academicistas, sem o receio do ridículo. Isso porque entidades extracorpóreas vieram anunciar uma nova realidade, o mundo espiritual tão imaginado mas nunca tocado por todas

as religiões já existentes na história da humanidade. E o trabalho de Kardec consistiu em provar esse mundo.

Bigheto, traçando a dicotomia materialismo–espiritualismo, cita alguns espiritualistas que sustentam o fenômeno espiritual e religioso nas experiências humanas, como Henri Bérghson, que diz: “Houve no passado e há ainda hoje sociedades humanas que não têm ciência, nem arte, nem filosofia. Mas não existe nenhuma sociedade sem religião”; e como Scheler e Van de Leeuw, que declaram: “A religião está sempre presente em todos os lugares” (Bigheto, 2006, p. 33).

Prossegue Bigheto sobre a espiritualidade do século XIX:

Conforme mostra Abbagnano, as ideias espiritualistas fervilhavam na filosofia e no contexto do século XIX e fizeram um forte contraponto às concepções materialistas. A tentativa de pensar um mundo espiritualista num contexto da ciência estava nas teorias de Lotze, Lequier, Amiel, Ravaisson, Boutrox, Hemelin, Lachelier entre outros. Inclusive muitas das teorias sociais do século XIX estavam impregnadas do espiritualismo, como a doutrina de Jean Jaurès, um dos grandes representantes do socialismo francês.

Em defesa da naturalidade da dimensão espiritual do homem, Kardec, inserido no movimento espiritualista francês, além de ressuscitar a doutrina platônica, concebe o Espírito e a religião como uma outra realidade nas concepções do espiritualismo.

Kardec também participou intensamente desses debates no final do século XIX. Assume uma posição platônica espiritualista, aliás o espiritismo tem suas raízes teóricas na doutrina de Sócrates e Platão, como reconhece o próprio Kardec. Sua inserção nesse contexto foi como pedagogo e membro de diversas sociedades científicas.

[...]

A dimensão espiritual do mundo continuou a se apresentar como problema humano e como fonte de debates apaixonados, nas filosofias, religiões e outras ramificações do conhecimento. As religiões continuaram a despertar interesse na maior parte da humanidade, as interpretações filosóficas espiritualistas colocavam questionamentos essenciais e até a ciência acabou se voltando para seus condicionamentos metafísicos e certos cientistas chegaram a afirmar a necessidade de sua ligação com o espiritualismo ou o papel importante que a concepção espiritualista e religiosa teve no início da ciência (Bigheto, 2006, p. 34-35).

Assim, o século XIX foi rico em espiritualismos diversos. E todos eles, de certa forma, contribuíram para o advento do Espiritismo (sem no entanto influenciá-lo), que só lograria sucesso em uma fase espiritualizada da humanidade – espiritualizada porém

iluminada com a razão científica (no caso, pelo positivismo empírico experimental), realidade do tempo de Kardec.

1.3 Precusores clássicos do Espiritismo: Sócrates e Platão

No campo do saber, a metafísica representou historicamente a primeira grande tentativa de pensar o ser e a realidade e de encontrar respostas àquilo que parecia estar além das concepções físicas do mundo.

Aristóteles, considerado o "pai" da metafísica, embora não tenha usado o termo "metafísica", fez deste um dos temas centrais de seu pensamento, como a "filosofia primeira", tendo-o buscado em ideias de Platão, trazendo-o para a posteridade, com reflexões que ocuparam filósofos e cientistas por mais de um milênio. Por metafísica não se devem compreender exclusivamente as investigações realizadas em planos extrafísicos, ou seja, fora da realidade do mundo físico, mesmo porque, numa época em que a ciência não estava constituída, a especulação, como o único modo de se criar conhecimento, abrangia os dois planos: o material e o imaterial.

Em Aristóteles, o que se denomina hoje de metafísica não possuía um conceito único, até porque tal atividade intelectual, considerada por muitos como ciência, englobava amplos aspectos, como a indagação de causas e princípios do ser enquanto ser e a investigação da substância sensível e da substância suprassensível.

García Morente, referindo-se à ontologia, define metafísica:

Fica, pois, reduzido nosso problema da ontologia a estas duas perguntas: quem existe? e: que é consistir?

Para a primeira existem múltiplas e variadas respostas. As respostas que se dão à pergunta: quem existe? constituem a parte da ontologia que se chama a **metafísica**. A metafísica é aquela parte da ontologia que se encaminha a decidir quem existe, ou seja, quem é o ser em si [...]. A metafísica é a parte da ontologia que responde ao problema da **existência**, da autêntica e verdadeira existência, da existência em si (Morente, 1970, p. 62). (com grifos no original)

Se para esse escritor a metafísica é parte da ontologia, para outros pensadores a metafísica se confunde com a própria filosofia na atividade de reflexão sobre o ser e o mundo, num esforço de pensar certo sobre as respostas às inquietações quanto a essas realidades, na busca dos “porquês” que explicariam a origem do homem, sua presença e seu destino no mundo.

Na introdução de *O Evangelho segundo o Espiritismo*, no item IV, com o título de *Sócrates e Platão, precursores da ideia cristã e do Espiritismo*, Allan Kardec resgata as ideias intuitivas dos dois filósofos gregos referentes a vários conceitos especulativo-metafísicos acerca do homem, da morte e da alma, que viriam, depois de dois milênios, a constituir-se fundamentos do Espiritismo: o homem como alma encarnada; a sabedoria como estado a ser alcançado pela alma (virtude como dom de Deus); a verdade como busca da liberdade e da perfeição; as almas errantes dos homens maus; a recondução da alma à vida depois da passagem pelo Hades; a existência de demônios/*daimon* (Espíritos inferiores, categorizados pelo Espiritismo); a eternidade referendada pela imortalidade da alma; a imperiosidade de maior cuidado da alma na vida encarnada devido a sua curta existência terrena; a existência de mundos invisíveis para abrigar as almas invisíveis; a justiça da imortalidade das almas (boas ou más); a determinação do homem para o campo do bem; a morte como convite à consciência do próprio homem; o mútuo respeito entre os homens como condição de justiça; a lei de causa e efeito das ações humanas (boas ou más); os diferentes graus de desmaterialização da alma; a morte como transformação de estados vitais sem solução de continuidade; o estado de pureza ou não do Espírito como aferição do bem e do mal; o retorno da alma (Espíritos sem corpos) ao mundo dos vivos (reencarnação); etc.

Baseado na “teoria dos contrários” de Heráclito, Platão desenvolve um raciocínio lógico-dedutivo da existência da alma. Lê-se em Fédon (2005) o seguinte diálogo entre Sócrates e Cebes:

— Sócrates, tudo isso me parece excelentemente dito. Porém, o que você disse a respeito da alma é objeto de grande incredulidade para os homens, pois estes não crêem que, depois de se separar do corpo, ela possa existir em alguma parte. Acreditam que a alma é destruída e perece no dia da morte. Se separa e sai do corpo, imaginam, esvai-se como hálito ou fumo e, esvaída deste modo, não existe em nenhum lugar. Pois, se subsistisse em outro lugar, unida a si mesma e liberta dos males de que falou agora, a esperança de que as suas palavras fossem verdadeiras, Sócrates, seria bela e grande. Mas a afirmação de que a alma de quem morre continua a viver, atuar e pensar necessita de explicação e de prova (p. 33).

[...]

Em primeiro lugar, inquiramos se as almas dos que morrem vão para o Hades ou não. Uma tradição antiga, da qual nos lembramos, conta que as almas, depois de partirem para o além, voltam para este mundo com o objetivo de renascer dos mortos. Caso isto seja verdade, isto é, se os mortos renascem, como poderemos concluir outra coisa senão a de que as almas existem no além? Afinal, como poderiam renascer se não existissem? Se houvesse clareza no fato de que os vivos nascem dos mortos, teríamos nisto uma prova satisfatória. Porém, se isto revelar-se uma inverdade, será necessário procurar outra (p. 34).

[...]

— E qual é a geração contrária da morte?

— Renascer.

— Então – prosseguiu – dado que o renascimento exista, não seria o regresso à vida a geração que parte dos mortos para os vivos?

— Certamente.

— Portanto, neste aspecto também concordamos: que os vivos nascem dos mortos e, não com menos razão, que os mortos nascem dos vivos. Dessa forma, parece-me que há fundamento bastante para afirmarmos que as almas dos mortos existem em algum lugar, pois isso se faz necessário para que possam regressar à vida (Platão, Fédon, 2005, p. 37 e 38).

Continuando o diálogo maiêutico a respeito da dualidade corpo e alma, Platão tenta ainda provar a existência da alma pelas teorias da “reminiscência” e “ideias como objeto do pensamento”. Após esses raciocínios, Platão prossegue acerca da dicotomia corpo e alma:

— Olha agora, Cebes – prosseguiu Sócrates –, se de tudo quanto dissemos se pode concluir que alma tem grande semelhança com o divino, imortal, inteligível, uniforme, indissolúvel e com o que permanece sempre o mesmo e se comporta da mesma maneira; ao passo que o corpo é bastante semelhante ao que é humano, mortal, não inteligível, multiforme, dissolúvel e ao que nunca se comporta do mesmo modo. Poderemos, meu caro Cebes, alegar alguma razão contra isso e dizer que não é assim? (Platão, Fédon, 2005, p. 57).

[...]

— Quando o homem morre, como já deve ter percebido – continuou ele –, a sua parte visível, o corpo, que jaz patente aos nossos olhos e a que chamamos cadáver, ainda que tenha a característica de dissolver-se, decompor-se e dissipar-se, não entra imediatamente neste estado, mas conserva-se incorrupto, por bastante tempo. E, se aquele que morreu era belo e estava na flor dos anos, o seu corpo resiste muitíssimo mais à corrupção. Sendo, porém, o cadáver embalsamado, como as múmias do Egito, chega a atingir, quase intacto, uma duração incalculável. Além disso, certas partes, como os ossos e tendões, são, por assim dizer, imperecíveis. Não é verdade? (Platão, Fédon, 2005, p. 57 e 58).

— Sim.

— E então a alma, a parte invisível do homem, que vai para um lugar semelhante a ela, nobre, puro, invisível, para o Hades propriamente dito, onde fará companhia à divindade que é boa e sábia, para onde espero ir em breve, se o deus o desejar: uma alma dessa natureza e constituição, deverá, depois de se separar do corpo, ser logo dissipada e perecer, como a maioria dos homens afirma? Bem longe disso, meus caros Cebes e Símiias. Muito ao contrário, a verdade é como vou dizer. Se a alma se separa do corpo em estado de pureza, sem levar nada dele, visto que, durante a vida, não teve voluntariamente relacionamento alguma como ele, mas fugiu-lhe, para se unir a si mesma, a cujo exercício se entregou sempre, o que significa que se dedicou à verdadeira filosofia e a exercitar-se em morrer sem repugnância. Ou não se chamaria isso de exercitar-se em morrer? (Platão, Fédon, 2005, p. 57 e 58).

Apoiando as reflexões de suas descobertas sobre o destino da alma, Kardec lembra o diálogo de Sócrates com os seus juízes, quando este fala sobre a morte e vida como uma mudança de morada. Conforme palavras de Kardec:

Segundo Sócrates, os que viveram na Terra se encontram após a morte e se reconhecem. Mostra o Espiritismo que continuam as relações que entre eles se estabeleceram, de tal maneira que a morte não é nem uma interrupção, nem a cessação da vida, mas uma transformação, sem solução de continuidade (Kardec, ESE, 2006, p. 50).

Dessa forma, o pensamento especulativo e metafísico de Sócrates e Platão sobre a existência e imortalidade da alma (vida e morte) encontra-se na base da Doutrina Espírita erigida por Kardec (não a partir dos filósofos gregos mas a partir dos próprios desencarnados). Kardec refere-se a Sócrates e Platão diversas vezes em sua vasta obra:

Sócrates e Platão, como se vê, compreendiam perfeitamente os diferentes graus de desmaterialização da alma. Insistem na diversidade de situação que resulta para elas da sua *maior ou menor* pureza. O que eles diziam, por intuição, o Espiritismo o prova como os inúmeros exemplos que nos põe sob as vistas (Kardec, O Céu e o Inferno, 2ª parte, 2006, p. 48).

Além disso, estas citações provarão que, se Sócrates e Platão presentiram a ideia cristã, em seus escritos também se nos deparam os princípios fundamentais do Espiritismo (Kardec, ESE, 2006, p. 44).

Pode-se questionar se Denizard Rivail se dedicava à leitura de Sócrates e Platão no tocante à alma, pois seu campo de saber e atuação, na sociedade francesa da sua época, era outro. Com certeza, apenas Allan Kardec, após estar convencido da existência e atuação dos Espíritos (pessoas desencarnadas), passa a se debruçar sobre as especulações desses filósofos acerca do assunto, chegando a ponto de considerar Sócrates e Platão como precursores do Espiritismo, o que de certa forma conferia um grande peso à nascente doutrina, em razão do reconhecido peso dos filósofos clássicos, cujos estudos são citados por todos que se interessem pelo espiritualismo em geral – embora Kardec se pautasse mesmo, para a codificação do Espiritismo, era no fato concreto e observável das manifestações espíritas, bem como nas explicações, orientações e ensinamentos fornecidos pelos Espíritos, que provaram que o homem é um ser espiritual e imortal:

O conceito de espírito é uma categoria lógica, semelhante às de espaço e tempo, que o homem desenvolveu com a experiência sensível. (...) não foi da

imaginação primata (incapaz de tal abstração) que surgiu o conceito de espírito, mas dos fenômenos de aparições, de materializações e de todos os tipos de manifestações paranormais” (Pires, 1983, p. 36, in Incontri, 2006, p. 78).

1.4 Linguagem do Espiritismo¹⁸

Como toda doutrina, o Espiritismo possui sua linguagem própria, formada de um conjunto de termos e conceitos que o singularizam e o caracterizam, diferenciando-o das demais crenças religiosas e filosofias humanistas. Assim, da literatura espírita produzida por Kardec e do seu trabalho, criou-se, principalmente no Brasil (propaladamente o país mais espírita do mundo), toda uma prática e um corpo conceitual que se tornaram tradicionais na comunidade dos centros espíritas. Termos usados por cientistas do Espiritismo são repetidos pelos leigos (de poucas leituras na área), mesmo com uma compreensão limitada ou um tanto distorcida do conceito original. Em outras palavras: o Espiritismo tenta ser popular e fazer com que todos os seus adeptos se instrua na doutrina. Existe até uma frase muito repetida nos centros espíritas: “Espíritas, amai-vos uns aos outros; espíritas, instruí-vos”.

Entre os termos, conceitos e expressões típicas, citam-se como mais comuns e usados mesmo por pessoas sem muito conhecimento teórico: Espírito, alma, imortalidade dos espíritos, eternidade, desencarne, desencarnar, reencarnar, reencarnação, perispírito, fluido cósmico universal, lei de causa e efeito, livre-arbítrio, carma, erraticidade, colônias espirituais, umbral, volitar, pluralidade dos mundos, escala dos Espíritos, Espíritos perfeitos e imperfeitos, Espíritos zombeteiros, obsessão, obsessão, mentor espiritual, guia espiritual, centro espírita, passe magnético, fluidificação das águas, reforma íntima, mediunidade, psicografia, evangelho no lar, cura espiritual, ensino moral, fora da caridade não há salvação, prova da riqueza e da pobreza, fé raciocinada, evolução espiritual, fenômeno mediúnico ou manifestação mediúnica, etc. Assim, todos os frequentadores de uma casa espírita (mesmo os que nem sabem ler) têm a ideia do que seja o Espírito, cuja definição aparece em *O Livro dos Espíritos*:

23. Que é o espírito?

¹⁸ Esse item foi produzido pela autora desta pesquisa a partir de suas leituras diversificadas, tanto de Kardec quanto de outros autores espíritas, e também de sua vivência do Espiritismo – atitude perfeitamente aceitável em ciência, desde que devidamente esclarecida.

“O princípio inteligente do Universo”.

a) – *Qual a natureza íntima do espírito*¹⁹?

“Não é fácil analisar o espírito com a vossa linguagem. Para vós, ele nada é, por não ser palpável. Para nós, entretanto, é alguma coisa. Ficai sabendo: coisa nenhuma é o nada e o nada não existe” (LE, 2007, p. 74).

76. *Que definição se pode dar dos Espíritos?*

“Pode dizer-se que os Espíritos são os seres inteligentes da criação. Povoam o Universo, fora do mundo material”.

Nota – A palavra *Espírito* é empregada aqui para designar as individualidades dos seres extracorpóreos e não mais o elemento inteligente do Universo (LE, 2007, p. 99).

82. *Será certo dizer-se que os Espíritos são imateriais?*

“Como se pode definir uma coisa, quando faltam termos de comparação e com uma linguagem deficiente? Pode um cego de nascença definir a luz? Imaterial não é bem o termo; incorpóreo seria mais exato, pois deves compreender que, sendo uma criação, o Espírito há de ser alguma coisa. É a matéria quintessenciada, mas sem analogia para vós outros, e tão etérea que escapa inteiramente ao alcance dos vossos sentidos”.

Dizemos que os Espíritos são imateriais, porque, pela sua essência, diferem de tudo o que conhecemos sob o nome de matéria. Um povo de cegos careceria de termos para exprimir a luz e seus efeitos. O cego de nascença se julga capaz de todas as percepções pelo ouvido, pelo olfato, pelo paladar e pelo tato. Não compreende as ideias que só lhe poderiam ser dadas pelo sentido que lhe falta. Nós outros somos verdadeiros cegos com relação à essência dos seres sobre-humanos. Não os podemos definir senão por meio de comparações sempre imperfeitas, ou por um esforço da imaginação (LE, 2007, p. 101).

83. *Os Espíritos têm fim? Compreende-se que seja eterno o princípio donde eles emanam, mas o que perguntamos é se suas individualidades têm um termo e se, em dado tempo, mais ou menos longo, o elemento de que são formados não se dissemina e volta à massa donde saiu, como sucede com os corpos materiais. É difícil de conceber-se que uma coisa que tem começo possa não ter fim.*

“Há muitas coisas que não compreendeis, porque tendes limitada a inteligência. Isso, porém, não é razão para que as repilais. O filho não compreende tudo o que a seu pai é compreensível, nem o ignorante tudo o que o sábio apreende. Dizemos que a existência dos Espíritos não tem fim. É tudo o que podemos, por agora, dizer.” (Kardec, LE, 2007, p. 101).

O Espírito é a verdadeira existência do ser humano e existe na condição de encarnado e desencarnado; é uma energia imaterial, inteligente, individual e eterna, que migra por diversos corpos físicos, em sucessivas reencarnações, sem nunca perder a sua identidade própria, ante o princípio da sua imortalidade e eternidade.

Na Doutrina Espírita, os conceitos de Espírito e de alma são diferentes, aplicando-se o primeiro para os seres desencarnados e o segundo para os encarnados. Ainda em *O Livro dos Espíritos*:

¹⁹ A palavra “espírito”, com inicial minúscula, significa o princípio inteligente, contrário à matéria, conceito usado pela filosofia. Já o termo “Espírito”, com inicial maiúscula, designa, no âmbito deste trabalho, os seres desencarnados.

134. *Que é alma?*

“Um Espírito encarnado”.

a) – *Que era a alma antes de se unir ao corpo?*

“Espírito”.

b) – *As almas e os Espíritos são, portanto, idênticos, a mesma coisa?*

“Sim, as almas não são senão os Espíritos. Antes de se unir ao corpo, a alma é um dos seres inteligentes que povoam o mundo invisível, os quais temporariamente revestem um invólucro carnal para se purificarem e esclarecerem” (LE, 2007, p. 124).

149. *Que sucede à alma no instante da morte?*

“Volta a ser Espírito, isto é, volta ao mundo dos Espíritos, donde se apartara momentaneamente” (LE, 2007, p. 133).

150. *A alma, após a morte, conserva a sua individualidade?*

“Sim, jamais a perde. Que seria ela, se não a conservasse?” (LE, 2007, p. 133).

152. *Que prova podemos ter da individualidade da alma depois da morte?*

“Não tendes essa prova nas comunicações que recebeis? Se não fôsseis cegos, veríeis; se não fôsseis surdos, ouviríeis; pois que muito amiúde uma voz vos fala, reveladora da existência de um ser que está fora de vós” (LE, 2007, p. 134).

166. *Como pode a alma, que não alcançou a perfeição durante a vida corpórea, acabar de depurar-se?*

“Sofrendo a prova de uma nova existência”.

a) – *Como realiza essa nova existência? Será pela sua transformação como Espírito?*

“Depurando-se, alma indubitavelmente experimenta uma transformação, mas para isso necessária lhe é a prova da vida corporal”.

b) – *A alma passa então por muitas existências corporais?*

“Sim, todos contamos muitas existências. Os que dizem o contrário pretendem manter-vos na ignorância em que eles próprios se encontram. Esse o desejo deles”.

c) – *Parece resultar desse princípio que a alma, depois de haver deixado um corpo, toma outro, ou, então, que reencarna em novo corpo. É assim que se deve entender?*

“Evidentemente” (Kardec, LE, 2007, p. 142).

As últimas questões e respostas acima já introduzem o conceito de reencarnação, que é o pilar central do Espiritismo, pois dá sustentação à teoria das vidas sucessivas ou pluralidade das existências, que, por sua vez, propicia a evolução do Espírito (por conseguinte, do progresso do homem na Terra), confirmando assim a justiça divina, na propositura de que Deus oferece aos homens inúmeras oportunidades de aprendizagem e reparação de seus erros.

Os Espíritos evoluem através da migração da alma, pelo processo reencarnatório. “A reencarnação é a volta da alma ou Espírito à vida corpórea, mas em outro corpo especialmente formado para ele e que nada tem de comum com o antigo” (ESE, 2006, p. 91).

Portanto, a rigor, o espírita não usa os termos “morrer” e “morte”, e sim “encarnar” e “desencarnar”.

A morte não nivela os Espíritos nem opera milagres transformando o ser humano de mau em bom, pelo simples fato de ele ter deixado o corpo físico. Assim, homens bons e maus, criminosos, infratores de toda ordem, violentos, pacíficos, etc. conservam sua índole terrena quando o Espírito desvincula-se do corpo material. Para outras religiões, o destino dessas pessoas já poderia estar definido após a morte (céu ou inferno). Porém, para o Espiritismo a morte, como vista pelo senso comum, não existe. O que ocorre é a passagem do Espírito de uma dimensão para outra (visível para invisível), com o desencarne.

Tendo em vista a eternidade do Espírito, cada encarnação não representa mais que um átimo de tempo e espaço na vida corpórea. Portanto, não são necessários nem o desespero nem a ilusão da grandiosidade intelectual ou material, durante uma encarnação, que, na verdade, em termo proporcional ao eterno, dura apenas lapsos de segundos, que passam rapidamente, restando ao Espírito toda a eternidade para a sua evolução, educação e felicidade.

Cientificamente, o princípio da reencarnação, segundo o Espiritismo, faz parte da natureza da existência humana: foi assim que Deus criou o homem. Filosófica e religiosamente, significa a benevolência de Deus para que os seres transgressores da ordem divina (Espíritos ainda não evoluídos, homens ignorantes e violentos, bandidos, criminosos, etc.) possam evoluir, chegando à condição de Espíritos perfeitos, pela educação dos pensamentos e atitudes (reforma íntima). O princípio da reencarnação contempla, assim, a máxima crística de que “ninguém poderá ver o reino de Deus se não nascer de novo”. A reencarnação é um dogma do Espiritismo; nenhum espírita duvida da reencarnação, e justifica sua crença dizendo que acredita até por uma questão de lógica, considerando-se que uma vida é muito curta para o pleno desenvolvimento do ser humano. E, diante de tantas diferenças individuais (evidentes e inegáveis aos olhos de todos), o princípio da reencarnação representa as várias oportunidades de aprendizagem para todos, bem como a reparação de faltas e reajustes em relação aos seus atos não-morais. Sem a reencarnação, milhares de Espíritos se perderiam por causa de seus erros e pecados (o termo “pecado” não é do Espiritismo), o que representaria perda de tempo e desperdício (de vida, de energia, de fluido universal) da parte

de Deus – e como Deus é perfeito, não erra, não perde tempo nem desperdiça nenhum elemento da natureza, a reencarnação é uma obviedade dentro da Doutrina Espírita.

Respondem os Espíritos quando questionados por Kardec:

167. *Qual o fim objetivado com a reencarnação?*

“Expição, melhoramento progressivo da Humanidade. Sem isto, onde a justiça?”.

168. *É limitado o número das existências corporais, ou o Espírito reencarna perpetuamente?*

“A cada nova existência, o Espírito dá um passo para diante na senda do progresso²⁰. Desde que se ache limpo de todas as impurezas, não tem mais necessidade das provas da vida corporal”.

169. *É invariável o número das encarnações para todos os Espíritos ?*

“Não; aquele que caminha depressa, a muitas provas se forra. Todavia, as encarnações sucessivas são sempre muito numerosas, porquanto o progresso é quase infinito”.

170. *O que fica sendo o Espírito depois da sua última encarnação?*

“Espírito bem-aventurado; puro Espírito” (Kardec, LE, 2007, p. 143).

Expõe Allan Kardec na questão 222 de *O Livro dos Espíritos* (nessa questão não há pergunta do doutrinador nem resposta dos Espíritos; o item constitui-se de uma extensa observação de Kardec sobre a pluralidade das existências):

Não é novo, dizem alguns, o dogma da reencarnação; ressuscitaram-no da doutrina de Pitágoras. Nunca dissemos ser de invenção moderna a Doutrina Espírita. Constituindo uma lei da Natureza²¹, o Espiritismo há de ter existido desde a origem dos tempos e sempre nos esforçamos por demonstrar que dele se descobrem sinais na antiguidade mais remota (Kardec, LE, 2007, p. 166).

²⁰ O termo “progresso” não tem, em Kardec, o sentido do senso comum ou do pensamento comteano de avanço material, tecnológico, econômico, social. Em Kardec, o progresso se refere ao Espírito, que evolui a cada reencarnação, cumprindo seu destino traçado por Deus de criatura eterna, imortal e perfectível. Trata-se, portanto, do progresso espiritual do homem (do Espírito, encarnado e desencarnado).

²¹ Natureza em Kardec tem o sentido denotativo usado pelas ciências naturais e pelo senso comum, aplicado em relação ao mundo visível, formado pelos reinos vegetal, animal, mineral; ao mundo de astros e dos “elementos da natureza” (terra, água, ar, fogo, céu, fauna, flora); aos fenômenos naturais (chuva, vento, raios, terremotos, etc.); tem o sentido denotativo de “todos os seres que constituem o Universo”, “força ativa que estabeleceu e conserva a ordem natural de tudo quanto existe”, “o mundo visível, em oposição às ideias, sentimentos, emoções, etc.”, “conjunto do que se produz no Universo independentemente de intervenção refletida ou consciente”. Dicionário Aurélio. É, portanto, o conceito de matéria estudada pelas ciências naturais (biológicas e físicas). Trata-se do mundo material natural (criado por Deus?) em oposição ao mundo cultural criado pelo homem (cultura, literatura, artes, filosofias, leis, costumes, hábitos, crenças, religiões, ideologias, política, construções arquitetônicas, etc.).

A reencarnação sob a luz do Espiritismo, no entanto, não é a mesma da metempsicose, antiga crença oriental, principalmente indiana. Na Doutrina Espírita, a reencarnação se dá apenas entre os seres humanos, não envolvendo os animais. Trata-se de mais um dos processos naturais que a ciência ainda descobrirá e registrará como um dos aspectos que compõem a complexidade da existência humana, com destaque especial para a educação progressiva do ser por meio do processo reencarnatório. Portanto:

De encarnação em encarnação, de experiência em experiência, o Espírito vai conquistando sua própria bagagem interior. A criança que recebemos hoje é o Espírito que retorna às lides da Terra para nova etapa evolutiva, trazendo imensa bagagem de seu passado milenar. Quantas existências já teve? Por quais civilizações já viveu? Que sentimentos já desenvolveu no passado? Sentimentos nobres, ideais elevados, vícios depreciativos?

Nesta romagem evolutiva, através dos milênios, de encarnação em encarnação, o Espírito se aperfeiçoa e progride (Alves, 2001, p. 48).

Além dos conceitos de Espírito ou de alma, há na Doutrina Espírita a noção de perispírito, cunhada por Allan Kardec, para explicar a ligação do Espírito ao corpo físico. A resposta foi dada pelos próprios espíritos comunicantes que lhe ditaram todos os ensinamentos com os quais ele elaborou o Espiritismo. Lê-se em *O Livro dos Espíritos*:

93. *O Espírito, propriamente dito, nenhuma cobertura tem, ou, como pretendem alguns, está sempre envolto numa substância qualquer?*

“Envolve-o uma substância, vaporosa para os teus olhos, mas ainda bastante grosseira para nós; assaz vaporosa, entretanto, para poder elevar-se na atmosfera e transportar-se aonde queira.”

Envolvendo o gérmen de um fruto, há o perisperma; do mesmo modo, uma substância que, por comparação, se pode chamar *perispírito*, serve de envoltório ao Espírito propriamente dito.

94. *De onde tira o Espírito o seu invólucro semimaterial?*

“Do fluido universal de cada globo, razão por que não é idêntico em todos os mundos. Passando de um mundo a outro, o Espírito muda de envoltório, como mudais de roupa”.

a) – *Assim, quando os Espíritos que habitam mundos superiores vêm ao nosso meio, tomam um perispírito mais grosseiro?*

“É necessário que se revistam da vossa matéria, já o dissemos” (LE, 2007, p. 104-105).

95. *O invólucro semimaterial do Espírito tem formas determinadas e pode ser perceptível?*

“Tem a forma que o Espírito queira. É assim que este vos aparece algumas vezes, quer em sonho, quer no estado de vigília, e que pode tomar forma visível, mesmo palpável” (Kardec, LE, 2007, p. 104-105).

Segundo Allan Kardec:

O fluido universal é a matéria (ou energia) elementar primitiva que dá origem a tudo que existe no Universo. Tal matéria (ou energia) é extremamente quintessenciada, encontrando-se em todos os pontos do Universo, possibilitando, assim, a origem de matérias diversas, inclusive mais densas (http://pt.wikipedia.org/wiki/Fluido_universal).

O fluido universal é uma substância de diferentes densidades, podendo ser muito sutil ou “mais ou menos condensado, conforme os mundos” (LM, 2007, p. 94) e ainda de acordo com as inumeráveis combinações realizadas com a matéria pela influência do Espírito, aparecendo sob a forma de fluido elétrico (eletricidade), de fluido magnético (magnetismo). O fluido universal exerce um papel intermediário entre o Espírito e a matéria, tendo uma conformação física de conhecimento ainda inatingível ao gênio humano no atual estágio evolutivo. Respondem os Espíritos a Kardec:

29. A ponderabilidade é um atributo essencial da matéria?

“Da matéria como a entendeis, sim; não, porém, da matéria considerada como fluido universal. A matéria etérea e sutil que constitui esse fluido vos é imponderável. Nem por isso, entretanto, deixa de ser o princípio da vossa matéria pesada” (Kardec, LE, 2007, p. 76).

A expressão “carma”, usada no budismo e em movimentos esotéricos orientais, principalmente indianos, com sentidos diversos (mas sempre remetendo às ações humanas e suas consequências), é de largo uso no Espiritismo com um sentido específico: situação vivenciada pelo indivíduo, no plano terreno, como uma decorrência de todo o armazenamento de seus atos (positivos ou negativos), em vivências encarnatórias, cujos registros se encontram alojados no perispírito, prontos a se manifestar no curso da vida material.

Embora Allan Kardec não tenha usado em momento algum a palavra “karma” ou qualquer de suas variações, esta veio a ser mais tarde incorporada ao jargão espírita por alguns espíritas, para designar o nível de evolução espiritual de cada indivíduo, ao qual se devem as circunstâncias favoráveis ou desfavoráveis que venha a encontrar. No entanto, para explicar isto o espiritismo apresenta um conceito mais abrangente: a lei de causa e efeito. Enquanto que normalmente o conceito de karma sugere uma dívida a ser resgatada, a lei de causa e efeito nos apresenta a ideia de que o futuro depende das ações e decisões do presente. Uma causa positiva gera um efeito positivo, enquanto que uma causa negativa gera um efeito igualmente negativo (<http://pt.wikipedia.org/wiki/Karma>).

No meio espírita, o carma vem seguido de expressões explicativas como “lei de causa e efeito”; “lei de ação e reação”; “a sementeira é livre, mas a colheita é obrigatória”, etc.

Assim, o carma está diretamente relacionado com o livre-arbítrio, que é a liberdade conferida a todos os Espíritos (e indivíduos) de dirigirem a sua vida, conforme sua vontade e escolhas – mas com a responsabilidade de arcar com as consequências de seus atos, que se manifestarão de alguma forma, na encarnação presente, na erraticidade (situação dos desencarnados) e em encarnações futuras. Sobre o livre-arbítrio, lê-se em *O Livro dos Espíritos*:

843. *Tem o homem o livre-arbítrio de seus atos?*

“Pois que tem a liberdade de pensar, tem igualmente a de obrar. Sem o livre-arbítrio, o homem seria máquina” (LE, 2007, p. 435).

844. *Não constituem obstáculos ao exercício do livre-arbítrio as predisposições instintivas que o homem já traz consigo ao nascer?*

“As predisposições instintivas são as do Espírito antes de encarnar. Conforme seja este mais ou menos adiantado, elas podem arrastá-lo à prática de atos repreensíveis, no que será secundado pelos Espíritos que simpatizam com essas disposições. Não há, porém, arrastamento irresistível, uma vez que se tenha a vontade de resistir. Lembrei-vos de que querer é poder” (Kardec, LE, 2007, p. 436).

Como se vê, carma e livre-arbítrio estão, de certa forma, intimamente ligados, no sentido de que ações (negativas ou positivas) nem sempre são conscientes na encarnação atual, estando já inscritas no perispírito como fruto de encarnações passadas, levando o indivíduo a agir ou reagir por impulso ou instinto, sem o uso consciente da sua vontade e razão. O bruto, o ignorante, o inconsequente, o irascível, por exemplo, não decidiram, conscientemente, ser como são. Agem por impulsos, que não conseguem controlar (tentando ou não fazê-lo), mas mesmo assim terão que reparar seus erros, de acordo com a lei espiritual.

Erraticidade é o estado no qual os Espíritos desencarnados se encontram à espera de nova encarnação, chamando-se Espíritos errantes todos aqueles que ainda precisam reencarnar. É um estado não-visível no qual os Espíritos desencarnados estagiam, repousam, aprendem, estudam, tratam-se, refletem, fazem autoanálise, e se preparam para a volta ao corpo físico, seguindo o processo da evolução. No estado de erraticidade, os Espíritos desencarnados se comunicam, se locomovem, voam (volitam). O espaço da erraticidade pode estar circunscrito aos postos de atendimento (colônias espirituais, hospitais, escolas), como pode ser o espaço aberto do plano terreno, ao redor dos encarnados – os espíritas afirmam e acreditam que nós, os encarnados, estamos sempre cercados de dezenas de desencarnados, durante todo o tempo e em todos os lugares, nas ruas, nas casas, nos campos abertos, no espaço acima das nossas cabeças. Dependendo do nível de evolução do Espírito desencarnado, este pode ser conduzido a um tipo de erraticidade sombria, determinada de

“umbral” ou regiões trevosas (inferno), onde o Espírito sofre todo tipo de pena, ficando à mercê de ataques de outros Espíritos que estagiam no mesmo nível de sintonia (os propalados obsessores). Sem dar a definição específica de erraticidade, conceito que se extrai pela sua circunstância, Kardec inquire os Espíritos sobre esse assunto:

224. *Que é a alma no intervalo das encarnações?*

“Espírito errante, que aspira a novo destino, que espera”.

a) — *Quanto podem durar esses intervalos?*

“Desde algumas horas até alguns milhares de séculos. Propriamente falando, não há extremo limite estabelecido para o estado de erraticidade, que pode prolongar-se muitíssimo, mas que nunca é perpétuo. Cedo ou tarde, o Espírito terá que volver a uma existência apropriada a purificá-lo das máculas de suas existências precedentes.”

b) — *Essa duração depende da vontade do Espírito, ou lhe pode ser imposta como expiação?*

“É uma conseqüência do livre-arbítrio. Os Espíritos sabem perfeitamente o que fazem. Mas, também, para alguns, constitui uma punição que Deus lhes inflige. Outros pedem que ela se prolongue, a fim e continuarem estudos que só na condição de Espírito livre podem efetuar-se com proveito”.

225. *A erraticidade é, por si só, um sinal de inferioridade dos Espíritos?*

“Não, porquanto há Espíritos errantes de todos os graus. A encarnação é um estado transitório, já o dissemos. O Espírito se acha no seu estado normal, quando liberto da matéria”.

226. *Poder-se-á dizer que são errantes todos os Espíritos que não estão encarnados?*

“Sim, com relação aos que tenham de reencarnar. Não são errantes, porém, os Espíritos puros, os que chegaram à perfeição. Esses se encontram no seu estado definitivo”.

230. *Na erraticidade, o Espírito progride?*

“Pode melhorar-se muito, tais sejam a vontade e o desejo que tenha de conseguir. Todavia, na existência corporal é que põe em prática as ideias que adquiriu”.

258. *Quando na erraticidade, antes de começar nova existência corporal, tem o Espírito consciência e previsão do que lhe sucederá no curso da vida terrena?*

“Ele próprio escolhe o gênero de provas por que há de passar e nisso consiste o seu livre-arbítrio” (Kardec, LE, 2007, p. 177, 178, 179 e 195).

Jesus disse: “Há muitas moradas na casa de meu pai”²². Essa máxima bíblica é traduzida no Espiritismo pelo princípio da pluralidade dos mundos. Discorrendo sobre as diferentes categorias de mundos habitados, Kardec registra o ensino dos Espíritos superiores de que existem diversos níveis de mundos (perfeitos, inferiores, intermediários), de acordo com o desenvolvimento intelectual e moral dos Espíritos que os habitam. Sobre as diferentes categorias de mundos habitados, tem-se o seguinte:

²² Bíblia Sagrada, João, 14:1 a 3.

Do ensino dado pelos Espíritos, resulta que muito diferentes umas das outras são as condições dos mundos, quanto ao grau de adiantamento ou de inferioridade dos seus habitantes. Entre eles há os em que estes últimos são ainda inferiores aos da Terra, física e moralmente; outros, da mesma categoria que o nosso; e outros que lhe são mais ou menos superiores a todos os respeitos. Nos mundos inferiores, a existência é toda material, reinam soberanas as paixões, sendo quase nula a vida moral. À medida que esta se desenvolve, diminui a influência da matéria, de tal maneira que, nos mundos mais adiantados, a vida é, por assim dizer, toda espiritual.

Nos mundos intermédios, misturam-se o bem e o mal, predominando um ou outro, segundo o grau de adiantamento da maioria dos que os habitam. Embora se não possa fazer, dos diversos mundos, uma classificação absoluta, pode-se, contudo, em virtude do estado em que se acham e da destinação que trazem, tomando por base os matizes mais salientes, dividi-los, de modo geral, como segue: *mundos primitivos*, destinados às primeiras encarnações da alma humana; *mundos de expiação e provas*, onde domina o mal; *mundos de regeneração*, nos quais as almas que ainda têm o que expiar haurem novas forças, repousando das fadigas da luta; *mundos ditosos*, onde o bem sobrepuja o mal; *mundos celestes ou divinos*, habitações de Espíritos depurados, onde exclusivamente reina o bem. A Terra pertence à categoria dos mundos de expiação e provas, razão por que aí vive o homem a braços com tantas misérias (Kardec, ESE, 2006, p. 76-77). (Sem grifos no original).

A literatura espírita recente apresenta cada vez mais mensagens psicografadas sobre o destino da Terra, que estaria, no alvorecer do terceiro milênio, passando do segundo para o terceiro estágio, ou seja, deixaria de ser “mundo de expiação e provas” e adentraria, finalmente, em regozijo, o nível de “mundo de regeneração”, no qual o ser humano aprenderia a prática do amor e da caridade, depois de ter, durante milênios, passado por vários estágios evolutivos terrenos e desenvolvido, principalmente, faculdades intelectuais e materiais, englobando comércio, ciência, tecnologia, etc.

Em *O Livro dos Espíritos*, os próprios Espíritos esclarecem que existem diferentes ordens de Espíritos, como segue:

96. São iguais os Espíritos, ou há entre eles qualquer hierarquia?

“São de diferentes ordens, conforme o grau de perfeição que tenham alcançado”.

97. As ordens ou graus de perfeição dos Espíritos são em número determinado?

“São ilimitadas em número, porque entre elas não há linhas de demarcação traçadas como barreiras, de sorte que as divisões podem ser multiplicadas ou restringidas livremente. Todavia, considerando-se os caracteres gerais dos Espíritos, elas podem reduzir-se a três principais.

“Na primeira, colocar-se-ão os que atingiram a perfeição máxima: os puros Espíritos. Formam a segunda os que chegaram ao meio da escala: o desejo do bem é o que neles predomina. Pertencerão à terceira os que ainda se acham na parte inferior da escala: os Espíritos imperfeitos. A ignorância, o desejo do mal e todas as paixões más que lhes retardam o progresso, eis o que os caracteriza”.

98. *Os Espíritos da segunda ordem, para os quais o bem constitui a preocupação dominante, têm o poder de praticá-lo?*

“Cada um deles dispõe desse poder, de acordo com o grau de perfeição a que chegou. Assim, uns possuem a ciência, outros a sabedoria e a bondade. Todos, porém, ainda têm que sofrer provas”.

99. *Os da terceira categoria são todos essencialmente maus?*

“Não; uns há que não fazem nem o mal nem o bem; outros, ao contrário, se comprazem no mal e ficam satisfeitos quando se lhes depara ocasião de praticá-lo. Há também os levianos ou *estouvados*, mais perturbadores do que malignos, que se comprazem antes na malícia do que na malvadez e cujo prazer consiste em mistificar e causar pequenas contrariedades, de que se riem” (Kardec, LE, 2007, p. 105-106).

A segunda e a terceira categorias apresentam subdivisões, trazendo um escalonamento dos Espíritos de acordo com o seu nível de perfeição. Na terceira, a dos imperfeitos, existem cinco classes: Espíritos impuros, Espíritos levianos (zombeteiros), Espíritos pseudossábios, Espíritos neutros, Espíritos batedores e perturbadores. Na segunda ordem, a dos bons Espíritos, constam quatro grupos: Espíritos benévolos, Espíritos sábios, Espíritos de sabedoria e Espíritos superiores. Finalmente, a primeira ordem, a dos Espíritos puros, é formada de uma única classe: Espíritos puros (LE, 2007, 109 a 115).

Outro conceito de citação corrente é o da obsessão. Obsessão, segundo o espiritismo, é a interferência prejudicial exercida por um Espírito sobre outro, sejam eles “encarnados” (isto é, homens vivos) ou “desencarnados” (isto é, pessoas falecidas)” (<http://pt.wikipedia.org/wiki/Obsessao>). Indagando aos seres imortais sobre a obsessão, Kardec recebe o seguinte ensinamento:

237. Entre os escolhos que apresenta a prática do Espiritismo, cumpre se coloque na primeira linha a *obsessão*, isto é, o domínio que alguns Espíritos logram adquirir sobre certas pessoas. Nunca é praticada senão pelos Espíritos inferiores, que procuram dominar. Os bons Espíritos nenhum constrangimento infligem. Aconselham, combatem a influência dos maus e, se não os ouvem, retiram-se. Os maus, ao contrário, se agarram àqueles de quem podem fazer suas presas. Se chegam a dominar algum, identificam-se com o Espírito deste e o conduzem como se fora verdadeira criança.

A obsessão apresenta caracteres diversos, que é preciso distinguir e que resultam do grau do constrangimento e da natureza dos efeitos que produz. A palavra *obsessão* é, de certo modo, um termo genérico, pelo qual se designa esta espécie de fenômeno, cujas principais variedades são: a *obsessão simples*, a *fascinação* e a *subjugação* (Kardec, LM, 2007, p. 317).

Dos três tipos de obsessão, a subjugação é a mais grave, sendo denominada também de “possessão”. Trata-se de uma situação em que a pessoa obsidiada fica sob

verdadeiro jugo do espírito obsessor. O Espiritismo apresenta também as causas da obsessão (que geralmente estão relacionadas com erros do passado dos Espíritos envolvidos no fenômeno: obsessor e obsidiado) e os meios de combatê-la, que, via de regra, pressupõem a prece, a instrução e a mudança de comportamento de ambos, no sentido de exercitar a pacificação e o entendimento fraterno (que fazem parte da reforma íntima ou evolução interior, dever de todas as pessoas).

No processo de obsessão, como em todos os momentos da vida do ser humano, as pessoas podem sempre contar com seus guias espirituais, seus mentores, seus anjos da guarda – Espíritos bons e superiores encarregados por Deus para estar junto das pessoas a fim de lhes inspirar bons pensamentos, afastar alguma adversidade que lhes advenha, guiá-las em diversas situações e inclusive combater-lhes as más tendências.

A melhor ferramenta para se afastar da influência dos Espíritos obsessores é a reforma íntima, pregada em todos os centros e palestras espíritas como a ideia central a ser cultivada pelos adeptos do Espiritismo, em sua trajetória evolutiva. A reforma íntima consiste na autoanálise, autocrítica, autojulgamento, autodesenvolvimento, objetivando que cada indivíduo, no seu foro íntimo, de posse dos ensinamentos crísticos e morais, se conscientize dos próprios atos e suas conseqüências, caminhando sempre no sentido do bem, colocando em prática os ensinamentos recebidos, visando a sua evolução espiritual. Trata-se da autoeducação, que os espíritas realizam com resignação e prazer, tentando melhorar-se a cada dia, sob o lema: “se não for por amor, vai pela dor”. Assim, a aceitação do carma ajuda na reforma íntima.

Uma outra maneira de o espírita prosseguir na sua evolução espiritual e combater as suas más tendências (e inclusive os obsessores) é a realização do recomendado culto no lar (evangelho no lar), pequena reunião familiar semanal, com dia e horário previamente marcados e rigorosamente seguidos, em que os membros da família realizam sessões para leituras, orações, fluidificação de água, agradecimentos a Deus e aos Espíritos protetores. Acredita-se que essa prática tem o poder de proteger a casa e a vizinhança toda, atraindo vibrações positivas e fluidos benéficos para todos e para o local. Uma das recomendações dadas nos centros espíritas para a cura espiritual é a realização do culto no lar.

Os espíritas se reúnem para seus estudos e para a sua prática filosófica e religiosa nos centros ou casas espíritas, que geralmente, em seus títulos, ostentam nomes próprios de vultos proeminentes do Espiritismo ou nomes comuns que representam algumas de suas palavras-chave: Centro Espírita André Luiz, Centro Espírita Bezerra de Menezes, Casa do Caminho, Centro Espírita Amor e Caridade, Irradiação Espírita, Casa da Prece, etc.

Os trabalhos nessas casas seguem uma rotina mais ou menos semelhante em todo o país: após as boas-vindas, informações gerais sobre o andamento da casa (que também podem vir no fim da sessão) e uma prece inicial, há leituras, estudos e/ou palestras versando sobre temas do Espiritismo, com base nas obras de Allan Kardec (principalmente *O Evangelho segundo o Espiritismo*) e outros autores espíritas; são realizadas sessões de desobsessão (de regra, médiuns recebem entidades espirituais que estariam obsidiando pessoas encarnadas, sendo tais entidades esclarecidas da sua realidade espiritual, e ainda orientadas para se afastarem, sendo conduzidas por espíritos de orientadores ou de luz, com a ajuda de doutrinadores (vivos) presentes na sessão com essa finalidade, para esferas espirituais a fim de receberem a assistência de que necessitam); aplicam-se passes magnéticos, coletivos e/ou individuais, sobre os presentes (trabalhadores da casa impõem as mãos sobre a cabeça dos presentes, fazendo gestos ou não, balbuciando ou realizando em silêncio preces, numa oferta de energias espirituais salutares, em nome de Deus e Jesus, pedindo bênçãos e cura para a pessoa e seus familiares); procede-se à fluidificação de águas, que são oferecidas em copinhos aos presentes no final do encontro (as pessoas também levam garrafas com água, que, pela prece e imposição das mãos dos trabalhadores da casa, é magnetizada com fluidos e medicamentos espirituais, devendo ser tomada em pequenas doses, várias vezes ao dia, quando se deve também fazer uma oração); são realizadas sessões de tratamento físico e perispiritual (em alguns centros há um médium específico que recebe (incorpora) determinado médico espiritual (desencarnado), realizando tratamentos de diversos tipos sobre os que procuram os centros em busca desse tipo de ajuda, aos quais sempre é alertado que receberão a cura “de acordo com sua fé e merecimento”).

Em muitos centros, os trabalhos são enriquecidos com música suave, hinos e músicas religiosas. O ambiente místico (de concentração e recolhimento espiritual) é preparado com penumbra e/ou luzes azuis ou verdes – sendo ainda a concentração solicitada por meio de cartazes nas paredes com uma frase que se tornou clássica nos centros espíritas: “O silêncio é uma prece”. E para as crianças e adolescentes, existe na maioria das casas, uma

parte separada, denominada geralmente de “evangelização”, em que as crianças são entretidas com atividades artísticas e lúdicas, e algum instrutor da casa ministra ensinamentos básicos do Espiritismo, fazendo com que adolescentes interajam, discutindo as ideias transmitidas.

Algumas dessas casas, em dias e horários diferentes (de acordo com a programação de cada uma), realizam ainda as obras de caridade: confecção de enxovais para recém-nascidos; cozimento e distribuição de sopa a comunidades carentes; arrecadação de alimentos e roupas (Campanha Auta de Souza) em residências, também com destino a comunidades necessitadas; pequenas caravanas de visitas a enfermos em hospitais; assistência e mesmo manutenção de creches, asilos, albergues, sanatórios; e outras atividades diversas, dependendo da dimensão e posses financeiras do centro espírita (e ainda se ele conta com a ajuda da FEB e de outras entidades assistencialistas ou governamentais, e ainda com doações da iniciativa privada).

Figura essencial no trabalho espírita é a do médium, assim como é fundamental a prática da incorporação. Isso porque o Espiritismo, como o próprio nome já diz, centra-se no contato com os Espíritos, ou seja, o contato entre encarnados e desencarnados. O médium (do latim *médium*, que significa “meio”) é o instrumento que possibilita o intercâmbio de comunicação entre vivos e mortos. Ele transmite ideias, ensinamentos, pensamentos, mensagens, orientações, vindos dos Espíritos desencarnados. A mediunidade é uma faculdade que as pessoas possuem em graus diferentes, conforme expõe Kardec:

Todo aquele que sente, num grau qualquer, a influência dos Espíritos é, por esse fato, médium. Essa faculdade é inerente ao homem; não constitui, portanto, um privilégio exclusivo. Por isso mesmo, raras são as pessoas que dela não possuam alguns rudimentos. Pode, pois, dizer-se que todos são, mais ou menos, médiuns. Todavia, usualmente, assim só se qualificam aqueles em quem a faculdade mediúnica se mostra bem caracterizada e se traduz por efeitos patentes, de certa intensidade, o que então depende de uma organização mais ou menos sensitiva. É de notar-se, além disso, que essa faculdade não se revela, da mesma maneira, em todos. Geralmente, os médiuns têm uma aptidão especial para os fenômenos desta, ou daquela ordem, donde resulta que formam tantas variedades, quantas são as espécies de manifestações. As principais são: *a dos médiuns de efeitos físicos; a dos médiuns sensitivos, ou impressionáveis; a dos audientes; a dos videntes; a dos sonambúlicos; a dos curadores; a dos pneumatógrafos; a dos escreventes, ou psicógrafos* (Kardec, LM, 2007, p. 211-212).

No dia-a-dia dos centros espíritas, a mediunidade mais conhecida e praticada é a da incorporação, pela qual o Espírito desencarnado atua na mente do médium (a pessoa viva

que “recebe” a morta, ou melhor, recebe o Espírito desencarnado), através de seu sistema nervoso, manifestando-se de diversas formas de acordo com seu nível, seus sentimentos, seus sofrimentos, enfim, de acordo com as mensagens que queira transmitir (faladas ou escritas), levando o médium, em transe mediúnicos, a ter reações físicas e psíquicas diversas, falando, gesticulando, manifestando dor e revolta, alegria e tristeza, raiva e desespero, etc. – sentimentos e sensações que o Espírito está sentindo e expressa através do médium. Na incorporação, ocorre a psicofonia (do grego *psyké*, alma, e *phoné*, som, voz), que é o fenômeno mediúnicos em que um Espírito se comunica através da voz de um médium.

Outra faculdade mediúnica muito realizada é a psicografia (escrita ditada a um médium por um Espírito), cujo vulto brasileiro de maior produção literária e evidência foi Francisco Cândido Xavier (Chico Xavier), que psicografou mais de 400 livros. Chico Xavier atendia ainda a milhares de pessoas que o procuravam diariamente, vindo de todo o país, com problemas diversos, com doenças graves, e ainda querendo saber notícias e receber mensagens de pessoas queridas desencarnadas, sendo imenso o volume de pessoas atendidas e mensagens psicografadas por ele, que incansavelmente atendeu e acudiu milhares de encarnados e desencarnados sofredores e desesperados. É grande o número de médiuns psicográficos, o que faz com que a literatura espírita psicografada conte com milhares de obras, sendo um convite fascinante e profícuo a vários tipos de leitores. As obras psicografadas abrangem desde estudos e teorias espíritas a episódios com personagens desencarnadas envolvidas em diversos tipos de tramas (romances espíritas).

Notórios casos de psicografia estão no âmbito do Poder Judiciário brasileiro, como prova penal, relativamente a processos cuja decisão, favorável ou contrária ao réu, dependeu direta ou indiretamente de cartas psicografadas que tiveram o peso de um dos meios de prova no tribunal. A Revista Jurídica Consulex de julho de 2006 traz alguns episódios marcantes, citando inclusive nomes próprios de réus e juízes²³. Outro caso, mais recente, datado de 2006, está descrito na revista Universo Espírita²⁴.

²³ “Dos três episódios a que nos referimos, dois ocorreram no Estado de Goiás, em 1976, e os respectivos processos foram submetidos, em momentos diversos, ao mesmo Juiz de Direito, Doutor Orimar de Bastos. Figuraram como réus, respectivamente, João França e José Divino Nunes. No primeiro processo, o juiz optou pela absolvição sumária por entender que o agente não atuou com dolo ou culpa por ocasião do disparo. O réu não chegou a ser submetido a julgamento popular perante o juiz natural dos crimes dolosos contra a vida. No segundo, o réu acabou absolvido pelo Tribunal do Júri, por seis votos contra um. Em ambos, reafirme-se, relatos baseados no espiritismo, ou seja, legados à psicografia. O terceiro episódio ocorreu em 1980, no Mato Grosso do Sul, e o réu João Francisco de Deus terminou condenado, em segundo julgamento, por homicídio culposo, pela morte de sua esposa Gleide Maria Dutra, atingida com um disparo de arma de fogo na região do pescoço.

A expressão “fé raciocinada” representa um dos mais caros princípios do Espiritismo, sendo repetida em quase todas as palestras espíritas. Pelo uso da dedução lógica, o espírita explica a sua fé e crença na existência de Deus, dos Espíritos e em todos os princípios da doutrina. Não se trata mais de uma fé cega, dogmática, aceita sem explicações ou contestações. O espírita raciocina assim: o universo, tão perfeito e infinito há de ter um criador; todo criador é maior que a coisa criada; portanto Deus existe como o grande criador não criado; não pode haver nada maior que Ele, pois, se houvesse, essa coisa é que seria Deus; tudo que existe é permitido por Deus; como Deus é bondade, amor e justiça supremos, Ele não abandona nenhum filho seu (“qual pai daria uma serpente ao filho que lhe pede um peixe?”); se Deus não abandona, ele dá muitas chances de recuperação (Jesus mandou perdoar não sete vezes mas setenta vezes sete); o demônio (como entidade do mal) não existe, pois sua existência representaria um mal para os filhos de Deus, e Ele não permitiria isso; além do mais, se o demônio existisse, seria um rival de Deus, medindo forças com Este; e Deus não aceitaria essa condição, que na verdade é ridícula e representa a realidade dos homens, na qual há rivalidades, rixas, contendas, etc.; Deus está acima disso, e não se pode fazer imagem tão mesquinha de um ser tão supremo; os demônios são apenas os Espíritos de pessoas que foram más enquanto vivas; mas, como Deus é o perdão e a bondade supremos, Ele permite várias oportunidades de reparação de erros aos seus filhos, daí as centenas de encarnações pelas quais passa cada Espírito; sendo Deus a bondade, o amor e a justiça supremos, Ele não criaria, ao seu bel-prazer, aleatoriamente, sem nenhuma razão, pessoas tão diferentes (bonitas e feias, sadias e doentes, perfeitas fisicamente e aleijadas, ricas e pobres, etc.), pois, se assim o fizesse, estaria agindo com injustiça; logo as diferenças individuais são o resultado de erros e merecimentos do passado (carma), pelas quais se cumpre a justiça de Deus (afinal, homens bons e maus não podem ter o mesmo destino após o desencarne, pois isso não seria justo).

Ou seja, pela dedução, pelo pensamento silogístico, e ainda pelas manifestações concretas dos Espíritos, é erguida uma fé inabalável, resistente a qualquer contra-argumento, por ser construída à luz de provas e de raciocínios pelo menos inteligentes, consoladores – se não verídicos... Eis a fé raciocinada do Espiritismo, que realmente consola, conforta, conforma. Igualmente consola e conforta a alegre promessa do reencontro, no plano espiritual,

Recentemente, ocorreu novo caso em que material psicografado foi levado à discussão e apreciação no plenário do Júri, desta vez no Estado do Rio Grande do Sul, fazendo ressurgir a discussão sobre o tema” (Ano X, n. 229, 31.07.2006, p. 27).

²⁴ Psicografia é utilizada como prova de defesa em tribunal (Universo Espírita, n. 32, Ano 3, 2006, p. 48 -49).

dos entes queridos, dos familiares. Para o Espiritismo a família não se esfacela com o desencarne; ao contrário, todos acabam se encontrando um dia e muitos ficam para sempre juntos, através de sucessivas encarnações, por meio de diversos laços (amizade, matrimônio, filiação, etc.).

A fé raciocinada é corolário natural do cientificismo buscado por Allan Kardec, ao realizar a codificação da Doutrina Espírita, partindo das manifestações dos Espíritos (vistas, provadas, analisadas). O próprio Kardec, que inicialmente não acreditava, mostrou que a fé necessita de base, que consiste na aplicação da inteligência e da razão ao seu objeto. Para crer é preciso compreender e foi isso que Kardec demonstrou, é sobre isso que o espírita edifica sua fé. *O Evangelho segundo o Espiritismo* enuncia:

Em certas pessoas, a fé parece de algum modo inata; uma centelha basta para desenvolvê-la. Essa facilidade de assimilar as verdades espirituais é sinal evidente de anterior progresso. Em outras pessoas, ao contrário, elas dificilmente penetram, sinal não menos evidente de naturezas retardatárias. As primeiras já creram e compreenderam; trazem, ao *renascerem*, a intuição do que souberam: estão com a educação feita; as segundas tudo têm de aprender: estão com a educação por fazer. Ela, entretanto, se fará e, se não ficar concluída nesta existência, ficará em outra.

A resistência do incrédulo, devemos convir, muitas vezes provém menos dele do que da maneira por que lhe apresentam as coisas. A fé necessita de uma base, base que é a inteligência perfeita daquilo em que se deve crer. E, para crer, não basta *ver*; é preciso, sobretudo, *compreender*. A fé cega já não é deste século²⁵, tanto assim que precisamente o dogma da fé cega é que produz hoje o maior número dos incrédulos, porque ela pretende impor-se, exigindo a abdicação de uma das mais preciosas prerrogativas do homem: o raciocínio e o livre-arbítrio. É principalmente contra essa fé que se levanta o incrédulo, e dela é que se pode, com verdade, dizer que não se prescreve. Não admitindo provas, ela deixa no espírito alguma coisa de vago, que dá nascimento à dúvida. A fé raciocinada, por se apoiar nos fatos e na lógica, nenhuma obscuridade deixa. A criatura então crê, porque tem certeza, e ninguém tem certeza senão porque compreendeu. Eis por que não se dobra. *Fé inabalável só o é a que pode encarar de frente a razão, em todas as épocas da Humanidade.*

A esse resultado conduz o Espiritismo, pelo que triunfa da incredulidade, sempre que não encontra oposição sistemática e interessada (Kardec, ESE, 2006, p. 342 a 344).

Um aspecto característico do Espiritismo (e de certa forma incomodativo a algumas pessoas, principalmente aquelas que têm ideologias políticas de esquerda) é que essa doutrina não tem um caráter socialista, no sentido científico do termo (análise das diferenças e classes sociais pelas diversas correntes sociológicas) e não faz crítica social. Seria

²⁵ Século XIX. Nota por nós acrescentada ao original, indicando a qual século Kardec se refere (o século em que ele viveu e produziu).

depreciativo dizer-se que o a Doutrina Espírita prega o conformismo – mas, *grosso modo*, é quase isso. Se não prega o conformismo, no sentido da inércia, também não recomenda o embate de forças diante das divergências sociais e econômicas (próprias do capitalismo e de outras estruturas sociais). O que o Espiritismo quer é a harmonia social, em nome da pacificação, da humildade, do amor, da caridade – e do cumprimento do carma.

Assim, em *O Evangelho segundo o Espiritismo*, no capítulo denominado *Não se pode servir a Deus e a Mamom*, encontram-se itens cujos títulos revelam a ideologia socioeconômica professada abertamente pelo Espiritismo: *Utilidade providencial da riqueza; Provas da riqueza e da miséria; Emprego da riqueza; Desprendimento dos bens terrenos*; etc. É a mesma ideologia que se encontra nos filósofos clássicos que embasaram o pensamento de Kardec, nos ensinamentos de Jesus, em seitas esotéricas e místicas orientais: o desprendimento dos bens terrenos é salutar ao espírito, sendo as virtudes a maior riqueza do homem, o único bem imorredouro que ele leva para a outra vida (a vida espiritual).

Engana-se quem pensar que encontrará uma grande discussão sociológica na obra *Socialismo e Espiritismo*, de Léon Denis, discípulo de Kardec e um dos maiores teóricos da Doutrina Espírita depois de Kardec. Bastam alguns trechos dessa obra para demonstrar o caráter quase estoico com que as pessoas devem aceitar sua prova da pobreza, pois um conceito que o Espiritismo não aborda é o de luta de classes sociais e econômicas. Ricos e pobres passam pelas provas que solicitaram para cumprir na presente encarnação, nas quais podem fracassar ou das quais podem sair vitoriosos, sendo a prova da riqueza pior porque coloca a pessoa na terrível posição do egoísmo e junto de muitas tentações. O rico deve ajudar ao pobre, vencendo o seu egoísmo. O pobre deve aceitar a sua condição, lutar honesta e pacificamente para melhorar sua situação financeira e ser grato por qualquer ajuda que lhe seja concedida pelo seu irmão mais abastado. Assim, a discussão de Léon Denis sobre o socialismo se resume aos princípios espíritas (positivos e negativos) da caridade, do amor ao próximo, do egoísmo, da maldade. São explicações simples e querem dizer que cada um deve carregar a sua cruz (que tem o tamanho do seu merecimento), tendo como exemplo o Cristo e combatendo as más tendências – que são a causa de todo o mal na sociedade.

Para o Espiritismo, os bens são concedidos em custódia e o seu usufruto representa valores espirituais que são creditados aos que compreenderam que esses bens não lhes pertencem, sendo o homem mero instrumento no uso da propriedade a serviço do conjunto social. 22

[...]

Espiritismo e Socialismo estão unidos por laços estreitos, visto que um oferece ao outro o que lhe falta a mais, isto é, o elemento de sabedoria, de justiça, de ponderação, as altas verdades e o nobre ideal sem o qual corre ele o risco de permanecer impotente ou de mergulhar na escuridão da anarquia. 31

[...]

Perguntar-me-ão se este sentimento elevado de justiça e de solidariedade, se este ideal superior é conciliável com o conflito dos interesses e a luta pela vida. Pode-se exigir do homem, em nome de princípios políticos ou de direitos econômicos, que ele renuncie ao seu egoísmo, ao seu amor-próprio, ao seu áspero agarramento aos bens materiais? 50

[...]

Enquanto o homem ignorar o alcance de seus atos e sua repercussão sobre o seu destino, não haverá melhoria durável na sorte da Humanidade. O problema social é, sobretudo, um problema moral, dissemos. O homem será desgraçado enquanto for mau. 51

[...]

A sociedade não é senão um agrupamento de almas. Para melhorar o todo, é preciso melhorar cada célula social, isto é, cada indivíduo. Expusemos alhures as desordens de nossa época, as misérias de nosso século atormentado, e demonstramos as suas principais causas. Falamos do egoísmo de uns, da rapacidade de outros (...). 67

A inveja, o ciúme, engendraram o ódio entre as classes pobres. É preciso anular o ódio do coração humano, pois com ele não há paz, harmonia, felicidade possíveis. O ódio não pode ser vencido pelo ódio, diz a sabedoria antiga: ele não pode ser vencido senão pela bondade, a benevolência, a tolerância. 68

[...]

O abuso dos prazeres, o excesso do luxo, o alcoolismo, o deboche se resgatam pelo sofrimento, as privações, a miséria. Aprendamos a ser sóbrios e comedidos em todas as coisas. O operário frequenta muito os bares, prefere os filmes realistas e os lugares malfazejos. Mas é preciso que as classes dirigentes dêem o exemplo para não fazê-lo tornar o prazer a regra predominante de sua vida (Denis, 1987, p. 22, 31, 50, 51, 67, 68 e 102). (Sem grifos no original)

Como se percebe pelas palavras de Léon Denis, as diferenças sociais são resultado de diferenças morais. O pensador espírita vai além nesse seu posicionamento: ele credita valores positivos aos ricos em detrimento dos pobres. Ao se referir ao operário, ele usa o termo “prefere”, passando por cima da realidade socioeconômica que determina ao pobre as suas opções de lazer, de trabalho – de vida, enfim – possíveis, aquelas possibilidades que lhe sobram dentro do sistema capitalista naturalmente segregador. O pobre deve se espelhar no rico, do qual vêm os bons exemplos. As orientações de Léon Denis no campo social representam o pensamento comum da doutrina: o Espiritismo não tem preocupações sociais, o Espiritismo não faz a crítica social do tipo empregado pelas ciências sociais.

A Doutrina Espírita afirma ainda que o Espírito não retrograda, que pode até ficar estacionado (parado, sem evoluir, sem crescer espiritualmente) durante encarnações ou no estado de erraticidade, mas que não perde o que adquiriu de bom em vidas passadas. E finalmente vaticina: “todos estão condenados à evolução”, ou seja, a evolução é inevitável,

quer o Espírito queira ou não. Assim, por mais renitente e endurecido que ele seja, passem milhões de anos, um dia ele verá a luz, um dia ele chegará ao Pai.

Em síntese, o Espiritismo é uma doutrina filosófica e religiosa pacifista, doce e suave, mesmo que firme e rígida em seus princípios – e tão verdadeira quanto qualquer ciência. Pelo menos é assim exposta e vista pelos seus mentores (os Espíritos), seu codificador (Allan Kardec) e seus adeptos.

CAPÍTULO II – CIÊNCIA ESPÍRITA: POSITIVISTA?

Allan Kardec autodefine-se como positivista no seu trabalho de codificação do Espiritismo. Em suas declarações, ele historia como se engajou nessa pesquisa. Convidado por amigos para conhecer o fenômeno das mesas girantes, ele, no início cético e duvidoso, finalmente aceitou e acabou se interessando verdadeiramente pelo assunto. Conta que, em seu trabalho, usou a observação direta dos fatos e fenômenos, registrando-os com o máximo rigor e seriedade, anotando o que os Espíritos falavam, e passando pelo crivo do raciocínio lógico todo o conteúdo da fala dos Espíritos. Ele declara, assim, que foi positivista. E classifica de científico o seu trabalho.

Mas pode-se indagar: Kardec, ao codificar o Espiritismo, teria feito mesmo ciência? E teria de fato sido positivista?

Por outro lado, quais eram os parâmetros do que se considerava ciência em sua época (século XIX – nasceu em 1804 e faleceu em 1869)? No quadro geral da história da epistemologia científica, o século XVIII é classificado como racionalista, e o XIX, como positivista. O positivismo opõe-se ao idealismo, ao inatismo e ao racionalismo (no sentido de que a verdade tem sua origem nos fatos e não na razão). Mas Kardec considera-se racional e positivista ao mesmo tempo. Com isso ele quis dizer que analisava os fatos à luz da razão. O que não é incoerente, pois uma coisa é o racionalismo assim definido como uma corrente epistemológica circunscrita a uma fase histórica, e outra coisa é o uso da razão na análise de fatos em quaisquer épocas (atitude perfeitamente concebível e mesmo desejável).

2.1 A ciência positiva do século XIX

O positivismo é um dos conceitos mais complexos dentro da área do conhecimento, sendo aplicado ora em referência ao positivismo lógico do Círculo de Viena

(de 1922 a 1936), ou ao pensamento comteano²⁶ sobre a ciência (Comte – 1798-1857), ou ao empirismo inglês (século XVII), ou ao método científico indutivo das ciências naturais baseado na observação e experiência empírica usado desde o século XVIII. E ainda existem aqueles que afirmam que o positivismo não foi um método científico, mas tão-somente uma ideologia ou doutrina.

Por outro lado, existem pensadores que consideram o positivismo como um bloco científico-filosófico hegemônico que tem como ponto básico central o aspecto de considerar o dado factual como o único objeto de pesquisa científica realmente confiável. Comentando esse ponto de vista, escreve Arana:

Do positivismo se diz que é hegemônico. Que se distingue e se impõe como a teoria filosófica do conhecimento mais difundida entre nós, a mais influente, a mais enraizada. Diz-se até que representa, na agitada atualidade em que vivemos, nosso senso comum filosófico.

Desta hegemonia dariam testemunho as reações mesmas que o positivismo provoca. Tomemos a crítica filosófica ao positivismo. Logo nos chama a atenção que esta crítica é de tal modo insistente, inflamada, acerba, é de tal modo intensa, que, por sua intensidade mesma, por seu estrépito, acaba prestigiando o positivismo: fica o historiador da filosofia com a impressão de que, após o surgimento do positivismo, não têm os demais sistemas filosóficos outro assunto, outra causa em que se ocuparem criticamente... – como se dessa crítica dependesse a própria sobrevivência dos demais sistemas filosóficos.

Deve haver algo de perturbador aqui: todos têm contas que ajustar com o positivismo...

Hegemônico? (Arana, 2007, p. 1)

E Arana constata a “hegemonia” do positivismo: “A verdadeira filosofia e a verdadeira ciência atêm-se ao dado empírico – essa a tese de que vamos, o leitor e eu, partir para a caracterização do positivismo” (op. cit., p. 3).

Esse autor focaliza o dado empírico, embora admita a heterogeneidade dessa corrente, criticando veladamente os que a rotulam talvez sem conhecê-la em profundidade e amplitude: “Não iremos muito longe. Já será bastante se formos além dos lugares-comuns a que o positivismo – complexo, multiforme, desconcertante – é frequentemente reduzido nas exposições acadêmicas” (idem, p. 4).

²⁶ Neste trabalho optou-se pela forma “comteano”, com “e”, em consonância com o nome do autor (Comte), embora a gramática da língua portuguesa registre e recomende a forma com “i”, “comtiano”.

Em sua exposição, esse autor discorre rapidamente sobre os expoentes clássicos do positivismo: Spencer (Herbert Spencer: 1820-1903), Mach (Ernst Mach: 1838-1916), Stuart Mill (1806-1873), Círculo de Viena (“escola” que vai de 1907 a 1936) – e Comte (1798-1857), o nome mais lembrado quando se fala em positivismo.

Comte já tinha exposto a sua tese de que o conhecimento é relativo, quando Spencer fez desse postulado o centro da sua filosofia da ciência. O termo “relativo” tem, na concepção do positivismo, dois significados: o de que o conhecimento capta relações entre os fatos da experiência (portanto todo o processo do conhecimento e do pensamento se baseia em relações); e o de que o conhecimento possível não é absoluto, não é o todo, mas uma parte do todo (relativo no sentido de restrição, limitação, de saber circunscrito a um objeto em determinadas circunstâncias). Um segundo pilar do sistema spenceriano é a evolução: evolução universal, em todos os aspectos: do mundo, da arte, da literatura, da ciência, da linguagem, do comércio, do governo, da sociedade. O mundo todo caminha para o progresso, em constante evolução – como afirmava Comte, que tomou a expressão “ordem e progresso” como lema da doutrina que pretendeu desenvolver.

Stuart Mill, um outro positivista-empirista do século XIX, é, nas palavras de Arana, “o homem da lógica e das ‘ciências morais’, entre elas a psicologia” (op. cit., p. 24). E complementa aludindo-se a Comte: “A psicologia que Comte não inclui no quadro das ciências Stuart Mill inclui” (idem).

É a psicologia associacionista a que Stuart Mill, cujos dados são as sensações, isoladas ou associadas a outros fatores do mundo das experiências, que, para ele, é anterior ao processo de percepção.

Em seu sistema, Stuart Mill trata da linguagem e da lógica, relacionando os nomes e os raciocínios lógicos também ao mundo sensível, à experiência sensível, ao fato vivenciado, de onde o homem extrai todo o seu saber. Para ele o conceito universal não é nada, e o processo para se obter o conhecimento é o da indução. Expondo o pensamento de Stuart Mill, escreve Arana:

Não há experiência do universal, não há como representar uma natureza geral em estado puro. (...) Ou pensamos por imagens concretas ou não pensamos nada. (...) O valor da ideia geral é inteiramente empírico. Ela é apenas um nome que

sintetiza na memória determinado conjunto de sensações. (...) Nós não podemos observar senão casos particulares. A proposição geral é um meio cômodo de reunir em uma única fórmula multidões de casos individuais observados. (...) O processo indutivo, único raciocínio válido (...), está na raiz de todos os princípios gerais. O valor de todas as proposições, mesmo as gerais, mesmo as ideais, é empírico (Arana, op. cit., p. 26, 28, 29).

Mais um empirista positivista que se destaca no século XIX, já entrando no XX, é Ernst Mach, físico e filósofo austríaco. Para ele o mundo, o corpo, as representações, a linguagem e o próprio “eu” são sensações, complexos de sensações. Professor de Física, de Matemática e estudioso de diversas áreas, interessou-se também pela psicologia da percepção sensorial. Assim se expressa Arana ao falar sobre Mach (que teria sido uma das bases das ideias filosóficas de Einstein):

Tanto da ideia de causalidade, como da ideia de substância – de todo conceito que não consiga atestar sua consanguinidade com a vida empírica, terrena e suas estruturas –, a ciência tende a desembaraçar-se. (...) A expressão é de Einstein, quando enaltece o “mérito imperecível de Hume e de Mach” em defenderem a raiz empírica, “mundana”, dos conceitos científicos fundamentais. Sabe-se que Einstein, à semelhança de Mach, rejeita os conceitos newtonianos de espaço e tempo absolutos, e afirma, como o próprio Mach antes dele, a “natureza” relacional da massa (Arana, op. cit., p. 34).

Mach²⁷ teve influência também no Círculo de Viena²⁸, que teria surgido “a partir do pano de fundo dessa filosofia empirista” (Arana, op. cit., p. 36). Nascido informalmente, o Círculo de Viena congregou filósofos e cientistas que desejaram conversar e trocar ideias sobre assuntos relativos à filosofia da ciência. Nasceu sobre bases empiristas, mas com críticas às mesmas à luz da lógica da época. A pergunta que se fazia o Círculo de Viena era “como conciliar o lógico e o empírico nas ciências” (Arana, op. cit., p. 36). Os avanços da lógica, a crise e a pesquisa dos fundamentos das matemáticas, a crítica e a busca de um novo empirismo são os principais temas discutidos pelo Círculo de Viena, que também teve a influência de Russell e Wittgenstein. Em 1928, Carnap publica *A construção lógica do mundo*, obra em que tenta aproximar a lógica formal e as ciências factuais empíricas – “duas linhas filosóficas de pesquisa, dois imensos projetos, que até ali, em larga medida, se desenvolvem independentemente” (Arana, op. cit., p. 37).

²⁷ Segundo Arana, “Mach é chamado o Hume do século XIX” (op. cit., p. 35).

²⁸ Componentes do Círculo de Viena, que se reuniram, com maior ou menor regularidade, de 1907 a 1936, tendo se formado ao redor da figura de Moritz: Otto Neurath, Herbert Feigl, Philipp Frank, Friedrich Waissman, Hans Reichenbach, Kurt Gödel, Car Hempel, Hans Hahn, Karl Popper, W. V. Quine, Rudolf Carnap.

Formado de pensadores dos diversos ramos da ciência, o Círculo de Viena buscava um consenso epistemológico, tendo como um dos seus pilares a experiência, o dado sensível, a visão empírica do conhecimento. Sua metodologia de pesquisa, o positivismo lógico, pautava-se pelo processo indutivo – em oposição aos idealistas e à metafísica, portanto.

Antes do Círculo de Viena e de muitos positivistas do final do século XIX e início do XX, Comte já havia apresentado os postulados básicos do positivismo, tanto que hoje, quando se fala em positivismo, o primeiro nome que vem à mente é o de Comte – verdade que com algumas reservas e posturas negativas, típicas da resistência e do preconceito acadêmicos, muitas vezes caricatural devido à falta de conhecimento mais profundo e de uma visão superficial e distorcida sobre autores e suas ideias.

Expondo a natureza e o caráter da filosofia²⁹ positiva, Comte (1798-1857) apresenta “uma visão geral sobre a marcha progressiva do espírito humano” (1973, p. 09), princípio que representa a sua teoria dos três estados ou métodos de filosofar pelos quais passa o espírito humano na sua trajetória em busca do conhecimento. Ele diz:

Essa lei consiste em que cada uma de nossas concepções principais, cada ramo de nossos conhecimentos, passa sucessivamente por três estados históricos diferentes: estado teológico ou fictício, estado metafísico ou abstrato, estado científico ou positivo. Daí três sortes de filosofia, ou de sistemas gerais de concepções sobre o conjunto de fenômenos, que se excluem mutuamente: a primeira é o ponto de partida necessário da inteligência humana; a terceira, seu estado fixo e definitivo; a segunda, unicamente destinada a servir de transição (Comte, op. cit., p. 10).

No estado teológico, o espírito humano dirige a agentes transcendentais as suas investigações sobre a natureza, as causas, a origem, os fins de todos os fenômenos, fatos e coisas que o cercam. Seres transcendentais seriam os criadores do mundo e do próprio homem. No início de tal estado, o transcendental era representado por numerosas divindades ou diversos deuses (politeísmo); em fase posterior um único deus (monoteísmo) seria o grande criador do universo – a humanidade chegou assim ao Deus do Cristianismo.

²⁹ Comte “usa o termo *filosofia* na acepção geral que lhe davam os antigos filósofos, particularmente Aristóteles, como definição do sistema geral do conhecimento humano; e o termo *positiva* designa, segundo ele, o real frente ao quimérico, o útil frente ao inútil, o certo frente ao incerto, o preciso frente ao vago, o relativo frente ao absoluto, o orgânico frente ao inorgânico, e o simpático frente à intolerância” (João Ribeiro, p. 17).

No estado metafísico – “que no fundo nada mais é do que simples modificação geral do primeiro” (Comte, op. cit., p. 10) – forças abstratas de definição imprecisa (“abstrações personificadas”) tomam o lugar das divindades como a explicação da existência do mundo e seus objetos. Esse estado também evoluiu: de várias entidades chegou-se a apenas uma – a natureza – como a fonte e origem de todas as coisas, fatos e fenômenos existentes. A natureza íntima, interna, essencial de todas as coisas definiria o seu caráter ontológico, a sua própria razão de ser. Nessa fase, o espírito humano busca noções absolutas para tudo que o cerca, procura a origem e o destino do universo, criando para isso sistemas especulativos que poderiam lhe dar as respostas desejadas. Trata-se (como o primeiro estado) de uma era pré-científica, sendo ambos “estados primitivos” ou “filosofias primitivas”.

Finalmente instala-se o estado positivo. Com o raciocínio sustentado pela observação dos fatos, o espírito humano chega à ciência. Para Comte, a filosofia positiva consiste no verdadeiro sistema e no verdadeiro método que daria ao homem todas as explicações por ele sempre buscadas. Endossando seu raciocínio, Comte cita Bacon:

Todos os bons espíritos repetem, desde Bacon, que somente são reais os conhecimentos que repousam sobre fatos observados. Essa máxima fundamental é evidentemente incontestável, se for aplicada, como convém, ao estado viril de nossa inteligência (Comte, op. cit., p. 11).

Segundo Comte:

A filosofia positiva é o verdadeiro estado definitivo da inteligência humana, aquele para o qual sempre tendeu progressivamente.

[...]

A razão humana está agora suficientemente madura para que empreendamos laboriosas investigações científicas.

[...]

Homogeneizando-se todas as nossas concepções fundamentais, a filosofia constituir-se-á definitivamente no estado positivo. Sem nunca mais poder mudar de caráter, só lhe resta desenvolver-se indefinidamente, graças a aquisições sempre crescentes, resultantes inevitáveis de novas observações ou de meditações mais profundas. Tendo adquirido com isso o caráter de universalidade que lhe falta ainda, a filosofia positiva se tornará capaz de substituir inteiramente, com toda a superioridade natural, a filosofia teológica e a filosofia metafísica (Comte, op. cit., p. 12 e 16).

Para Comte, todas as concepções humanas deveriam se tornar positivas. O paradigma positivo seria então aplicado a todas as ciências (biológicas, físicas, naturais, sociais, etc.), bem como à filosofia e às artes, sob o apanágio do racionalismo e da

observação, na busca das leis universais dos fatos e fenômenos. O método filosófico e científico positivo conduziria com sucesso o trabalho enciclopédico a ser empreendido pelo espírito humano na elaboração e classificação do conhecimento.

Com seu discurso sobre o espírito positivo, Comte visa principalmente desbancar as concepções teológica e metafísica, bem como todos os princípios especulativos que ainda perdurassem na filosofia, considerando instalado definitivamente o estado positivo, a único capaz de trazer verdades às ciências, à filosofia, e ainda de organizar a sociedade, elevar a educação, impor a ordem, promover o progresso e sistematizar a moral. O positivismo de Comte prioriza a sociedade em detrimento do puramente individual, visando ao bem público e coletivo, com vistas no bem-estar e felicidade das pessoas.

Comte envereda, finalmente, para um catecismo positivista, que tinha o objetivo de dar novos rumos à sociedade, criando “uma verdadeira sociocracia”, em nome do progresso, da moral, da ordem – o sistema político-ideológico que ele imaginou seria mesmo uma nova religião para a humanidade, quando todos teriam deveres para com todos (fraternidade universal).

Mas não se pode dizer que o positivismo, no século XIX, tenha sido apenas uma ideologia. O positivismo é considerado, principalmente, um método de se fazer ciência e defendido pela comunidade científica. Com o uso do método indutivo aplicado às ciências naturais, percebe-se que Comte tinha o positivismo como um método científico (como ele mesmo supunha).

Bachelard considera o positivismo como um método científico. Acrescentando um quarto estágio aos três estados apresentados por Comte, Bachelard afirma:

Acreditamos, pois, que devido às revoluções científicas contemporâneas, se possa falar, no estilo da filosofia comtiana, em uma quarta idade, correspondendo, as três primeiras, à Antiguidade, à Idade Média e aos Tempos Modernos. A quarta idade, Época Contemporânea, realiza precisamente a ruptura entre conhecimento vulgar e conhecimento científico (Bachelard, 1977, p. 121).

Bachelard fala do positivismo nas ciências naturais (1977, p. 122, 123), referindo-se ao “rigor científico” da “química positivista”, referindo-se, por exemplo, à balança que

Lavoisier usava em seus experimentos. Considerando o positivismo do terceiro estágio fundamental para se chegar ao quarto, Bachelard diz:

Como, pois, chegar ao quarto período, se não se compreende bem a importância do terceiro, o próprio sentido do estado positivista? De fato, não há ruptura científica sem um cumprimento das obrigações, ao positivismo. É preciso passar pelo positivismo para superá-lo. Para nós que queremos determinar as condições epistemológicas do progresso científico, é preciso ter como *positivo* o positivismo em oposição ao caráter “retrógrado” das filosofias da natureza, marcada da metafísica idealista, tomando-se a palavra “retrógrado” no seu sentido comteano bem definido.

É, pois, a partir da positividade da experiência científica própria do terceiro estado da epistemologia comteana que nos será necessário definir o sentido profundamente instrumental e racionalista da experiência científica (1977, p. 123). (sem grifo no original)

Estabelecendo um contraponto entre o terceiro e o quarto estados, Bachelard expõe o real em ciência nos dias atuais. Esses dois estados realizam experiências em ciência, extraindo leis. No entanto, o método epistemológico aplicado é diferente, predominando no quarto estado as equações matemáticas que representam os fenômenos físicos, enquanto que, no terceiro estado, o preponderante era a descrição das características dos fenômenos por sua observação direta. Ou seja, a questão do caráter direto e indireto é fundamental nessa diferenciação. Bachelard afirma: “O simples fato de haver agora o caráter indireto das determinações do real científico basta para nos situar num reino epistemologicamente novo” (Bachelard, 1977, p. 123).

Ele explica, por exemplo, que no terceiro estado bastava a balança para determinar o peso atômico, enquanto no quarto estado é usada outra técnica, *indireta*: o *espectroscópio de massa* (que é instrumento indireto se comparado à balança). Bachelard afirma: “Na química de Lavoisier pesa-se o cloreto de sódio como na vida comum se pesa o sal de cozinha”. Por outro lado, dando um exemplo do quarto estado, “os fenômenos elétricos dos átomos estão ocultos” e “é preciso instrumentá-los numa aparelhagem que não tem significação *direta* na vida comum”. Afastar-se, portanto, dos mecanismos da vida comum (do conhecimento vulgar, em que predomina o fenômeno concreto sensível), partindo para níveis mais teóricos, e em busca de uma linguagem específica da ciência, é o ponto central do quarto estado.

Tomando outros exemplos, como o da lâmpada elétrica, Bachelard diferencia as descrições fenomenológicas tradicionais do terceiro estado em relação às equações matemáticas e a “epistemologia discursiva” do quarto, o que trouxe uma ruptura epistemológica entre os dois. O quarto estado representa o “primado da reflexão sobre a aprecepção”, “a preparação nomenal dos fenômenos tecnicamente construídos”, sendo dominado por “leis racionais” e “leis algébricas” (1977, p. 128). Ao empirismo realista do terceiro estado, opõe-se o racionalismo do quarto (mas não se trata do racionalismo anterior, que punha na razão pura e simples a origem do conhecimento; o novo racionalismo na verdade é erguido sobre o fenômeno empírico, indo além dele, além do sensível, partindo para esferas teóricas que o expliquem de modo científico e com outra linguagem). No terceiro, o objeto percebido; no quarto, o objeto pensado. No terceiro, o fenômeno; no quarto, o nômemo³⁰.

O quarto estado representa um grande progresso em relação ao terceiro, pois, sem abandonar o fenômeno observável, confere-lhe a devida roupagem teórica que lhe garante, com segurança, o *status* de ciência. Esse é o método científico atual, esse é o real em ciência, na atualidade. No quarto estado, constrói-se o discurso científico, a linguagem científica, a voz científica, como uma segunda voz por cima do fenômeno empírico. Trata-se de uma linguagem inteligível só para os iniciados, inalcançável (inexpugnável) ao senso comum. Se se perguntar a um dos cientistas da NASA, por exemplo, o que é preciso para se mandar um foguete à Lua, ele responderá mostrando milhares de fórmulas algébricas e matemáticas (de cálculo avançado, de matemática aplicada, porque a dita “matemática pura”, composta de disciplinas como a topologia ou a análise, por exemplo, não é aplicada a objetos concretos). Igualmente, uma pessoa que manuseia com destreza impressionante os programas e ferramentas do computador terá memorizado comandos, teclas que deve apertar, janelas que deve abrir, mas não saberá explicar por que a linguagem binária do computador, composta de zeros e do algarismo um (1), transforma números em imagens coloridas, em sons, em textos, em movimentos, etc. Milhares de casos podem ser citados de fenômenos observáveis no mundo da experiência “traduzidos” para a linguagem científica que somente os cientistas compreendem³¹ (desde fórmulas químicas de medicamentos, funcionamento de motores e

³⁰ Nômemo: em filosofia, é o objeto inteligível, em oposição a objeto que se conhece pela intuição sensível. Dicionário Aurélio.

³¹ Um exemplo interessante aconteceu comigo (autora desta dissertação de mestrado) algum tempo atrás. Passando pela frente de uma sala de aula no Departamento de Física da Universidade Federal de Goiás (Goiânia), vi um grupo de umas cinco ou seis pessoas conversando após a aula e centradas em uma roda raiada

aparelhos elétricos (e mesmo a própria eletricidade) à engenharia dos fogos de artifício ou à técnica da fotografia (milhares de turistas de todos os níveis culturais em todo o mundo dão lucros às empresas e se emocionam com as imagens de pessoas e lugares visitados, manuseando máquinas fotográficas sofisticadas, mal compreendendo instruções básicas do manual de uso do aparelho).

A questão do método em ciência surge no século XVII, como resultado da reflexão de filósofos e cientistas no sentido de se evitar o erro em ciência (erro percebido em relação a paradigmas científicos anteriores). Dessa forma, a preocupação com o método passou a ser uma característica do pensamento moderno, abrangendo tanto os objetos do conhecimento quanto o próprio problema do conhecimento (a epistemologia ou teoria do conhecimento). Na colocação da questão do método destaca-se Descartes (1596-1650), o “pai da filosofia moderna”, que influenciou não só o século XVII (o século cartesiano), mas também os séculos seguintes. Descartes introduziu um novo racionalismo na ciência moderna – que desde então demonstra um progresso impressionante, empírico e teórico, caminhando *pari passu* com epistemologia ou teoria do conhecimento.

Um forte componente da ciência moderna é o empirismo (que representa a experiência fenomênica do terceiro estado exposto por Comte). De origem grega, o termo “empirismo” significa “experiência” – e, *grosso modo*, é uma tendência filosófica que remonta, sob diferentes nuances, à Antiguidade Clássica, encontrando-se presente, também sob aspectos diversos, na Idade Média.

Porém foi na Idade Moderna que o empirismo delineou-se como é entendido hoje, a partir do pensamento de Francis Bacon (1561-1626), John Locke (1632-1704), George Berkeley (1685-1753) e David Hume (1711-1776) – os expoentes do empirismo, denominado por isso de “empirismo inglês”, e esses filósofos de “empiristas ingleses”. Na verdade, o

(como a de uma bicicleta) que girava sustentada na ponta do dedo polegar de um aluno por um pequeno pino que saía do no seu centro. Curiosa, eu me aproximei, demonstrei interesse pelo fenômeno e perguntei se eu também conseguiria sustentar no dedo a grande roda girante. Respondendo positivamente, o professor colocou a roda em meu dedo. Perguntei então como aquilo era possível. Ele apontou para o enorme quadro-giz (que tomava quase toda a extensão da parede da sala) e mostrou uma fórmula matemática que ocupava todo o quadro, de ponta a ponta e de cima a baixo, composta, portanto, de umas quatro ou cinco linhas. O professor disse: “A roda gira e se sustenta na ponta do dedo com esse pequeno pino por causa daquilo ali”. Eu olhei, impotente, para a extensíssima fórmula matemática, agradei a gentileza e saí da sala pensando em como é distante, atualmente (e cada vez mais), o mundo científico e o mundo leigo – ao público só resta mesmo consumir os produtos da ciência ou se debruçar, com encantamento, admiração e agradecimento, ao seu avanço.

empirismo foi um traço marcante na filosofia inglesa, tendo se iniciado antes, na Idade Média, com Roger Bacon e Guilherme de Ockham.

Para o empirismo, a verdade emana da experiência. A experiência é que ilumina a razão, formando as ideias. Então os conhecimentos se iniciam com a experiência dos sentidos, com as sensações (visão, olfato, paladar, etc.). Os objetos exteriores excitam os sentidos, e a sensação leva à percepção. As percepções se juntam ou se associam (combinam) por diferentes processos: semelhança, proximidade ou contigüidade espacial, sucessão temporal. A repetição das percepções fenomênicas é a causa da sua associação: os acontecimentos, fatos, fenômenos ocorrem tantas vezes (sendo semelhantes, estando próximos no espaço ou em sucessão no tempo) que as pessoas se acostumam com eles, desenvolvendo o hábito de realizar a associação e percebê-los. Tais associações são as ideias. Completando a explicação desse processo, expõe Marilena Chauí:

As ideias, trazidas pela experiência, isto é, pela sensação, pela percepção e pelo hábito, são levadas à memória e, de lá, a razão as apanha para formar os pensamentos.

A experiência escreve e grava em nosso espírito as ideias, e a razão irá associá-las, combiná-las ou separá-las, formando todos os nossos pensamentos (1995, p. 72).

Marilena Chauí cita Hume, para quem “a razão é o hábito de associar ideias, seja por semelhança, seja por diferença” (idem). Segundo essa autora, Hume apresenta a origem do princípio da causalidade como o exemplo mais importante para mostrar como se formam hábitos racionais a partir das percepções repetidas. Os fenômenos indicados são o da fervura de um líquido levado ao fogo em um recipiente adequado, formando o vapor, que pode ser reprimido e depois liberado, caso se tampe hermeticamente o recipiente; o derretimento de um objeto (vela) ou sua dilatação (ferro) levado ao calor do fogo. Essas experiências (e outras) demonstram que a sua repetição constante leva ao hábito da associação entre o calor e os fenômenos, bem como ao reconhecimento de que o calor é a causa dos fatos ocorridos. E finalmente vem o conhecimento: “o calor é a causa da dilatação dos corpos” e “a dilatação dos corpos é o efeito do calor”. “É assim, diz Hume, que nascem as ciências. São elas, portanto, hábito de associar ideias, em consequência das repetições da experiência” (in Chauí, 1995, p. 73).

Segundo Chauí, ao mostrar como se forma o princípio da causalidade, Hume está mostrando que as ideias da razão se originam da experiência, e ainda afirmando “que os próprios princípios da racionalidade são derivados da experiência” (Chauí, op. cit., p. 73). A razão, por meio de seus princípios, procedimentos e ideias, pretende:

Alcançar a realidade em seus aspectos universais e necessários. Em outras palavras, pretende conhecer a realidade tal como é em si mesma, considerando que o que conhece vale como verdade para todos os tempos e lugares (universalidade) e indica como as coisas são e como não poderiam, de modo algum, ser de outra maneira (necessidade) (idem).

Para García Morente, o empirismo inglês teve início com Locke, que se desponta como pensador em plena filosofia cartesiana. “Mas Locke se propõe, desde logo, com uma clareza absoluta o problema metafísico como problema do conhecimento” (1970, p. 178) – embora não duvide de Descartes. Tomando o problema do conhecimento como centro do seu pensamento filosófico, Locke se preocupa com a origem, a essência, o alcance e o processo como se dá o conhecimento humano. Conclui que o conhecimento se dá por meio das ideias (o cogitatio de Descartes). Abandona a concepção de ideias inatas, toma o princípio da tabula rasa (ou white paper), adota a conotação psicológica do termo “ideia” e foca a sensação sobre o mundo empírico. Por meio da percepção, a mente humana é tocada psicologicamente, pois os sentidos excitam na mente a apreensão do percebido, produzindo as mudanças psicológicas reconhecidas como reflexão e finalmente como conhecimento. Ou seja, a combinação de percepção e de reflexão gera o conhecimento. García Morente dá o exemplo da ideia de extensão: a extensão é percebida pela visão e pelo tato. Igualmente esse pensador reflete sobre a forma, o movimento, a impenetrabilidade dos corpos – conhecimentos que advêm da apreensão sensível. Assim, Locke se debruça sobre o processo de aquisição e elaboração das ideias (mais complexas ou menos complexas) a partir das percepções (da experiência externa) e da reflexão.

Segundo Morente, Berkeley representa um avanço no pensamento de Locke, promovendo maior distanciamento da metafísica cartesiana. O conhecimento são vivências, e as coisas não possuem um caráter metafísico como se pensava antes (no segundo estado descrito por Comte).

Finalmente, Hume produz a ruptura definitiva em relação à metafísica, tendo por base a análise psicológica aplicada à experiência: são os fenômenos psíquicos denominados

de impressões. Hume torna-se então o maior nome do empirismo inglês, influenciando toda uma era da ciência dita positiva ou positivista.

O empirismo pressupõe o conhecimento relativo (em dois sentidos: no de relações e no de limitação, circunscrição), pois as coisas são apreendidas no conjunto das experiências, e estas são limitadas no tempo, no espaço, nas condições históricas e às possibilidades do sujeito.

Conforme expõe Arana (2007)³²:

A ciência não vai atrás do que sobreexcede as “efetivas possibilidades do conhecimento humano”; detém-se no que lhe é acessível: atém-se ao dado. Este acessível é menos do que os metafísicos pretendem, mas não é pouco: aqui já tem o espírito humano “alimento inesgotável para sua atividade mais profunda”.

[...]

Afinal, nem os fatos do mundo exterior podemos conhecer exhaustivamente. Nossos recursos racionais e experimentais são limitados. (...) Este, um dos argumentos mais frequentemente invocados pelo positivismo contra as filosofias metafísicas em geral: os condicionamentos materiais, as limitações historicamente dadas – contando-se aí a chamada história natural – do conhecimento humano. (op. cit., p. 54)

O empirismo é também descritivo, necessariamente. Enquanto a metafísica buscava as causas e queria explicar, o positivismo se preocupa com o como e em descrever – aliás, os positivismos, como expõe Arana:

Com efeito, todos os positivismos, valorizado o dado, valorizam a descrição. Segundo esta ideia, a descrição é o modo de conhecimento de *todas* as ciências (não apenas daquelas tradicionalmente havidas por descritivas: a zoologia, a botânica...). As ciências, quando atingem maximamente seu objetivo, dizem *como* é o mundo, *como* os fatos se relacionam entre si. “Só tem valor a relação entre os fatos, sentença Mach, e esta se esgota na descrição” (op. cit., p. 61).

O apego e a confiança no dado empírico passível de descrição levou o positivismo à fuga de qualquer pensamento especulativo, inclusive às hipóteses, como “proposição incapaz de ser verificada completamente”, “não estabelecida quanto à sua verdade de modo absoluto” (Arana, 2007, p. 74. Segundo Arana (2007, p. 73), “o positivismo vê as hipóteses, sobretudo as de alto nível, com suspeição”. Comte só admitia a hipótese que fosse a

³² Embora ele mesmo, nessa obra, admita não ser positivista. Na dedicatória do livro, ele até escreve, com leve ironia e sentido subentendido: “Ao professor Regis de Moraes, para sua surpresa”. (Sem grifo no original).

antecipação de uma lei; Mach via as hipóteses como “andaimos conceituais”, como “hipóteses de trabalho”.

Escreve Arana:

O objetivo da ciência, da física em particular, não é o de atingir uma hipotética realidade que os fenômenos manifestariam de modo oblíquo, refratado; o objetivo é descrever os fatos da maneira mais simples possível. Cobrir o maior número possível de fatos com o menor número possível de hipóteses.

[...]

Evitem-se as hipóteses. Evite-se, em ciência, devanear. Evite-se o que não está fundado diretamente na experiência, rente a ela. Evite-se descolar do plano descritivo... (op. cit., p. 73)

Na investigação científica empírica positiva descritiva, é fundamental a questão do método. Em termos restritos, de técnicas, de procedimentos, os métodos variam, conforme o objeto pesquisado. Mas, em sentido amplo, existe um método típico do enfoque científico empírico. Escreve Arana:

O método, em sentido amplo (...), diz o positivismo, é o mesmo para todas as ciências empíricas e por esse método a ciência se define. Não está do lado do objeto o segredo da cientificidade da pesquisa, está do lado do método. Não será olhando para o objeto da pesquisa que descobriremos se estamos ou não fazendo ciência. Até porque um mesmo objeto pode ser pesquisado cientificamente ou não. (op. cit., p. 80).

O positivismo empírico-experimental-descritivo do século XIX preconizava que o primeiro passo do método de pesquisar era a observação do objeto, do fato, Já o positivismo atual pensa diferente, conforme apresenta Arana:

Esse modelo é visto com ceticismo pelos positivistas de hoje. O positivismo atual tende a dizer (primeira diferença) que a pesquisa não começa pela observação; começa pelo problema. Em vez do fato, no anunciar-se da investigação estão as perguntas que se fazem sobre os dados do problema. As explicações científicas disponíveis não são satisfatórias – daí o problema. (...) Quanto à observação, ela tem lugar, sim (...). Este lugar (segunda diferença) é *depois* da hipótese. (...) Não há observação rigorosamente científica senão a partir de hipóteses.

[...]

Primeiro, a hipótese circunscreve um campo; define o que é logicamente relevante. Não há fato relevante em si.

[...]

Segundo, a observação é uma técnica de coleta de dados que pertence ao contexto da verificação da hipótese; é teste de hipótese. (op. cit., p. 82)

Assim, o positivismo procede pelo método hipotético-dedutivo, pois, após o teste empírico da hipótese, chega-se a uma dedução. Diante do problema, a hipótese é uma tentativa de resposta, de solução, de explicação. A hipótese abrange os dados do problema, porém, não sendo necessariamente verdadeira, a hipótese precisa ser testada a fim de apresentar uma resposta, já que “o objetivo da pesquisa é precisamente encontrar uma solução para o problema da pesquisa, uma resposta à pergunta do problema (dados + pergunta = problema) (Arana, op. cit. p. 81).

Tem-se então que a verificação empírica se dá no plano epistemológico do fato observado, do objeto particular, o que faz com a hipótese passe pelo “veredicto da experiência”. Antes desse teste, a hipótese é provisória, “porque sua carta de recomendação é a experiência. “Tudo o que procede da experiência”, diz o físico Hertz, “pela experiência pode ser anulado” (apud Arana, op. cit., p. 84). Logo, é a indução que dá apoio à hipótese.

Como se chega à hipótese é outro ponto importante dentro do positivismo, que foge à mera especulação metafísica. Escreve Arana na sua exposição do positivismo:

Note-se, e acrescente-se, que essa descrição do método científico não diz uma só palavra sobre *como se chega à hipótese*. *Insights?* arroubos da imaginação? transposições analógicas? Desdobramentos de hipóteses intuídas há muito e muito tempo?... É que, segundo o positivismo, também o modo como se chega à hipótese (modo este, ressalte-se, legítimo objeto de investigação (...)) não garante a verdade da hipótese, por importante que seja esse modo ou esses modos na economia do método. Isso já está em Comte, porém, no século XX, é discutido com outras bases e de maneira mais ampla. São dois contextos distintos – importantes, complexos e distintos: o do descobrimento da hipótese e o da justificação da hipótese. (op. cit., p. 84-85).

Dessa forma, o método positivista é dedutivo e indutivo ao mesmo tempo. Explica Arana:

Em que sentido, portanto, o método das ciências factuais é dedutivo e em que sentido é indutivo? É dedutivo no seguinte sentido: formulada a hipótese (não importando como a excogitou, como atinou com ela o homem de ciência), deduzem-se da hipótese (sempre mais geral que os dados por ela coordenados) as proposições particulares que serão confrontadas com a experiência (daí o método se chamar “hipotético-dedutivo”). É indutivo no sentido do apoio lógico que a experiência, quando favorável à hipótese, lhe confere. “Indutivo, aqui, tem que ver, portanto, com o que Reichenbach chama contexto da justificação: tem que ver com lógica, lógica indutiva. (op. cit., p. 86).

Como está registrado na história do conhecimento, o empirismo sofrerá severas críticas, posteriormente, pelo racionalismo de Leibniz (que, resumidamente, representa a matematização do conhecimento), de Kant e outros filósofos e epistemólogos, pois o conhecimento não se reduz à mera reflexão sobre as impressões sensíveis. A base e o sentido do conhecimento, o caráter lógico do pensamento, o aspecto enunciativo do pensamento, as teses de afirmação ou negação de algo (sobre o objeto do conhecimento), enfim, a objetividade do conhecimento são temas expostos por filósofos que virão depois.

Porém esses desdobramentos de crítica ao positivismo comteano não têm relevância na análise do método de estudos de Allan Kardec, que se declarava positivista e que, pelas suas explicações sobre o trabalho que desenvolveu e a própria análise das suas obras, exerceu o positivismo do terceiro estado comteano, pautando-se na observação empírica e factual dos fenômenos espíritas pela mediunidade observados. Se Allan Kardec transgredir o positivismo, é no sentido da observação de um objeto “supostamente” metafísico (os Espíritos), ou seja, um objeto desconhecido ao sensível. Para ele, o fato presenciado e observado era tido como um dado a ser investigado com as ferramentas positivas com que se analisa o mundo empírico, até porque os Espíritos fazem parte da natureza, como eles mesmos declaram e como considerava Allan Kardec.

Uma das facetas do que se convencionou denominar de positivismo, como a designação do terceiro estado comteano, está no método experimental, que é composto de várias etapas, ao ser aplicado intencionalmente pelo cientista, tendo em vista um estudo previamente definido. O método experimental é aplicado principalmente nas ciências naturais (físicas e biológicas), mas também nas ciências humanas (psicologia, sociologia, etc.). De modo simplificado, as etapas ou partes do método experimental tradicional passam pela observação, hipótese, experimentação, generalização, envolvendo ainda a análise, a comparação, a síntese, por meio dos processos mentais de indução ou dedução. O método experimental exige coerência, rigor, verificação, comprovação, controle, constância, mensuração, evidências – enfim, uma série de princípios que se tornaram imprescindíveis atualmente à maioria das ciências e pesquisas.

Diferente da observação do senso comum, a observação do cientista é rigorosa, metódica, precisa, objetiva, orientada para um fim específico, com o objetivo de testar hipóteses, tendo em vista um problema de cunho científico, que é o objeto da pesquisa.

A hipótese, como uma explicação provisória (uma possível resposta) ou antecipada ao problema em análise, pode ser confirmada ou não. Mas, de qualquer forma, ela norteia a pesquisa, ordenando os fatos, apontando uma verdade que o cientista deseja encontrar. Usando a lógica diante do objeto da pesquisa, o cientista formula a hipótese pela indução, pela analogia, pelo raciocínio hipotético-dedutivo.

Guiado pela hipótese como possível resposta (a ser testada) ao seu problema, o pesquisador realiza as experimentações necessárias, com os instrumentos adequados (de acordo com o objeto estudado). A experimentação é um dos passos fundamentais nas ciências físicas e biológicas – as que mais se desenvolveram durante o estado positivo/positivista. Na pesquisa científica em ciências físicas e biológicas, a experimentação se faz em condições privilegiadas, em laboratórios preparados, com a repetição dos fenômenos, com a variação de condições, com as técnicas e instrumentos condizentes a cada caso.

Finalmente, coroando todo esse processo, vem a generalização, à qual se chega após a análise de fatos e dados, confirmando-se (ou não) a hipótese inicial. As generalizações podem ser empíricas (restritas a determinados tipos de fatos ou a objetos particulares) ou teóricas (mais gerais, amplas, abrangentes, universais).

O método experimental (método científico) assim descrito (de modo sintético) é constantemente praticado em todo o mundo por milhares de cientistas, que colocam a si mesmos problemas (objetos de conhecimento), de modo objetivo e consciente, e partem para a sua verificação, a fim de decidirem sobre uma dúvida (ou uma certeza hipotética) que os levou ao estudo em questão. Esse método é denominado de positivista.

Transpondo fundamentos do método experimental das ciências naturais para o Espiritismo, Kardec executou o que ele denominou de “espiritismo experimental”. O espiritismo experimental consistia na realização das sessões mediúnicas rigorosamente exercidas, observadas e registradas durante anos, metodicamente, dentro do que se considerava importante em ciência: os fatos observados, analisados, catalogados, repetidas vezes, detalhadamente e com todo o rigor objetivo para ter foros de verdade e ensejar a extração de leis gerais.

Kardec foi, praticamente, surpreendido pelos dados factuais, na medida em que não os procurava anteriormente, de modo intencional e planejado, não exercendo sobre eles um controle e um estudo teórico ou prático prévio. Ele desconhecia as manifestações espíritas e as mesas girantes. Abordado por conhecidos que anunciar o estranho fenômeno, Kardec interessou-se pelo mesmo e partiu para a observação. Levantou uma hipótese. Testou-a, sistematizando seu trabalho. Pela indução, chegou a leis gerais. Fez portanto um trabalho indutivo-dedutivo, que ele mesmo denomina de positivista, declarando que pelo estudo dos efeitos observados (manifestação de uma inteligência extracorpórea) chegou a sua causa (Espírito desencarnado manifestante).

2.2 A ciência espírita de Allan Kardec

Embora se declare um missionário ao codificar o Espiritismo, Kardec também se afirma um cientista, por ter trabalhado cientificamente, por meio do Espiritismo experimental, durante décadas, nas sessões mediúnicas, observando, anotando, questionando tudo que os Espíritos revelavam. Pelo procedimento indutivo, ele extraía deduções, conclusões e leis gerais e universais.

Outra postura científica de Kardec foi o seu interesse e envolvimento com uma corrente do espiritualismo do século XIX, mormente nas áreas do magnetismo e do hipnotismo, que ele considera atividades precursoras do Espiritismo.

Em seu trabalho de codificação do Espiritismo, Allan Kardec deixou claro em vários momentos que não produzia uma obra de autoria original sua; ele sempre expôs a todo o público que apenas organizava, publicava e expunha o que lhe repassavam os Espíritos por meio dos médiuns nas sessões mediúnicas.

Por exemplo, em uma alocução aos espíritas da Antuérpia (Bélgica), intitulada “O Espiritismo é uma Ciência Positiva”, em novembro de 1864, assim se pronuncia Allan Kardec, frisando que o Espiritismo é uma ciência positiva, que os Espíritos são uma força da natureza, que ele procedeu pela observação e análise dos fatos ao codificar o Espiritismo e que ele foi um instrumento de Deus nessa incumbência – que poderia ter sido dada por Deus a

qualquer outra pessoa. O trecho é longo, pois se trata de parte de uma palestra, mas precisa e merece ser citado:

Eis um fato capital, senhores, que deve ser proclamado bem alto. Não, o Espiritismo não é uma concepção individual, um produto da imaginação; não é uma teoria, um sistema inventado para a necessidade de uma causa; tem sua fonte nos fatos da própria Natureza, em fatos positivos, que se produzem a cada instante sob os nossos olhos, mas cuja origem não se suspeitava. É, pois, resultado da observação; numa palavra, uma ciência: a ciência das relações entre o mundo visível e o mundo invisível; ciência ainda imperfeita, mas que se completa todos os dias por novos estudos e que, tende certeza, ocupará o seu lugar ao lado das ciências *positivas*. Digo *positivas*, porque toda ciência que repousa sobre fatos é uma ciência positiva, e não puramente especulativa.

O Espiritismo nada inventou, porque não se inventa o que está na Natureza. Newton não inventou a lei da gravitação; esta lei universal existia antes dele. Cada um a aplicava e lhe sentia os efeitos, embora não a conhecessem.

O Espiritismo, por sua vez, vem mostrar uma nova lei, uma nova força da Natureza: a que reside na ação do Espírito sobre a matéria, lei tão universal quanto a da gravitação e da eletricidade, conquanto ainda desconhecida e negada por certas pessoas, como o foram todas as outras leis na época de suas descobertas. É que os homens geralmente têm dificuldade em renunciar às suas ideias preconcebidas e, por amor-próprio, custa-lhes reconhecer que estavam enganados, ou que outros tenham podido encontrar o que eles mesmos não encontraram.

Mas, em última análise, como esta lei repousa sobre fatos, e contra os fatos não há negação que possa prevalecer, terão de render-se à evidência, como os mais recalcitrantes o fizeram quanto ao movimento da Terra, a formação do globo e os efeitos do vapor. Por mais que acusem os fenômenos de ridículos, não podem impedir a existência daquilo que é.

Assim, o Espiritismo procurou a explicação dos fenômenos de uma certa ordem e que, em todos os tempos, se produziram de maneira espontânea. Mas, sobretudo, o que o favoreceu nessas pesquisas é que lhe foi dado, até certo ponto, o poder de produzi-los e de provocá-los. Encontrou nos médiuns instrumentos adequados a tal efeito, como o físico encontrou na pilha e na máquina elétrica os meios de reproduzir os efeitos do raio. É fácil compreender que isto não passa de uma comparação; não pretendo estabelecer uma analogia.

Mas há aqui uma consideração de alta importância: é que, em suas pesquisas, ele não procedeu por via de hipóteses, como o acusam; não supôs a existência do mundo espiritual para explicar os fenômenos que tinha sob as vistas; procedeu por meio da análise e da observação; *dos fatos remontou à causa e o elemento espiritual se lhe apresentou como força ativa; só o proclamou depois de havê-lo constatado.*

Como força e como lei da Natureza, a ação do elemento espiritual abre, assim, novos horizontes à Ciência, dando-lhe a chave de uma imensidão de problemas incompreendidos. Mas, se a descoberta de leis puramente materiais produziu revoluções materiais no mundo, a do elemento espiritual nele prepara uma revolução moral, pois muda totalmente o curso das ideias e das crenças mais arraigadas; mostra a vida sob outro aspecto; mata a superstição e o fanatismo; desenvolve o pensamento, e o homem, em vez de arrastar-se na matéria, de circunscrever sua vida entre o nascimento e a morte, eleva-se ao infinito; sabe onde vem e para onde vai; vê um objetivo para o seu trabalho, para os seus esforços, uma razão de ser para o bem; sabe que nada do adquire na Terra, em saber e moralidade, lhe é perdido, e que progresso continua indefinidamente no além-túmulo; sabe que há sempre um futuro para si [...]

O Espiritismo, repito, ao demonstrar, não por hipótese, mas por fatos, a existência do mundo invisível e o futuro que nos aguarda, muda completamente o curso das ideias; dá ao homem a força moral, a coragem e a resignação, porque não mais trabalha apenas pelo presente, mas pelo futuro; sabe que, se não gozar hoje, gozará amanhã. Demonstrando a ação do elemento espiritual sobre o mundo material, amplia o domínio da Ciência e, por isto mesmo, abre nova via ao progresso

material. Então terá o homem uma base sólida para o estabelecimento da ordem moral na Terra; compreenderá melhor a solidariedade que existe entre os seres deste mundo, já que esta solidariedade se perpetua indefinidamente; a fraternidade deixa de ser palavra vã; ela mata o egoísmo, em vez de por ele ser morta e, muito naturalmente, o homem imbuído destas ideias a elas conformará suas leis e suas instituições sociais.

O Espiritismo conduz inevitavelmente a esta reforma. Assim, pela força das coisas, realizar-se-á a revolução moral que deve transformar a Humanidade e mudar a face do mundo, e isto tão-só pelo conhecimento de uma nova lei da Natureza, que dá outro curso às ideias, uma finalidade a esta vida, um objetivo às aspirações do futuro, fazendo encarar as coisas de outro ponto de vista.

[...]

[...] Todas as negações, todas as perseguições não impediram que estas leis³³ naturais seguissem seu curso, assim como os sarcasmos da incredulidade não impedirão a ação do elemento espiritual, que é, também, uma lei da Natureza.

Considerado desta maneira, o Espiritismo perde o caráter de misticismo que lhe censuram os detratores, justamente aqueles que menos o conhecem. Não é mais a ciência do maravilhoso e do sobrenatural ressuscitada: é o domínio da Natureza enriquecida por uma lei nova e fecunda, uma prova a mais do poder e da sabedoria do Criador; são, enfim, os limites recuados dos conhecimentos humanos.

Tal é, em resumo, senhores, o ponto de vista sob o qual se deve encarar o Espiritismo. Nesta circunstância, qual foi o meu papel? Nem o de inventor, nem o de criador. Vi, observei, estudei os fatos com cuidado e perseverança; coordenei-os e lhes deduzi as conseqüências: eis toda a parte que me cabe. Aquilo que fiz, outro poderia ter feito em meu lugar. Em tudo isto fui simples instrumento dos pontos de vista da Providência, e dou graças a Deus e aos bons Espíritos por se terem dignado servir-se de mim. É uma tarefa que aceitei com alegria, e da qual me esforcei por tornar-me digno, pedindo a Deus me desse as forças necessárias para realizá-la segundo a sua santa vontade. No entanto, a tarefa é pesada, mais pesada do que possam imaginá-la; e se tem para mim algum mérito, é que tenho a consciência de não haver recuado perante nenhum obstáculo e nenhum sacrifício. Será a obra da minha vida até meu último dia, porque, na presença de um objetivo tão importante, todos os interesses materiais e pessoais se apagam como pontos diante do infinito (Revista Espírita, ano VII (1864), sétimo volume, 2004, p. 434-438). (Sem grifos no original)

Ele sempre frisou em várias ocasiões que o Espiritismo, como ciência, influenciaria, no futuro, as próprias ciências constituídas, quando estas tivessem olhos para a nova realidade que se apresentava:

Já dissemos e vamos repetir: o Espiritismo descortina novos horizontes a todas as ciências. Quando os cientistas levarem em consideração o elemento espiritual nos fenômenos da Natureza, ficarão surpresos de ver que as dificuldades contra as quais tropeçam a cada passo são removidas como por encanto. Mas é provável que, para muitos, seja necessário renovar o hábito (Revista Espírita, ano V (1862), quinto volume, 2004, p. 151).

³³ Aqui Kardec continua se referindo a leis das ciências naturais, especificamente a do movimento da Terra e da força do vapor.

No livro *O que é o Espiritismo*, já no preâmbulo, expondo o conteúdo da obra, e respondendo, de modo sintético, sobre o que é o Espiritismo, Kardec afirma:

O ESPIRITISMO É, AO MESMO TEMPO, UMA CIÊNCIA DE OBSERVAÇÃO E UMA DOCTRINA FILOSÓFICA. COMO CIÊNCIA PRÁTICA ELE CONSISTE NAS RELAÇÕES QUE SE ESTABELECEM ENTRE NÓS E OS ESPÍRITOS; COMO FILOSOFIA, COMPREENDE TODAS AS CONSEQUÊNCIAS MORAIS QUE DIMANAM DESSAS MESMAS RELAÇÕES.

Podemos defini-lo assim:

O Espiritismo é uma ciência que trata da natureza, origem e destino dos Espíritos, bem como de suas relações com o mundo corporal (2006, p. 54-55).

A convicção demonstrada por Kardec nas palavras acima só ocorreu depois que ele realizou acuradas observações sobre o objeto de seus estudos (os Espíritos), pois, inicialmente, quando se deparou pela primeira vez com o fenômeno espírita, ele teve dúvidas e hesitações – não se pode esquecer que Kardec, de formação pestalozziana desde a adolescência, era reconhecido na sociedade francesa, sob o nome de Hippolyte Leon Denizard Rivail, como professor emérito e autor pedagógico de renome pelo rigor de suas pesquisas na área da educação e em qualquer campo do saber ao qual se dedicasse (ciência, filosofia, etc.). Além disso, ele era católico.

Depois de reiteradas observações dos fenômenos espíritas, Kardec, sabendo da inexistência de teorias sobre o assunto, percebeu que as ciências positivas (com a experimentação e manipulação livre das propriedades da matéria) seriam incompetentes para auxiliá-lo no estudo metódico que se propunha realizar acerca do fenômeno espírita.

O observador francês asseverou que o Espiritismo não era da alçada da ciência ordinária vigente, pois o objeto a ser pesquisado (os Espíritos) não poderia ser manipulado aos caprichos das observações e experimentações, ou seja, o ponto de partida deveria ser outro, conforme ele mesmo coloca:

As ciências ordinárias assentam nas propriedades da matéria, que se pode experimentar e manipular livremente; os fenômenos espíritas repousam na ação de inteligências dotadas de vontade própria e que nos provam a cada instante não se acharem subordinadas aos nossos caprichos. As observações não podem, portanto, ser feitas da mesma forma; requerem condições especiais e outro ponto de partida. Querer submetê-las aos processos comuns de investigação é estabelecer analogias que não existem. A Ciência, propriamente dita, é, pois, como ciência, incompetente

para se pronunciar na questão do Espiritismo: não tem que se ocupar com isso e qualquer que seja seu julgamento, favorável ou não, nenhum peso poderá ter (Kardec, 2007, p. 35-36).

Tratava-se, de fato, de um objeto *sui generis* em ciência. Na teologia e na metafísica, os Espíritos tinham espaço como entidades transcendentais, cuja existência dependia da crença subjetiva. No entanto, tornaram-se no Espiritismo um verdadeiro objeto científico, a ser objetivamente considerado. Esse objeto no entanto, os Espíritos, não se submetia ao mesmo trato laboratorial de outros elementos manipuláveis (outro objetos científicos) pelo pesquisador. Os fenômenos espíritas físicos iniciais poderiam aparentar-se como passíveis de controle; no entanto, quando a inteligência pensante surgiu por trás dos mesmos, percebeu-se que o fenômeno não era da competência da ciência positiva natural (das ciências factuais). A esse respeito afirma Kardec:

Cada um só tem competência para julgar o que conhece. (...) As ciências vulgares repousam sobre as propriedades da matéria, que podemos manipular à vontade; os fenômenos que ela produz têm como agentes forças materiais. Os do Espiritismo têm como agente inteligências que possuem sua independência, seu livre-arbítrio, e de modo algum se submetem aos nossos caprichos; escapam, dessa forma, aos nossos processos anatômicos e laboratoriais, bem como aos nossos cálculos e, assim, não são da competência da ciência propriamente dita. A ciência se enganou ao querer experimentar os Espíritos como se o fizesse a uma pilha voltaica; partiu de uma ideia fixa, preconcebida, à qual se aferra, e quer forçosamente ligá-la à ideia nova. Fracassou, e assim devia acontecer, porque agiu tendo em vista uma analogia que não existe. Depois, sem ir mais longe, concluiu pela negativa: julgamento temerário que o tempo diariamente se encarrega de reformar, como reformou tantos outros, e aqueles que o pronunciaram muito se envergonharão por haverem levemente assumido uma falsa posição contra o poder infinito do Criador. Assim, pois, as corporações científicas não devem, nem jamais deverão pronunciar-se sobre o assunto; ele não é da sua alçada, assim como também não o é o direito de decretar se Deus existe. (...)

Mas nem todos os sábios julgaram do mesmo modo. Alguns fizeram o seguinte raciocínio: Não há efeito sem causa, e os mais vulgares efeitos podem abrir caminho aos maiores problemas. Se Newton houvesse menosprezado a queda de uma maçã; se Galvani tivesse repellido a sua doméstica, tratando-a de louca e de visionária, quando ela lhe falou das rãs que dançavam no prato, talvez ainda estivéssemos procurando a admirável lei da gravidade e as fecundas propriedades da pilha. O fenômeno designado sob o burlesco nome de dança das mesas não é mais ridículo do que o da dança das rãs, e talvez encerre alguns desses segredos da Natureza que revolucionarão a Humanidade, quando possuímos a sua chave. Além disso, eles disseram: Desde que tanta gente se ocupa de tais fatos e desde que homens muito sérios os estudaram, é porque existe alguma coisa; uma ilusão, uma loucura, se quisermos, não pode ter esse caráter de generalidade; poderá seduzir um círculo, um grupelho, mas não fará a volta ao mundo (Revista Espírita, ano II (1859), segundo volume, 2004, p. 226-228). (Sem grifos no original)

Dessa concepção primeira das ciências físicas e de que as suas leis universais não seriam suficientes para registrar a “verdade” sobre aqueles fatos novos (manifestação dos Espíritos), Kardec traça a seguinte sentença:

Repetimos mais de uma vez que, se os fatos a que aludimos se houvessem reduzido ao movimento mecânico dos corpos, a indagação da causa física desse fenômeno caberia no domínio da Ciência; porém, desde que se trata de uma manifestação que se produz com exclusão das leis da Humanidade, ela escapa à competência da ciência material, visto não poder explicar-se por algarismos, nem por uma força mecânica. Quando surge um fato novo, que não guarda relação com alguma ciência conhecida, o sábio, para estudá-lo, tem que abstrair da sua ciência e dizer a si mesmo que o que lhe oferece constitui um estudo novo, impossível de ser feito com ideias preconcebidas.[...]. Dirigimo-nos, pois, aos ponderados, que duvidam do que não viram, mas que, julgando do futuro pelo passado, não crêem que o homem haja chegado ao apogeu, nem que a Natureza lhe tenha facultado ler a última página do seu livro (2007, *O Livro dos Espíritos*, p. 37-38).

Kardec compreendeu que a sua questão não seria acolhida pela comunidade científica. Tomando por base a desconfiança da ciência em relação a fatos “verdadeiramente” científicos, ele se demonstrou cético quanto à aceitação do Espiritismo pelos doutores da ciência.

Ora, se tais assembléias, que contavam em seu seio a nata dos sábios do mundo, só tiveram a zombaria e o sarcasmo para ideias que elas não percebiam, ideias que, alguns anos mais tarde, revolucionaram a ciência, os costumes e a indústria, como esperar que uma questão alheia aos trabalhos que lhes são habituais alcance hoje das suas congêneres melhor acolhimento? (2007, *O Livro dos Espíritos*, p. 37).

Ele ainda reconhece que “desde que a Ciência sai da observação material dos fatos, em se tratando de os apreciar e explicar, o campo está aberto às conjeturas” (2007, p. 34), e, na defesa de que os fatos espíritas observados mereciam um estudo metódico e sistematizado, Kardec, já meditando sobre a epistemologia científica de então, revoluciona e cria a Ciência do Espírito, fincando seus postulados em alguns dos princípios positivistas (ideias que movimentavam a comunidade científica da época), porém transgredindo-os, diante do reconhecimento de que o objeto que ele se propunha estudar não se conformava aos limites das pesquisas positivas acerca dos fenômenos empíricos naturais.

Não se podia negar que Kardec estava diante de fatos concretos e observáveis, por mais estranhos que fossem e insólitos parecessem aos olhos da comunidade científica

européia. Por isso ele usou a imperiosidade dos fatos para merecer a atenção científica na sua explicação sobre os fenômenos espíritas.

Para muita gente, a oposição das corporações científicas constitui, senão uma prova, pelo menos forte presunção contra o que quer seja. [...]. Os fatos, eis o verdadeiro critério dos nossos juízos, o argumento sem réplica. Na ausência dos fatos, a dúvida se justifica no homem ponderado.[...]. (Kardec, 2007, p. 34-35).

Assim, observando, analisando e sistematizando os fatos da manifestação dos Espíritos, ele pôde, finalmente, organizar um corpo teórico suficiente para alcançar o *status* de ciência, estabelecendo, de forma objetiva, princípios gerais norteadores de seus estudos, que sustentariam a nova doutrina, devido ao seu trabalho metódico, pautado na razão e na observação, destacando que:

O primeiro exame comprobativo é, pois, sem contradita, o da razão, ao qual cumpre se submeta, sem exceção, tudo o que venha dos espíritos. Toda teoria em manifesta contradição com o bom-senso, com uma lógica rigorosa e com os dados positivos já adquiridos, deve ser rejeitada, por mais respeitável que seja o nome que traga como assinatura (Kardec, 2006, p. 29).

Ou seja, o próprio Kardec, com espírito científico, reconhecia a necessidade de certas características para que seus estudos merecessem o aval da ciência. Suas pesquisas pautaram-se sobre três pontos básicos: a) observação e registro de sessões de manifestação dos espíritos, ocorridas, inicialmente, com as mesas girantes; b) catalogação de cartas psicografadas, vindas de várias partes da França e de outros países; c) aplicação de um longo questionário (constituído de centenas de interrogações e dúvidas) aos Espíritos comunicantes, através de médiuns, buscando deles (Espíritos) informações sobre o mundo imaterial e a razão de sua manifestação, aferindo a coerência da sua linguagem e a universalidade de seus ensinamentos. Dessa forma, Kardec pôde erguer a doutrina dos Espíritos, exposta em todas as suas obras sobre o tema – que, segundo Kardec, trazem a fala direta dos Espíritos (*O Livro dos Espíritos*), ou são fruto de suas reflexões advindas do longo contato que ele declara ter tido com os Espíritos e com seus ensinamentos (*O Livro dos Médiuns*, *O que é o Espiritismo*, *O Evangelho segundo o Espiritismo*, *A Gênese*, *O Céu e o Inferno*, *Obras Póstumas*, *Revista Espírita*).

Na introdução de *O Evangelho segundo o Espiritismo*, sob o item “AUTORIDADE DA DOCTRINA ESPÍRITA” e o subtítulo “Controle Universal do Ensino dos Espíritos”, Kardec discorre sobre a principal característica do Espiritismo que lhe confere foros de ciência: a universalidade das manifestações dos Espíritos. Kardec declara: “Nessa universalidade do ensino dos Espíritos reside a força do Espiritismo” (ESE, p. 28).

O fato de as manifestações dos Espíritos se generalizarem por todo o mundo e classes sociais são uma garantia de verdade. Entre os espectadores há, evidentemente, pessoas de má índole, que podem mentir. Mas também há pessoas idôneas. E Kardec procurou cercar-se dessas últimas. Para ele, o maior risco que se poderia correr era o da mentira, da fraude, da mistificação. Isso porque o seu objeto de estudo não era visível, palpável, apreensível pelos sentidos. Não era empírico, enfim.

Portanto o fator da quantificação foi dos mais relevantes para garantir que ele estava lidando com um objeto real, passível de registro científico. Se as manifestações ocorriam em várias partes, se eram presenciadas por milhares de pessoas, se a maior parte dos ensinamentos e explicações dos Espíritos coincidia nas diversas manifestações, então, por dedução, elas só podiam ser verdadeiras.

Assim, ele partiu da indução para a dedução. Pode-se então classificar o seu método de estudos como indutivo: de muitos fatos particulares iguais (e semelhantes) Kardec extraiu uma generalização, uma abstração, uma lei geral: os Espíritos existiam e se comunicavam com os vivos.

Há que se ver nos seus estudos o caráter testemunhal (que tem condição de verdade e prova em direito, no mundo jurídico). Milhares de pessoas estavam lá, viram, assistiram, presenciaram, podiam confirmar, tinham a força de testemunhas de fatos ocorridos. Podiam garantir o registro e a documentação de tais fatos. Portanto o primeiro passo seria garantir a autenticidade do fenômeno físico: se ele de fato ocorria ou não, se não era resultado de fraude, se não era mentira. Kardec teve certeza dessa primeira autenticidade pelo número, pela quantidade das manifestações.

Claro que antes disso, quando ele presenciou por diversas vezes as mesas girantes, ele teve uma primeira convicção, íntima, para si. Por isso ele se dispôs a estudar os fenômenos

espíritas. Se o cientista não tem uma convicção íntima, interior; se ele duvida do objeto a ser pesquisado; ele não pode se engajar em uma pesquisa. Por isso acredita-se ter sido de fundamental importância os fenômenos terem surgido com as batidas, as pancadas, os movimentos de objetos inanimados (mesas, cadeiras, cestas, etc.), que não têm o poder de falsear a realidade, de mentir, de ludibriar.

Vencida a dúvida inicial e conquistada uma primeira autenticidade, impunha-se uma segunda autenticidade: a de se acreditar, de levar a sério o que os Espíritos diziam. Logo que se debruçou sobre o assunto, a fim de estudá-lo, Kardec começou a perceber a diferença intelectual e moral entre os Espíritos manifestantes, o que ele compreendeu facilmente, porque, se os Espíritos eram apenas as almas dos vivos que desencarnavam, e se entre os vivos havia tanta diferença, as diferenças permaneceriam no nível espiritual, não tendo a morte o poder de apagá-las e de igualar os Espíritos. Além dessa constatação pela lógica, os próprios Espíritos declaravam que assim era e o comprovavam demonstrando diferenças individuais. Sobre essas diferenças, Kardec declara:

Sabe-se que os Espíritos, em virtude da diferença entre as suas capacidades, longe se acham de estar, individualmente, considerados, na posse de toda a verdade; que nem a todos é dado penetrar certos mistérios; que o saber de cada um é proporcional à sua depuração (ESE, p. 29).

Kardec erra ao iniciar a frase acima com um “sabe-se”. Não, não se sabe, não se sabia. Estava-se sabendo a partir dele. Era ele que estava revelando o mundo espiritual com seus estudos. Foi ele que fez a categorização dos Espíritos e das dimensões espirituais, a partir das declarações dos Espíritos e das suas próprias deduções lógicas, com base em dados coletados de diferentes manifestações.

Como os Espíritos não eram todos elevados, cultos, confiáveis, sábios, éticos, então era preciso passar pelo crivo da razão as suas palavras. Em busca da autenticidade dos ensinamentos proferidos pelos Espíritos, Kardec usou a razão, o raciocínio lógico, no que contribuíram positivamente os seus grandes conhecimentos científicos, filosóficos, sociais, pedagógicos. Ele afirma:

O primeiro exame comprobatório é, pois, sem contradição, o da razão, ao qual cumpre se submeta, sem exceção, tudo o que venha dos Espíritos. Toda teoria em manifesta contradição com o bom-senso, com uma lógica rigorosa e com os dados

positivos já adquiridos, deve ser rejeitada, por mais respeitável que seja o nome que traga como assinatura (ESE, p. 29).

Ele se refere ao nome respeitável como assinatura porque constatou que uma das características dos espíritos inferiores (zombeteiros, vulgares, sofômanos, enganadores, pseudossábios) era fazer-se passar por algum vulto histórico ou religioso de renome por sua cultura, seus conhecimentos, seus feitos no bem, em prol da humanidade ou de pessoas necessitadas. Ocorria, então, de surgirem mensagens negativas em nome de entidades conhecidas por suas qualidades intelectuais e morais. Esse tipo de fraude era facilmente perceptível porque ninguém pode simular um saber que não possui (o que ocorre mesmo entre os vivos).

Como observador criterioso, Kardec necessitava certificar-se da seriedade das mensagens espíritas a fim de deixar registrados ensinamentos confiáveis, fidedignos, corretos, tanto em relação aos aspectos morais quanto em relação às explicações acerca do mundo espiritual e de todos os ensinamentos transmitidos (sobre Deus, o universo, a vida, os seres e tudo mais que os Espíritos expunham).

Ele constatou que os Espíritos que desejavam realmente trazer um legado de saber para a humanidade, manifestando-se e prestando informações valiosas, consoladores, instrutivas, falavam as mesmas coisas, de modo praticamente igual. E havia, por outro lado, falas diferentes, estranhas aos bons princípios ou erradas em algum ponto facilmente perceptível. Então cabia-lhe filtrar as informações, considerando somente aquelas que coincidiam, rejeitando as incoerentes, exóticas, estranhas, contrárias à lógica e à razão. Ele diz:

Foi essa unanimidade que pôs por terra todos os sistemas parciais que surgiram na origem do Espiritismo, quando cada um explicava à sua maneira os fenômenos, e antes que se conhecessem as leis que regem as relações entre o mundo visível e o mundo invisível. [...] Também não é porque um princípio nos foi ensinado que, para nós, ele exprime a verdade, mas porque recebeu a sanção da concordância. [...] Tomadas insuladamente, elas, para nós, nenhum valor teriam; somente a coincidência lhe imprime gravidade. Esse movimento geral, que observamos e estudamos, com a assistência dos nossos guias espirituais, é que nos auxilia a julgar da necessidade de fazermos ou não alguma coisa.

Essa verificação universal constitui uma garantia para a unidade futura do Espiritismo e anulará todas as teorias contraditórias. Aí é que, no porvir, se encontrará o critério da verdade. O que deu lugar ao êxito da doutrina exposta em *O Livro dos Espíritos* e em *O Livro dos Médiuns* foi que em toda a parte todos

receberam diretamente dos Espíritos a confirmação do que esses livros contêm (ESE, p. 30-31).

O aspecto da universalidade das manifestações é repetido sempre, porque ele constitui um dos critérios de fidedignidade da Doutrina Espírita:

A única garantia segura do ensino dos Espíritos está na concordância das revelações feitas espontaneamente, através de um grande número de médiuns, estranhos uns aos outros, e em diversos lugares (Kardec, in Incontri, p. 30).

De todo o exposto, sobressai a prudência de Kardec quanto à divulgação dos ensinamentos dos Espíritos. Só depois da certeza – conferida pela universalidade – das informações é que ele sentia segurança para a publicação e principalmente para considerar os ensinamentos como leis da doutrina. Em nenhum momento Kardec vacilou em julgar como leis verdadeiras (verdade absoluta) do Espiritismo aquilo que nascia da unanimidade dos Espíritos. Ele diz:

Também ressalta que as instruções dadas pelos Espíritos sobre os pontos ainda não elucidados da Doutrina não constituirão lei, enquanto essas instruções permanecerem insuladas (...). Daí a necessidade da maior prudência em dar-lhes publicidade (...). Essa confirmação é que se precisa aguardar, antes de apresentar um princípio como verdade absoluta (Kardec, ESE, p. 33).

Outro aspecto muito importante da epistemologia kardecista na codificação do Espiritismo foi a própria isenção, a não-interferência pessoal na teoria espírita. Verdade que apenas um dos livros de Kardec afirma ser a exposição fiel da fala dos Espíritos (*O Livro dos Espíritos*), sendo os outros produção sua, mas com base no que lhe disseram e ensinaram os Espíritos – aspecto que ele faz questão de frisar. Kardec afirma: o Espiritismo é a Doutrina dos Espíritos; ele apenas compilou, escreveu e publicou o que lhe disseram. Em capa interna do livro *A Gênese* (uma das obras de Kardec), vem escrito: “A doutrina espírita há resultado do ensino coletivo e concordante dos espíritos”. Exatamente por esse fato é que Kardec é denominado de “codificador” e não de criador do Espiritismo.

Pelo caráter de universalidade, pela intenção de estabelecer leis e verdades absolutas é que se pode considerar o Espiritismo uma doutrina dogmática – ou ortodoxa, como prefere Kardec. Porém essa ortodoxia, esse dogmatismo, essa verdade absoluta e essa autoridade vêm de Deus, que revelou o Espiritismo a todos igualmente:

Não será à opinião de um homem que se aliarão os outros, mas à voz unânime dos Espíritos; não será um homem, nem nós, nem qualquer outro que fundará a ortodoxia espírita; tampouco será um Espírito que se venha interpor a quem quer que seja: será a universalidade dos Espíritos que se comunicam em toda a Terra, por ordem de Deus. Esse o caráter essencial da Doutrina Espírita; essa a sua força, a sua autoridade. Quis Deus que a sua lei assentasse em base inamovível e por isso não lhe deu por fundamento a cabeça frágil de um só (Kardec, ESE, p. 35).

O Espiritismo tem objeto e metodologia próprios – como todas as ciências. E, além de objeto próprio, possui um objeto *sui generis*: a alma dos mortos, o Espírito.

Há que se pensar então na metodologia que Kardec usou para “criar”, para desenvolver o Espiritismo, apresentando-o como tal à sociedade. O que Kardec fez foi usar o procedimento ou a técnica de conversar, entrevistar “pessoas”, usando a linguagem verbal. À medida que ia dialogando, ia registrando as conversas e analisando-as. Depois lhes deu uma redação final e publicou o discurso espírita (a Doutrina Espírita).

Acontece que essas pessoas entrevistadas eram mortas. E elas falavam por meio do “aparelho” de um vivo, de um médium. Seria esse aspecto suficiente para se falar em “metodologia própria”? A mediunidade faria parte do método de Kardec? A mediunidade tem *status* de epistemologia?

Verdade que, além das conversas, havia as manifestações de efeito físico (com objetos inanimados se movimentando, batendo, respondendo a perguntas através de códigos: tantas pancadas para “sim”, tantas para “não”; número diferente de batidas para cada letra do alfabeto; etc.). Havia também a reação corpórea, física, observável sensitivamente, do transe mediúnico da pessoa encarnada que “recebia” o Espírito – pois, no transe mediúnico, há uma transfiguração fisionômica do médium e alteração da sua voz.

Mas, em termos de epistemologia, o que representam esses aspectos? E fazem eles parte de um método? Estariam dentro do método positivista pelo fato de serem apreensíveis pelos sentidos?

Juntando algumas expressões usadas por Kardec sobre o seu método de trabalho no desenvolvimento do Espiritismo, pode-se pensar que ele entra em contradição consigo

mesmo, afirmando coisas opostas. Em algumas passagens ele se define como positivista e declara que usou o método das ciências positivas:

Quanto ao modo de elaboração, o Espiritismo procede exatamente de maneira semelhante à das Ciências positivas, isto é, aplica o método experimental. Apresentam-se fatos de uma nova ordem, que não se podem explicar pelas leis conhecidas. Ele os observa, os compara e os analisa, e chegando às causas através dos efeitos, chega até a lei que os rege. A seguir, ele deduz suas conseqüências e procura encontrar-lhes aplicações úteis. Não estabelece nenhuma teoria preconcebida. (...) Chegou à conclusão da existência dos Espíritos, quando esta existência tornou-se clara através da observação dos fatos. E assim com os outros princípios (in Incontri, op., cit., p. 28).

Porém, em outras passagens, ele diz que a causa dos fenômenos espíritas “escapa à competência da ciência material” e que a “Ciência, propriamente dita, é, pois, como ciência, incompetente para se pronunciar na questão do Espiritismo”. No entanto, o que parece uma contradição, uma aporia no raciocínio do pesquisador é na verdade uma simples questão da natureza do objeto (o Espírito). Realmente, enquanto não houver meios de se comprovar fisicamente a matéria fluídica dos Espíritos, como aconteceu com todos os elementos invisíveis e imponderáveis estudados pelas ciências naturais, a existência dos Espíritos será uma dúvida aos olhos positivistas e não terá o mesmo peso dos demais objetos científicos de existência comprovada. Enquanto não se puder provar que os Espíritos ocupam um lugar no espaço, que eles são um corpo físico quintessenciado (sutil, fluídico), sua existência continuará dependendo da fé, da crença daqueles que confiam na palavra dos médiuns videntes. Enquanto não se puder mostrar imagens (fotografias e filmes) dos Espíritos ou de cidades e colônias espirituais, enquanto diversos familiares e conhecidos mortos não aparecerem visivelmente, em grandes grupos, perante cientistas reunidos em assembléia, esses objetos e seres permanecerão no reino da ficção, da fantasia, da imaginação – e da metafísica.

Ou seja, a realidade do mundo espiritual é semelhante à realidade ontológica das coisas e dos seres vistos pela ótica da metafísica. A metafísica foi uma resposta para os pensadores até certa fase da história, enquanto não vinham outras concepções epistemológicas, enquanto não se criou a ciência propriamente dita (que se iniciou com o empirismo e o positivismo). Depois a metafísica caiu no descrédito. O mundo científico abandonou a metafísica em nome de técnicas, de dados, de métodos, de laboratórios, de percepções sensíveis, de fenômenos e fatos comprovados fisicamente, mensuráveis, ponderáveis. Essa foi uma ruptura fundamental na história do conhecimento.

Acontece, porém, no caso dos fenômenos espíritas, que as mesas, cadeiras, cestas eram objetos físicos visíveis que se movimentavam e que “respondiam” por meio de códigos elaborados pelas pessoas que estudavam aqueles fatos. A plateia heterogênea e curiosa podia não acreditar, mas as pessoas sérias envolvidas no processo tinham plena consciência de que não estavam usando de fraude. Tal era o caso de Allan Kardec. Ele declara que sabia de si para si que não estava mentindo, se enganando ou enganando ninguém. Por isso se engajou totalmente no estudo dos fenômenos e elaborou a Doutrina Espírita, enfrentando, sem medo do ridículo, uma época científica positivista e uma sociedade incrédula.

Então, por estar se baseando em fatos reais, em observações empíricas, ele se diz positivista e declara estar fazendo ciência como as demais ciências naturais.

Por outro lado, como a causa dos movimentos dos objetos e das manifestações mediúnicas era invisível, Kardec afirma que a ciência positiva normal era incompetente para dar conta do fenômeno. E de fato era, já que esse paradigma científico operava somente sobre fatos e causas comprováveis empiricamente: por exemplo, a causa da dilatação dos corpos é o calor.

Assim, Kardec juntou aspectos da ciência positiva (fato, observação, comprovação, experiência, indução, registro, análise, uso da lógica, dedução) com aspectos *aparentemente* metafísicos (a causa dos fenômenos depende de fé, de crença, de confiança na palavra dos médiuns; a causa é invisível e imaterial; não há meios de se comprovar de outra forma a causa; é preciso acreditar na causa sem vê-la; é preciso deduzir sobre a causa a partir dos seus efeitos).

Para o Espiritismo o termo “aparentemente” usado para classificar como metafísica a causa dos fenômenos mediúnicos (a existência e atuação dos Espíritos) não representa um juízo de valor. Isso porque, para o Espiritismo, a existência (presença, atuação, poder, mensagens, palavra dos Espíritos) é totalmente real – e física, embora imponderável para os atuais aparelhos de medição usados pelas ciências naturais. *Aparentemente* a presença de Espíritos em uma sala (e em maior número do que os vivos presentes) é metafísica e irreal, porque na verdade essa presença é real (concreta). E *aparentemente* (sensivelmente) não há Espíritos em uma sala onde estão reunidas pessoas vivas.

É diante desses fatos complexos, *sui generis*, exóticos (aos olhos da ciência comum) que se ergue a Doutrina Espírita, a ciência espírita: mortos existem, mortos se comunicam, mortos aparecem, mortos se manifestam, mortos convivem com vivos o tempo todo, mortos vêm contar como é seu mundo e ensinar sobre muitas coisas; em outras palavras: os “mortos” não morreram, não morrem. A morte não existe, a vida continua após o desencarne, e as pessoas permanecem com sua identidade. Continuam pensando, sentindo, trabalhando, agindo (no bem e no mal), planejando outras vidas. Após o desencarne, toda a realidade se descortina ao Espírito, ele toma consciência de si, e, de regra, de todas as suas vidas anteriores. Recordar-se aos poucos de tudo que já viveu. E sabe que tem que prosseguir em sua jornada rumo ao progresso³⁴, sabe que terá outras vidas no corpo físico (como encarnado).

E é também por isso que Dora Incontri afirma que o Espiritismo pretendia dar “uma base científica à metafísica”. Realmente, parecia um estranho e bizarro *enxerto* (do verbo “enxertar”, no sentido das ciências naturais, como o ato de inserir um corpo em outro corpo) o trabalho de Kardec. Ele apresentava à sociedade um produto híbrido que a comunidade científica da época rejeitaria. Dora Incontri (op. cit., p. 19-20) afirma que até em Descartes houve a possibilidade de se “racionalizar Deus”, mas que tal possibilidade poderia parecer um retrocesso depois de Kant (1722-1804), do positivismo e outras tendências científicas e filosóficas modernas, notadamente depois de Nietzsche (1844-1900) – ou seja, na época de Kardec (1804-1869). E Kardec queria colocar a metafísica, o transcendental (e, por corolário, Deus), por meio dos Espíritos, em mesas que se movimentavam.

Então o que fazia Kardec? Tentava racionalizar Deus. A partir de fatos empiricamente observáveis. Daí dizer-se, a título de maior elucidação do processo e do fenômeno espírita, que Kardec tentava uma positivação da metafísica. Até hoje o Espiritismo opera assim: fatos observáveis são explicados pela ação de Espíritos, que agem por conta própria, devido a antigas relações com os vivos, em razão de projetos estabelecidos no mundo

³⁴ O termo “progresso”, no Espiritismo, não tem o mesmo sentido adotado por Comte. Comte se referia ao progresso material, da sociedade, da ciência, da tecnologia, do conhecimento, da nação, de um povo. Quando fala em progresso, Kardec está se referindo ao progresso individual do Espírito, em planos morais e espirituais, como ser divino e perfectível – o que acaba se refletindo na sociedade e mesmo na intelectualidade do Espírito. O dístico da bandeira brasileira, “Ordem e Progresso”, é positivista, é comteano, e não tem nenhuma relação com o Espiritismo.

espiritual e em nome de Deus, com vistas a auxiliar os encarnados, através de lições de ensinamentos morais e de consolo aos aflitos.

A partir da exposição de Kardec sobre seu trabalho, pode-se levantar que são traços da sua epistemologia: os fatos sensíveis, os dados, a observação, a experimentação, o registro, o rigor metodológico, a lógica, a hipótese, a indução, a dedução, a generalização, a universalidade das leis, a quantidade de fatos semelhantes ou iguais, a simultaneidade de ocorrência dos fatos em diferentes lugares e com diferentes pessoas, a unanimidade entre os Espíritos quanto aos ensinamentos transmitidos e explicações sobre o mundo incorpóreo). Ao se deparar com os fenômenos mediúnicos físicos – e *inteligentes* (respostas e falas codificáveis por meios de batidas e movimentos de móveis –; aparição de mortos; escrita pela mão de médiuns; audição de vozes; precognição; etc.), e ao constatar que não eram fraudulentos, Kardec levantou várias hipóteses para sua causa. Só depois de algum tempo e após testar hipóteses, foi que ele concluiu pela ação dos mortos (o desconhecido ganhara uma identidade – Espíritos dos “mortos” –, passando a ser o seu objeto de investigação e de estudo). Logo em seguida veio a sua reflexão sobre os ensinamentos lógicos, coerentes, sensatos, éticos, complexos acerca de toda a realidade do mundo e dos assuntos que ocupam a mente humana desde sempre: a natureza, a vida, a existência, o universo, Deus, a origem e destino do homem, a causa do sofrimento humano, as diferenças entre as pessoas, os comportamentos normais e anormais, a família, a sociedade, o trabalho, a matéria, a energia, a ciência, a riqueza, a pobreza, as classes sociais, as doenças, a morte, etc. Kardec refletia conjuntamente com os Espíritos sobre tudo que eles falavam, como dois cientistas conversando normalmente sobre objetos científicos, ponderando, usando o raciocínio lógico. Diferentemente das ciências positivas, o objeto do Espiritismo é o “Espírito” (o desencarnado): o próprio objeto é sujeito do conhecimento.

O fato de o ser humano ser objeto do conhecimento é comum nas ciências humanas, como a psicologia, a sociologia, a educação, a antropologia, etc., em que pessoas e grupos humanos são estudados sob diversos aspectos (comportamentos, atitudes, culturas, representações, níveis de produção, etc.). No entanto, embora se manifestem, expondo-se, tais pessoas e grupos, na realidade, têm uma postura “passiva” (em certo grau), diferentemente do que ocorreu no Espiritismo, em que o seres espirituais agiram de modo ativo, expondo conceitos; apresentando registros históricos de vidas e de sociedades; prescrevendo leis e regras hauridas no plano espiritual; falando em nome de entidades espirituais orientadoras;

indicando comportamento aos homens e à sociedade; descrevendo hierarquias evolutivas dos seres; ditando preceitos éticos e morais; oferecendo explicações (as permitidas) sobre Deus, Jesus, entidades espirituais, origem do universo; etc. Em outras palavras, nas ciências humanas, em alguns casos especiais (na pesquisa-ação ou pesquisa participante, por exemplo), está-se diante de um objeto-sujeito. Já no Espiritismo, o que se tem é o “sujeito-sujeito” (expressão aqui usada por uma questão de ênfase, para a transmissão da real extensão e do significado da ação dos Espíritos na codificação da Doutrina Espírita) – tendo sido Allan Kardec (o suposto sujeito cognoscente) um mero instrumento, um meio transmissor, um porta-voz: daí o seu epíteto de codificador do Espiritismo. Com mais razão, esse aspecto de diminuição do sujeito cognoscente, no Espiritismo, confere maior neutralidade e objetividade do sujeito (Allan Kardec) em relação ao objeto de pesquisa (Espíritos).

Uma segunda diferença entre o objeto cognoscível das ciências humanas e o Espiritismo é que nas ciências humanas o objeto é o homem vivo, enquanto no Espiritismo o objeto é o homem morto³⁵.

O trabalho de Allan Kardec está de acordo com o pensamento epistemológico do século XIX. No entanto, ele vai além do positivismo, ou seja, Allan Kardec transgride o positivismo, no sentido de que permite pensar-se um objeto impensado (até então) – cria-se o objeto para a ciência espírita. O seu objeto de pesquisa é na realidade um “sujeito”. Nesse ponto, pode-se antever dois sujeitos na pesquisa espírita: Allan Kardec, como o pesquisador, é o sujeito cognoscente; os Espíritos desencarnados, como os autores da Doutrina Espírita, são o sujeito (“objeto de pesquisa”) do novo conhecimento que se edificava e se apresentava ao mundo. O Espiritismo é pois o produto de um trabalho em que o pesquisador, ao abordar o seu objeto, teve o impacto de vê-lo manifestar-se, com voz própria, a ditar conceitos e ensinamentos, dizendo ao pesquisador, com lhe dando uma ordem: *ouça, reflita, escreva e publique*. Nesse sentido, Kardec não fez uma pesquisa propriamente positivista, porque não exerceu controle sobre o seu objeto de análise. Ele procedeu, à semelhança de outros cientistas das ciências factuais empíricas, aos passos normais estabelecidos pelo método positivista: colocar um problema, levantar uma hipótese, coletar e analisar dados, testar a hipótese e apresentar uma resposta coerente, de acordo com os dados, levantando leis gerais e

³⁵ Está-se usando o termo “morto” apenas por uma questão de ênfase e clareza, para se falar a linguagem do senso comum ou da ciência positivista. Porém, para o Espiritismo, não existe morto. Somente o corpo morre, o Espírito, que é eterno e imortal, continua vivo, obviamente.

universais, pelo método indutivo-dedutivo. Seus resultados foram obtidos de modo um pouco diferente: seu objeto falou e ditou as normas gerais, que ele codificou.

Na esteira de Bachelard, que propôs em ciência objetos cognoscíveis e criação do conhecimento além de ideia de realidade fenomenal, quantificada, ponderável, visível, sensível, palpável (o positivismo de Comte), Kardec, ao erigir a ciência espírita, reformulou a ideia de verdade no campo científico. Assim, Kardec é grande tributário do positivismo, mas é também um grande transgressor comteano. Em Kardec, a ordem da razão, da inteligência é descrever a revelação dos espíritos desencarnados, o que contrastava com a ordem da experiência objetiva da ciência tradicional. Kardec, portanto, embora tenha colhido aspectos da ciência positivista da sua época, superou o positivismo. Fato que autoriza a ressaltar o caráter subversivo do seu trabalho em relação a ciência tradicional e a perguntar se ele teria sido realmente (só e exatamente) positivista.

Apesar de ter pretendido a unificação entre ciência, filosofia e religião, Kardec, com objeto próprio, fez ciência, uma vez que, dos acontecimentos factuais (manifestação dos Espíritos), ele fez algo mais: codificou a teoria espírita. À semelhança das ciências biológicas, em que, por exemplo, não foi a descoberta da célula pelo inglês Robert Hooke, em 1665, que lhe deu o *status* de ciência, mas, sim, o estudo experimental e a elaboração da teoria celular, também, no Espiritismo, a “descoberta” do Espírito não foi o acontecimento fundamental para lhe conferir o foro de ciência, mas a teorização sistematizada que Kardec elaborou sobre os fenômenos mediúnicos e os ensinamentos transmitidos pelos Espíritos. Portanto, foi o método de trabalho rigoroso, de observação, continuado, repetitivo, empírico, experimental que garante ao estudo de Kardec a condição de ciência, no âmbito das ciências possíveis em geral. Em Kardec houve uma teorização dos fenômenos espíritas.

Kardec não duvida de que tenha feito ciência, filosofia e religião – sim, porque, pelo menos no Brasil, o Espiritismo se estruturou como uma “religião” (dentro do Cristianismo, mas separada do catolicismo e do protestantismo), consolidada em instituições associativas (Federação Espírita Brasileira – fundada em 02 de janeiro de 1884 –, centros ou casas espíritas, por exemplo), com adeptos e fiéis, com rituais próprios, com preceitos religiosos fundamentados em Jesus Cristo e em Deus, como profissão de crença e fé. Essa realidade é reconhecida por toda a comunidade espírita e estudiosos do Espiritismo, conforme

expõe Dora Incontri: o Espiritismo “é uma ciência com objeto e metodologia próprios”, é “uma filosofia racional” e “uma revelação religiosa” (2006, p. 28-29).

A imortalidade da alma e os ensinamentos dos Espíritos ensejaram uma “reflexão livre e dinâmica” acerca de todos os temas discutíveis pelo homem. O Espiritismo apresenta uma explicação racional e lógica sobre todos os temas humanos. Segundo Dora Incontri:

A metafísica torna-se pois um pressuposto dado pela ciência espírita, e o desdobramento filosófico se dá pela discussão racional, construindo-se a coerência interna da doutrina. A filosofia espírita alimenta-se ao mesmo tempo dos fenômenos estudados pela ciência espírita e do ensino dado pelos Espíritos desencarnados, constituindo-se sua função alinhar fatos e ideias e zelar pela sua racionalidade e compatibilidade com a ciência em geral (op. cit., p. 29).

Portanto, pelo sentido denotativo do termo “religião”³⁶, constata-se que o Espiritismo é uma religião. Mesmo porque os Espíritos manifestantes falam de Deus, de Cristo e de toda a temática religiosa (obediência a Deus, adoração, louvor, preceitos morais, fraternidade, bons sentimentos, imortalidade da alma, etc.). O Cristianismo é a religião predominante no Ocidente, sendo a Bíblia o livro que traz todos os seus princípios, bem como os de Deus (o deus monoteísta ocidental). O Espiritismo é cristão e tenta resgatar o Cristianismo puro, primitivo, do tempo de Jesus, pregando caridade, humildade, fraternidade, o bem, os bons princípios, superando os dois milênios de cristianismo construído pelo Catolicismo e pelo Protestantismo.

Encerra Dora Incontri:

Vê-se que ciência, filosofia e religião, encaradas numa perspectiva original, complementam-se para a obtenção de um conhecimento integrado, em que cada um desses métodos de acesso à realidade exerce um *controle recíproco* sobre os resultados obtidos. A doutrina espírita não se pretende portanto uma filosofia fechada, porque a revelação é contínua e democrática – qualquer um pode ser médium – e a ciência pode obter novas facetas dos fenômenos observados. Outros desdobramentos filosóficos podem surgir a partir das bases lançadas por Kardec (op. cit., p. 30). (Sem grifo no original).

A noção de “controle recíproco” entre as três facetas que formam o Espiritismo – ciência, filosofia, religião – é uma das características primordiais dessa doutrina. Portanto não

³⁶ Crença na existência de uma força ou forças sobrenaturais, considerada(s) como criadora(s) do Universo, e que como tal deve(m) ser adoradas(s) e obedecidas(s). Dicionário Aurélio.

há contradição entre esses três ângulos que constituem o Espiritismo. Para o Espiritismo a ciência é uma criação divina, e o homem só faz ciência porque Deus permite. Assim, não há uma divisão entre Deus e o mundo. E nenhum cientista “brinca de ser Deus”, porque Deus está acima de tudo e deseja a ciência, que só engrandecerá cada vez mais o homem, sua criatura amada. Deus ama a ciência como ama a fé. Por outro lado, racionalismo, clareza, lógica, bom senso, ética, bem, moral, princípios humanitários, diálogo, justiça são temas presentes em toda a teoria e a prática espírita – e são conceitos presentes na filosofia de modo geral. De modo, tomando-se o sentido denotativo de “filosofia”³⁷, tem-se que a reflexão acerca de todos os princípios espíritas constituem um tipo de filosofia. Portanto, a unidade, a sensação de um todo integrado formado por essas três partes – ciência, filosofia, religião – é uma das mais significativas características do Espiritismo.

Pode-se, portanto, dizer que, epistemologicamente, a Doutrina Espírita é bastante eclética, pois ela contém elementos metafísicos, científicos, filosóficos e religiosos. É, assim, moderna enquanto segue o método positivista de pesquisa, porém dá um passo atrás, ao contemplar os dois estados anteriores descritos por Comte, o religioso e o metafísico. Dessa forma, o conhecimento apresentado por Kardec passou pelos três estados comteanos: o teológico, o metafísico e o positivo.

O Espiritismo foi codificado (fundamentado, descrito e divulgado) por meio de cinco livros fundamentais. O primeiro foi *O Livro dos Espíritos (Filosofia Espiritualista)*, editado e publicado em 1857, o único constituído de perguntas de Kardec aos Espíritos e das respostas destes ao codificador. Apresenta os fundamentos básicos do Espiritismo, objetivando compilar os esclarecimentos que essa doutrina proporciona aos que buscam compreender a existência humana de forma mais abrangente. Divide-se em quatro partes, que se intitulam: Das causas primárias; Do mundo espírita ou mundo dos Espíritos; Das leis morais; Das esperanças e consolações. Aborda os aspectos científicos, filosóficos, religiosos da Doutrina Espírita, desenvolvendo, através de 1019 perguntas seguidas de suas respostas,

³⁷ Filosofia: Estudo que se caracteriza pela intenção de ampliar incessantemente a compreensão da realidade, no sentido de apreendê-la na sua totalidade, quer pela busca da realidade capaz de abranger todas as outras, o Ser (ora ‘realidade suprema’, ora ‘causa primeira’, ora ‘fim último’, ora ‘absoluto’, ‘espírito’, ‘matéria’, etc.), quer pela definição do instrumento capaz de apreender a realidade, o pensamento (as respostas às perguntas: que é a razão? o conhecimento? a consciência? a reflexão? que é explicar? provar? que é uma causa? um fundamento? uma lei? um princípio? etc.), tornando-se o homem tema inevitável de consideração. Ao longo da sua história, em razão da preeminência que cada filósofo atribua a qualquer daqueles temas, o pensamento filosófico vem-se cristalizando em sistemas, cada um deles uma nova definição da filosofia. Dicionário Aurélio.

assuntos como: imortalidade da alma; natureza dos Espíritos em suas relações com os homens; vidas presente e futura; porvir da humanidade. Afirma que “o Espiritismo é forte porque assenta sobre as próprias bases da religião” e por meio dele a humanidade tem que entrar numa nova fase, e do progresso moral que lhe é consequência inevitável.

Deve-se esclarecer que Kardec não é o autor dessa obra, mas somente o formulador das perguntas e organizador das respostas dos Espíritos. Sobre essa obra, que trata da parte filosófica do Espiritismo, ele declara:

Contém a doutrina completa, como a ditaram os próprios Espíritos, com toda a sua filosofia e todas as suas conseqüências morais. É a revelação do destino do homem, a iniciação no conhecimento da natureza dos Espíritos e nos mistérios da vida de além-túmulo. Quem o lê compreende que o Espiritismo objetiva um fim sério, que não constitui frívolo passatempo (2007, *LE*, p. 52).

E ainda sobre esse livro, na Revista Espírita, ele esclarece:

Esta obra, como o indica seu título, não é uma doutrina pessoal: é o resultado do ensino direto dos próprios Espíritos sobre os mistérios do mundo onde estaremos um dia, e sobre todas as questões que interessam à Humanidade; eles nos dão, de algum modo, o código da vida, ao nos traçarem a rota da felicidade futura. Não sendo este livro fruto de nossas ideias, visto que, sobre muitos pontos importantes tínhamos uma maneira de ver bem diversa, nossa modéstia nada sofreria com os nossos elogios; preferimos, no entanto, deixar falar os que estão inteiramente desinteressados por esta questão (Kardec, Revista Espírita, ano I (1858), 2004, p. 63).

Em capa interna, o livro traz uma sinopse do seu conteúdo: princípios da doutrina espírita sobre a imortalidade da alma, a natureza dos espíritos e suas relações com os homens, as leis morais, a vida presente, a vida futura e o porvir da humanidade – segundo os ensinamentos dados por espíritos superiores com o concurso de diversos médiuns – recebidos e coordenados por Allan Kardec.

Em 1859, Kardec edita e publica *O que é o Espiritismo*, considerando que era importante um esclarecimento sobre o novo objeto de estudos que se despontava. Essa obra não está entre as classificadas como codificadoras do Espiritismo (que são apenas cinco: *O Livro dos Espíritos*, *O Livro dos Médiuns*, *O Evangelho segundo o Espiritismo*, *O Céu e o Inferno* e *A Gênese*). *O que é o Espiritismo* traz as noções elementares do mundo invisível, pelas manifestações dos Espíritos, com o resumo dos princípios da Doutrina Espírita e

resposta às principais objeções que podem ser apresentadas. Esse livro apresenta também a biografia de Allan Karde, escrita por Henri Sausse. Na biografia, Sausse diz:

Todos sabeis que a nossa cidade se pode honrar, a justo título, de ter visto nascer entre seus muros esse pensador tão arrojado quão metódico, esse filósofo sábio, clarividente e profundo, esse trabalhador obstinado cujo labor sacudiu o edifício religioso do Velho Mundo e preparou os novos fundamentos que deveriam servir de base à evolução e à renovação da nossa sociedade caduca, impelindo-a para um ideal mais são, mais elevado, para um adiantamento intelectual e moral seguros.

[...]

O futuro fundador do Espiritismo recebeu desde o berço um nome querido e respeitado e todo um passado de virtudes, de honra, de probidade; grande número dos seus antepassados se tinham distinguido na advocacia e na magistratura, por seu talento, saber e escrupulosa probidade. Parecia que o jovem Rivail devia sonhar, também ele, com os louros e as glórias da sua família. Assim, porém, não foi, porque, desde o começo da sua juventude, ele se sentiu atraído para as ciências e para a filosofia.

Rivail Denizar fez em Lião os seus primeiros estudos e completou em seguida a sua bagagem escolar, em Yverdun (Suíça), com o célebre professor Pestalozzi, de quem cedo se tornou um dos mais eminentes discípulos, colaborador inteligente e dedicado. Aplicou-se, de todo o coração, à propagação do sistema de educação que exerceu tão grande influência sobre a reforma dos estudos na França e na Alemanha. Muitíssimas vezes, quando Pestalozzi era chamado pelos governos, um pouco de todos os lados, para fundar institutos semelhantes ao de Yverdun, confiava a Denizard Rivail o encargo de o substituir na direção da sua escola. (...) Era bacharel em letra e em ciências e doutor em medicina, tendo feitos todos os estudos médicos e defendido brilhantemente sua tese. Linguista insigne, conhecia a fundo e falava corretamente o alemão, o inglês, o italiano e o espanhol; conhecia também o holandês, e podia facilmente exprimir-se nesta língua.

[...]

Prosseguindo em sua carreira pedagógica, o Sr. Rivail poderia viver feliz, honrado e tranqüilo, estando a sua fortuna reconstruída pelo trabalho perseverante e pelo brilhante êxito que lhe havia coroado os esforços; mas a sua missão o chamava a uma tarefa mais onerosa, a uma obra maior, e, como teremos muitas vezes ocasião de o evidenciar, ele sempre se mostrou à altura da missão gloriosa que lhe estava reservada. Seus pendores, suas aspirações, tê-lo-iam impelido para o misticismo, mas a educação, o juízo reto, a observação metódica, conservaram-no igualmente ao abrigo dos entusiasmos desarrazoados e das negações não justificadas³⁸.

Posteriormente, em 1861, é publicado *O Livro dos Médiuns* ou *Guia dos Médiuns e dos Evocadores (Espiritismo Experimental)*, relativo à parte experimental e científica do Espiritismo. Seu resumo apresentado em capa interna: ensino especial dos Espíritos sobre a teoria de todos os gêneros de manifestações, os meios de comunicação com o mundo invisível, o desenvolvimento da mediunidade, as dificuldades e os tropeços que se podem encontrar na prática do Espiritismo. Esse livro constitui o seguimento de *O Livro dos Espíritos*.

³⁸ A biografia completa de Allan Kardec apresentada em *O que é o Espiritismo* vem no anexo I deste trabalho.

O Livro dos Médiuns enfoca a prática do Espiritismo, objetivando indicar os meios de desenvolvimento da faculdade mediúnica e dirige-lhe o emprego útil. Desenvolve o espírito científico, aborda noções preliminares sobre a existência dos espíritos, a metodologia de estudos espíritas e diferentes sistemas pelos quais a doutrina é encarada.

Sobre *O Livro dos Médiuns/Espiritismo experimental*, Kardec declara:

Representa o complemento de *O Livro dos Espíritos* e encerra a parte experimental do Espiritismo, assim como este último encerra a parte filosófica.

Fruto de longa experiência e de laboriosos estudos, nesse trabalho procuramos esclarecer todas as questões que se ligam à prática das manifestações. De acordo com os Espíritos, contém a explicação teórica dos diversos fenômenos, bem como das condições em que os mesmos se podem reproduzir. Não obstante, sobretudo a matéria relativa ao desenvolvimento e ao exercício da mediunidade mereceu de nossa parte uma atenção toda especial.

O Espiritismo experimental é cercado de muito mais dificuldades do que geralmente se pensa, e os escolhos aí encontrados são numerosos. É isso que ocasiona tantas decepções aos que dele se ocupam, sem a experiência e os conhecimentos necessários. Nosso objetivo foi o de prevenir contra esses escolhos, que nem sempre deixam de apresentar inconvenientes para quem se aventure sem prudência por esse terreno novo. Não podíamos negligenciar um ponto tão capital, e o tratamos com o cuidado que a sua importância reclama (*Revista Espírita*, ano IV (1861), quarto volume, p. 22-23.) (Sem grifos no original)

Ainda abordando essa obra, *O Livro dos Médiuns*, que trata da prática mediúnica, ele declara não estar criando uma nova escola com o Espiritismo, que é uma doutrina ditada pelos Espíritos:

Não negamos que esse trabalho suscitará mais de uma crítica da parte daqueles a quem incomoda a severidade dos princípios, bem como dos que, vendo as coisas de um outro ponto de vista, já nos acusam de querer fazer escola no Espiritismo. Se fazer escola é procurar nesta ciência um fim útil e proveitoso para a Humanidade, teríamos o direito de nos sentir envaidecidos com essa acusação. Mas uma tal escola não necessita de outro chefe que não seja o bom-senso das massas e a sabedoria dos bons Espíritos, que a teriam criado sem a nossa participação. Eis por que declinamos da honra de a ter fundado, felizes de nos colocarmos sob a sua bandeira, não aspirando senão o modesto título de propagador. Se for necessário um nome, inscreveremos em seu frontispício: *Escola de Espiritismo Moral e Filosófico*, e para ela convidaremos todos quantos têm necessidade de esperanças e de consolações (*Revista Espírita*, ano IV (1861), quarto volume, 2004, p. 24). (Sem grifos no original)

No final de *O Livro dos Médiuns*, é apresentado um pequeno vocabulário espírita, que compõe o capítulo XXXII:

Capítulo XXXII

Vocabulário Espírita

Agênere (Do grego – *a*, privativo, e – *géiné, géinomai*, gerar; que não foi gerado.) — Modalidade da aparição tangível; estado de certos Espíritos, quando temporariamente revestem as formas de uma pessoa viva, ao ponto de produzirem ilusão completa.

Batedor — Qualidade de alguns Espíritos, daqueles que revelam sua presença num lugar por meio de pancadas e ruídos de naturezas diversas.

Erraticidade — Estado dos Espíritos errantes, ou erráticos, isto é, não encarnados, durante o intervalo de suas existências corpóreas.

Espírita — O que tem relação com o Espiritismo; adepto do Espiritismo; aquele que crê nas manifestações dos Espíritos. *Um bom, um mau espírita; a Doutrina Espírita.*

Espiritismo — Doutrina fundada sobre a crença na existência dos Espíritos e em suas manifestações.

Espiritista — Esta palavra, empregada a princípio para designar os adeptos do Espiritismo, não foi consagrada pelo uso; prevaleceu o termo *espírita*.

Espírito — No sentido especial da Doutrina Espírita, *os Espíritos são os seres inteligentes da criação, que povoam o Universo, fora do mundo material, e constituem o mundo invisível.* Não são seres oriundos de uma criação especial, porém, as almas dos que viveram na Terra, ou nas outras esferas, e que deixaram o invólucro corporal.

Espiritualismo — Usa-se em sentido oposto ao de materialismo; crença na existência da alma espiritual e imaterial. *O espiritualismo é a base de todas as religiões.*

Espiritualista — O que se refere ao espiritualismo; adepto do espiritualismo. É *espiritualista* aquele que acredita que em nós nem tudo é matéria, o que de modo algum implica a crença nas manifestações dos Espíritos. Todo *espírita* é necessariamente *espiritualista*; mas, pode-se ser *espiritualista* sem se ser *espírita*; o *materialista* não é uma nem outra coisa. Diz-se: a filosofia *espiritualista*. — Uma obra escrita segundo as ideias *espiritualistas*. — As manifestações *espíritas* são produzidas pela ação dos Espíritos sobre a matéria. — A moral *espírita* decorre do ensino dado pelos Espíritos. — Há *espiritualistas* que escarnecem das crenças *espíritas*.

Nestes exemplos, a substituição da palavra *espiritualista* pelo termo *espírita* daria lugar a evidente confusão.

Estereótipo (Do grego — *stereos*, sólido.) — Qualidade das aparições tangíveis.

Medianímico — Qualidade da força do médium — *Faculdade medianímica.*

Medianimidade — Faculdade dos médiuns. Sinônimo de mediunidade. Estas duas palavras são, com freqüência, empregadas indiferentemente. A se querer fazer uma distinção, poder-se-á dizer que *mediunidade* tem um sentido mais geral e *medianimidade* um sentido mais restrito. — Ele possui o dom de *mediunidade*. — *A medianimidade mecânica.*

Médium (Do latim — *medium*, meio, intermediário.) — Pessoa que pode servir de intermediária entre os Espíritos e os homens.

Mediumato — Missão providencial dos médiuns. Esta palavra foi criada pelos Espíritos. (Veja-se o Capítulo XXXI, comunicação XII.)

Mediunidade — Veja-se: *Medianimidade*.

Perispírito (Do grego — *peri* — em torno.) — Envoltório semimaterial do Espírito. Nos encarnados, serve de intermediário entre o Espírito e a matéria; nos Espíritos errantes, constitui o corpo fluídico do Espírito.

Pneumatofonia (Do grego — *pneuma* — e — *phoné*, som ou voz.) — Voz dos Espíritos; comunicação oral dos Espíritos, sem o concurso da voz humana.

Pneumatografia (Do grego — *pneuma* — ar, sopro, vento, espírito, e *graphô*, escrevo.) — Escrita direta dos Espíritos, sem o auxílio da mão de um médium.

Psicofonia — Comunicação dos Espíritos pela voz de um médium falante.

Psicografia — Escrita dos Espíritos pela mão de um médium.

Psicógrafo (Do grego — *psiké*, borboleta, alma, e — *graphô*, escrevo.) — Aquele que faz psicografia; médium escrevente.

Reencarnação — Volta do Espírito à vida corpórea, pluralidade das existências.

Sematologia (Do grego — *sema*, sinal, e — *logos*, discurso.) — Linguagem dos sinais. Comunicação dos Espíritos pelo movimento dos corpos inertes.

Tiptologia (Do grego — *tipto*, eu bato, e — *logos*, discurso.) — Linguagem por pancadas, ou batimentos: modo de comunicação dos Espíritos. *Tiptologia alfabética*.

Tiptólogo — Gênero de médiuns aptos à tiptologia. *Médium tiptólogo*.

Em 1864 sai *O Evangelho segundo o Espiritismo*, concernente à parte moral do Espiritismo; seu resumo: a explicação das máximas morais do Cristo em concordância com o Espiritismo e suas aplicações às diversas circunstâncias da vida. Compila os principais ensinamentos da moral cristã contidos no Evangelho de Jesus, explicando-os sob o enfoque espírita. Objetiva destacar a importância do conhecimento das máximas morais, demonstrando as consequências da aplicação desses ensinamentos em todas as situações da vida. Divide-se em 28 capítulos, abordando temas como: amor ao próximo; bem-aventuranças; o Cristo consolador; fora da caridade não há salvação; há muitas moradas na casa de meu pai; e preces espíritas. Apresenta introdução na qual explicita a autoridade da Doutrina Espírita e o controle universal do ensino dos Espíritos. Afirma que o aspecto moral do Evangelho constitui “os princípios básicos de todas as relações sociais que se fundam na mais rigorosa justiça, exigindo de cada um a reforma de si mesmo.

Na seqüência, é publicado, em 1865, *O Céu e o Inferno* ou *A Justiça de Deus segundo o Espiritismo*, que apresenta o seguinte conteúdo: exame comparado das doutrinas

sobre a passagem da vida corporal à vida espiritual, sobre as penalidades e recompensas futuras, sobre os anjos e demônios, sobre as penas, etc., seguido de numerosos exemplos acerca da situação real da alma durante e depois da morte. Explica a justiça de Deus à luz da Doutrina Espírita. Objetiva demonstrar a imortalidade do Espírito e o estado deste no plano espiritual, como consequência de seus próprios atos. Divide-se em duas partes: primeira, estabelece um exame das doutrinas religiosas sobre a passagem da vida corporal à vida espiritual, enfocando assuntos como: anjos, céu, demônio; segunda, reúne exposição acerca da situação da alma durante e após a desencarnação e relacionamentos de casos de criminosos arrependidos.

O quinto livro, *A Gênese – os Milagres e as Predições segundo o Espiritismo*, de 1868, traz como conteúdo: a doutrina espírita há resultado do ensino coletivo e concordante dos espíritos; a ciência é chamada a constituir a gênese de acordo com as leis da natureza; Deus prova a sua grandeza e seu poder pela imutabilidade das suas leis e não pela ab-rogação delas; para Deus, o passado e o futuro são o presente. Desenvolve o aspecto científico do Espiritismo, objetivando ressaltar que a “a ciência é chamada a construir a gênese de acordo com as leis da natureza”. Divide-se em três partes: a primeira trata da origem espiritual e orgânica, apresentando um esboço geológico da Terra e as teorias sobre a formação da mesma; a segunda aborda a temática dos milagres, explicando a natureza e a propriedade dos fluidos e as ocorrências registradas no Evangelho; a terceira analisa a teoria da presciência (predições), os sinais dos tempos e a geração nova. Em *A Gênese* afirma-se que “Deus prova a sua grandeza e seu poder pela imutabilidade das suas leis e não pela ab-rogação delas.

Kardec edita ainda a *Revista Espírita (Revue Spirite)*, periódico mensal começado em 1858, indo até sua morte, em 1869. *A Revista Espírita* – certamente pelo seu estilo de revista, por ser publicação mensal e por ser aberta ao público – tem um estilo bem diferente do estilo das obras codificadoras, ou seja, os livros em que Kardec expõe a ciência, a filosofia e a religião espírita. É de leitura mais fácil e agradável, tendo as próprias matérias produzidas por Kardec um estilo mais leve e às vezes irônico. *A Revista Espírita* é permeada de histórias (com personagens e personalidades, trazendo nomes próprios e endereços) sobre fatos espíritas ocorridos em todo o mundo e enviados por diversos estudiosos do assunto. Traz relatos de “manifestações materiais ou inteligentes dos Espíritos, aparições, evocações”. Apresenta notícias diversas sobre o assunto. E nela continuam, como nas obras básicas (os livros) de Kardec, os ensinamentos oferecidos pelos Espíritos sobre os dois mundos, o visível

e o invisível. Eles falam sobre as ciências, a moral, a imortalidade da alma, a natureza do homem, o futuro. Há também matérias abordando o Espiritismo em épocas passadas (como na Antiguidade Clássica, que deixou registros escritos sobre o assunto, através dos filósofos). Abordam-se ainda as relações entre Espiritismo, magnetismo, sonambulismo, hipnotismo. Explicam-se lendas, crendices, superstições, mitos populares, bem como a mitologia de todos os povos.

Com relatos de práticas; descrição de episódios; esclarecimentos; divulgação de correspondência dos leitores (cartas de várias partes do mundo); comentários de leitores das obras espíritas; apresentação de curiosidades relacionadas ao tema do Espiritismo; respostas a críticas feitas na época pela imprensa e opositores do Espiritismo; poemas espíritas psicografados e escritos por pessoas encarnadas; artigos sobre filosofia espiritualista; versões espirituais sobre vultos históricos; explicações das obras de Kardec; algumas matérias cujos títulos se repetem em vários números da revista, como se fossem seções quase permanentes (“Dissertações Espíritas”, “Conversas Familiares de Além-Túmulo”, “Comunicações Espontâneas”, “Poesias Espíritas”, “O Espiritismo em Toda Parte”, “Boletim da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas”) e um índice variado a cada edição, a *Revista Espírita* conquistou um público cada vez maior entre adeptos convictos, simpatizantes, curiosos e mesmo críticos do Espiritismo.

O subtítulo da *Revista Espírita – Jornal de Estudos Psicológicos (Journal d'Études Psychologiques)* – revela como Kardec enxergava o Espiritismo pela via científica, à semelhança do seu pensamento sobre o magnetismo e o hipnotismo.

Foi publicada ainda, em 1890, depois de sua morte, que ocorre em 1869, o livro *Obras Póstumas*, expondo conteúdos que davam continuidade aos seus estudos do tema da Doutrina Espírita.

Devido ao seu extenso trabalho, Kardec recebeu a denominação de Codificador do Espiritismo.

A queima das obras de Allan Kardec, já na segunda metade do século XIX (portanto, extintas as fogueiras da Inquisição), demonstra a rejeição e o ostracismo desse estudioso no pensamento ocidental – pelo menos por parte de alas radicais.

Conforme registra Dora Incontri, o Espiritismo não mereceu maiores análises dos pensadores da sua época nem da posteridade imediata.

[...] ficou relegada nos estudos acadêmicos uma corrente do pensamento francês do século XIX que provocou grande impacto social: o Espiritismo. [...] O mais flagrante silêncio recai sobre numerosos homens de ciência que se dedicaram a estudar os chamados fenômenos espíritas ou psíquicos aplicando metodologia experimental: William Crookes, Oliver Lodge, Gustave Geley, Alfred Russel Wallace, Friedrich Zöllner, Aleksander Aksakof, Ernesto Bozzano e Cesare Lombroso, apenas para citar alguns (2006, p. 18-19).

Dora Incontri indaga:

O que teria provocado isso que parece um implícito e estranho pacto de silêncio em torno de uma filosofia que teve sua projeção na Europa do século XIX e continua conquistando adeptos, 150 anos depois? Ainda que fosse para criticá-la, por que não comentá-la? (2006, p. 19).

Podemos ensaiar a hipótese de que este silêncio se deve a que o Espiritismo pretende dar uma base científica àquilo que foi banido do discurso filosófico há dois séculos: a metafísica. Como infrator do postulado kantiano de que a razão não tem acesso aos problemas transcendentais, teria sido castigado por este atrevimento filosófico a razão que conhece, da fé que crê. Desde a Patrística, passando pela Escolástica, e culminando com Descartes, havia a possibilidade de se racionalizar Deus, propor argumentos a favor do Espírito. Alternadamente na história, a razão havia ora ficado submetida à fé, ora se sobreposto a todas as coisas. Mas, depois de Kant, qualquer tentativa de unir ambas talvez corresse o risco de parecer um retrocesso e, assim, a razão ficou limitada ao materialismo e a fé foi sendo cada vez mais abandonada pela filosofia. Ou seria ainda o silenciamento imposto ao Espiritismo consequência de uma suspeita preconceituosa (porque anterior a qualquer exame mais acurado) de ecletismo e superficialidade, pelo entroncamento epistemológico em que anuncia se situar, sendo porém justamente esse seu caráter subversivo das formas corriqueiras do conhecimento uma de suas maiores originalidades? (Incontri, p. 19 e 20).

Várias podem ter sido as razões de o Espiritismo não ter recebido comentários da comunidade científica da época. Porém duas merecem maior consideração: uma de teor epistemológico e outra de cunho ideológico religioso. A metafísica, herança da Antiguidade Clássica e cultivada durante a Idade Média, passara, nos albores da ciência positivista, a ser desconsiderada na construção do pensamento científico moderno. Portanto, Kardec parecia caminhar de volta ao passado, o que não merecia respeito e consideração por parte da ciência. Por outro lado, a Doutrina dos Espíritos poderia ser uma ameaça ao poderio das igrejas católica e protestante – ou pelo menos ia de encontro aos seus dogmas.

CAPÍTULO III – EDUCAÇÃO ESPÍRITA: O HOMEM DE BEM

O tema deste trabalho não é exatamente a Pedagogia Espírita, mas a Educação Espírita, anunciada por Allan Kardec como condição *sine qua non* da evolução espiritual do ser. Trata-se da formação do “homem de bem” – do *honnête homme*, para se usar uma expressão do idioma de Kardec.

Em muita tradução, para o vernáculo, de textos franceses de psicologia, pedagogia, filosofia, história da filosofia, história da pedagogia, etc. (...), temos sempre mantido em francês a expressão *honnête homme*, a qual continua a parecer-nos de tradução difícil, quiçá impossível, em toda a riqueza de sentido, de *homem perfeito aos olhos do mundo, homem de boa companhia* (Penna, 1978, p. 15).

Um dos maiores pioneiros e precursores de Kardec, Platão, propunha a educação moral, o cultivo da virtude, a autonomia espiritual, a consciência de si mesmo.

Espiritismo propõe que a virtude pode e deve ser ensinada; que, pela reflexão interior, o indivíduo cresce em qualidades morais; que os conhecimentos dos valores humanos é a maior aquisição pessoal. Esse é o caminho do bem, a ser palmilhado pelo homem.

Discorrendo sobre Platão, na obra *Os grandes pedagogistas*, J. Moreau afirma:

É que a ciência do Bem, embora seja conhecimento objetivo, não é acessível a todos; pode, sem dúvida, ser ensinada, não, porém, por meio de exposição pública; não poderia (...) traduzir-se em fórmulas transmissíveis; deve ser conquistada pela reflexão de cada um; coincide com a autonomia racional. É o termo supremo de uma educação que tende para o descobrimento da interioridade, mas que nem todos os indivíduos são capazes de seguir (Moreau, 1999, p. 34). (Sem grifos no original).

O Espiritismo discorda totalmente do final da frase acima (parte sublinhada). Todos os indivíduos são capazes da evolução espiritual, aliás, todos são obrigados, forçosamente, a ela. O que acontece é que cada Espírito se encontra em um nível de evolução, daí a grande e até extrema diferença entre as pessoas encarnadas. Por isso mesmo o Espírito

necessita de muitas oportunidades, muitas vidas (princípio da reencarnação), a fim de evoluir e finalmente chegar à perfeição, que é o destino de todos eles. Os espíritas afirmam: Todos são condenados à evolução, à perfeição, à luz, mesmo que para isso alguns gastem milênios. Pelo princípio das vidas sucessivas e ainda pelo do livre-arbítrio, cada Espírito desenvolve uma trajetória individual, mas o fim de todos é o mesmo: a evolução, para a qual é necessária a educação, ou melhor, a autoeducação.

Conscientes dessa verdade, os espíritas buscam, por meio do estudo, da frequência aos centros espíritas, da prece, da prática da caridade e da reforma íntima, a própria evolução, que pode (e deve) ser intensificada, apressada, buscada conscientemente. Portanto a formação da consciência de si mesmo é um dos objetivos mais importantes dentro do Espiritismo.

E como o próprio Cristo disse que a cada um seria cobrado na medida do seu conhecimento, o espírita, já sabedor dessa máxima, teme não cumprir os preceitos da doutrina, tornando-se o maior juiz de si mesmo. Portanto não se vê nenhum espírita proferindo um tipo de frase que jocosamente pessoas não espíritas afirmam em tom de ironia: “Se eu tenho várias chances, posso aproveitar bem a vida nesta encarnação, porque depois posso recuperar o tempo perdido”. Nenhum espírita verdadeiro afirma tal coisa. Ao contrário, ele tem pressa – além de sentir prazer verdadeiro em se imaginar evoluindo, não perdendo tempo na presente encarnação, e inclusive experimentando uma sensação de medo caso perceba estar perdendo tempo, protelando sua evolução, cedendo a vícios, más tendências ou preguiça.

Portanto o pensamento de Platão acerca do bem e da busca da interioridade se coadunam perfeitamente com o Espiritismo. Assim como a autoeducação em fases sucessivas, a necessidade da disciplina, e ainda o amor. Continua J. Moreau:

A educação platônica comporta, assim, graus, fases sucessivas e, por isso ainda, apresenta o caráter de iniciação. A interioridade a que nos convida, e na qual obteremos a revelação do valor supremo, pede, para que a atinjamos, aceitar, primeiro, uma disciplina exterior. Mas esta não tem outro fim senão o de liberar gradualmente a atividade espiritual em busca de um bem ideal, transcendente a todos os fins empíricos, objeto absoluto de nossa vontade. Ora, essa inspiração infinita se exprime, para Platão, pelo símbolo do Amor (Moreau, 1999, p. 38).

Na base da formação do homem de bem está principalmente Pestalozzi, o grande mestre de Allan Kardec em sua vida como Denizard Rivail. Sobre Pestalozzi afirma L. Meylan:

De todos os educadores e filósofos da educação, Pestalozzi é, provavelmente, o único conhecido nos cinco continentes, o único que haja chegado à grandeza mítica de um Beethoven: o gênio pedagógico.
[...]
Desempenhou, em seu tempo, e para além dos limites de seu país, papel de primeira plana; e não seria possível escrever a história da civilização na Europa ocidental, no fim do século XVIII e no começo do século XIX, sem evocar-lhe os escritos e as ações (Meylan, 1999, p. 210). (Sem grifo no original)

Compreendendo a educação escolar como uma continuação da educação familiar, Pestalozzi preocupava-se primordialmente com a educação para a vida. Buscando a dignidade humana; pondo acima de tudo o respeito pela pessoa, pela criança, pelo aluno; praticando o afeto, o amor, o carinho, a afeição, a benevolência, o humanismo; Pestalozzi sobressaiu-se na recuperação de crianças e adolescentes abandonados, órfãos, miseráveis, elevando-os à condição de pessoas humanas dignas, autoconfiantes, seguras, serenas, felizes. Ele era o “pai Pestalozzi” e os alunos eram seus “filhos”. E seu “método pedagógico” era essencialmente o amor, era a sua entrega total aos alunos-filhos:

É ao fato de que essas crianças recebiam dele, não apenas o ensino, mas os cuidados mais continuados, que ele atribui o êxito da sua “loucura”: “Estava sozinho com elas de manhã à noite. Era de minha mão que recebiam tudo quanto o reclamavam seu corpo e sua alma. Todo socorro, toda consolação, toda instrução lhes vinha imediatamente de mim. Sua mão estava em minha mão; meus olhos não desfitavam seus olhos. Minhas lágrimas corriam com suas lágrimas e eu sorria com elas. Estavam fora do mundo, estavam fora de Stans; estavam comigo e eu estava com elas” (Meylan, 199, p. 216).

São palavras de Pestalozzi:

Pergunto a mim mesmo como vim a ter, com respeito aos homens, amor, confiança, reconhecimento e obediência; como apareceram, em minha natureza, os sentimentos nos quais repousam essencialmente o amor, a gratidão e a confiança para com os homens, e as ações pelas quais se forma a obediência humana. E acho que tem, antes de tudo, por ponto de partida, as relações existentes entre a criancinha e sua mãe [...]. A criança é cuidada, está alegre. O germe do amor está desenvolvido nela (Apud Meylan, 1999, p. 219).

Pestalozzi foi, inegavelmente, o mais crístico dos educadores. O educador do amor. E um dos maiores homens de bem de que se tem notícia. Embora não fosse espírita (e o Espiritismo ainda nem tinha nascido enquanto tal), sua prática de vida e de educação

preenchem totalmente, do modo mais elevado e nobre, o princípio espírita da caridade e do amor. Segundo Louis Meylan, Pestalozzi afirmou: “O amor é que fez tudo” (Meylan, 1999, p. 224).

O homem de bem se faz pela educação do Espírito: “Esta educação, a verdadeira educação, a educação por Excelência, é a educação que olha o homem como ser integral, como Espírito eterno, criado para a perfeição, é a EDUCAÇÃO DO ESPÍRITO” (Alves, 2001, p.13).

Segundo Kardec, somente pela educação do Espírito se chegaria à transformação da humanidade. Em *Obras Póstumas* se lê: “É pela educação, mais do que pela instrução, que se transformará a Humanidade” (*Apud* Alves, 2001, p. 15).

Depois das obras básicas de Kardec, centenas de espíritas têm produzido, incessantemente, obras psicografadas nas quais os próprios Espíritos revelam como se dá sua evolução, como se dá a evolução do Espírito em geral – de todo e qualquer Espírito, desencarnado ou encarnado. Descrevem também, com detalhes, a vida nas diversas esferas extraterrestres onde vivem (cidades, colônias, escolas, hospitais, zonas umbralinas, etc.). Então nenhum espírita ignora:

De encarnação em encarnação, de experiência em experiência, o Espírito vai conquistando sua própria bagagem interior. A criança que recebemos hoje é o Espírito que retorna às lides da Terra para nova etapa evolutiva, trazendo imensa bagagem de seu passado milenar. Quantas existências já teve? Por quais civilizações já viveu? Que sentimentos desenvolveu no passado? Sentimentos nobres, ideais elevados, vícios depreciativos? (Alves, 2001, p. 48).

Porém o que a Educação Espírita quer demonstrar é que tal ideia, verdadeiramente, é o ensino de Jesus Cristo. Nas palavras de Teixeira:

É com o excelente Jesus, filho de José e de Maria, entretanto, que aprenderemos a compatibilizar a educação com cada uma das vivências no mundo, pois é através dos Seus ensinamentos e dos Seus exemplos que logramos perceber que os caminhos do bem e da auto-transformação não existem para que sejam observados, discutidos ou descritos, mas para que sejam trilhados. Assim, para cada vivência, para todo e qualquer momento, a mensagem de Jesus apresentava todo um conteúdo educativo, fomentando bem-querer, fraternidade, indulgência, perdão, fidelidade ao bem, auto-definição (Teixeira, 2004, p.11).

Está-se, pois, no campo da formação do homem de bem.

Dessa forma, teoricamente, na literatura, o objetivo do Espiritismo é muito claro: a evolução espiritual de cada um (individual). Porém, na prática, os espíritas desenvolvem muito pouco do que está escrito nos livros.

Saara Nousianinen, em obra de título sugestivo – *O Espiritismo em época de transição* –, critica o trabalho tradicionalmente desenvolvido nos centros espíritas brasileiros, apontando, inclusive, alguns exemplos de flagrante descumprimento das recomendações feitas por Cristo e pelos Espíritos, dentro dos próprios centros, realizada por companheiros de doutrina e de atividades na casa (falta de caridade, egoísmo, injustiça, maledicência, acusações, desentendimentos, incompreensão, negação de ajuda, vaidade, comodismo, personalismo, luta pelo poder, vaidade, desamor, discriminação, etc.). Ela critica também a rotina estabelecida nos centros espíritas, que tem trazido acomodação, mantendo os membros da casa na ilusão de que estão se desenvolvendo espiritualmente e de que estão exercendo plenamente a prática do Espiritismo. Os centros estariam, na visão dessa autora espírita, equivocados quanto ao seu próprio trabalho, que caiu na mesmice, na rotina, na mediocridade. Sem uma análise, sem uma autocrítica, os centros estariam falhando em vários aspectos e precisam, urgentemente, de uma reformulação. Porém, de um outro ângulo, os membros da comunidade espírita, em elitista atitude de arrogância e pretensão, ignoram as próprias falhas, julgando-se altamente conhecedores dos preceitos e da literatura espírita, considerando absolutamente correto e suficiente o trabalho que executam. Ela se pergunta: “O que estaria faltando nos meios espíritas: conhecimento doutrinário ou a presença de amor e de humildade?” (Nousianinen, 2008, p.11).

Reconhecendo – como talvez qualquer pessoa (de qualquer seita religiosa, e mesmo os ateus e agnósticos, os cientistas, filósofos, pensadores, educadores, políticos, empresários, operários, enfim, toda a raça humana atual) o fizesse – que “o mundo cristão pouco progrediu espiritualmente”, a autora chega à análise da ação do Espiritismo na atualidade, em que se faz de tudo menos cuidar da verdadeira evolução espiritual:

Chega, então, o espiritismo, trazendo extraordinário conhecimento libertador, como excelente alavanca para a transformação interior dos seus adeptos, mas, talvez em razão das grandes dificuldades que essa transformação apresenta, muitos acabam substituindo-a pela freqüência ao centro, pelo passe e pela água fluidificada, as atividades na casa, o trabalho mediúnic, a caridade, a direção da instituição; outros a substituem por ações na divulgação do espiritismo, tais como fazer palestras, escrever livros, falar no rádio ou na TV, ou, ainda, através da Internet, e tal situação acabou se institucionalizando nos meios espíritas.

Dessa forma, sentem-se abençoados e confiantes em que estão conquistando ingresso em Nosso Lar³⁹, após a desencarnação. Preenchem tanto as suas vidas com essas atividades que pouco, ou nada, lhes sobra para cuidar das suas construções interiores.

O que está errado, então, ou o que está faltando para que as pessoas que desenvolvem atividades espíritas, ou freqüentam centros, possam começar a despertar para a necessidade de dinamizar a própria evolução espiritual?

Certamente, está faltando interesse nas lideranças e empenho dos dirigentes no sentido de priorizar as atividades que ajudem realmente nesse desiderato.

Nos meios espíritas, costumamos apresentar Jesus e o Evangelho como sendo a nossa bandeira:

– Vamos fazer o Evangelho, vivenciá-lo, colocar Jesus em nossas vidas, etc.

Com esse tipo de foco, acabamos diluindo nossos esforços evolutivos em imagens e palavras: imagens de Jesus e do Evangelho, palavras que já se tornaram jargões sem efeito. E assim, sentindo-nos sob esse pálio, achamos que estamos evoluindo, fazendo nossa reforma interior e nos preparando para habitar planos mais elevados após a desencarnação.

Mas é por causa desse tipo de enganos que Eurípedes Barsanulfo⁴⁰ foi convidado a construir o Sanatório Esperança, no mundo espiritual, para atender companheiros que acreditavam ter direito a situações mais favorecidas após a morte, por terem conduzido a bandeira do Evangelho e a imagem de Jesus durante a vida (Nousiainen, 2008, p. 16-17).

A autora relata que, em uma pesquisa realizada pela Associação Brasileira de Divulgadores do Espiritismo (ABRADE) sobre o andamento da prática espírita, foi observado que se está “confundindo muito a prática da caridade com evolução espiritual”. Ela explica, diferenciando caridade e evolução espiritual: “A primeira gera merecimento, mas só a segunda nos resgata das inferioridades em que nos estagiamos” (obra citada, p. 20). Verdade que existe uma máxima dentro do movimento espírita brasileiro: “Fora da caridade não há salvação”. Por isso o espírita se preocupa tanto em realizar a caridade, em vários tipos de atividades: arrecadando roupas e alimentos para os mais necessitados (em uma campanha que existe em todo o país, chamada de Auta de Sousa, e que leva principalmente a juventude espírita às ruas, geralmente nos domingos pela manhã, pedindo de casa em casa a fim de ajudar pessoas carentes); abrindo e mantendo creches, asilos e entidades semelhantes; produzindo e distribuindo enxovais para recém-nascidos; dando assistência a gestantes e a

³⁹ Nosso Lar é uma colônia espiritual (uma cidade), situada no espaço, sobre o Brasil, que é descrita no livro *Nosso Lar*, psicografado por Chico Xavier, em 1944. Clássico da literatura espírita brasileira, *Nosso lar* é um romance que trata da experiência de André Luiz após seu desencarne e sua chegada ao mundo espiritual, sendo recebido em Nosso Lar, onde se reúnem espíritos para aprender e trabalhar entre uma encarnação e outra. André Luiz, como espírito, tornou-se autor de muitos livros psicografados. Enquanto vivo, foi médico no Brasil. A cidade de Nosso Lar cresceu e evoluiu muito nesses últimos 50 anos, sendo citada em várias outras obras espíritas psicografadas.

⁴⁰ Eurípedes Barsanulfo (1880-1918), já citado neste trabalho como um dos batalhadores pela Pedagogia Espírita no Brasil, está, segundo relatos espíritas, cuidando de espíritos de espíritas em um sanatório especial situado no espaço extrafísico.

maternidades; fazendo e distribuindo refeições (geralmente sopas⁴¹); fazendo visitas a enfermos em hospitais, casas de saúde, asilos, albergues, etc.; efetuando o que se chama de “cura” e “tratamento”⁴² nas casas espíritas; e mais uma diversidade de procedimentos. Com esse tipo de trabalho, aliado às reuniões regulares semanais, que são muito semelhantes em todas as casas espíritas do país (com palestras, aplicação de passes magnéticos, sessões de desobsessão, fluidificação de águas, preces, etc.), os espíritas compreendem que estão cumprindo muito bem sua tarefa e se sentem seguros perante a Divindade, merecendo, sim, galgar níveis superiores na escala evolutiva propalada pela literatura espírita e pelas entidades que se manifestam explicando toda uma dinâmica do universo e da espiritualidade superior, de acordo com os desígnios de Deus. Em outras palavras, cumprindo esse programa, o espírita se sente um homem de bem – ou pelo menos um candidato a esse estágio.

Mas a autora de *O Espiritismo em época de transição* enfatiza que isso é pouco, e que, aliás, nem é o essencial do ensinamento espírita. Ela complementa apontando o cerne da transição pela qual deve passar o Espiritismo:

Aquela ideia de que “vamos sofrer resignadamente porque receberemos recompensas no mundo espiritual” está começando a mudar para um discurso mais saudável e progressista: “vamos buscar o nosso crescimento interior, desenvolver nossas qualidades superiores e as nossas potencialidades; ajudar a comunidade procurando levar-lhes as verdades espirituais, além de trabalhar visando conscientizá-la quanto à importância da sua participação na transformação do mundo; auxiliar o ser humano a comandar seus estados de espírito, erguer-se e caminhar com os próprios pés” (Nousiainen, 2008, p. 24).

.Além de o ritmo de atividades dos centros espíritas estar necessitando de uma reformulação, o próprio desenrolar do processo evolutivo do planeta está a conclamar uma mudança, como justifica a autora, fazendo eco a toda a doutrina espírita:

Hoje estamos numa nova fase de transição; desta vez, muito mais radical porque o mundo vai mudar de grau. De “provas e expiações” passará à condição de “mundo de regeneração”. Com isso, as imensas legiões de espíritos empedernidos no mal, sabendo que poderão ser exiladas para mundos inferiores, estão “jogando todas as suas cartas” na tentativa de dominar o planeta e aqui permanecer.

Pode-se então facilmente observar o quanto essa fase está sendo conturbada, com as legiões do mal aplicando todos os seus recursos, sua ciência e tecnologias

⁴¹ Sobre as sopas há uma observação interessante: elas alimentam tanto encarnados quanto desencarnados; afirma-se que o vapor exalado das panelas de sopa é aproveitado por espíritos menos evoluídos que se encontram na Terra e ainda precisam de algum tipo de alimento material.

⁴² “Curas” e “tratamentos”, nas casas espíritas, são um misto de tratamento físico e perispiritual que beneficia a pessoa em ambos os aspectos, na intenção de tratá-la física e espiritualmente – mas alertando-se que “cada um recebe de acordo com sua fé e seu merecimento”.

para vencer quaisquer esforços que visem à iluminação do ser (Nousiainen, 2008, p. 5).

Iluminação do ser: essa é a máxima expressão do homem de bem, que é um iluminado – ou pelo menos deve caminhar na direção da luz.

Para alterar a dinâmica das casas espíritas a fim de que se produza a evolução do Espírito, a autora da obra citada propõe que se deve proceder a uma análise sincera do trabalho que vem sendo desenvolvido, com reflexão crítica, e posteriormente a implementação de atividades que levem as pessoas à autorreflexão, à formação da sua consciência, tendo como prioridade a própria evolução espiritual. Ela afirma que é preciso mudar discursos em atitudes e que seja declarada, abertamente, uma “campanha pela reforma interior”.

Como medidas práticas, ela propõe que sejam espalhados pelas paredes dos centros cartazes indagando das pessoas sobre humildade, o desenvolvimento do seu sentimento amoroso e do perdão. Alguns cartazes pediriam para as pessoas se perguntarem isso “constantemente”. O objetivo é criar nos centros espíritas “um clima de permanentes convites e induções à reforma interior”, sempre em busca de novos métodos para o crescimento interior.

Sugere ainda atividades fora do trabalho espírita, como confraternizações, encontros fraternos; reuniões de terapia em grupo; a prática da orientação evangélica de um se confessar aos outros; rodízio na realização do “Evangelho no lar” (a cada dia na residência de um dos integrantes do grupo); reuniões de bate-papo sobre a questão da vivência espírita; formação de grupos de estudos com diversas finalidades; etc. Com tudo isso haveria nos centros espíritas mais confiança mútua e mais amor entre os frequentadores – o que se reflete diretamente na “reforma íntima”.

O crescimento interior ou “reforma interior” é uma das máximas da atitude espírita, ao lado da prática da caridade. Quase todas as palestras, sobre qualquer tema, acabam resvalando na “reforma interior”. Sempre estão sendo lembradas atitudes concretas nesse sentido (como as indicadas pela autora do livro): se alguém o fechar no trânsito, não xingue, diga “vá com Deus, meu amigo”; olhe para as pessoas (quaisquer que sejam) e pense “que você esteja bem, com saúde e harmonia interior, que Deus o abençoe e faça feliz”; procure ser

uma presença benéfica onde estiver; sinta gratidão por tudo; não reclame das situações adversas; vibre positivamente em qualquer situação problemática; envolva conhecidos e familiares em sentimentos de paz e amor; perdoe tudo e todos; ore por aquele chefe que o persegue em seu trabalho; sofra todo sentimento negativo que lhe venha à mente; não cultive sentimentos de vingança, ódio, rancor; respire fundo e busque o equilíbrio interior; etc.

E todo palestrante espírita tem sempre pequenas histórias (trágicas, comoventes, cômicas) para contar sobre pessoas que praticaram tais atitudes positivas e foram beneficiadas e pessoas que se recusaram a fazê-lo e tiveram sérias consequências negativas.

Além das consequências negativas advindas já no plano terreno, a pessoa que não trilha o caminho do bem estará se prejudicando para outras vidas, pois acumulará débitos com os quais terá que arcar, inevitavelmente – é a “lei do carma”.

Em *O Livro dos Espíritos*, a expressão “homem de bem” aparece repetidas vezes, remetendo sempre à mesma ideia: a formação moral em todos os aspectos, acenando para um homem quase perfeito. O homem de bem aparece diretamente associado à educação – mas trata-se da educação em sentido amplo e não apenas a escolar (ou pelo menos não a escolar meramente científica):

Esse elemento é a *educação*, não a educação intelectual, mas a educação moral. Não nos referimos, porém, à educação moral pelos livros e sim à que consiste na *arte de formar os caracteres*, à que *incute hábitos*, porquanto *a educação é o conjunto dos hábitos adquiridos*. [...] Quando essa arte for conhecida, compreendida e praticada, o homem terá no mundo hábitos *de ordem e de previdência* para consigo mesmo e para com os seus, *de respeito a tudo o que é respeitável*, hábitos que lhe permitirão atravessar menos penosamente os maus dias inevitáveis. A desordem e a imprevidência são duas chagas que só uma educação bem entendida pode curar. Esse o ponto de partida, o elemento real do bem-estar, o penhor da segurança de todos (Kardec, LE, p. 371-372).

Contudo, ela só se obterá se o mal for atacado em sua raiz, isto é, pela educação, não por essa educação que tende a fazer homens instruídos, mas pela que tende a fazer homens de bem. A educação, convenientemente entendida, constitui a chave do progresso moral. Quando se conhecer a arte de manejar os caracteres, como se conhece a de manejar as inteligências, conseguir-se-á corrigi-los, do mesmo modo que se aprumam plantas novas. Essa arte, porém, exige muito tato, muita experiência e profunda observação. É grave erro pensar-se que, para exercê-la com proveito, baste o conhecimento da Ciência. Quem acompanhar, assim o filho do rico, como o do pobre, desde o instante do nascimento, e observar todas as influências perniciosas que sobre eles atuam, em consequência da fraqueza, da incúria e da ignorância dos que os dirigem, observando igualmente com quanta freqüência falham os meios empregados para moralizá-los, não poderá espantar-se de encontrar no mundo tantas esquisitices. Faça-se com a moral o que se faz com a inteligência e ver-se-á que, se há naturezas refratárias, muito maior do que se julga é

o número das que apenas reclamam boa cultura, para produzir bons frutos (Kardec, LE, p. 473).

Já *O Evangelho segundo o Espiritismo* traz um item intitulado O HOMEM DE BEM, que diz:

O homem de bem é o que cumpre a lei de justiça, de amor e de caridade, na sua maior pureza. Se ele interroga a consciência sobre seus próprios atos, a si mesmo perguntará se violou essa lei, se não praticou o mal, se fez todo o bem que podia, se desprezou voluntariamente alguma ocasião de ser útil, se ninguém tem qualquer queixa dele; enfim, se fez a outrem tudo o que desejara lhe fizessem.

Deposita fé em Deus, na Sua bondade, na Sua justiça e na Sua sabedoria. Sabe que sem a Sua permissão nada acontece e se Lhe submete à vontade em todas as coisas.

Tem fé no futuro, razão por que coloca os bens espirituais acima dos bens temporais.

Sabe que todas as vicissitudes da vida, todas as dores, todas as decepções são provas ou expiações e as aceita sem murmurar.

Possuído do sentimento de caridade e de amor ao próximo, faz o bem pelo bem, sem esperar paga alguma; retribui o mal com o bem, toma a defesa do fraco contra o forte, e sacrifica sempre seus interesses à justiça.

Encontra satisfação nos benefícios que espalha, nos serviços que presta, no fazer ditosos os outros, nas lágrimas que enxuga, na consolações que prodigaliza aos aflitos. Seu primeiro impulso é para pensar nos outros, antes de pensar em si, é para cuidar dos interesses dos outros antes do seu próprio interesse. O egoísta, ao contrário, calcula os proventos e as perdas decorrentes de toda ação generosa.

O homem de bem é bom, humano e benevolente para com todos, sem distinção de raças, nem de crenças, porque em todos os homens vê irmãos seus.

Respeita nos outros todas as convicções sinceras e não lança anátema aos que como ele não pensam.

Em todas as circunstâncias, toma por guia a caridade, tendo como certo que aquele que prejudica a outrem com palavras malévolas, que fere com o seu orgulho e o seu desprezo a suscetibilidade de alguém, que não recua à ideia de causar um sofrimento, uma contrariedade, ainda que ligeira, quando a pode evitar, falta ao dever de amar o próximo e não merece a clemência do Senhor.

Não alimenta ódio, nem rancor, nem desejo de vingança; a exemplo de Jesus, perdoa e esquece as ofensas e só dos benefícios se lembra, por saber que perdoado lhe será conforme houver perdoado.

É indulgente para as fraquezas alheias, porque sabe que também necessita de indulgência e tem presente esta sentença do Cristo: “Atire-lhe a primeira pedra aquele que se achar sem pecado”.

Nunca se compraz em rebuscar os defeitos alheios, nem, ainda, em evidenciá-los. Se a isso se vê obrigado, procura sempre o bem que possa atenuar o mal.

Estuda suas próprias imperfeições e trabalha incessantemente em combatê-las. Todos os esforços emprega para dizer, no dia seguinte, que alguma coisa traz em si de melhor do que véspera.

Não procura dar valor ao seu espírito, nem aos seus talentos, a expensas de outrem; aproveita, ao revés, todas as ocasiões para fazer ressaltar o que seja proveitoso aos outros.

Não se envaidece de sua riqueza, nem de suas vantagens pessoais, por saber que tudo o que lhe foi dado pode ser-lhe tirado.

Usa, mas não abusa dos bens que lhe são concedidos, sabe que é um depósito de que terá de prestar contas e que o mais prejudicial emprego que lhe pode dar é o de aplicá-lo à satisfação de suas paixões.

Se a ordem social colocou sob o seu mando outros homens, trata-os com bondade e benevolência, porque são seus iguais perante Deus; usa da sua autoridade

para lhes levantar o moral e não para os esmagar com o seu orgulho. Evita tudo quanto lhes possa tornar mais penosa a posição subalterna em que se encontram.

O subordinado, de sua parte, compreende os deveres da posição que ocupa e se empenha em cumpri-los conscienciosamente.

Finalmente, o homem de bem respeita todos os direitos que aos seus semelhantes dão as leis da Natureza, como quer que sejam respeitados os seus. Não ficam assim enumeradas todas as qualidades que distinguem o homem de bem; mas, aquele que se esforce por possuir as que acabamos de mencionar, no caminho se acha que a todas as demais conduz (Kardec. ESE, 2006, p. 307-309).

No item seguinte, OS BONS ESPÍRITAS, Kardec deixa claro que o conceito de homem de bem não é de cunho meramente filosófico, mas religioso:

Bem compreendido, mas sobretudo bem sentido, o Espiritismo leva aos resultados acima expostos, que caracterizam o verdadeiro espírita, como o cristão verdadeiro, pois que um o mesmo é que outro. O Espiritismo não institui nenhuma nova moral; apenas facilita aos homens a inteligência e a prática da do Cristo, facultando fé inabalável e esclarecida aos que duvidam ou vacilam (Kardec, ESE, 2006, p. 309) (Sem grifo no original)

Enfim, todos os autores espíritas repetem, desde Kardec, que o fundamental é a educação do Espírito:

Habilitemo-nos na tarefa de **educar o Espírito**, compreendendo os mecanismos da aprendizagem e da evolução para que possamos nos tornar trabalhadores dedicados ao Cristo, na renovação do Planeta, que se inicia pela renovação de cada Espírito (Alves, 2001, p. 16).

A terceira parte de *O Livro dos Espíritos* trata da formação do homem de bem – o livro é dividido em quatro partes, com temáticas diferentes: parte primeira: Das causas primárias; parte segunda: Do mundo espírita ou mundo dos Espíritos; parte terceira: Das leis morais; parte quarta: Das esperanças e consolações.

Sob o título de “leis morais”, os Espíritos falam acerca de todos os pontos em que o homem pode se exercitar na prática do bem, trazendo doze leis morais, abordando os temas: lei divina ou natural; adoração; trabalho; reprodução; conservação; destruição; sociedade; progresso; igualdade; liberdade; justiça, amor e caridade; perfeição moral.

A primeira lei, a divina ou natural, de certa forma é o cerne e o norte de todas as outras, bem como de toda a existência e razão de ser do homem e da vida. Kardec pergunta e os espíritos respondem:

614. *Que se deve entender por lei natural?*

“A lei natural é a lei de Deus. É a única verdadeira para a felicidade do homem. Indica-lhe o que deve fazer ou deixar de fazer e ele só é infeliz quando dela se afasta”. (LE, 2007, p. 343).

Criador de todas as coisas, Deus versou sobre tudo que se refere ao seu mundo e aos seus filhos – ou seja, sobre a totalidade absoluta.

Quanto às leis morais, os assuntos abordados são aqueles que o homem deve observar na sua existência terrena a fim de cumprir a lei divina.

O homem deve elevar seu pensamento a Deus, até para se encontrar consigo mesmo, para se explicar e explicar o mundo. Perguntas e respostas do LE:

649. *Em que consiste a adoração?*

“Na elevação do pensamento a Deus. Deste, pela adoração, aproxima o homem a sua alma” (LE, 2007, p. 355).

650. *Origina-se de um sentimento inato a adoração, ou é fruto de ensino?*

“Sentimento inato, como o da existência de Deus. A consciência da sua fraqueza leva o homem a curvar-se diante daquele que o pode proteger” (LE, 2007, p. 355).

651. *Terá havido povos destituídos de todo sentimento de adoração?*

“não, que nunca houve povos de ateus. Todos compreendem que acima de tudo há um Ente Supremo” (LE, 2007, p. 355).

O homem adora a Deus de modo direto e indireto, pela prece, pelas práticas religiosas e pelos seus bons atos. Com isso ele se torna cada dia melhor. Pode-se e deve-se orar pelos outros e mesmo pelos Espíritos. Pode-se inclusive realizar ritual de adoração, porém não são da lei de Deus os excessos, os sacrifícios de animais e pessoas, nem qualquer fanatismo ou violência.

A terceira lei moral refere-se ao trabalho, uma necessidade da vida corpórea, com vistas à sobrevivência no mundo material. Mas o trabalho tem limites, não podendo ser móvel de exploração entre os homens.

É também uma lei de Deus a reprodução do homem, para a continuidade das espécies e o aperfeiçoamento das raças. Mas há regras nesse aspecto: o casamento representa evolução da humanidade; o celibato é considerado egoísmo; a poligamia deve ser abolida.

O homem possui natural instinto de conservação, como todos os seres vivos. Para sobreviver o homem conta com o fruto do seu trabalho e com a produção da natureza (que não deve depredar). Combatendo seu egoísmo, controlando o gozo dos bens terrenos, o ser humano encontrará a medida justa, tendo o necessário, não desejando o supérfluo, gozando de bem-estar merecido, mantendo suas forças vitais.

A sexta lei moral fala da destruição, abordando os flagelos destruidores, as guerras, o assassinio, a crueldade, o duelo, a pena de morte. Evidentemente, são condenadas as práticas da violência, egoísmo, incompreensão entre os homens. Mas a destruição é vista dialeticamente. Kardec pergunta e os Espíritos respondem:

728. *É lei da Natureza a destruição?*

“Preciso é que tudo se destrua para renascer e se regenerar. Porque, o que chamais destruição não passa de uma transformação, que tem por fim a renovação e melhoria dos seres vivos” (LE, 2007, p. 389).

729. *Se a regeneração dos seres faz necessária a destruição, por que os cerca a Natureza de meios de preservação e conservação?*

“A fim de que a destruição não se dê antes de tempo. Toda destruição antecipada obsta ao desenvolvimento do princípio inteligente” (LE, 2007, p. 390).

731. *Por que, ao lado dos meios de conservação, colocou a Natureza os agentes de destruição?*

“É o remédio ao lado do mal. Já dissemos: para manter o equilíbrio e servir de contrapeso” (LE, 2007, p. 390).

732. *Será idêntica, em todos os mundos, a necessidade de destruição?*

“Guarda proporções com o estado mais ou menos material dos mundos. Cessa, quando o físico e o moral se acham mais depurados. Muito diversas são as condições de existência dos mundos mais adiantados do que o vosso” (LE, 2007, p. 390-391).

Está na dinâmica da vida, por exemplo, que seres (animais) se destruam, o que garante não só a sobrevivência como o equilíbrio na reprodução. Animais se alimentam uns dos outros, e os homens podem comer a carne dos animais. Segundo resposta dos espíritos até os flagelos destruidores e a guerra têm a finalidade de fazer a humanidade progredir e avançar moralmente. Por outro lado, a crueldade, o duelo, a pena de morte e outros males não têm

nada de edificante e representam somente o lado primitivo do ser humano, que ainda se encontra em níveis inferiores de evolução.

Então a destruição, como lei moral, é aquela que está para o bem, devendo ser repudiada a que está para o mal – o subtítulo do item já esclarece esse detalhe: “Destruição necessária e destruição abusiva”.

A sétima lei moral é a da sociedade. Os Espíritos afirmam que Deus fez o homem para viver em sociedade, condição do seu progresso e evolução; dizem que o isolamento (insulamento) é uma forma de egoísmo; e enaltecem os laços de família.

A oitava lei refere-se ao progresso, para o qual o homem está destinado. Os Espíritos respondem a Allan Kardec:

781. *Tem o homem o poder de paralisar a marcha do progresso?*

“Não, mas tem, às vezes, o de embarçá-la” (Kardec, LE, 2007, p. 409).

a). *Que se deve pensar dos homens que tentam deter a marcha do progresso e fazer que a Humanidade retrograde?*

“Pobres seres, que Deus castigará! Serão levados de roldão pela torrente que procuram deter”.

Sendo o progresso uma condição da natureza humana, não está no poder do homem opor-se-lhe. É uma *força viva*, cuja ação pode ser retardada, porém não anulada, por leis humanas más. Quando estas se tornam incompatíveis com ele, despedaça-as juntamente com os que se esforçam por mantê-las. Assim será, até que o homem tenha posto suas leis em concordância com a justiça divina, que quer que todos participem do bem e não a vigência de leis feitas pelo forte em detrimento do fraco (Kardec, LE, 2007, p. 408-409).

Os povos degenerados, as raças rebeldes, o estado de barbárie representam estágios primeiros no avanço da humanidade, que aos poucos conquista o estágio de civilização. Nesse processo, é importante a legislação humana, pois o homem ainda não pode prescindir dela. Respondem os Espíritos quanto ao Espiritismo em relação ao progresso da humanidade:

798. *O Espiritismo se tornará crença comum, ou ficará sendo partilhado, como crença, apenas por algumas pessoas?*

“Certamente que se tornará crença geral e marcará nova era na história da humanidade, porque está na natureza e chegou o tempo em que ocupará lugar entre os conhecimentos humanos. Terá, no entanto, que sustentar grandes lutas, mais contra o interesse, do que contra a convicção, porquanto não há como dissimular a existência de pessoas interessadas em combatê-lo, umas por amor-próprio, outras por causas inteiramente materiais. Porém, como virão a ficar insulados, seus

contraditores se sentirão forçados a pensar como os demais, sob pena de se tornarem ridículos” (LE, 2007, p. 390). (Sem grifo no original)

A nona lei trata da igualdade e das desigualdades entre os homens. Perante Deus todos os homens são iguais. No entanto são desiguais suas aptidões e suas condições no mundo, devido ao livre-arbítrio e às experiências de vidas passadas. Allan Kardec pergunta e os Espíritos respondem:

804. *Por que não outorgou Deus as mesmas aptidões a todos os homens?*

“Deus criou iguais todos os Espíritos, mas cada um destes vive há mais ou menos tempo, e, conseqüentemente, tem feito maior ou menor soma de aquisições. A diferença entre eles está na diversidade dos graus da experiência alcançada e da vontade com que obram, vontade que é o livre-arbítrio. Daí o se aperfeiçoarem uns mais rapidamente do que outros, o que lhes dá aptidões diversas. Necessária é a variedade das aptidões, a fim de que cada um possa concorrer para a execução dos desígnios da Providência, no limite do desenvolvimento de suas forças físicas e intelectuais. O que um não faz, fá-lo outro. Assim é que cada qual tem seu papel útil a desempenhar. Demais, sendo solidários entre si todos os mundos, necessário se torna que os habitantes dos mundos superiores, que, na sua maioria, foram criados antes do vosso, venham habitá-lo, para vos dar o exemplo” (LE, 2007, p. 421-422).

E sobre a desigualdade das riquezas (que constituem provas para as pessoas):

811. *Será possível e já terá existido a igualdade absoluta das riquezas?*

“Não; nem é possível. A isso se opõe a diversidade das faculdades e dos caracteres” (LE, 2007, p. 424).

814. *Por que Deus a uns concedeu as riquezas e o poder, e a outros, a miséria?*

“Para experimentá-los de modos diferentes. Além disso, como sabeis, essas provas foram escolhidas pelos próprios Espíritos, que nelas, entretanto, sucumbem com freqüência” (LE, 2007, p. 426).

815. *Qual das duas provas é mais terrível para o homem, a da desgraça ou a da riqueza?*

“São-no tanto uma quanto outra. A miséria provoca as queixas contra a Providência, a riqueza incita a todos os excessos” (LE, 2007, p. 390).

816. *Estando o rico sujeito a maiores tentações, também não dispõe, por outro lado, de mais meios de fazer o bem?*

“Mas, é justamente o que nem sempre faz. Torna-se egoísta, orgulhoso e insaciável. Com a riqueza, suas necessidades aumentam e ele nunca julga possuir o bastante para si unicamente”

A alta posição do homem neste mundo e o ter autoridade sobre os seus semelhantes são provas tão grandes e tão escorregadias como a desgraça, porque, quanto mais rico e poderoso é ele, *tanto mais obrigações tem que cumprir* e tanto mais abundantes são os meios de que dispõe para fazer o bem e o mal. Deus experimenta o pobre pela resignação e o rico pelo emprego que dá aos seus bens e ao seu poder.

A riqueza e o poder fazem nascer todas as paixões que nos prendem à matéria e nos afastam da perfeição espiritual. Por isso foi que Jesus disse: “Em verdade vos digo que mais fácil é passar um camelo por um fundo de agulha do que entrar um rico no reino dos céus” (LE, 2007, p. 426).

Sob o título de *Desigualdade das riquezas*, há, em *O Evangelho segundo o Espiritismo*, um trecho que resume claramente a questão da diferença terrena quanto à questão dos bens materiais:

A desigualdade das riquezas é um dos problemas que inutilmente se procurará resolver, desde que se considere apenas a vida atual. A primeira questão que se apresenta é esta: Por que não são igualmente ricos todos os homens? Não o são por uma razão muito simples: por não serem igualmente inteligentes, ativos e laboriosos para adquirir, nem sóbrios e previdentes para conservar. É, aliás, ponto matematicamente demonstrado que a riqueza, repartida com igualdade, a cada um daria uma parcela mínima e insuficiente; que, supondo efetuada essa repartição o equilíbrio em pouco tempo estaria desfeito, pela diversidade dos caracteres e das aptidões; que, supondo-a possível e durável, tendo cada um somente com que viver, o resultado seria o aniquilamento de todos os grandes trabalhos que concorrem para o progresso e para o bem-estar da Humanidade; que, admitido desse ela a cada um o necessário, já não haveria o aguilhão que impele os homens às grandes descobertas e aos empreendimentos úteis. Se Deus a concentra em certos pontos, é para que daí se expanda em quantidade suficiente, de acordo com as necessidades.

Admitido isso, pergunta-se por que Deus a concede a pessoas incapazes de fazê-la frutificar para o bem de todos. Ainda aí está uma prova da sabedoria e da bondade de Deus. Dando-lhe o livre-arbítrio, quis ele que o homem chegasse, por experiência própria, a distinguir o bem do mal e que a prática do primeiro resultasse de seus esforços e da sua vontade. Não deve o homem ser conduzido fatalmente ao bem, nem ao mal, sem o que não mais fora senão instrumento passivo e irresponsável como os animais. A riqueza é um meio de experimentar moralmente. Mas, como, ao mesmo tempo, é poderoso meio de ação para o progresso, não quer Deus que ela permaneça longo tempo improdutiva, pelo que incessantemente a desloca. Cada um tem de possuí-la, para se exercitar em utilizá-la e demonstrar que uso sabe fazer dela. Sendo, no entanto, materialmente impossível que todos a possuam ao mesmo tempo, e acontecendo, além disso, que, se todos a possuíssem, ninguém trabalharia, com o que o melhoramento do planeta ficaria comprometido, cada um a possui por sua vez. Assim, um que não na tem hoje, já a teve ou terá noutra existência; outro, que agora a tem, talvez não na tenha amanhã. Há ricos e pobres, porque sendo Deus justo, como é, a cada um prescreve trabalhar a seu turno. A pobreza é, para os que a sofrem, a prova da paciência e da resignação; a riqueza é, para os outros, a prova da caridade e da abnegação (Kardec, ESE, 2006, p. 291-230). (Não sublinhado no original)

A décima lei, a lei da liberdade, aborda os temas: liberdade natural, escravidão, liberdade de pensar, liberdade de consciência, livre-arbítrio, fatalidade, conhecimento do futuro. Algumas perguntas e respostas sobre essa lei:

825. *Haverá no mundo posições em que o homem possa jactar-se de gozar de absoluta liberdade?*

“Não, porque todos precisam uns dos outros, assim os pequenos como os grandes” (LE, 2007, p. 430).

829. *Haverá homens que estejam, por natureza, destinados a ser propriedades de outros homens?*

“É contrária à lei de Deus toda sujeição absoluta de um homem a outro homem. A escravidão é um abuso da força. Desaparece com o progresso, como gradativamente desaparecerão todos os abusos” (LE, 2007, p. 431).

833. *Haverá no homem alguma coisa que escape a todo constrangimento e pela qual goze ele de absoluta liberdade?*

“No pensamento goza o homem de ilimitada liberdade, pois que não como pô-lhe peias. Pode-se-lhe deter o vôo, porém, não aniquilá-lo” (LE, 2007, p. 433).

843. *Tem o homem o livre-arbítrio de seus atos?*

“Pois que tem a liberdade de pensar, tem igualmente a de obrar. Sem o livre-arbítrio, o homem seria máquina” (LE, 2007, p. 435).

Uma das questões mais discutidas pela filosofia em todos os tempos é a da liberdade do ser humano. Para o Espiritismo, assim como para as filosofias e para outras áreas do conhecimento humano (como o Direito, por exemplo), existe apenas a liberdade relativa, porque o homem tem que responder pelos seus atos – ou seja, trata-se de uma liberdade condicionada, circunstancial, limitada.

A décima primeira lei moral é da justiça, de amor e caridade, que trata da justiça em relação aos direitos naturais, da propriedade e do roubo, da caridade e amor ao próximo e do amor materno e filial.

O conteúdo desses itens chega a ser óbvio: o sentimento de justiça faz parte da natureza intrínseca humana, tanto que Deus o pôs na mente dos homens. O homem tem direito à propriedade, mas sem egoísmo. O roubo é condenado, sendo o assassinato considerado o roubo da vida do outro, e o amor entre pais e filhos faz parte da ordem natural, sendo, porém, conturbado nas relações terrenas em razão de acontecimentos de vidas passadas.

873. *O sentimento da justiça está em a natureza, ou é resultado de ideias adquiridas?*

“Está de tal modo em a natureza, que vos revoltais à simples ideia de uma injustiça. É fora de dúvida que o progresso moral desenvolve esse sentimento, mas não o dá. Deus o pôs no coração do homem. Daí vem que, frequentemente, em homens simples e incultos se vos deparam noções mais exatas da justiça do que nos que possuem grande cabedal de saber” (LE, 2007, p. 452).

877. *Da necessidade que tem o homem de viver em sociedade, nascem-lhe obrigações especiais?*

“Certo e a primeira de todas é a de respeitar os direitos de seus semelhantes. Aquele que respeitar esses direitos procederá sempre com justiça. Em o vosso mundo, porque a maioria dos homens não pratica a lei de justiça, cada um usa de represálias. Essa a causa da perturbação e da confusão em que vivem as sociedades humanas. A vida social outorga direitos e impõe deveres recíprocos” (LE, 2007, p. 454).

880. *Qual o primeiro de todos os direitos naturais do homem?*

“O de viver. Por isso é que ninguém tem o de atentar contra a vida de seu semelhante, nem de fazer o que quer que possa comprometer-lhe a existência corporal” (LE, 2007, p. 455).

888. *Que se deve pensar da esmola?*

“Condenando-se a pedir esmola, o homem se degrada física e moralmente: embrutece-se. Uma sociedade que se baseie na lei de Deus e na justiça deve prover a vida do *fraco*, sem que haja para ele humilhação. Deve assegurar a existência dos que não podem trabalhar, sem lhes deixar a vida à *mercê do acaso* e da boa vontade de alguns” (LE, 2007, p. 458).

891. *Estando em a natureza o amor materno, como é que há mães que odeiam os filhos e, não raro, desde a infância destes?*

“Às vezes, é uma prova que o Espírito do filho escolheu, ou uma expiação, se aconteceu ter sido mau pai, ou mãe perversa, ou mau filho, noutra existência (392). Em todos os casos, a mãe má não pode deixar de ser animada por um mau Espírito que procura criar embaraços ao filho, a fim de que sucumba na prova que buscou. Mas, essa violação das leis da Natureza não ficará impune e o Espírito do filho será recompensado pelos obstáculos de que haja triunfado” (LE, 2007, p. 460).

Como se vê, em todas as respostas dos Espíritos imperam o bom senso, a sensatez, o equilíbrio, expressando as virtudes que os homens devem ter. A questão 891 exemplifica a lei do carma em um dos sentimentos mais indiscutíveis, que é amor maternal.

Finalmente, a última das leis morais tem o título de “Da perfeição moral” e discorre sobre as virtudes, os vícios, as paixões, o egoísmo, os caracteres do homem de bem e o conhecimento de si mesmo.

A primeira pergunta do capítulo enaltece a caridade, que é um dos pilares do Espiritismo (“Fora da caridade não há salvação”):

893. *Qual a mais meritória de todas as virtudes?*

“Toda virtude tem seu mérito próprio, porque todas indicam progresso na senda do bem. Há virtude sempre que há resistência voluntária ao arrastamento dos maus pendores. A sublimidade da virtude, porém, está no sacrifício do interesse pessoal, pelo bem do próximo, sem pensamento oculto. A mais meritória é a que assenta na mais desinteressada caridade” (LE, 2007, p. 461).

Se a caridade é a maior das virtudes, evidentemente o egoísmo é o pior vício, e para combater as más tendências o homem tem que se esforçar, lutando contra si mesmo.

913. *Dentre os vícios, qual o que se pode considerar radical?*

“Temo-lo dito muitas vezes: o *egoísmo*. Daí deriva todo mal. Estudai todos os vícios e vereis que no fundo de todos há egoísmo. Por mais que se lhes deis combate, não chegarei a extirpá-los, enquanto não atacardes o mal pela raiz,

enquanto não lhes houverdes destruído a causa. Tendão, pois, todos os esforços para esse efeito, porquanto aí é que está a verdadeira chaga da sociedade. Quem quiser, desde esta vida, ir aproximando-se da perfeição moral, deve expurgar o seu coração de todo sentimento de egoísmo, visto ser o egoísmo incompatível com a justiça, o amor e a caridade. Ele neutraliza todas as outras qualidades” (LE, 2007, p. 470).

909. *Poderia sempre o homem, pelos seus esforços, vencer as suas más inclinações?*

“Sim, e frequentemente, fazendo esforços muito insignificantes. O que lhe falta é a vontade. Ah! quão poucos dentre vós dentre vós fazem esforços!” (LE, 2007, p. 469).

911. *Não haverá paixões tão vivas e irresistíveis, que a vontade seja impotente para dominá-las?*

“Há muitas pessoas que dizem: *Quero*, mas a vontade só lhes está nos lábios. Querem, porém muito satisfeitas ficam que não seja como ‘querem’. Quando o homem crê que não pode vencer as suas paixões, é que seu Espírito se compraz nelas, em consequência da sua inferioridade. Compreende a sua natureza espiritual aquele que as procura reprimir. Vencê-las é, para ele, uma vitória do Espírito sobre a matéria” (LE, 2007, p. 469).

As leis morais do Espiritismo constituem o cerne da parte filosófica da doutrina. Trazem os princípios que constituirão o homem de bem. São o conjunto de virtudes a serem alcançadas pelo exercício da disciplina e da razão, para que o ser humano atinja a perfeição. Sobre a virtude, registra *O Evangelho segundo o Espiritismo*: “A virtude, no mais alto grau, é o conjunto de todas as qualidades essenciais que constituem o homem de bem. Ser bom, caritativo, laborioso, sóbrio, modesto, são qualidades do homem virtuoso” (ESE, 2006, p. 315).

Como uma das bases da Doutrina Espírita está fincada nos filósofos clássicos (Sócrates, Platão e Aristóteles) – e como o tempo histórico de Kardec e o dos filósofos clássicos representam fases do humanismo, distanciadas no tempo –, pode-se remeter o Espiritismo a Aristóteles, na obra *Ética a Nicômaco*, quanto à noção de virtude:

Devemos considerar agora o que é a virtude. Visto que na alma se encontram três espécies de coisas – paixões, faculdades e disposições de caráter –, a virtude deve pertencer a uma destas (Aristóteles, Livro II, 5, p. 31).

[...]

Por conseguinte, se as virtudes não são paixões nem faculdades, só resta uma alternativa: a de que sejam *disposições de caráter* (Idem, Livro II, 5, p. 31-32).

[...]

Por outro lado, sentimos cólera e medo sem nenhuma escolha de nossa parte, mas as virtudes são modalidades de escolha, ou envolvem escolha (Idem, Livro II, 5, p. 31)

[...]

A virtude é, pois, uma disposição de caráter relacionada com a escolha (Livro II, 6, p. 33).

[...]

Já que a felicidade é uma atividade da alma conforme à virtude perfeita, devemos considerar a natureza da virtude (Livro I, 13, p. 23).

[...]

Por virtude humana entendemos não a do corpo, mas a da alma; e também à felicidade chamamos uma atividade de alma (Livro I, 13, p. 23).

A virtude em Aristóteles não é inata; ao contrário, é fruto de exercício, resultando na formação de hábitos para o bem. É ainda uma questão de escolha e disposição de caráter, cujo fim é a felicidade do homem. Igualmente, no Espiritismo, a virtude é resultado do livre-arbítrio e da apreensão das leis morais, que levam ao bem e à felicidade, que o homem conquista pelo seu esforço. Assim, tanto em Aristóteles quanto em Kardec, a virtude tem um caráter comportamental e educativo.

CAPÍTULO IV – PEDAGOGIA ESPÍRITA

Como já foi exposto, uma das razões para a realização deste trabalho sobre o Espiritismo foi pesquisar sobre as possibilidades da existência e implantação, nos dias atuais, de uma Pedagogia Espírita nas escolas públicas brasileiras, ideia apresentada por alguns pensadores espíritas da atualidade, que usam como exemplos para defenderem seu posicionamento a criação de escolas, colégios, creches e outros tipos de instituições educacionais por espíritas nos séculos XIX e XX.

Uma das maiores defensoras de tal pensamento é Dora Incontri (aluna de J. Herculano Pires), que já produziu várias obras sobre o tema, sendo a principal a sua tese de doutorado, que, após expor o Espiritismo e defendê-lo como a linha filosófico-religiosa capaz de harmonizar a sociedade frente ao capitalismo atual, à violência, ao niilismo em que caiu o homem na modernidade e na pós-modernidade, traz as fundamentações teórico-ideológicas para a implantação de uma Pedagogia Espírita na rede pública escolar brasileira.

Essa autora, no erguimento da sua proposta, toma como inspiração a obra *Pedagogia Espírita*, de Herculano Pires, publicada em 1972. Tal como Herculano Pires, Dora Incontri também não executou uma prática pedagógica espírita escolar, limitando-se a teorizar sobre o tema, esperando que outros o fizessem em adesão a suas propostas. Ela, Herculano Pires e outros que incursionam nesse projeto inovam, sugerindo uma outra maneira de se fazer educação escolar, inspirados por educadores com tendências cristãs não-ortodoxas, como Comenius, Rousseau e Pestalozzi, três pensadores que anteciparam a educação livre e libertadora, democrática e humanitária, do ser integral e universal, em que os valores e conceitos cristãos colocavam-se como ponto imprescindível para a formação do indivíduo, ao considerar a existência do princípio espiritual independentemente do corpo biológico.

Defendendo seu projeto (nascido, em verdade, de Herculano Pires), Dora Incontri se ampara em alguns espíritas brasileiros que, em plena fase da escola pública laica, ousaram fazer uma pedagogia abertamente cristã e por vezes declaradamente espírita, como Eurípedes Barsanulfo, considerado por Alessandro Bigheto como “um educador de vanguarda na Primeira República” (Bigheto, 2006, capa).

4.1 Dora Incontri: “teorizadora” da Pedagogia Espírita no Brasil na atualidade

Dora Incontri é paulistana, formada em Jornalismo, mas dedica-se à educação. Fez mestrado, doutorado e pós-doutorado em Filosofia da Educação, na Universidade de São Paulo (USP). Como espírita, vê a educação pela ótica da espiritualidade, portanto os temas do seu trabalho estão sempre relacionados ao viés dos valores espirituais: espiritualidade e educação, filosofia para crianças, ensino inter-religioso, educação e ética, etc.

Autora de vários livros dentro dessa temática geral, tem como objetivos principais levar o Espiritismo e a Educação Espírita para o âmbito universitário e erguer no Brasil a Pedagogia Espírita, antevista e tentada algumas vezes no passado, porém de modo disperso e isolado, sem que tenha deixado uma corrente pedagógica sólida e definida.

Se se perguntar, hoje, o que é a Pedagogia Espírita, pouco se pode responder. Mas a estudiosa busca definir e erigir uma Pedagogia Espírita, a partir do grande legado de Allan Kardec e do trabalho de alguns espíritas brasileiros que atuaram na educação. Para tanto, ela faz uma ponte entre os humanistas da antiguidade e os da era moderna, recuperando princípios das correntes pedagógicas libertadoras e apontando a proposta de uma Pedagogia Espírita como uma das possibilidades de redenção do mundo moderno, perdido no niilismo, no ateísmo, no vício, na violência, no egoísmo – enfim, na falta dos valores éticos.

Ela expõe na introdução de sua principal obra sobre o assunto (*Pedagogia Espírita – um projeto brasileiro e suas raízes*):

O objetivo desta obra é analisar a filosofia espírita com suas conseqüências pedagógicas, práticas e teóricas, mostrando que ela se insere historicamente num desenrolar de ideias que vêm desde Sócrates e Platão – e tem uma densidade

conceitual e uma contribuição inédita a dar para a cultura contemporânea, que passa por um momento de perplexidade.

[...]

Se este trabalho assume uma postura claramente espiritualista, se está inserido no humanismo ocidental, se trabalha com conceitos de verdade e com nítidos parâmetros éticos, então é preciso antes de mais nada situá-lo num mundo em que tudo isto está perigosamente ameaçado.

[...]

Se Nietzsche declarou que Deus está morto, e a filosofia contemporânea adere voluntariamente a esta afirmativa aleatória, Nietzsche e os que o seguem foram tornados deuses, fazendo absoluto seu ponto de vista. A majoritária posição acrítica em relação a este pensador deveria nos deixar em estado de alerta quanto ao seu absolutismo. No entanto, os próprios religiosos se sentem constrangidos em assumir algo em contrário.

[...]

Em meio a tudo isso, primeiro como vítima do materialismo positivista ou marxista e depois do niilismo de cátedra, ficou relegada nos estudos acadêmicos uma corrente do pensamento francês do século XIX que provocou grande impacto social: o Espiritismo (Incontri, 2006, 15-18).

O Espiritismo, no entanto, não propõe exatamente uma Pedagogia Espírita, embora Denizard Rivail tenha sido um grande educador, adepto das propostas pedagógicas de Pestalozzi.

Kardec falou em “Educação Espírita”, não em “Pedagogia Espírita”. Por “Educação Espírita” entende-se a evolução espiritual de cada pessoa. As pessoas encontram-se em níveis muito diferentes de evolução espiritual, de acordo com o seu conhecimento religioso (em qualquer seita, igreja ou dogma), com seus conhecimentos sobre a Doutrina Espírita, o exercício do livre-arbítrio, a prática dos preceitos espíritas – aliados, em continuação a uma evolução anterior já trazida pelo Espírito como resultado de outras encarnações. A Educação Espírita é então a autoeducação, o esforço de cada indivíduo em se tornar um homem de bem. Rivail, de formação pestalozziana, autor de obras pedagógicas, criador e diretor de colégios na linha de Pestalozzi, não pretendeu, na condição de Allan Kardec, criar escolas espíritas, mesmo porque ele passou a se envolver com a codificação da doutrina, com a produção de livros e revistas nessa área, que era uma novidade no mundo intelectual e científico. Aliás, além de não ter tempo para propor e erguer escolas espíritas na época, Allan Kardec nem ousaria fazê-lo, porque tal ideia não seria aceita pela sociedade. O Espiritismo mal nascia, era aceito por alguns poucos adeptos e rejeitado pela sociedade contemporânea. Certamente ele não teria alunos e sua escola poderia até ser apedrejada como uma proposta herege.

“Pedagogia Espírita” é coisa diversa. Trata-se de uma ideia levantada no Brasil (o maior país espírita do mundo), idealizada por Herculano Pires (e desenvolvida com modificações por outros educadores espíritas), à qual Dori Incontri tenta dar nova configuração, colhendo as experiências de alguns espíritas brasileiros que se dedicaram à educação formal, em escolas, empregando conceitos e práticas do Espiritismo – embora, em alguns casos, não declaradamente, pois praticavam o ecumenismo ou somente a espiritualização do educando no ato de educar. Foram casos isolados, de iniciativa própria, em locais diferentes, nem sempre com ligação entre si e principalmente sem uma linha pedagógica caracterizadamente espírita que chegasse a configurar uma corrente espírita em educação. No entanto Dora Incontri, com essa pesquisa (resultado de sua tese de doutorado, feito na USP), busca aspectos comuns nessas experiências e tenta, no final do seu trabalho, lançar sua proposta para uma Pedagogia Espírita.

O Espiritismo entrou no Brasil na década de 1860, entranhando-se na cultura brasileira pelo aspecto religioso e misturado às tradições católicas. Institucionalizou-se com a fundação da Federação Espírita Brasileira (FEB), em 1884, desdobrando-se posteriormente nas federações estaduais e em milhares de centros espíritas.

Acontece que uma das marcas do Espiritismo é sua “democracia”, no sentido da ausência de sacerdotes, hierarquias, obrigatoriedade de estudos prévios, formação teológica, etc. Quanto a essa característica, afirma Herculano Pires:

O Espiritismo não criou igrejas, não precisa de templos suntuosos e tribunas luxuosas com pregadores enfatuados. Não tem rituais, não dispensa bênçãos, não promete lugar celeste a ninguém, não confere honrarias em títulos ou diplomas especiais, não disputa regalias oficiais. Sua única missão é esclarecer, orientar, indicar o caminho da autenticidade humana e da verdade espiritual (Incontri, 2006, p. 73).

Na verdade as palavras de Herculano Pires não reproduzem a realidade de grande parte das instituições espíritas, podendo-se perfeitamente dispensar os termos “igrejas”, “suntuosos”, “luxuosas”, “enfatuados”. O Espiritismo não precisa de nenhum tipo de templo (luxuoso ou não), nem de tribunas (luxuosas ou não), nem de pregadores (enfatuados ou não). Qualquer pessoa pode criar, no quintal da sua casa, em uma construção muito simples e humilde, um “centro espírita”. E muitos centros não contam nem com pregadores. Possuem um “presidente”, um “dirigente” (aquele que tomou a iniciativa de fazer, com recursos

próprios, com que uma simples sala ou salão – muitos rústicos e desconfortáveis, com toscos bancos de madeira – se tornasse um “centro espírita”).

Em muitas dessas casas de oração nem sempre desponta uma pessoa com o dom da fala, da oratória, da exposição. Então alguns centros mais simples nem contam com pregadores. Pessoas presentes, no início dos trabalhos, procedem à leitura de um pequeno trecho da “bíblia do Espiritismo”, o *Evangelho segundo o Espiritismo* (ou de algum outro livro, geralmente algum psicografado por Chico Xavier), lido com alguns tropeços e erros (e também sem a total compreensão da mensagem, porque a linguagem do Espiritismo é difícil às pessoas de menor escolaridade, usa a segunda pessoa do plural (“vós”) e um vocabulário erudito). Todos ouvem em silêncio. E o livro é fechado. Ou alguém comenta timidamente: “bonita lição”, “isso serviu para nós”, “isso é um tapa na cara de cada um”, “é isso aí, grandes verdades, então a gente que se cuide fazendo a reforma íntima”. Passa-se depois às atividades de incorporação, passe magnético, etc.

Por outro lado, há centros espíritas grandes, com construções confortáveis, com várias dependências, bibliotecas ou livrarias, salas de leitura e empréstimo de livros, salas especiais para os passes magnéticos e tratamentos espirituais, usando-se a cromoterapia, a apometria e outras técnicas de cura. São bem organizados, possuem uma diretoria complexa e subdividida, com equipes diversas realizando diferentes atividades. Possuem um cronograma de suas ações, contam com bons oradores convidados periodicamente e recebem contribuições financeiras dos membros da diretoria, dos frequentadores (contribuições sempre espontâneas) e da FEB.

Assim como os centros espíritas surgem do nada, espontaneamente, sem aviso prévio, sem licença oficial, sem relação ou conhecimento da Federação Espírita Brasileira, assim também aconteceu com as escolas espíritas brasileiras. Cada espírita realizou a experiência pedagógica que quis, de acordo com suas próprias ideias, com os recursos financeiros de que dispunha, mobilizando ou não a comunidade em busca de ajuda.

Sobre a Pedagogia Espírita em geral, escreve Dora Incontri:

Quando nos referimos a uma experiência pedagógica espírita, estamos delimitando as escolas ou práticas educacionais que apresentem um ou mais elementos constantes da Pedagogia Espírita, ou seja, algum diferencial significativo

da educação tradicional e que esse diferencial tenha sido consequência do Espiritismo. Pode uma escola não alcançar a prática integral de todos os princípios pedagógicos espíritas. Mas não basta uma escola autodenominar-se espírita, para se inserir no quadro desta Pedagogia. Nesse sentido, a primeira escola espírita do mundo talvez tenha sido o *Spiritualist Progressive Lyceum*, fundado em 1863 por Andrew Jackson Davis, médium americano, chamado de “o profeta do Espiritismo”. Acreditava ele que cada criança é um ser espiritual único. As classes eram pequenas, não seriadas por idade e as aulas eram dadas com método socrático. [...]

Também tem-se notícia de uma escola espírita Argentina, *Colégio La Fraternidad*, fundada em 1880 por Rosa e Antonio Ugarte, cujas atividades se desdobraram até o início do século XX. Informa Cesar Bogo que por este colégio passaram 1500 alunos e que seu declínio se deu com a morte da fundadora. Entretanto, segundo esta fonte, parece que o método de ensino era o tradicional, inclusive com distribuição de prêmios e medalhas, muito ao contrário do que praticava Eurípedes (Incontri, 2006, p.173).

Em sua obra, Dora Incontri arrola seis nomes que se destacaram na tentativa de realizar uma Pedagogia Espírita no Brasil, apresentando um epíteto identificador para cada um deles: Eurípedes Barsanulfo, o educador; Anália Franco, a ativista social; Tomás Novelino, o herdeiro; Ney Lobo, o pragmático; Vinicius, o apologista de Cristo; Herculano Pires, o filósofo – abaixo, alguns desses títulos são mantidos, outros são alterados.

4.1.1 Eurípedes Barsanulfo, o médium educador

A primeira experiência pedagógica espírita brasileira foi a de Eurípedes Barsanulfo (1880-1918). Sobre o trabalho de Eurípedes Barsanulfo, registra Dora Incontri:

Esta experiência, embora mal documentada, permanece até hoje não-superada pela sua originalidade e pela pujança com que se manifestam os elementos mais significativos da Pedagogia Espírita, por isso podemos dizer que ela inicia de fato essa corrente pedagógica no mundo. Isso se deve à personalidade extraordinária de seu fundador. Dentro daquela premissa assumida durante todo esse trabalho – o da conexão entre princípios pregados e princípios existencialmente vividos, ou seja, da autoridade emanada dos homens moralmente elevados – Eurípedes é sem dúvida alguma um dos espíritas brasileiros de maior projeção moral (Incontri, 2006, p. 174).

Eurípedes Barsanulfo era do interior de Minas Gerais e de origem humilde, mas pôde estudar em bons colégios, destacando-se pela sua capacidade intelectual e ainda como líder religioso católico. Desde a adolescência atuava nos diversos setores da sua cidade (Sacramento): social, político, cultural. Pretendia fazer Medicina, mas não realizou tal intento,

por questões familiares. Era, então, um brilhante autodidata. Dedicou-se à homeopatia, montou uma farmácia, tornou-se professor, fundou um colégio junto com outros professores (*Liceu Sacramento*). Até então ele era católico fervoroso, muito querido e protegido por padres e bispos.

Porém um dia caiu-lhe nas mãos um livro de Léon Denis⁴³, espírita. Ele leu, gostou, interessou-se pelas ideias expostas, passou a frequentar reuniões mediúnicas, convenceu-se do que via e deu novo rumo a sua vida – apesar dos problemas que enfrentou. Passou a ser hostilizado pela família, amigos, colegas professores e a comunidade. Inclusive o *Liceu Sacramento* teve seu fim devido aos novos posicionamentos de Eurípedes Barsanulfo.

Então, com recursos próprios e muita dificuldade, ele reabriu o colégio em uma pequena sala, com poucos alunos, em razão das suas novas ideias. A rejeição o deixava abatido, mas ele persistia.

Relata Dora Incontri que ele teve então uma visão de Maria, mãe de Jesus, que lhe deu orientações sobre uma nova escola, que se chamaria *Colégio Allan Kardec*, assumindo abertamente a orientação espírita – e que ela cobriria a escola com o seu manto protetor. O colégio instituiu um curso de Astronomia e dedicava um dia especialmente ao ensino do Espiritismo. Apesar dos preconceitos da época, o colégio prosperou, tornando-se famoso em toda a região.

O colégio, particular e ao mesmo tempo gratuito (certamente mantido por ele), tinha um caráter progressista, pregava a confiança no ser humano, abolia castigos e recompensas (as correções eram apenas advertências amistosas), praticava uma relação afetuosa e um diálogo amoroso entre aluno e professor – tal qual fizera Pestalozzi. Executava-se a avaliação contínua e os exames finais eram realizados em clima de festa, em um teatro, com a presença de pais e amigos, por meio de debates em que se praticava a racionalidade argumentativa e análise com vistas ao conhecimento dos fundamentos, das causas, dos porquês e das finalidades dos fenômenos e de todas as coisas – “Para apurar a inteligência, exercícios de racionalidade, observação atenta da natureza, reflexão crítica” (Incontri, 2006, p. 178).

⁴³ Léon Denis (1846-1927), espírita francês, é considerado o continuador de Allan Kardec, devido aos seus estudos sobre o Espiritismo, realizados com seriedade, rigor e alto nível.

Esse método de ensino científico ativo foi uma grande inovação na época. Além das aulas expositivas, havia dissecação de cadáveres nas aulas de ciências, a observação dos astros nas aulas de astronomia e outras práticas.

Para o desenvolvimento do corpo, havia aulas-passeio, ginásticas diárias, exercícios respiratórios. E para o desenvolvimento da alma, a prática da caridade e da oração. Ou seja, sua pedagogia visava ao ser humano inteiro – corpo, mente, alma – inspirada na ideia da reencarnação.

O colégio se tornou então “o centro de um vasto trabalho de ajuda à comunidade”. Um laboratório farmacêutico preparava medicamentos (de fórmulas recebidas mediunicamente), atendendo a enfermos de toda a região, realizando partos, internando na própria escola doentes mentais. Os alunos engajavam-se com entusiasmo em todas as atividades.

O fato mais inusitado dessa experiência pedagógica foi o exercício da mediunidade com os alunos. Eurípedes Barsanulfo possuía grande dote mediúnico (psicofonia, desdobramento, vidência, cura, etc.). Ele entrava em transe em sala de aula, descrevendo cenas de guerras e outros locais. Os alunos já estavam acostumados com o fato e esperavam respeitosamente que ele voltasse do transe mediúnico. Sua mediunidade se estendia para fora da sala de aula, controlando o comportamento dos alunos durante o recreio, por exemplo. Depois do recreio e de outras atividades em que os alunos demonstravam alguma indisciplina, Eurípedes Barsanulfo os repreendia suavemente ou os alertava quanto à presença de um espírito terrível a espreitá-los: o inquisidor Torquemada.

Muitos alunos se interessavam pelos fenômenos espíritas e pelas sessões mediúnicas (realizadas à noite e de livre acesso), desenvolvendo estudos em casa, tornando-se médiuns.

Seguindo Kardec, Eurípedes Barsanulfo negava o caráter de mistério, sobrenatural e irracional dos fenômenos espíritas. E ainda como Kardec, professava os princípios pedagógicos humanistas de Pestalozzi, Comenius, Rousseau.

Sobre essa experiência educativa espírita, escreve Bigheto:

Ao estudar o colégio Allan Kardec e a atuação de Eurípedes como educador, podemos afirmar que sua proposta tem algumas semelhanças práticas com experiências escolares e propostas de renovação escolar existentes no Brasil, como as anarquistas, republicanas, protestantes, mas guardou uma originalidade de proposta e prática em seus pressupostos e objetivos.

Embora não saibamos ao certo de onde retira seu pensamento pedagógico, pois não encontramos documentos em que isso fique claro, como já vimos, ele tinha por base a concepção espírita.

[...]

Através dos relatos dos alunos e dos que conviviam com Eurípedes, parece que dois pressupostos no campo educacional davam base ao seu pensamento: a dimensão da transcendência humana e ao mesmo tempo a visão reencarnacionista.

[...]

Enquanto os documentos mineiros trazem implícita a concepção de ser humano como um complexo biopsíquico e social, Eurípedes via o ser humano como um ser biológico, social, psicológico e espiritual.

[...]

Mas, para Eurípedes, as potencialidades e as capacidades humanas não se radicam apenas no corpo biológico e não são somente produto da sociedade e da cultura em que vivemos, mas também se radicam na alma humana, que é imortal. E o objetivo da educação não pode se direcionar para atender a um projeto econômico que instrumentalize o ser humano, mas deve em primeiro lugar ter em vista a realização plena desse ser.

[...]

Eurípedes entendia que o educando é um espírito imortal com autonomia para construir a si mesmo em sucessivas vidas, portanto deveria respeitar o desenvolvimento dos seus alunos e a sua individualidade.

[...]

A experiência do Colégio Allan Kardec tinha a intenção de negar a escola livresca, autoritária e distante da realidade.

[...]

Segundo os relatos dos ex-alunos, o Colégio nasceu no dia 31 de janeiro de 1907, e com a colaboração da família e da comunidade funcionou até 1918. Durante esse período, Eurípedes não interrompeu as atividades do Colégio. (...) Em 1918, na época da gripe espanhola e da morte de Eurípedes, as atividades foram suspensas, por causa da epidemia, assim como a maioria das instituições escolares no Brasil. (Bigheto, 2006, p. 170 a 205).

Apesar de muito edificante a proposta pedagógica de Eurípedes Barsanulfo – na linha da “pedagogia do amor” –, pais e professores nem sempre estavam preparados para aceitar as ideias inovadoras (dentro do quadro das escolas republicanas tradicionais da época), o que fez que com que Eurípedes tivesse um trabalho extra de convencimento a fim de desenvolver seu objetivo educacional pautado no ensino ético, livre, prático, humanitário, igualitário, fraterno, na solidariedade, como praticavam e propunham todos os ideólogos dessa área educativa humanista que vem desde os filósofos clássicos, passando por Comenius, Rousseau, Pestalozzi, Kardec, que se origina finalmente do pensamento cristão primitivo.

4.1.2 Anália Franco, a ativista social

Anália Franco (1853-1919) foi contemporânea de Eurípedes Barsanulfo. Ao invés de um colégio, ela criou vários. Toda a sua vida e realizações estavam impregnadas pelo Espiritismo. Porém, como militante feminista, pedagógica e social, propugnava mais pela transformação política e social.

Nasceu no Rio de Janeiro, mas sempre morou em São Paulo. Iniciando-se cedo na atividade pedagógica, por influência da mãe, logo se destacou, tornando-se conhecida como professora da rede pública.

Criou a primeira escola no interior de São Paulo com o fim de abrigar crianças negras filhas de escravos, e para isso chegou a pedir esmolas nas ruas. Dora Incontri apresenta um comentário de Tizuko Kishimoto a respeito da ação de Anália Franco:

O comportamento, insólito para a época, de uma professora espírita proteger negros, filhos de escravos, pedir esmolas pelas ruas em pleno regime monarquista, católico e escravocrata, gera um clima de antipatia e rejeição entre os moradores da região ante a figura daquela mulher considerada perigosa, e seu afastamento da cidade já é cogitado, quando surge um grupo de abolicionistas e republicanos a seu favor. Passados alguns anos, Anália deixa algumas escolas maternais no interior para radicar-se em São Paulo e associar-se ao Partido Republicano (Incontri, 2005, p. 184).

Anália confiava no seu partido político, mas, após a República, ela se decepcionou com o mesmo e com a política praticada pelo novo regime, passando a dedicar-se ardorosamente à educação popular, como uma solução para o acesso às mudanças econômicas, políticas e sociais que tanto idealizava. Entre os temas com os quais ela se preocupava estão: a situação da mãe solteira e das mães operárias, a marginalização da criança negra, o abandono da mulher, as crianças pobres, a discriminação religiosa.

Fundou, em 1901, a Associação Feminina Beneficente e Instrutiva, com apoio de mulheres, lojas maçônicas, pessoas espíritas e outros interessados. Essa associação abriu asilos e creches em todo o estado de São Paulo.

Ao mesmo tempo, Anália Franco dedicou-se à literatura e ao jornalismo, expondo suas ideias. Bateu-se pelo profissionalismo, pela instrução das crianças e das mulheres excluídas. Lutou contra a prostituição e todos os preconceitos. Instituiu cursos nas mais diferentes atividades: costura, flores artificiais, tipografia, escrituração comercial. Criou também o *Liceu Feminino*, com vistas a formar professoras para as creches e escolas mantidas pela Associação Feminina Beneficente e Instrutiva.

Um dado importante sobre o trabalho de Anália Franco: ao contrário de Eurípedes Barsanulfo, não ensinava Espiritismo nas creches, asilos, escolas maternas e demais instituições que dirigia. A esse respeito declara Incontri:

Sua atividade educacional também era isenta de sectarismo. Espírita confessa, não ensina Espiritismo em suas creches. Incentiva, porém, uma religiosidade ecumênica, despertando entre os alunos alguns conceitos comuns a todas as crenças: a oração, a imortalidade da alma, a veneração a Deus, a fraternidade humana (Incontri, 2006, p.188).

Assim, como ela estava preocupada apenas com as verdades fundamentais da religiosidade e do humanismo, as dezenas de escolas que criou eram frequentadas por mais de 1000 crianças de todos os credos religiosos e nacionalidades: budistas, turcos, cristãos, judeus, católicos, protestantes, maometanos, calvinistas, etc.

Ou seja, predominava em suas obras o ecumenismo, que é um dos princípios do Espiritismo, ao receber nos centros espíritas pessoas de todas as crenças e não rejeitar nenhuma seita religiosa. Nos estatutos da associação criada por Anália Franco constava o item: “A Associação é leiga, respeitando todas as crenças das suas sócias e protegidas” (Incontri, 2006, p. 189).

O método pedagógico utilizado por Anália Franco era eclético, com influências de Pestalozzi, Fröbel e das *écoles maternelles* de Madame Pape-Carpantier. O método procurava ser dinâmico, com a utilização de materiais didáticos concretos (pauzinhos e outros objetos) e atividades diversificadas para as crianças não se cansarem: aula, canto, pequenos intervalos, recreio – como praticava Fröbel: aulas curtas intercaladas por música e intervalos. Para os alunos mais velhos, havia o ensino profissionalizante (como propunha Pestalozzi).

Segundo Dora Incontri, Anália Franco “chegou a abrir mais de 100 casas infantis” (Incontri, 2006, p. 191). Evidentemente, os recursos financeiros eram poucos e há registros de fome, frio e outros tipos de carência naquelas instituições.

Arremata Dora Incontri sobre o trabalho de Anália Franco:

As escolas de Anália Franco não atingiram a originalidade de Eurípedes, conservando ainda alguns aspectos abolidos por ele, como a existência de punições (jamais físicas) e recompensas, tais como notas boas e más, medidas disciplinares, inserção ou retirada dos quadros de honra, privação do recreio. Isso, porém, não desmerece suas contribuições, numa época em que a palmatória ainda era a ferramenta predominante da educação (Incontri, 2006, p. 191).

4.1.3 Tomás Novelino, o herdeiro

Aos 90 anos de idade, Tomás Novelino, que estudara em uma das escolas de Anália Franco, declara:

Há uma correlação estreitíssima entre os métodos de Pestalozzi, os métodos de dona Anália e os métodos de Eurípedes Barsanulfo. (...) Educar, como dizia Pestalozzi, é o desenvolvimento harmonioso dos poderes anímicos do ser. É a educação integral. Poderes anímicos são poderes do espírito, portanto não é uma educação materialista. A educação de Eurípedes, Anália Franco e Pestalozzi tem cunho espiritualista, com o desenvolvimento integral da criatura. Desenvolvimento da inteligência, educação da vontade e do sentimento. A cultura do sentimento do bem e do amor. Essa era a escola de Pestalozzi, essa era a escola de Anália Franco, essa era a escola de Eurípedes Barsanulfo. (...) Foi nesse ambiente que vivemos, sentimos e formamos a nossa vida. Por isso, temos uma dívida muito grande de gratidão e reconhecimento para com esses preceptores, instrutores, orientadores... (Incontri, 2006, p. 192). (Sem grifos no original)

Tomás Novelino (1901-2000) nasceu em Delfinópolis, MG. Aos seis anos ficou órfão de pai e mãe, sendo internado no Asilo Anália Franco, São Paulo, juntamente com seus irmãos. Durante alguns anos, mudou de cidade e escola e em 1922 já estava no Rio de Janeiro para cursar Medicina, sob os princípios pedagógicos da época. Ele relata:

A formação era fortemente materialista. Compraziam-se os professores em afirmar, dentro do espírito positivista de então, que a ciência havia dado o golpe final nas superstições religiosas (*Apud* Incontri, 2006, p. 193).

Formado, Novelino voltou para o interior de Minas Gerais, onde acabou dirigindo um hospital psiquiátrico.

Sobre sua personalidade e obras, afirma Dora Incontri:

Novelino foi homem ativo e polivalente. Médico cirurgião, médico homeopata, astrônomo amador, construtor, fundador e diretor de escolas, jardineiro de rosas e de orquídeas, fabricante de sapatos para exportação, orador eloquente e, acima de tudo, educador. Mas direcionou todos os seus talentos para a causa da educação espírita, juntamente com a esposa. Construiu um império, mas não para si mesmo. Trabalhou intensamente, mas não pela ambição pessoal de lucro e poder. Morreu como um homem simples e sem grandes posses, aos 99 anos de idade, lúcido e com memória prodigiosa, falando ainda com o mesmo entusiasmo juvenil de seus mestres espirituais, Eurípedes e Anália, Pestalozzi e Kardec e lembrando-se das canções que aprendera no Lar de Anália e das poesias que declamava com entusiasmo (Incontri, 2006, p. 194).

Contra o sectarismo, a favor da tolerância e da fraternidade, com intenção pedagógica espírita, Novelino iniciou-se na educação. Em 1944 abre o *Educandário Pestalozzi*. Ele relata esse início:

Alugamos um cômodo, fizemos umas carteirinhas e começamos com a escolinha. A nossa companheira era a professora e nós ajudávamos também. Lecionamos lá Ciências e noções de Física. Mas as primeiras aulas começaram com o pré-primário, depois um curso de admissão e, por fim, um curso de alfabetização de adultos. Tínhamos algumas professoras que trabalhavam gratuitamente para nós e a escola era toda gratuita. Acontece que aquilo foi crescendo... (Incontri, 2006, p. 194).

Essa descrição de Novelino sobre sua escola é um retrato fiel do nascimento dos centros espíritas brasileiros. Surgem pequenos, por iniciativa de alguém, e tudo é gratuito para os participantes. Se houver condições, o centro cresce. Se não houver, ele continua pequeno, rústico, singelo, durante anos e décadas, talvez para sempre. Muitas vezes, quando o centro prospera, ninguém sabe de onde veio a ajuda financeira. Os frequentadores não sabem de quem é o prédio, quem paga o aluguel, quem arca com as despesas (água, luz, limpeza, papel higiênico nos banheiros, copos descartáveis para a água fluidificada, etc.). Os participantes simplesmente usufruem, sem qualquer ônus, ignorando, na grande maioria dos casos, de onde vêm a manutenção e conservação do local – quase sempre vêm de espíritas mais abastados, que ajudam voluntariamente e permanecem no anonimato.

Em 1946, Novelino compra uma chácara e constrói um prédio. A esposa de Novelino (Aparecida) declara na inauguração:

O Educandário primará por ser livre e fazer homens e mulheres livres, criaturas ciosas de sua liberdade, amantes do bem, do trabalho, da atividade, da evolução, e não seres modorrentos, que, muito embora consigam às vezes grande cultura, a traga simplesmente acumulada na memória. (...) O Educandário porfiará por lapidar em seus alunos intelecto e coração, aprimorando-lhes razão e sentimento (Incontri, 2006, p. 195).

Novelino gastou dois anos para erguer seu colégio e teve que fazer sacrifício pessoal, vendendo a própria casa.

Em 1953 ele abre um orfanato, abrigando em torno de 100 crianças e adolescentes em um casarão. As professoras eram espíritas e não-espíritas. A igreja católica perseguia, ameaçando de excomunhão, então professoras católicas se afastaram para não perderem os sacramentos da sua igreja.

Buscando uma educação que conciliasse instrução e trabalho, ele compra uma pequena manufatura de sapatos. Essa ideia porém não funcionou, pela impossibilidade de juntar o necessário profissionalismo de uma empresa com o verdadeiro aspecto pedagógico da educação infantil. Então ele separou as duas atividades (educação e trabalho), vindo a ser no futuro um dos maiores exportadores de calçados de Franca, São Paulo, revertendo seus lucros para as obras sociais, criando lares-escolas. Com isso ele conseguiu manter a educação integral e gratuita de uma média de 2500 alunos.

A Fundação Pestalozzi, criada e mantida por Novelino, possuía uma fazenda, onde havia um observatório astronômico. Essa fazenda garantia leite, legumes e frutas para as crianças de suas obras escolar-assistenciais. Tal situação perdurou por algumas décadas.

Em 1996 suas obras enfrentavam sérias dificuldades financeiras, com a perda da fábrica, da fazenda e do observatório. Mas seu trabalho teve projeção internacional. Relata Dora Incontri:

A televisão suíça realizou um documentário em homenagem aos 250 anos do nascimento de Pestalozzi e escolheu o Educandário Pestalozzi de Franca como uma das influências marcantes do educador suíço no mundo (Incontri, 2006, p. 196).

Marcado pelas necessidades que passara nos asilos de Anália Franco, Novelino procurou oferecer melhor qualidade de vida em suas escolas e demais empreendimentos, com maior cuidado estético e melhores condições de alimentação, higiene, organização. Ele teve mais recursos financeiros que Anália. Além disso, suas escolas eram poucas, enquanto que os asilos daquela chegaram ao número de 100.

No aspecto didático, as escolas de Novelino se assemelhavam às de Pestalozzi: aulas, música, cursos profissionalizantes, educação integral, envolvimento afetivo com os alunos. As aulas de Espiritismo eram optativas, pois predominava a tolerância religiosa, mas havia passes diários e oração para a transmissão de energias positivas.

Comparando esses três educadores espíritas, conclui Dora Incontri:

A experiência do casal Novelino fundiu as heranças de Eurípedes e Anália, perdendo em originalidade pedagógica em relação ao primeiro e ganhando em estabilidade econômica e em qualidade institucional em relação à segunda. Do ponto de vista de inovações educacionais, trata-se de uma experiência bem mais modesta que a de Eurípedes. Há que se reconhecer que, assim como no caso de Anália Franco, o número de alunos e professores envolvidos dificultava uma prática pedagógica ainda em processo de construção. Eurípedes, ao contrário, imprimiu pessoalmente sua metodologia, sem dispersão de esforços. Em conversa com o Prof. Herculano Pires (narrada numa palestra deste, em 10/01/1975), Novelino se queixava da falta de uma sistematização da Pedagogia Espírita e da ausência de professores engajados em tal proposta (Incontri, 2006, p. 197).

4.1.4 Ney Lobo, o pragmático

Ney Lobo (1915-....) foi professor do Instituto Lins de Vasconcelos, fundado em 1963 pela Federação Espírita do Paraná. Depois se tornou seu diretor, em 1967. Segundo Dora Incontri, ele “imprimiu rumos inéditos à escola, realizando um dos mais marcantes feitos da Pedagogia Espírita, no Brasil” (200).

A inovação de Ney Lobo foram as cidades-mirins – ou “repúblicas infantis”, expressão usada por um outro educador espírita, Lins de Vasconcelos, em uma palestra na Federação Espírita do Paraná, em 1918.

Nasceu em Curitiba e era formado em Letras e Filosofia. Foi totalmente dedicado à Pedagogia Espírita, tendo inclusive publicado obras sobre o tema. A respeito do seu trabalho, afirma Dora Incontri:

Como Pestalozzi, Ney Lobo não partiu da teoria para a prática, mas extraiu a teoria da prática. Primeiro experimentou, atuou, criou métodos e depois expôs tudo em suas obras escritas, sobretudo nos cinco volumes de Filosofia Espírita e da Educação, onde explicita a conexão entre os fundamentos espíritas e as conseqüentes propostas didático-pedagógicas.

[...]

[...] se Eurípedes nos deu o modelo de educador espírita, atuando na prática, se Anália aplicou os princípios espíritas num projeto pedagógico de alcance social e se Novelino resumiu suas heranças, ante Ney Lobo defrontamo-nos pela primeira vez com alguém que praticou e teorizou e, portanto, sistematizou princípios e propôs um método. Nessa sistematização, reconhece-se claramente a essência da Pedagogia Espírita, mas também aparece o contexto sociopolítico em que foi inserida e a própria subjetividade do autor (Incontri, 2006, p. 200-201). (Sem grifo no original)

Também de tradição rousseuniana e pestalozziana, Ney Lobo professava o princípio de que o homem é essencialmente o seu espírito, que jamais é inativo. Por isso, no instituto os alunos estavam sempre em constantes e variadas atividades, com os mais diversos objetivos pedagógicos.

Nas cidades-mirins havia, em miniatura, uma variedade de instituições sociais: prefeitura-mirim, câmara de vereadores-mirim, livraria, casa de artigos esportivos, farmácia, casa de brinquedos, agência-mirim Bradesco, sala de jogos, casa de bonecas, agência-mirim de correios, jornal, estação de rádio comunitária, guarda-mirim, parque para educação de trânsito, casa de oração, etc.

Ney Lobo fez uma revolução: aboliu as aulas tradicionais, vendeu as carteiras da escola (fez outro arranjo na sala de aula), estabeleceu módulos programados para trabalhos em equipe, implantou “sessões de trabalho” (no lugar das aulas). Ele explicava:

Foram removidas das atividades docentes as formas e imagens do que se costuma chamar de ‘aula’, com as figuras da classe-auditório e do aluno-ouvinte e do professor-orador. Ou seja, foi substituída a verbalização docente pelo trabalho discente (Incontri, 2006, p. 202).

O objetivo era que as crianças vivenciassem de modo lúdico (mas com seriedade) a vida da comunidade adulta, em constantes atividades em que se exercia a individualização e também a cooperação.

Ele era muito afeito ao princípio fundamental do Espiritismo que consiste no modo especial de tratar a igualdade e a desigualdade existente entre os seres humanos. Evidentemente, há uma igualdade essencial entre os seres humanos, em todos os aspectos – além da anatomia própria da espécie, do aspecto jurídico legal, ainda há o fato de “serem todos filhos de Deus”. Portanto, os homens são iguais. Mas existe também a desigualdade relativa, fundamental, em razão dos diferentes graus evolutivos em que se encontram as pessoas: cada uma está no seu nível próprio. A esse respeito Ney Lobo afirmava: “Atendendo às carências e aptidões de cada educando, estará a individualização promovendo, com mais sucesso, a evolução do Espírito de cada um” (Incontri, 2006, p. 202).

E cada pessoa, ao evoluir, pratica cada vez mais a fraternidade, a solidariedade, a caridade, pois a evolução de cada um deve sempre ser buscada com vistas no outro, no próximo, no irmão, na solidariedade humana, no progresso de todos – por isso Ney Lobo valorizava tanto a cooperação –, como propunha Pestalozzi.

Dentro desse princípio, óbvio que Ney Lobo fosse contrário à competição, o que se refletiu no processo de avaliação dos alunos: retirou as provas periódicas e os exames finais, adotando a avaliação contínua. Ele dizia:

O educador avaliaria o educando não o comparando com os demais (como se procede tradicionalmente), mas comparando o aluno com ele mesmo em duas épocas diferentes (auto-superação) (Incontri, 2006, p. 203).

Na proposta de Ney Lobo, cabia ao educador avaliar, mas ao educando auto-superar-se. Ele via o processo educativo como uma parceria fraterna entre educador e educando e entre os próprios educandos, de modo que todos se ajudassem mutuamente no aperfeiçoamento intelecto-moral, descobrindo-se as habilidades e virtudes inatas de cada um (considerando-se que cada pessoa traz do passado, de suas outras vidas, tendências positivas ou negativas).

Em sua escola, a cooperação coletiva era a tônica, estando presente em todas as atividades: recreio, passeios, esportes, atividades extraclases. Ele aboliu também todo tipo de punição, suspensão e expulsão de alunos, bem como as recompensas (“subornos altamente deseducativos”). O aluno deveria se comportar, se esforçar, ter disciplina, senso de

responsabilidade e atitudes nobres por causa da necessidade de autoconscientização e não para receber qualquer tipo de prêmio.

Para tanto, Ney Lobo propunha o princípio da reparação: o aluno deveria reconhecer a falta cometida e reparar o dano causado, o que reforçaria a consciência moral, a responsabilidade de autoconstruir-se (segundo o princípio espírita de evolução espiritual ou da “reforma íntima”).

Ele pregava:

Na escola espírita, todos os funcionários e artífices que nela trabalham são considerados como tendo encargos educativos a cumprir junto aos alunos nos seus contatos eventuais. Por outro lado, todos (diretores, professores, funcionários e trabalhadores) são considerados educandos de conformidade com os princípios da doutrina espírita. Além disso, o diretor é instituído como educando nº 1, como o mais necessitado de educação (auto-educação), face aos seus encargos da mais alta responsabilidade (Incontri, 2006, p. 204).

Apesar da grande contribuição para a formulação da Pedagogia Espírita, o Colégio Lins de Vasconcelos fechou suas portas. Ney Lobo deixou a direção em 1974, mas a escola-mirim ainda permaneceu funcionando. Duas décadas depois (1995), o órgão mantenedor do colégio, que era a Federação Espírita do Paraná, propôs mudanças na diretoria, visando a reimplantar a Pedagogia Espírita. Houve cursos e debates a respeito, inclusive com a participação do próprio Ney Lobo. Certamente esperava-se uma grande realização, mas a ideia naufragou. Narra Dora Incontri:

Mas, inesperadamente e de forma arbitrária, em 1998, à diretoria do Colégio foi comunicado que este havia sido arrendado para um grupo particular. Sob nova direção, a Federação Espírita do Paraná simplesmente se desfez do Colégio, juntamente com a Cidade-Mirim e toda a proposta de se implantar novamente uma experiência espírita de educação, sob a argumentação de que não era função da Federação manter um colégio espírita e de que havia problemas financeiros (Incontri, 2006, p. 207).

Segundo essa pesquisadora, a Federação Espírita não achava que o colégio contribuía para a divulgação da Doutrina Espírita. Em resposta a esse argumento da Federação Espírita, respondeu a professora Elizete, então diretora do colégio:

A função de um colégio espírita não é a divulgação direta da doutrina espírita. Para isso, foram criados, e estão cumprindo sua missão, as federações, centros espíritas, jornais, revistas, programas de rádio e de televisão e eventos abertos ao público em geral. À escola espírita cabe a aplicação no campo pedagógico do que a doutrina espírita possui de mais fundamental: a educação espírita, compreendida como um processo de elevação das almas dos educandos a um patamar superior de espiritualidade, independentemente do seu posicionamento religioso. A educação espírita não sectária, bem conduzida pela escola, não deverá reforçar, interpretar ou fomentar nenhuma religião em particular, com seus dogmas, mitos, irracionalismos e mistérios, mas pode sim promover aquilo que todas têm como missão comum e a mais elevada de todas: o desenvolvimento da espiritualidade dos seus alunos. Essa espiritualização é composta pelos valores universais morais de honestidade, caridade, humildade, altruísmo, fraternidade, veracidade, justiça, piedade, etc., portanto, passíveis de serem trabalhados pela escola (Incontri, 2006, p. 208).

Ou seja, para essa diretora (bem como para outros educadores espíritas), a educação espírita era principalmente a aplicação dos mais puros, elevados e nobres princípios e ideais humanistas laicos, válidos tanto para a humanidade e sociedade quanto para a escola e a educação.

4.1.5 Pedro de Camargo (ou Vinicius), o apologista do Cristo

Paulista de Piracicaba, de formação religiosa metodista, comerciante, autodidata (nunca concluiu o curso de Direito, que tanto desejava), Pedro de Camargo já possuía sentimentos elevados antes de conhecer o Espiritismo, devido a sua grande admiração pelo Evangelho de Cristo. Batia-se em defesa dos direitos humanos, da recuperação educacional do criminoso e das injustiças sociais. Em sua própria residência, recebia jovens, crianças e adolescentes, oferecendo-lhes cursos e ensinamentos humanitários e cristãos.

Logo começou a se dedicar ao movimento espírita em palestras, assistência social, evangelização infantil e todo tipo de orientação que levasse à dignidade do ser humano e ao seu crescimento espiritual. Era pensamento seu:

Toda punição imposta de fora, como revide social, é contraproducente, conforme os fatos, em sua irretorquível expressão, têm comprovado mil vezes. É muito fácil encarcerar ou eletrocutar um criminoso. Educá-lo é mais difícil, mais trabalhoso, demanda esforço, tempo, saber e caridade. (...) Para varrer-se o mal da Terra, é preciso que se apliquem métodos naturais, conducentes a esse objetivo. O método natural é a educação do espírito (*Apud* Incontri, 2006, p. 210).

Somente depois dos 60 anos, quando se mudou para São Paulo, Vinicius (o “apologista de Cristo”) começou a se dedicar explicitamente à Pedagogia Espírita, tendo sempre Jesus Cristo como o modelo do educador. Produziu alguns livros, como *O Mestre na Educação*, porém não chegou a inovar em nenhuma linha educacional. Para ele:

A obra da redenção humana é obra de educação. Jesus é o divino educador. Ele crê piamente na eficiência dessa obra, à qual consagrou a sua vida. (...) Daí por que Jesus arrogou a si mesmo a denominação de Mestre, considerando aqueles que o acompanhavam como discípulos. Consignemos que foi o único título com que se adornou, e nenhum outro.
[...]

Os verdadeiros sacerdotes do Cristianismo de Jesus não são, portanto, os que se dedicam às cerimônias e aos ritualismos do culto externo, mas sim os educadores, cômicos de seu papel, que procuram, pela palavra e pelo exemplo, despertar os poderes internos, as forças espirituais latentes dos seus educandos (apud Incontri, 2006, p. 210-211).

Professando os princípios de Rousseau, Comenius e Pestalozzi, seguindo os parâmetros espíritas, adepto da maiêutica de Sócrates (o conhecimento, a verdade, a educação brotam do interior do homem), Vinicius considerava o Cristianismo como uma proposta essencialmente pedagógica – o Cristianismo primitivo, puro, criado por Jesus. Portanto sua proposta de educação era a cristianização dos alunos e das pessoas. Segundo ele:

O reino divino das realidades da vida encontra-se nos refulhos da consciência humana. Ensinar os homens a descobri-los em si próprios, e por ele se orientarem, eis a magna questão. Tudo o mais é acessório. Ora, a missão da doutrina dos Espíritos é precisamente essa: esclarecer, iluminar a mente do homem, de modo que ele descortine, com clareza, o roteiro que o conduzirá à realização do destino maravilhoso que lhe está reservado. O programa espírita que se desvia deste caminho não corresponde às finalidades reais da doutrina. (...) Cabe ao Espiritismo a nobre e grandiosa missão de iniciar esse trabalho, fundando colégios, ginásios e educandários cuja finalidade seja produzir uma geração nova, cristianizada (Apud Incontri, 2006, p. 211).

Vinicius acreditava na autoeducação, pela qual o homem educa a si mesmo, tomando consciência de si, de sua presença no mundo, tendo em vista o exemplo do Cristo. Como ele mesmo diz:

Educar é tirar do interior. Nada se pode tirar donde nada existe. É possível desenvolver nossas potências anímicas, porque realmente elas existem no estado latente. (...) O que sobe da terra é o que desceu do céu. (...) A verdade não surge de fora como em geral se imagina: procede de nós mesmos. (...) Educar é extrair do

interior e não assimilar do exterior. (...) Somos como a semente que traz seus poderes geminativos ocultos no âmago de si própria. As influências externas servem apenas para despertá-los (Camargo, 1981, p. 157-158).

O papel do professor, nesse processo, seria o de conduzir o aluno, despertando nele seus potenciais humanitários, divinos, morais, considerando a educação integral do ser. Ou seja, ele era otimista quanto à índole humana. Portanto era contrário ao autoritarismo e punição, sendo desfavorável, como Eurípedes Barsanulfo e Ney Lobo, a penas e recompensas no âmbito educacional. O aluno deveria ser educado pela razão, pelo bom senso, pela independência, pelo caráter, por todo um potencial que deveria ser despertado.

Vinicius idealizou uma escola que seguisse o princípio fundamental:

A Filosofia espírita da Educação apontaria ao pedagogo o mister de: 1º - na organização técnico-escolar, visualizar a perspectiva do currículo total-espiritual; 2º - considerar o currículo escolar como uma parcela ínfima do Currículo Genérico; 3º - que todas as aptidões existem no educando, para todos os conhecimentos, para todas as virtudes, para todas as perfeições (Incontri, 2006, p. 213).

E para concretizar seus ideais pedagógicos, foi um dos fundadores e presidente por 20 anos do Instituto Espírita de Educação (1949). Porém seus grandiosos objetivos não foram realizados. O primeiro deles, jamais atingido, era manter uma sede na capital e instalar muitos colégios no interior. Apenas uma escola foi criada, em 1955, na capital, o Colégio Hilário Ribeiro, que recebeu tal nome em homenagem a esse grande educador. No entanto o colégio não teve o sucesso esperado, principalmente em razão do elemento humano: faltavam diretores e professores que compreendessem e levassem avante os princípios da Pedagogia Espírita. Não faltaram recursos financeiros nem a orientação geral de Vinicius, porém, já muito idoso, ele não mais possuía forças para realizar seu grande sonho, tomando frente nas orientações e decisões, a ponto de imprimir no colégio a perfil desejado. O Colégio Hilário Ribeiro foi extinto em 1997. Quanto ao Instituto Espírita de Educação, ainda existe, em outro prédio, inaugurado no início dos anos 80.

A respeito de mais esse idealista da Educação Espírita, conclui Dora Incontri:

Sem ter tido a oportunidade de alcançar uma prática inovadora, Vinicius mesmo assim contribuiu para a elaboração da Pedagogia Espírita, seja pela sua firme defesa, como pelos seus conceitos claros e abrangentes (Incontri, 2006, p. 214).

4.1.6 Herculano Pires, o filósofo

De todos os educadores espíritas, Herculano Pires (1914-1979) é tido como o mais conceituado, principalmente por sua grande cultura e atuação em diversas áreas: fez Filosofia, produziu várias obras (em torno de 80, algumas ainda inéditas) e deixou um legado marcante na história do Espiritismo brasileiro. Assim inicia Dora Incontri a apresentação de Herculano Pires:

Na obra *História da Filosofia no Brasil*, o autor afirma que “a história da filosofia brasileira já possui o filósofo do Espiritismo, e esse foi, indiscutivelmente, José Herculano Pires”. Por sua vez, Ney Lobo o considera “o pai da educação espírita”, por ter sentenciado que “o educando é um reencarnado” (Incontri, 2006, p. 214).

Herculano Pires foi jornalista profissional, professor universitário, conferencista, poeta, romancista premiado, cronista parlamentar e, nas palavras de Dora Incontri, “autor de um novo gênero literário, ‘ficção científica paranormal’” (Incontri, 2006, p. 215).

Como pessoa, era honesto, atencioso, observador, sorridente, simples, humilde – até merecendo de um amigo o julgamento de que tinha um “jeitão caipira” (expressão de Hélio Damante, seu companheiro de lutas no Sindicato de Jornalistas).

Nasceu em Avaré, São Paulo, fez jornalismo pelo interior do estado (“enfrentando os poderosos e defendendo as causas justas”), estabeleceu-se em São Paulo, em 1946, e trabalhou nos Diários Associados até sua aposentadoria, tendo recusado cargos políticos oferecidos por Jânio Quadros, de quem se tornara amigo – embora Jânio o tenha nomeado, à sua revelia, representante civil da Presidência da República.

De família católica, pertenceu a essa religião até sua adolescência. De natureza indagativa, opôs-se a valores antigos, chegando ao materialismo. Mas começou a perceber “certos fenômenos” que ocorriam com pessoas da sua família e então sua vida mudou. Ele relata sua trajetória até o Espiritismo:

Nasci em família católica e fui católico até os 15 anos. Depois, levado por várias indagações, afastei-me de qualquer religião. Como acontece em geral com os jovens, quis opor-me à velha geração e negar os seus valores. Cheguei a ser materialista. Por fim, tocado por certos fenômenos que ocorriam, não comigo, mas com pessoas de minha família, percebi de novo a realidade de algo transcendente na natureza humana. Tornei-me teosofista. Mas a doutrina de Blavatsky, embora ainda hoje a considere e admire, não me prendeu suficientemente. Não queria saber do Espiritismo, que por minha formação considerava um amontoado incoerente de superstições. Um dia, meu saudoso amigo Dadício de Oliveira Baulet me desafiou a ler ‘O Livro dos Espíritos’, de Allan Kardec. A contragosto aceitei o desafio e o estou lendo e estudando até hoje. Tornei-me espírita pelo raciocínio. Isso ocorreu em 1963, eu tinha então 22 anos (*apud* Incontri, 2006, p. 216).

Tornou-se então um dos maiores militantes do movimento espírita brasileiro. Defendia com ardor os princípios de Kardec, adotou o pseudônimo de “Irmão Saulo” (em referência ao personagem bíblico) e exaltou a moral espírita como clara, racional e isenta de hipocrisias.

Um dos grandes méritos de Herculano Pires foi não ser dogmático, apesar da ênfase que dava às novas ideias. Para ele o Espiritismo era uma “mundivivência”, um projeto cultural que deveria permear todas as esferas da sociedade, não ficando restrito a uma religião.

Assim, traduzindo “as ideias de Kardec para o século XX, inserindo-as no contexto cultural brasileiro e internacional”, ele conseguiu estabelecer um diálogo entre as filosofias contemporâneas e a filosofia espírita, cotejando o Espiritismo com o Existencialismo das décadas de 50 e 60. Diz ele:

Ao conceito de existência dos filósofos atuais o Espiritismo acrescenta o conceito da solidariedade existencial entre os espíritos e os homens. Provada a sobrevivência dos mortos pela pesquisa científica e demonstrada a interpenetração dos mundos material e espiritual – que se evidencia na nossa própria organização psicofísica, impõe-se naturalmente o conceito espírita de interexistência. (...) É nesse momento que o Existencialismo se transcende a si mesmo para transformar-se em Interexistencialismo (*Apud* Incontri, 2006, p. 218).

Com isso ele não quis fazer ecletismo ou sincretismo, nem realizar uma síntese entre existencialismo e Espiritismo – ele buscava “apenas a revelação dos aspectos existenciais da Filosofia Espírita” (Incontri, 2006, p. 218).

Com o conceito de interexistencialismo, Herculano Pires mostra que foi isso que Kardec provou ao demonstrar a condição existencial dos Espíritos desencarnados, que estão em constante contato (de diversas formas) com os Espíritos encarnados, o que “amplia a condição existencial do ser humano” (Incontri, 2006, p. 219).

Esclarece Dora Incontri, já desdobrando o conceito de interexistência para a educação:

Entretanto, o Espiritismo se afasta completamente do existencialismo, mesmo cristão, nos aspectos irracionalistas, quando se dá a experiência do absurdo da vida humana, da sensação nadificante e angustiante, que até um cristão como Kierkegaard explicitou. A experiência vital, suscitada pela abordagem espírita – que não é apenas proporcionada por uma racionalização da transcendência, mas também pela vivência pessoal da mediunidade – é de plenitude e otimismo, de sentido e serenidade existencial.

Mas é a partir do ser interexistente que se desdobra a concepção do educando, que dará o fundamento da Pedagogia Espírita (Incontri, 2006, p. 219).

Herculano Pires adota completamente o conceito de interexistência, no sentido de que o Espírito não morre, é eterno, passa por dezenas e milhares de reencarnações até o seu aperfeiçoamento, bem como o conceito de contínua relação existencial entre vivos e mortos, para aprofundar o entendimento do que seja educação, e mesmo para chegar à práxis pedagógica na vida terrena atual. Para ele, “a criança é o ser que se projetou na existência”, e vai atravessá-la do começo ao fim, além da barreira da morte, em vidas sucessivas, “para atingir a transcendência” – esse é o “destino transcendente” do homem.

Complementa Dora Incontri:

Dessa forma, a proposta de educação integral – que já era a de Comenius e de Pestalozzi e mesmo a de propostas libertárias como de Sébastien Faure e Francisco Ferrer – e que, como se evidenciou, pertence aos princípios fundamentais da Pedagogia Espírita, ganha uma dimensão nova no desabrochar do “ser interexistente” (Incontri, 2006, p. 219).

Herculano Pires compreendeu totalmente a mediunidade, estendendo-a o máximo possível, definindo a vida como uma “permanente manifestação mediúnica do espírito”. O Espírito é o “ser inteligível”, “o princípio inteligente do Universo”, o que se evidencia tanto concretamente (empiricamente) por meio das manifestações mediúnicas, nas sessões espíritas normais praticadas nos centros espíritas, quanto pelo aguçamento da visão espiritual,

facilmente perceptível nas “conversas” com os Espíritos e registrado em milhares de obras psicografadas. Assim, é fácil entender e aceitar “todo o complexo da percepção extrassensorial” realizada pelo Espírito na sua grande trajetória rumo à luz e à perfeição. Ele completa:

Esse aguçamento equivale a um transcender dos limites existenciais, pois é um liberar progressivo da percepção global do espírito, um escapar da prisão sensorial orgânica para outras dimensões da realidade. O existente, com essa atualização, dos seus possíveis espirituais, torna-se um interexistente, um ser no intermúndio (Incontri, 2006, p. 220).

Herculano Pires enxergava no educando não apenas as suas faculdades individuais momentâneas (da encarnação presente). O aluno possui sua singularidade, é um ser único e um Espírito eterno, que vai acumulando saberes ao longo de suas diversas encarnações, por isso devem ser levadas em conta as suas experiências do passado (de outras existências corpóreas). Em outras palavras, o educando possui aspectos extrassensoriais, intuitivos e inatos, que devem ser levados em consideração pelo educador.

Afirma Dora Incontri especificamente quanto à Pedagogia Espírita:

Essa visão é que constitui de fato a grande revolução promovida pela Pedagogia Espírita. O objeto da educação – o educando – não apenas se transfunde em sujeito social, histórico, racional e afetivo, como se dá em muitas teorias educacionais contemporâneas, mas se configura como um sujeito interexistente no tempo e no espaço (Incontri, 2006, p. 221).

A Pedagogia Espírita, mantendo o eixo da sua proposta, não desconsidera as muitas outras correntes pedagógicas e filosóficas que, ao longo da história, vêm contribuindo com teorias interpretativas sobre o desenvolvimento integral do educando, como sujeito individual, biológico, social, cultural, político, etc.

Reconhece Herculano Pires:

A Pedagogia Geral oferece numerosas contribuições que não podemos negligenciar. Para a elaboração da Pedagogia Espírita não seria possível esquecermos o trabalho imenso dos que vêm construindo teorias e métodos com base no estudo, na observação e na pesquisa do campo educacional em todo o mundo (*Apud* Incontri, 2006, p. 221).

Portanto a Pedagogia Espírita antevista por Herculano Pires não se isola, não despreza a racionalidade científica ocidental, não se impõe como verdade absoluta. Na proposta de promover o desenvolvimento do educando como ser interexistente, a Pedagogia Espírita não cai na alienação mística contemplativa. Herculano Pires era conhecedor de outras linhas do pensamento socialista da sua época e fez questão de manter diálogo com ele, nas décadas de 60 e 70. Trabalhou em parceria com Humberto Marinotti, filósofo espírita argentino, e também professou ideias marxistas.

Quanto ao marxismo, denuncia Dora Incontri:

O diálogo entre Espiritismo e Marxismo se deu com freqüência na América Latina, nos anos 50, 60 e 70, evidentemente só por parte dos espíritas, já que a ortodoxia marxista não permitia fazer menção a qualquer forma de espiritualismo (Incontri, 2006, p. 46).

Em 1946, Herculano Pires lançou a obra *O Reino*, de teor fortemente marxista. Posteriormente, nas décadas de 60 e 70, foi mentor e incentivador do Movimento Universitário Espírita (MUE), desenvolvido em São Paulo, mas com reflexos em todo o país. No entanto esse movimento não teve o fim esperado, surgindo um impasse entre o pensamento espírita e muitos jovens, que, equivocadamente, desejaram colocar o Espiritismo a serviço dos ideais sociais marxistas.

A esse respeito, relata Herculano Pires:

Um dos problemas que mais chocaram os jovens espíritas foi o social. Quiseram fazer do Espiritismo uma arma de luta para a transformação social do mundo. Suas intenções eram boas, mas faltava-lhes o conhecimento da visão social do Espiritismo. A revolução social espírita não é periférica. É a continuação da revolução social cristã. Ao contrário das doutrinas sociais que pretendem modificar as estruturas externas, a doutrina espírita procura modificar as bases, os fundamentos dessas estruturas externas, a partir do homem. Não se pode opor à violência dominante uma violência que pretende dominar. O objetivo espírita é a substituição da violência pelo amor (Apud Incontri, 2006, p. 223).

Em seu historiamento sobre o movimento espírita em geral e sobre a Pedagogia Espírita em específico, Dora Incontri revela que Kardec estava aberto ao diálogo com todos os pensadores que se interessassem em discutir o tema do Espiritismo sob outros ângulos, tendo facultado a participação dos mesmos na *Revista Espírita* (que Kardec produzia). O sucessor de Kardec no movimento espírita, Léon Denis, chegou a escrever um livro com o título de

Socialismo e Espiritismo, buscando uma aproximação entre as ideias espíritas e as socialistas.

Porém Dora Incontri conclui:

Mas tanto pelos textos de Kardec, quanto de Léon Denis, quanto de Marinotti e Herculano, fica evidente que há muito mais afinidade entre Espiritismo e o chamado (por Marx e Engels) socialismo utópico, do que entre Espiritismo e marxismo (Incontri, 2006, p. 223).

Diferentemente dos outros educadores espíritas brasileiros de destaque na área pedagógica, Herculano Pires não criou escolas, creches, institutos. Não foi para a sala de aula de crianças e adolescentes, buscando uma linha didático-pedagógica na prática. Sua participação na educação foi mais teórica.

Engajou-se na Campanha de Defesa da Escola Pública (laica e gratuita), na década de 60, como membro do Clube de Jornalistas Espíritas (presidido por ele), vindo o clube a lançar a Associação Espírita de Defesa da Escola Pública.

Como atividade educacional, ele “inaugurou o primeiro curso sobre Pedagogia Espírita no mundo (ministrado, em 1970, no Educandário Pestalozzi, em Franca, a convite de Tomás Novelino)” (Incontri, 2006, p. 227-228). Ele fundou ainda os jornais espíritas *O Kardecista* e *A Mensagem*. Lançou também a *Revista Educação Espírita* (em 1972).

Embora mais um teórico que produziu muito (livros, jornais, revistas, poesias, palestras, discursos), Herculano Pires é considerado um grande pensador que deu uma contribuição ímpar tanto ao Espiritismo quanto à Pedagogia Espírita no Brasil. Ele diz:

Não pretendemos que a Pedagogia Espírita domine o mundo, mas apenas ofereça ao mundo essa visão renovadora da Educação e do educando. As grandes transformações culturais não se fecham nunca num determinado círculo. No conjunto estrutural de uma Sociedade e de uma Civilização cabe às vezes a uma corrente de subestrutura, como aconteceu no advento do Cristianismo, a missão de abrir o caminho novo (*apud* Incontri, 2006, p. 234).

Após apresentar a experiência dos seis educadores que tentaram uma Pedagogia Espírita no Brasil, Dora Incontri expõe o seu projeto, trazendo, no final de sua obra, o *Manifesto da Pedagogia Espírita*.

Ela considera *sui generis* a situação da educação no Brasil, que ainda guarda traços marcantes do modelo jesuítico, misturando o público e o privado, e faz um apanhado do quadro educacional brasileiro, colocando as escolas em três categorias (escola religiosa tradicional, escola pública e escola privada), que acabam não satisfazendo plenamente os mais elevados ideais educativos do ser espiritual:

Vemo-nos assim diante das três alternativas que ainda coexistem: a escola religiosa tradicional, que considera a dimensão espiritual do homem, mas, além de ser elitista, porque na maioria das vezes é paga, arrisca-se a ser dominante (pois geralmente assume a sua confissão de maneira dogmática) e assim opressora do raciocínio crítico e pedagogicamente conservadora; a escola pública, laica e gratuita, que é democrática, igualitária, pode permitir experiências pedagógicas inovadoras (depende do grau de abertura da lei vigente) mas pode atender ao materialismo, representando de certa forma a chamada “ciência oficial”, desconhecendo o ser espiritual, e pode estar sujeita aos interesses políticos e ideológicos do Estado; a escola privada, em que muitas vezes se sobrepõe aos objetivos pedagógicos o interesse de lucro, tornando-a ambigualmente exploradora e escrava da clientela (aliás, quando a escola particular considera o aluno como cliente já diz muito da sua ideologia) (Incontri, 2006, p. 235-236).

A autora atesta que os educadores espíritas brasileiros foram convocados para a discussão sobre essas três alternativas de escola, na época da Campanha da Defesa da Escola Pública, e optaram por defender a escola pública e laica, em nome da liberdade e da igualdade. Então a Pedagogia Espírita decidiu, racionalmente, por uma escola ecumênica, sem a imposição da Doutrina Espírita, embora professando a presença da espiritualidade na educação. Em suas palavras: “É preciso, pois, fazer valer o paradigma do espírito na escola” (Incontri, 2006, p. 237).

Ao final da sua análise, a pesquisadora concorda com a coexistência de todos os modelos vigentes de escola no Brasil:

Que nos empenhemos pela escola pública de qualidade, porque ela se faz oportunamente igualitária; que se permita a escola privada, porque a liberdade deve ser garantida; que se permita a escola confessional, porque cada grupo religioso tem o direito de propor para a sociedade a sua visão pedagógica; e que surja um novo modelo de escolas autônomas, cooperativas auto-suficientes, sem fins lucrativos, para começarmos a afastar a educação dos interesses políticos e dos interesses econômicos. Mas que, em todas as escolas, se permita que a criança seja inteira: um ser social, biológico, cognitivo, afetivo, e também um ser espiritual, que tem uma religiosidade inata, que poderá assumir qualquer forma que ela quiser (mesmo a forma de um ateísmo humanista, que se traduza em ética solidária para com o próximo), mas que deverá ser cultivada e respeitada. E que em todas essas escolas haja tolerância e respeito por todas as formas de crença e descrença (Incontri, 2006, p. 237-238).

Dora Incontri expõe, finalmente, de forma exaltada, utópica, idealizada, um modelo brasileiro de educação aberta ao transcendente, com a fusão de todas as religiões e crenças, para “mostrar ao mundo que, para civilizar-se, não é preciso renegar a alma, ofertando ao terceiro milênio o paradigma do espírito, aplicado pedagogicamente na realização plena do homem” (Incontri, 2006, p. 240).

Na apresentação do seu *Manifesto da Pedagogia Espírita*, ela subdivide o conteúdo em três partes: fundamentos, princípios e aplicações práticas:

- Fundamentos: o ser interexistente, a criança, a vida, o mundo, a educação e o educador.
- Princípios: o amor, a liberdade, a igualdade com singularidade, a naturalidade, a ação e a educação integral.
- Aplicações práticas: a escola livre e afetiva, atividades éticas, produções estéticas, produções intelectuais, abolição de castigos e recompensas, cultivo da espiritualidade, autogestão administrativa, cogestão pedagógica, escola social e escola universal.

Nos fundamentos do *Manifesto da Pedagogia Espírita*, a autora toma como ponto de partida o ser interexistente no mundo, que é o planeta Terra, moradia temporária do Espírito e mais um dos seus *habitats* educativos. O ser interexistente é uma alma em ascensão que se encarna diversas vezes no planeta, sua escola, seu laboratório de aperfeiçoamento nas leis universais da fraternidade e do amor. O ser interexistente assume a corporeidade física neste planeta porque é necessário, mas ele existe além do espaço e do tempo, estando em constante contato com seres extrassensoriais (os desencarnados, os “mortos”), por meio de sonhos, visões, mensagens telepáticas, comunicações explícitas. Como o ser interexistente acumula saberes, ao longo de suas várias encarnações, ele pode acessar possibilidades da sua bagagem espiritual adquirida em milênios. A noção de interexistência é um grande alento ao homem neste mundo, porque lhe abre perspectivas de vida eterna, do infinito, e contribui para o seu pleno desabrochar para a eternidade.

Dentro dessa concepção, a criança é um ser interexistente que está voltando à Terra para mais uma encarnação na sua grande trajetória rumo à eternidade e à luz, pois todos os Espíritos devem atingir a perfeição, obrigatoriamente. Cada criança traz a sua bagagem espiritual adquirida em vidas passadas, traz suas tendências negativas ou positivas, e será

submetida às injunções do mundo material, de acordo com o trabalho que veio desenvolver no planeta. Diz a autora:

Os determinismos relativos a que se submete o ser reencarnante, como criança – hereditariedade, influência do meio sociocultural, limitações físicas ou psíquicas – foram livremente aceitos e escolhidos para facilitar o processo de educação do Espírito na existência e o cumprimento das tarefas assumidas (Incontri, 2006, p. 244).

A criança, ser interexistente encarnado no planeta Terra, precisa compreender o que é a vida e qual é o seu papel no mundo. O Espiritismo, em consonância com a ciência, compreende como vida todas as manifestações existentes no universo, desde as partículas subatômicas às rotações das galáxias, estando em perene movimento evolutivo. Para o Espiritismo, “a vida humana é uma individuação consciente da vida universal” (Incontri, 2006, p. 245), e passa por vários planos evolutivos, desde o reino vegetal e animal, até atingir o reino hominal, em que ganha individualidade e liberdade. O homem toma consciência de si, passando a evoluir e a contribuir com a evolução geral do universo, dentro de um processo complexo que leva à perfeição. Afirma a autora:

Ao compreender isso, o ser interexistente alcança serenidade, porque a vida ganha racionalidade e coerência, e se engaja nesse impulso universal de evolução, promovendo a sua própria melhoria e dos outros seres que com ele interagem (Incontri, 2006, p. 245).

O ser interexistente se educa no processo permanente de aperfeiçoamento. Na realização gradativa da sua divindade, ele renasce múltiplas vezes, engajado no processo pedagógico de sua evolução. A existência do Espírito é educativa em si, sendo a educação o próprio sentido da existência. Portanto a educação (autoeducação) é meio, processo, meta e finalidade da existência. Diante disso, o Espírito deve estar em sintonia com a lei de evolução, realizando uma vida interexistente. Nesse sentido, a educação não pode ficar restrita à aquisição de conhecimentos científicos, à profissionalização, ao desenvolvimento cognitivo, ao ajuste sociocultural – processos materialistas que estão aquém da vida interexistente transcendental e divina.

Nesse processo, é fundamental a presença do educador, que também é um ser interexistente e deve promover a educação (e a autoeducação) com seu princípio máximo e básico: o amor. O educador tem que atingir o âmago, a essência divina do educando, sem,

contudo, ferir sua individualidade, sua liberdade. Para isso o educador deve mobilizar sua percepção extrassensorial, tentando enxergar as experiências passadas do educando, observando, compreendendo os complexos processos psíquicos, intuindo anseios, tendências e vocações. Ela conclui sobre o educador interexistente:

O educador, para tudo isso, deve ele mesmo estar em intenso processo de auto-educação; deve estar na posse de uma afetividade poderosa, que contagie e invada o coração do educando, deixando-lhe marcas profundas; deve possuir, e não meramente apresentar, as virtudes fundamentais, como fraternidade e justiça, integridade e generosidade, para poder impregnar o educando com o seu exemplo, para exercer sobre ele a única autoridade aceitável – a autoridade moral, que jamais é imposta ou coercitiva, mas reconhecida e respeitada espontaneamente (Incontri, 2006, p. 248).

Sobre os fundamentos da Pedagogia Espírita, aplicam-se os princípios. O princípio primeiro e máximo é o amor, como ensinou Jesus Cristo. No entanto nem todos compreendem o que é o amor:

Mas como se trata de um conceito desvirtuado em múltiplas deformações, é preciso antes de mais nada dizer o que o amor não é. O amor não possui, não domina o outro, não se desmanda ou fere. Não se acomoda com o poder e a injustiça, não se erotiza quando é maternal, paternal, fraterno, pedagógico. Também não é chantagista, com sentimentalismo interesseiro e mesquinho (Incontri, 2006, p. 248).

O amor do educador pelo educando é doação, empenho, fraternidade, é renúncia própria em favor do próximo, é nobreza e desinteresse. Completa a estudiosa sobre esse sentimento aplicado na Pedagogia Espírita:

Só o amor nobre e desinteressado é capaz de acordar o outro Espírito para si mesmo e fazê-lo acreditar no bem, querer o bem e agir no bem.

[...]

O amor pedagógico não compactua com a tirania; por isso não é violento, jamais pune, porque a punição revolta, avilta, humilha. O amor, ao contrário, convida, entenece, conquista. Mas, por outro lado, é enérgico e forte, ativo e corajoso e assim consegue mobilizar as vontades dormentes e lançá-las na busca do infinito (Incontri, 2006, p. 248-249).

Todos os outros sentimentos humanos, segundo o Espiritismo, decorrem do amor, sendo sua consequência direta. Esse pensamento, aliás, é universal e mesmo do senso comum: quem ama perdoa, faz sacrifícios, se doa, compreende, ampara, etc. No *Manifesto da Pedagogia Espírita*, a autora coloca a liberdade como princípio do amor, expondo que o

educador consciente respeita a vontade livre do educando, opera com paciência, conquista amorosamente, não tenta dobrar a vontade do educando, aguarda que cada um amadureça de acordo com o seu tempo e nível, fazendo com que a anuência dos educandos aos preceitos necessários seja consciente e espontânea.

Um outro princípio é a igualdade com singularidade, conceito que liga duas categorias da máxima importância na evolução do homem, porque é importante, até perante a sociedade e a lei, manter os aspectos individualizantes dos seres em meio ao que eles têm em comum. Na essência todos os Espíritos são iguais: são de origem divina, livres, transcendentais e potencialmente bons. Porém, como acontece em todas as esferas da vida, os seres são “singulares, com potencialidades diversas, múltiplas experiências vividas, com histórias e memórias potenciais” (Incontri, 2006, p. 250). O que a ciência materialista não explica é a origem reencarnatória das diferenças entre as pessoas: as grandes diferenças entre os seres humanos advêm das suas vidas passadas. A Pedagogia Espírita contempla esse princípio ao propor o igualitarismo, abolindo as hierarquias e competições, para que cada educando possa usar seu potencial próprio, suas capacidades singulares, de acordo com seu nível evolutivo, sem se sentir inferior ou superior a ninguém e ao mesmo tempo possa contribuir fraternalmente com a coletividade.

Com o princípio da naturalidade, a estudiosa pretende atingir um aspecto específico: a compreensão e aceitação da interexistência:

O princípio da naturalidade aparece entranhado em toda a Pedagogia Espírita. Dentro da compreensão de que tudo no universo se compõe de uma só natureza divina; de que o mundo espiritual é tão natural quanto o mundo físico, pois são facetas de uma única realidade; de que nada há de misterioso e irracional, incognoscível e inatingível pela capacidade humana, no decorrer de sua evolução eterna; de que as relações entre Espíritos encarnados e desencarnados, entre humanidades de mundos diversos, fazem parte do processo de comunicação normal entre os seres – o natural é categoria filosófica de suma importância para a Pedagogia Espírita (Incontri, 2006, p. 251).

Educadores e educandos têm que se reconhecer como seres interexistentes e que a interexistência é a ordem natural das coisas, da vida, da existência, do universo. Isso faz com que a relação entre os mundos corpóreo e incorpóreo perca o tom de mistério, de irracional, de incognoscível, inatingível e mesmo anormal. Ou seja, a interexistência é a ordem natural criada por Deus e ainda não é totalmente dominada pelo ser humano devido à falta de

conhecimentos, a preconceitos e divergências religiosas, à ignorância dos fenômenos naturais das esferas físicas e extrafísicas.

A Pedagogia Espírita propõe que a aprendizagem se dê principalmente pela ação, pela prática. Pela ação livre, porém responsável, o educando exerce atividades sociais, produções estéticas, conhecimentos intelectuais, habilidades manuais. É o exercício que traz maior aprendizagem – não se abandonando, evidentemente, a teoria.

Finalmente, como último princípio do *Manifesto da Pedagogia Espírita*, a pesquisadora apresenta a educação integral – que, aliás, é bandeira de várias correntes pedagógicas (algumas antigas e a maioria modernas). “Destinado a possuir todas as virtudes, todos os conhecimentos, todos os talentos, o Espírito será, em algum ponto da eternidade, sábio e puro, esteta e criador, herdeiro da divindade” (Incontri, 2006, p. 252). Em cada existência (encarnação), o Espírito desenvolve alguma ou algumas habilidades, cujo somatório resultará, ao final, no conhecimento de todas as coisas – sonho e desespero do homem moderno, que não consegue mais abarcar todo o conhecimento produzido pelas ciências e pelas artes. Os filósofos clássicos e os sábios do Oriente antigo conseguiam saber de tudo um pouco, porque ainda era pequeno o volume de conhecimento criado por cada área do saber: filosofia, matemática, astronomia, química, lógica, ciências naturais, etc. Porém hoje é impossível deter-se todo o conhecimento enciclopédico acumulado pela humanidade (hoje armazenado mais na informática do que em enciclopédias – portanto logo se criará algum neologismo, como “informático”, por exemplo, para designar o grande volume do saber humano acumulado nos livros denominados de enciclopédias, armazenamento que chegou a gerar o movimento chamado “Enciclopedismo”). É impossível para o homem encarnado, de uma só vida adquirir todo o saber gerado, em todas as áreas e em todos os tempos. Contudo isso é possível para o ser interexistente, na sua multiplicidade de vidas.

De tempos em tempos, a humanidade produz algum cérebro genial, que conhece mais que os outros da sua geração. Porém geralmente isso se dá em áreas específicas. São poucos os gênios que estudaram e souberam muito sobre todos os assuntos. Além disso, a genialidade humana, tal como é conhecida, nem sempre se aplica para o bem. Portanto a Pedagogia Espírita não trata dos gênios; saber tudo é uma condição de todos os Espíritos, em níveis superiores.

A Educação integral proposta pela Pedagogia Espírita abrange a ética (leis morais), a educação afetiva (justiça e fraternidade), a educação intelectual (desenvolvimento cognitivo em ciência, filosofia, lógica), a educação estética (percepção da beleza divina da natureza, artes), a educação mediúmica (uso de potencialidade psíquicas para a compreensão da vida interexistente), a educação religiosa (adoração a Deus, respeito às leis da natureza, conhecimento das diferentes formas de religiosidade), educação sexual (orientação sadia e responsável da sexualidade), educação física (cuidado equilibrado do corpo físico como templo do Espírito).

Sob o título de “aplicações práticas”, Dora Incontri pretende impor uma transformação radical na escola, em nome do amor. Após admitir que, sob os princípios da Pedagogia Espírita, podem surgir escolas diferentes quanto ao projeto pedagógico, ao modo de organização, aos corpos docentes e discentes (em termos de mentalidade, concepções, vocações), ela focaliza um ponto comum imprescindível que deve estar em todas as escolas:

Mas entre as conseqüências práticas genéricas que podem se derivar dos princípios da Pedagogia Espírita, pode-se afirmar que o amor e a liberdade deverão permear cada aspecto da escola. E esta terá de transformar-se radicalmente. A autoridade, o formalismo, a burocratização do ensino, as relações hierárquicas – tudo isso fica abolido e a escola deve renascer livre e amorosa (Incontri, 2006, p. 254).

Condena os programas rígidos, os currículos fixos, os resultados homogeneizantes, a educação em massa, as atividades iguais impostas a todos os educandos – o que, aliás, as modernas correntes pedagógicas libertárias também fazem.

Ela propõe ainda uma mudança geral no aspecto físico da escola, com a implantação de salas-ambiente, aulas ao ar livre, mediatecas avançadas, laboratórios de pesquisa e a liberdade do educando em escolher atividades, projetos de pesquisa e produções – o que também não é novidade dentro da Pedagogia em geral da atualidade. Como também não são inovações suas o educador orientador, uma arquitetura planejada com gosto estético, a presença da natureza na escola.

O ponto diferenciador em sua exposição está mesmo é no aspecto moral:

(...) e o aluno não será obrigado a aprender e a ser bom, a progredir e a produzir. Mas o envolvimento afetivo será tão intenso, a estimulação do diálogo e o contágio

do ambiente serão tão fortes, que ninguém permanecerá por muito tempo na inércia e na rebeldia. Em contato com a sabedoria e a virtude em ação, o ímpeto de evolução do ser reencarnante se manifestará com pujança, ao invés de ser reprimido pelas formas autoritárias da educação tradicional.

O educador terá o papel preponderante de criar as condições afetivas, ambientais e vitais para o despertar deste ímpeto e depois de zelar para que ele crie raízes e resulte em produções cada vez mais bem acabadas, aprofundadas e belas (Incontri, 2006, p. 255).

O *Manifesto* sugere ainda atividades éticas, ações solidárias, ajuda mútua, interesse pela felicidade alheia, empenho pelo bem do outro – enfim, ser útil ao próximo.

E também produções estéticas de toda ordem (poesias, canções, esculturas, quadros, “pratos culinários deliciosos”, jardins floridos, beleza gráfica de trabalhos escritos, ordenação agradável do ambiente físico, etc.). Isso porque o ambiente de trabalho esteticamente preparado conduz à elevação do Espírito. O educando deve conhecer as obras de arte, a música clássica, a música regional dos diferentes povos, as artes plásticas de todos os tempos, o teatro desde a Antiguidade Clássica, a literatura de todos os tempos.

As pesquisas e produções intelectuais serão as mais profundas e ricas possíveis, com apresentações diversificadas, visitas, palestras, intercâmbios, viagens. Os educandos serão levados a refletir, debater, pesquisar, produzir textos e multimídias. Os temas a serem trabalhados deverão ser do interesse dos educandos, e a produção intelectual deverá ter sentido a partir da interdisciplinaridade, devendo-se evitar ao máximo a abstração ininteligível. Cercado de toda a estimulação possível, com liberdade e entusiasmo, o educando apresentará resultados inesperados, imprevisíveis, criativos, excitantes, vibrantes – o que trará mais vida para a escola. A autora propõe:

A escola deve ser uma universidade em miniatura, incentivando a reflexão crítica e o espírito científico e toda sorte de produção intelectual, para o Espírito tomar posse de seu próprio desenvolvimento cognitivo e tornar-se um aprendiz permanente na existência e além (Incontri, 2006, p. 256).

Evidentemente, em uma escola desse estilo não há espaço para castigos e recompensas, que ficam então sumariamente abolidos. Tal posicionamento é o único aceitável e coerente com o princípio de despertar seres interexistentes autônomos e conscientes, que se dirijam voluntariamente para o bem, espontaneamente, pela própria vontade, pela autoeducação, na qual se engajariam por uma grande motivação interna do despertar de

consciências. Portanto, evitam-se as motivações extrínsecas e incrementam-se as motivações intrínsecas. Medo, vaidade, orgulho, supremacia, competitividade são sentimentos que não entram nesse modelo de escola. Igualmente ficam afastados o processo tradicional de avaliação (quantitativo, numérico, seletivo, discriminador) e as notas pela produção do aluno, nem para aprovar nem para reprovar. Impulsionado internamente para o bem, a felicidade, o progresso, a autorrealização, o aluno caminhará seguro, tendo ao seu lado um educador que nunca desiste do seu pupilo, pois é seu orientador não só intelectual mas principalmente moral. E assim prosseguem juntos, lado a lado, em harmonia e solidariedade.

Afirma a teórica paulistana: “A Pedagogia Espírita (...) só se propõe a realizar tudo isso, porque se fundamenta no fato de que o homem é um ser espiritual, no qual se enraízam as potencialidades divinas da virtude e da sabedoria” (Incontri, 2006, p. 259). Portanto o seu projeto educativo para o ser interexistente consiste em levar o educando ao cultivo da espiritualidade, trabalhando por sua transcendência. Ou seja, para ela “toda a prática pedagógica espírita deve estar impregnada de intensa espiritualidade”.

Mas trata-se de uma “religiosidade genérica”, pois “se deve oferecer aos alunos o conhecimento de todas as religiões, com suas práticas e filosofias, de forma imparcial e precisa”. Ela propõe que se façam “orações em conjunto”, que se proceda a “leituras de textos religiosos de diferentes correntes”, que não se priorize nenhuma religião. O objetivo é levar o aluno à aquisição de princípios religiosos imanentes e universais, como a compreensão da ideia da Divindade, a certeza da imortalidade individual (pessoal), o entendimento da moral. Esses sentimentos contagiariam toda a escola, levando os educandos ao otimismo e à segurança diante da vida.

Porém há um detalhe: se os alunos podem ser de diferentes credos religiosos, os educadores devem ter uma formação espírita, já que essa é uma proposta da Pedagogia Espírita, pautada na racionalização da fé, em combate a todos os tipos de dominação, dogmatismo sectarista, abusos de todo tipo. A autora é categórica: “É preciso ter lucidez espiritual – e isso o Espiritismo pode fornecer se bem entendido – para captar o que é essencial e verdadeiro em todas as manifestações religiosas e o que é apetrecho de superstição” (Incontri, 2006, p. 260). Em outras palavras, somente o Espiritismo estaria pronto, no momento, para evitar “o domínio psíquico de alguns sobre a maioria”, em termos

religiosos, dentro da sua visão ecumênica em busca da transcendência espiritual do ser interexistente.

Os mesmos princípios de igualdade, fraternidade e liberdade devem nortear a administração da escola, em todos os níveis e setores. A escola deverá ser sem hierarquia, sem “o modelo patrão-empregado”, sem o lucro monetário e financeiro, sem o dono da escola que determina salários, sem qualquer tipo de interesse capitalista e de dominação política. Corpo docente, corpo discente, pais, membros da comunidade, lideranças e segmentos sociais do bairro e da cidade, enfim, todos deverão estar engajados e imbuídos dos mesmos sentimentos elevados. Diz ela:

Como se deve afastar qualquer motivação extrínseca ao desejo de aprender e ser melhor dos educandos, também educadores terão de renunciar a qualquer motivação extrínseca ao ato de educar, a não ser a satisfação de estar contribuindo para a evolução do próximo e estar fazendo o que se gosta de fazer (Incontri, 2006, p. 261).

Contudo a pesquisadora reconhece que “a sobrevivência digna de todos deve ser naturalmente garantida”. Então ela julga que um modelo de autogestão educativa seja o melhor para que se proporcione todos os objetivos em vista. Ela assevera:

A maneira de como se deve viabilizar a autogestão, com junção das esferas pedagógicas e administrativas podem ser as mais variadas, desde as inspiradas em órgãos colegiados, com eleição de diretorias temporárias até as organizações mais livres, do estilo anarco-cooperativista, com participação direta de todos os envolvidos no processo e lideranças espontâneas.

A viabilidade de aplicação de tais ideias já foi demonstrada em experiências libertárias radicais – embora não aceitassem a dimensão espiritual do homem. Com a base espírita, a partir da qual se compreendem as potencialidades divinas de todas as criaturas, fica mais evidente que ninguém deve mandar e ninguém deve obedecer. Todos podem participar igualmente, assumindo cada um as responsabilidades que lhe pertencem (Incontri, 2006, p. 261).

Trata-se de uma proposta de cogestão pedagógica, em que todos devem ensinar e todos devem aprender, tornando-se a escola um “centro de irradiação educativa”, envolvendo professores, alunos, pais, funcionários e todas as pessoas relacionadas com a escola, em um grande projeto de educação mútua, pautada na prática da fraternidade, com horários e atividades maleáveis e abertos, fazendo da escola um “local de efervescência cultural”.

Essa seria uma “escola social”, engajada na solução dos problemas da comunidade, com “vínculos amistosos e culturais com outras instituições locais”, em

constante ritmo de prestação de serviços educativos e intercâmbios úteis e fraternos, em prol de campanhas pela paz, justiça e todos os valores morais, com ações concretas, no confronto com a realidade.

Dessa escola social, Dora Incontri chega à “escola universal”. Com os atuais meios de comunicação, a escola se abriria para o mundo, com a aprendizagem de línguas e todos os intercâmbios possíveis, usufruindo da vastidão de informações fornecidas pela internet, em contato com instituições estrangeiras e pesquisas eletrônicas. Situar-se-ia no centro do universo, “dialogando com outras nações”, lançando “as bases para um planeta de tolerância e paz, de bem-estar coletivo e progresso comum”.

Finalmente, da escola universal, chega-se à escola interplanetária, intergaláctica, interestelar. A autora finaliza assim o seu *Manifesto da Pedagogia Espírita*:

E poderá também esticar seu olhar para o universo. Pelo estudo da Astronomia e das ciências psíquicas, penetrar no espaço sideral e nas dimensões espirituais que nos cercam. A Pedagogia Espírita redimensiona o homem no cosmos, tornando-o cidadão do universo. Compreender o funcionamento das galáxias, investigar a possibilidade de outros mundos habitados e ao mesmo tempo sentir e observar experimentalmente que a vida palpita no todo não é apenas a vida física que conhecemos com os sentidos da carne, mas que se amplia para além de nossas percepções, é preparar o homem para ver este mundo como uma aldeia cósmica, pela qual é responsável. Um mundo que deve ser pacificado, porque pertencemos a uma só família humana, e um dia, quem sabe, se engajar conscientemente numa comunidade estelar (Incontri, 2006, p. 265). (Sem grifos no original)

O *Manifesto da Pedagogia Espírita* proposto por essa autora, que tem a pretensão de erguer no Brasil uma linha pedagógica espírita, se assemelha à descrição das escolas existentes no plano espiritual expostas em livros espíritas (obras psicografadas). Em um mundo diáfano e sutil, situado ao redor e além da Terra, seres espirituais povoam colônias e escolas construídas com uma arquitetura exótica belíssima e rodeadas de uma paisagem, flores e pássaros exuberantes, inimagináveis aos parâmetros mortais do atual momento terreno, convivendo em paz, harmonia, felicidade, cercados de luzes de matizes também desconhecidos dos encarnados, praticando, em alto nível, os princípios crísticos da bondade, da fraternidade e do amor. Trata-se de um ambiente ideal, perfeito, atualmente apenas sonhado porque ainda inalcançável aos encarnados, pois são escolas espirituais. É a Pedagogia Divina ou Espiritual – e não a Pedagogia Espírita terrena.

Em seu projeto idealizado, Dora Incontri não aborda questões práticas da realidade brasileira, cujas escolas, por melhores e mais caras que sejam, ainda não alcançaram o nível das escolas do considerado “primeiro mundo” (Estados Unidos da América, alguns países da Europa e do Oriente).

Ela não explica, por exemplo, como e onde conseguir educadores para essas escolas espíritas brasileiras que dariam lições morais, religiosas e intelectuais ao mundo; também não expõe como ficaria a manutenção de tais escolas, de onde sairiam os recursos financeiros para a sua construção e implementação de atividades tão arrojadas, com laboratórios, bibliotecas, computadores e demais recursos didáticos tão caros e sofisticados (a ponto de se atingir até mundos estelares); não trata concretamente dos prédios, das salas de aula, do número de alunos, do salário dos professores, da disponibilidade dos pais e comunidades (todos atualmente envolvidos com seus empregos, tendo em vista a sobrevivência no mundo capitalista de hoje).

E ela pretende que esse seja um projeto para a escola pública brasileira.

Só com muito recurso financeiro escolas desse nível seriam viáveis no mundo atual. No entanto o seu projeto é para a escola pública brasileira, cuja “boa qualidade” ainda se encontra nas leis, nas utopias de alguns educadores, em livros escritos sob a inspiração idealista haurida em algum grande pedagogo que sonhou a escola ideal sob os moldes humanistas e libertários que sempre permearam algumas mentes humanas. A literatura pedagógica possui muitas dessas obras e desses projetos. E há mesmo algumas escolas semelhantes, concretamente implantadas, em algumas partes do mundo, sob a inspiração de filosofias pedagógicas libertadoras, anárquicas, psicologizantes, alternativas.

Em seu modelo de escola, Dora Incontri ignora o capitalismo, o MEC, os concursos públicos, os meios de ingresso nas universidades, as discriminações sociais, o desemprego, as políticas públicas brasileiras para a educação, a carga horária de trabalho dos professores (a necessidade de sua dedicação exclusiva às escolas terrenas espiritualizadas), a organização do espaço, do tempo e das funções dentro da escola. Também passa por cima das diferenças culturais, sociais, raciais, religiosas, familiares, propondo com facilidade uma irmandade pacífica e harmônica sem precedentes na história.

Ou seja, trata-se de mais uma utopia – como tantas. Os poucos colégios espíritas que ela descreve em sua pesquisa (experiências isoladas de iniciativas pessoais) não lograram o êxito pretendido e foram fechados por falta de recursos financeiros e humanos. E cada projeto foi desenvolvido individualmente, de acordo com o pensamento, as convicções, os conhecimentos de cada um dos seus propositores – o que fica demonstrado na diferença que houve entre essas experiências de aplicação do Espiritismo no âmbito escolar (Eurípedes Barsanulfo, Anália Franco, Ney Lobo e outros).

Também não é pretensão e interesse da Federação Espírita Brasileira (FEB) atuar na área didático-pedagógica, pesquisando e propondo modelos escolares, abrindo e mantendo colégios dentro dos princípios do Espiritismo. Em outras palavras, a FEB não milita no meio escolar brasileiro.

E os poucos colégios brasileiros que trazem o nome de algum vulto espírita ou ostentam em sua fachada algo como “colégio espírita” geralmente são conveniados com as esferas públicas e têm, do Espiritismo, quase que exclusivamente alguma prática assistencialista e da caridade, por meio de pequenas e esporádicas campanhas de arrecadação de alimentos, roupas e agasalhos, entre os alunos e suas famílias e também nas vizinhanças da escola, para doação em creches, asilos, etc.

Porém, se as ideias de Dora Incontri parecem utópicas e fantasiosas para a atual realidade brasileira, elas podem ser tidas apenas como visionárias em relação a um futuro não muito distante previsto para o planeta, que, de acordo com as crenças espíritas, está em evolução e brevemente subirá de nível, passando a ter um tipo de vida bem melhor do que o de hoje. Como se vê em *O Evangelho segundo o Espiritismo*, os mundos são de cinco tipos: primitivos, imperfeitos, de expiação e provas, de regeneração, ditosos e celestes ou divinos. A Terra, no presente momento histórico, é um mundo de segundo nível, de expiação e provas, por isso enfrenta tantas dificuldades, dores, sofrimentos, doenças, violência, egoísmo, ganância, guerras, e todas as decorrências de uma visão materialista de mundo, homem e vida. Mas sua passagem para um nível superior já está ocorrendo. Dentro de poucas décadas, a Terra galgará o terceiro nível, o de mundo de regeneração, que se implantará progressivamente, ao longo do terceiro milênio, no qual reinarão a solidariedade, a caridade, o amor ao próximo. Se no segundo nível (o atual), o planeta teve uma grande evolução

científica, intelectual e tecnológica, no próximo nível a Terra terá um desenvolvimento de caráter moral, com a prática do amor pregado por Cristo.

E o espírita acredita piamente nessas previsões, que estão nas obras básicas de Allan Kardec, são repetidas em outras obras psicografadas posteriormente (e nos dias de hoje) e ainda enriquecidas com mensagens de espíritos que se manifestam mediunicamente em todos os centros espíritas do país. Portanto a Pedagogia Espírita do ser interexistente (amoroso, livre, solidário, fraterno, ético, elevado, nobre, puro) e intergaláctico antevista pela autora não é mera criação fantasiosa de um cérebro exaltado; é tão-somente a descrição da realidade que trazem os livros espíritas sobre esse futuro próximo de mundo mais elevado previsto para o planeta. Ou seja, nesse novo mundo, as escolas espíritas do *Manifesto da Pedagogia Espírita* serão totalmente possíveis e serão mesmo uma realidade.

Por outro lado, justifica-se também a ideia do Brasil como difusor “para o mundo” da Pedagogia Espírita, como propõe a autora. Isso em razão de um livro psicografado que também é de crença inabalável no meio espírita. Trata-se de *Brasil, coração do mundo e pátria do Evangelho*, psicografia de Chico Xavier, segundo o qual o Brasil teria sido escolhido pela espiritualidade para difundir a boa-nova do Espiritismo, que seria o “consolador” prometido por Jesus aos seus filhos (toda a humanidade). Os espíritas brasileiros acreditam verdadeiramente nessa profecia. Diante disso, nada mais coerente que o país demonstrando ao mundo a Pedagogia Espírita exposta por Dora Incontri.

Na verdade tal pedagogia é simplesmente o coroamento – acrescido do valor religioso-crístico e da crença na imortalidade da alma – de grandes linhas pedagógicas humanistas e libertárias idealizadas (e algumas praticadas) por alguns pensadores que afloram de tempos em tempos, como a anunciar e preparar o campo educacional para a implantação da educação que preconiza o aluno (ser, homem) integral, livre, consciente, pacífico, solidário, justo, feliz no âmbito da escola. Tal ideia nasceu, entre os estudiosos ocidentais, no primeiro humanismo, o da Antiguidade Clássica, com Sócrates, Platão, Aristóteles, sendo documentado na Paideia grega, e prosseguiu ao longo da história, com dezenas de nomes proeminentes na área da educação e da filosofia e psicologia da educação: François Rabelais (1483-1553), Michel Montaigne (1533-1592), João Amos Comenius (1592-1670), Jean-Jacques Rousseau (1712-1778), Johann Heinrich Pestalozzi (1745/46-1827), Ovide Decroly (1871-1932), Maria Montessori (1870-1952), Émile Chartier (pseudônimo: Alain, 1868-

1951), Édouard Claparède (1873-1940), John Dewey (1859-1952), Erasmo de Roterdã (1466-1536), Immanuel Kant (1724-1804), Guilherme de Humboldt (1767-1835), Georg Kerschensteiner (1854-1932), François Fénelon (1651-1715), Herbert Spencer (1820-1903), Rabindranath Tagore (1861-1941) Giovanni Gentile (1875-1944), Anton Makarenko (1888-1939), Juan Luis Vives (1492-1540), John Locke (1632-1704), René Hubert (s/d), Charles Rollin (1661-1741), Paulo Freire (1921-1997), Friedrich Froebel (1782-1852), Rudolf Steiner (1861-1925), Celestin Freinet (1896-1966), Jean Piaget (1896-1980), Lev Semenovich, Vygotsky (1896-1934), Henri Wallon (1879-1962), etc.

Conforme assevera Teixeira:

Ao longo das épocas, um contingente formidável de pensadores não se posicionado na esteira dos estudos, das pesquisas e práticas educacionais, ofertando à Humanidade um vasto contributo de luzes, tanto ao nível do intelecto, quanto ao nível dos procedimentos éticos e morais, visando facilitar a iluminação das estradas terrenas, por onde transitam as criaturas de Deus (Teixeira, 2004, p. 9).

Todos eles pensaram em algo maior para a educação – algo além do saber teórico, do tecnicismo, do mecanicismo, do acúmulo de informações científicas, do mero aprimoramento intelectual ou profissional. Pensaram em valores, no bem, na alma, no aspecto social, na atitude moral, na convivência com o próximo, no amor, na cidadania, no preparo para a vida, no ser integral, na formação da consciência, na autoeducação, e em tantos outros conceitos altruístas, positivos, otimistas, elevados, nobres em relação à importância da educação na construção do homem. Como afirma Jean Château:

Pois que a educação de modo algum consiste apenas em modelar um membro de um grupo, um operário no formigueiro, e sim em construir um ser que ultrapassa o presente e se ultrapassa a si mesmo, será sempre bom ver como as técnicas experimentadas outrora puderam contribuir para essa superação, e como os pedagogistas conceberam, cada um com seu espírito original, cada um na esfera própria, meios de assegurar esse crescimento da criança que faz a grandeza do homem (Château, 1978, p. 20).

Porém o que a Pedagogia Espírita quer demonstrar é que tal ideia, verdadeiramente, é o ensino de Jesus Cristo. Nas palavras de Teixeira:

É com o excelente Jesus, filho de José e de Maria, entretanto, que aprenderemos a compatibilizar a educação com cada uma das vivências no mundo, pois é através dos Seus ensinamentos e dos Seus exemplos que logramos perceber que os caminhos do bem e da auto-transformação não existem para que sejam observados, discutidos ou descritos, mas para que sejam trilhados. Assim, para cada vivência, para todo e qualquer momento, a mensagem de Jesus apresentava todo um

conteúdo educativo, fomentando bem-querer, fraternidade, indulgência, perdão, fidelidade ao bem, auto-definição. (Teixeira, 2004, p. 11)

Está-se, pois, no campo da formação do homem de bem.

Para o Espírito, a Terra é um laboratório onde ele põe em prática e testa a aprendizagem que adquiriu nas esferas espirituais e ainda tenta cumprir os desígnios que ele mesmo traçou para si, em cada encarnação, a fim de cumprir deveres, realizar missões, expiar dívidas e continuar sua trajetória evolutiva rumo à perfeição. Aqui, o Espírito, preso ao corpo físico, tem uma tarefa dupla: preocupar-se com o espiritual e com o material.

Ele tem que educar seus sentidos e instintos, cuidando da sua mente. Tem que pensar em vários aspectos relacionados ao mundo material e social: sexo, alimentação, matrimônio, procriação, emprego, profissão, comércio, política, vizinhança, convivência social, festividades, etc. Em todas essas esferas, o homem de bem precisa estar com o espírito elevado e demonstrar probidade, correção, fidelidade, justiça, equilíbrio, sanidade, amor, caridade, harmonia, paz, respeito, fraternidade, humildade e todos os bons sentimentos. Deve combater em si as más tendências, os vícios, a violência, o crime, a maledicência, a preguiça, o desânimo, a animosidade, o orgulho, a ira, a vingança, a maldade, a ganância, o egoísmo e todos os demais sentimentos negativos (sentimentos, pensamentos, palavras e atos). Tal atitude é a única que poderá levá-lo a suportar com dignidade a dor, e ainda a evitar o medo de estar no mundo, as fobias, a loucura, o desespero, a angústia.

Para o espírita, Jesus foi o exemplo máximo do homem de bem e, mais que Deus, Ele é um modelo a ser seguido. Foi, há milênios, um homem comum, que nasceu e viveu em outras esferas (outros planetas – afinal a casa do Seu Pai tem muitas moradas), tornando-se depois um dos Espíritos mais evoluídos do universo, a quem coube o compromisso de governar a Terra, que totaliza uma população de uns 30 bilhões de Espíritos, sendo, atualmente, uns 7 bilhões encarnados e mais de 20 bilhões desencarnados – desencarnados que pululam ao redor do planeta, que o habitam, que convivem com os encarnados no dia-a-dia, tendo com estes todo tipo de relação e influência, seja positiva ou negativa.

Por esse norte, quando Jesus diz “Eu sou a verdade e ninguém vai ao Pai senão por mim”, Ele não está apenas enviando uma mensagem de fé passiva, de crença cega e

dogmática. Ele está, sim, conclamando as pessoas ao trabalho de autoedificação, o mesmo trabalho que Ele fez consigo mesmo durante milênios, até chegar ao nível em que chegou. Ele também disse: “Sede perfeitos como perfeito é o vosso Pai”. Portanto, não há dúvidas quanto ao que é esperado do ser humano: nada menos que o esforço no caminho do bem, seguir o modelo de Jesus, tentar de tudo para ser igual ao Cristo.

4. 2 Outro teórico da Pedagogia Espírita: Marcus Alberto De Mario

Marcus Alberto de Mario é um outro autor da Pedagogia Espírita⁴⁴ que apresenta ideias semelhantes às de Dora Incontri, tocando em alguns aspectos práticos do funcionamento daquelas que deveriam ser as escolas espíritas (na parte da didática, da metodologia, de sugestões técnicas) – e, como aquela autora, De Mario não tem uma proposta para a viabilização concreta, nem relata o caso de alguma escola espírita funcionando no momento, nos moldes das teorias que expõe.

De início ele faz uma denúncia, descrevendo uma situação que é real:

Há no Brasil um número considerável de Centros Espíritas que mantêm em funcionamento Escolas de ensino fundamental, geralmente em convênio com a Prefeitura ou Estado, oferecendo a estrutura física do prédio, enquanto estes oferecem os professores, o material de apoio e o processo pedagógico. Embora a Escola pertença ao Centro Espírita, não é por ele administrada, portanto, não é uma Escola Espírita, ou seja, aquela Escola que norteia sua pedagogia através da filosofia espírita.

Ao observarmos pelo estudo atento e metódico que o Espiritismo é doutrina de educação, e sabendo que os Espíritos Benfeitores classificam o Centro Espírita por educandário de almas, causa estranheza verificar esse posicionamento sem a diretriz dos fins da Filosofia Espírita da Educação: entregar a Escola pertencente ao Centro Espírita para o poder público.

A filosofia educacional do ensino praticado pelo governo é materialista, desvinculada de qualquer compromisso de ordem moral ou de sensibilização da espiritualidade do ser, quando a Filosofia Espírita da Educação possui suas bases firmemente solidificadas na imortalidade, na reencarnação, nas ideias inatas e no desenvolvimento dos atributos do Espírito através da sua evolução, o que só pode ocorrer pelo processo da Educação (De Mario, 1999, p. 21).

⁴⁴ Neste trabalho está-se diferenciando “Pedagogia Espírita” de “Educação Espírita”. A primeira refere-se ao âmbito escolar, envolvendo a escola como instituição oficial, constituída de um prédio escolar, com discentes, docentes, programa, currículo, aspectos legais e administrativos, etc. A segunda trata da educação do homem, do ser humano, como indivíduo, como Espírito, realizada em qualquer âmbito e espaço. A primeira é a educação *stricto sensu*, enquanto a segunda é a educação *lato sensu*.

Ele estabelece claramente a diferença entre dois segmentos, de um lado as escolas públicas e boa parte das particulares – que apenas instruem, transmitem conhecimentos intelectuais e cognitivos, repassam conteúdos de livros, envolvidas que estão com a formação do saber –, e, de outro lado, a escola espírita, cuja prioridade é “a educação moral, com a sensibilização dos sentimentos do espírito, com a formação do caráter” – oferecendo, também, evidentemente, o conhecimento das diferentes matérias e disciplinas que as outras escolas transmitem.

Paulista radicado no Rio de Janeiro, De Mario é assessor de Comunicação Social Espírita e membro do Departamento de Educação da União das Sociedades Espíritas do Estado do Rio de Janeiro (USEERJ), atuando profissionalmente como diretor do Instituto Brasileiro de Educação Moral (IBEM). Viaja por todo o país, realizando palestras, cursos, seminários e treinamentos, em que difunde as ideias da Pedagogia e da Educação Espírita.

Considerando o Espiritismo como uma filosofia da educação, como a doutrina da educação da alma e enxergando o centro espírita como escola de almas, ele julga que cabe à educação: “fortalecer e ampliar as boas tendências do Espírito”, “corrigir suas más tendências”, “direcionar seu caráter para o bem”; “promover o esforço para conquistar virtudes”; “ampliar os horizontes intelectuais”.

Para isso ele propõe a “Pedagogia do Sentimento”, fundamentada no ideário espírita, que tem como base *O Livro dos Espíritos*, que é

Verdadeira obra pedagógica, repleta de novos ensinamentos, fornecendo ao homem o verdadeiro e profundo entendimento sobre a educação moral, sobre a arte da formação do caráter, que, quando colocada em prática na família e na escola, irá renovar os indivíduos e a sociedade (De Mario, 1999, p. 64)⁴⁵.

⁴⁵ Por mais piegas e “anticientíficas” que possam parecer, aos olhos dos céticos, agnósticos e ateus, as informações sobre tal obra, elas devem ser isso mesmo, porque *O Livro dos Espíritos* foi ditado pelos Espíritos superiores, que diziam estar falando em nome de Deus. Então, se foi “Deus quem mandou dizer”... Quem somos nós para duvidar? A menos que novamente se mate Deus (fazendo eco a Nietzsche), caindo-se de novo no niilismo, mantendo-se no trono o materialismo e jogando-se ao chão o edifício erigido pelo Espiritismo ao longo do último século e meio.

Para explicar a “Pedagogia do Sentimento”, ele utiliza ainda lições de *O Evangelho segundo o Espiritismo*, que apresenta um escalonamento de três níveis no desenvolvimento da inteligência moral do Espírito: instinto, sensação, sentimento. Assim, o Espírito, inicialmente, só tem instintos; mais evoluído, o Espírito tem sensações; e finalmente ele tem sentimentos. Ele galga esses degraus no trajeto das suas vidas sucessivas, pela lei da reencarnação, desenvolvendo o sentimento do amor, até chegar à perfeição.

De Mario serve-se também das teorias de Daniel Goleman, desenvolvidas em *Inteligência Emocional*, utilizadas (ao lado da produção de outros pensadores) em escolas norte-americanas (e também em empresas) para o desenvolvimento da empatia e para o controle das emoções, tendo em vista tanto o crescimento individual quanto o bom relacionamento entre os alunos (entre as pessoas em geral).

Embora não explicita que tudo está sob o comando da espiritualidade superior, que Deus já tem todo um plano traçado para o planeta e que a Terra entrará, obrigatoriamente, no nível de mundo de regeneração – e que esse processo já se iniciou, – De Mario atesta que o mundo passa por um momento de renovação de valores, citando alguns exemplos ocorridos em alguns países, como Estados Unidos e França. Sobre a França ele fala primeiro da libertinagem sexual, depois de retorno aos bons sentimentos:

A França, como sucede desde a revolução de 1789, de tempos em tempos lança ao mundo ideias que fazem o edifício social tremer, levando os homens a discutir posicionamentos filosóficos, culturais e os costumes em geral. A última grande revolução deu-se em 1968, quando a juventude tomou conta das ruas para lutar pela liberdade sexual, através do movimento feminista⁴⁶. Agora estamos assistindo a uma contra-revolução. Ativistas dessa geração levantam-se contra o excesso de liberdade sexual e pregam pela instituição de mecanismos morais de controle da conduta individual e da estrutura da família.

[...]

Os homens e mulheres de hoje estão mais interessados em manter relações afetivas e sexuais duradouras do que em passar a vida em intermináveis experiências; é o que está sendo proposto, ou seja, uma reintegração da moral e dos bons costumes. Está em discussão a noção do certo e do errado, do bem e do mal entre o homem e a mulher (De Mario, 1999, p. 76).

Assim, em nome da espiritualização do ser, a escola desenvolveria a filosofia espírita da educação, a única que poderia, atualmente, dar conta dos rumos do mundo em

⁴⁶ Não se vai aqui discutir o posicionamento deste autor quanto ao movimento estudantil sociopolítico de 1968, que o autor reduziu à questão sexual feminista.

direção ao bem: “É a filosofia espírita da educação muito rica, profunda e única quanto a fornecer parâmetros para a educação integral do ser, desde que o posiciona como Espírito imortal” (De Mario, 1999, p. 62 – sem grifo no original). Seguindo *O Livro dos Espíritos*, na questão 941, De Mario arrola os pontos característicos do homem moral: “elevação acima das necessidades artificiais das paixões”; “moderação dos seus desejos”; “conduta de calma e serenidade”; “felicidade com o bem que faz”; “superação das contrariedades sem dor” (De Mario, 1999, p. 64).

Assim, na escola, seriam trabalhados os sentimentos, inclusive com aproveitamento de tensões e traumas das crianças como temas de aprendizagem; elevar-se-ia o nível de competência social e emocional das crianças, resolvendo-se conflitos e desenvolvendo-se aptidões emocionais.

Ele cita os itens da metodologia que Goleman propõe, com base em suas experiências, para se trabalhar o aspecto emocional nas escolas norte-americanas, série a série: a) no pré-escolar – lições básicas de autoconsciência, relacionamentos e processo de decisão; b) da 1ª à 4ª série – lições de associação de sentimentos e ajuda na empatia; c) da 5ª à 8ª série – lições de empatia, controle de impulsos, de amizade e sobre as tentações e pressões do sexo, drogas ou bebidas; no 2º grau – lições enfatizando a capacidade de adotar múltiplas perspectivas – a nossa e a dos outros envolvidos – diante das realidades sociais (De Mario, 1999, p. 92).

Para esse processo de educação dos sentimentos, dever da família e da escola, em conjunto, o autor apresenta a denominação de Processo Avaliativo Consciencial (PAC), quando o encarnado realiza o seu autodescobrimento. A escola pode proporcionar esse desenvolvimento ao educando, desenvolvendo atividades relativas aos “tempos educacionais”, que envolvem a infância, a adolescência e a juventude.

Como subsídios didáticos e metodológicos, o autor cita técnicas e práticas educativas de sensibilização estética, aprofundamento da visão de mundo e desenvolvimento da espiritualidade, por meio da poesia, da música, do canto coral, do teatro (interpretações dramáticas de textos literários), debates sobre livros literários, contação de histórias, jogos cooperativos e outras atividades lúdicas, de criação literária, etc.

Paralelamente, são fundamentais outras práticas: convívio com animais domésticos, brinquedos, irmãos e amigos; assistência a carentes e flagelados; visitas a hospitais, asilos e penitenciárias; etc. A convivência fraterna, o amparo ao próximo e outras atividades humanizadoras levam os educandos à sensibilização do sentimento, à reflexão, ao despertar da consciência, à capacidade de penetração filosófica.

Uma outra contribuição que esse autor chama ao seu projeto educacional é o de uma constatação da aprendizagem que muito contribuiu para avanços no pensamento pedagógico geral, mas que não chegou a ser exatamente uma linha pedagógica, talvez por não ter sido bem compreendido nem implantado em todos os seus possíveis desdobramentos: o construtivismo. Ele declara:

Quando de sua publicação, na década de setenta, o livro “*Psicogênese da Língua Escrita*” iniciou uma autêntica revolução nos processos de alfabetização, lançando a chamada teoria do Construtivismo. Entretanto, sua autora não é uma inovadora, mas sim uma continuadora das pesquisas da Psicologia Genética realizadas pelo biólogo e psicólogo Jean Piaget, de larga aplicação na educação.

Estamos falando da educadora Argentina Emilia Ferreiro, hoje radicada no México, e que obteve o doutorado em Psicologia pela Universidade de Genebra com tese orientada por Piaget, de quem era uma das colaboradoras.

[...]

As ideias de Emilia Ferreiro, assim como as de Jean Piaget, calcadas em pesquisa séria e longos estudos, encontram eco no Espiritismo, na realidade imortal da alma que este proclama. Dizemos inclusive que aos dois pesquisadores faltou apenas o dado espírita, o que alargaria sensivelmente as conclusões a que chegaram (De Mario, 1999, p. 31-32). (Sem grifo no original)

O autor ignora que Jean Piaget e Emilia Ferreiro não poderiam falar em Espiritismo nem em Deus, porque eram cientistas, e a ciência atual ainda não coloca Deus em suas teorias como fundamento de cientificidade, verdade e fidedignidade. A ciência ainda não absorveu a ideia de Deus porque não pode atestar a existência dessa entidade com fatos, provas, dados concretos. Deus ainda continua sendo uma questão de fé, uma questão metafísica. Para o Espiritismo Deus é uma verdade por razões especiais: a) Pela questão da fé; b) Porque os Espíritos dizem que Ele existe; c) Por uma questão de raciocínio lógico-dedutivo, demonstrável até por um silogismo: i) O criador tem que ser maior que a criação (como o inventor é maior que a invenção); ii) O mundo existe comprovadamente, é uma criação (foi criado, não se criou a si mesmo, mesmo que exista desde sempre e para sempre); iii) Logo quem criou o mundo (alguém ou algo) é, evidentemente, maior que ele (o mundo): esse ser maior é Deus. Um outro silogismo que os espíritas utilizam para comprovar a

existência de Deus pelo raciocínio lógico-dedutivo: i) Não há criação sem criador; ii) O mundo é uma criação; iii) Logo o mundo tem um criador (esse criador é Deus). Mas esse tipo de pensamento não atinge a ciência – e não pode acontecer, sob pena de colocá-la em descrédito, coisa que os espíritas nem querem. O que os espíritas desejam, ardentemente, e têm certeza de que acontecerá (aliás, já começou a acontecer), é a comprovação científica da existência dos Espíritos, simplesmente como mais um dos elementos da natureza – isso está perto de a Física, a Química, e outros tipos de ciências e técnicas comprovarem (fotografias, envio de mensagens por rádio, telefone, televisão, computador, etc. – o que vem sendo desenvolvido por meio da Transcomunicação Instrumental (TCI), já implantada e experimentada, com sucesso, por várias pessoas idôneas (inclusive por cientistas), em várias partes do mundo). Trata-se de uma questão de tempo a comprovação da existência dos Espíritos e a possibilidade do seu intercâmbio (que será cada vez mais intenso) com os encarnados.

De Mario aproveita um dos significados do termo “construtivismo” para usar em suas propostas da escola espírita (enquanto o que se propõe no Espiritismo é a construção (autoconstrução) da espiritualidade pelo indivíduo). Na verdade, *lato sensu*, tudo na vida e no mundo é construção – de alguma coisa. Ele diz:

Assim como a Psicologia Genética, e antes desta, o Espiritismo já proclamava a necessidade de uma nova metodologia educacional, tendo por base a realidade do Espírito imortal. Enquanto o Construtivismo atém-se ao estudo e aplicação de um modelo metodológico mais racional de alfabetização, ou reconstrução da palavra escrita, lida e falada, o Espiritismo lhe abarca as ideias e estende pesquisas e conclusões num sentido filosófico de finalismo superior: a construção do homem de bem, onde trabalhar o senso moral deve ter preponderância sobre o aspecto intelectual, ou cognitivo, sem o descartar, mas antes fazendo uma feliz conjugação pedagógica (p. 33).

[...]

Para tanto é preciso abordarmos o que se ensina ao Espírito reencarnado, principalmente no período da infância, e essa abordagem, calcada ainda em várias questões da obra básica, mostrará que o Espiritismo é doutrina construtivista do ser (De Mario, 1999, p. 65). (Sem grifo no original)

.Além de citar Emilia Ferreiro e Piaget, o autor ainda se refere a Vygotsky, nos seguintes termos:

Quanto à teoria de Vygotski de que a construção do ser se dá no relacionamento social, nessa relação do eu com o outro, lançando o Construtivismo Social, isso não é novidade para o Espiritismo, que proclama a lei de sociedade e mostra que a reencarnação fortalece os laços de família e convivência social,

levando o Espírito a auto-conhecer-se [*sic*] e a construir sua caminhada evolutiva através da ação no bem e no amor com o próximo.

[...]

E podemos concluir: ao Construtivismo – do qual reconhecemos a importante contribuição educacional – falta o complemento do Espiritismo, e aos educadores espíritas – muitos deslumbrados com a pesquisa construtivista – falta aprofundamento no estudo desta que é a doutrina de construção do ser imortal, pois, se o Construtivismo desvenda as estruturas do “eu biológico e social”, o Espiritismo descortina o “eu espiritual superior”, criado por Deus, conjugando os “dois eu” em perfeita harmonia há mais de um século e com toda profundidade (De Mario, 1999, p. 35).

Pelo que se tem da análise da sociedade atual (análise científica materialista) e ainda do que o Espiritismo vem pregando à humanidade nesses 150 anos de sua existência e principalmente nas últimas décadas, De Mario se equivoca quando diz:

Necessitamos, de forma urgente, porque aos espíritas compete o trabalho de regeneração moral da humanidade, transformarmos as Escolas mantidas pelos Centros Espíritas em verdadeiras Escolas Espíritas. A solução para esse problema podemos indicar nestas linhas, e que a boa vontade de dirigentes e trabalhadores levará a bom termo (De Mario, 1999, p. 22). (Sem grifo no original)

É muito vaga, abstrata e cômoda a colocação de se contar com “a boa vontade de dirigentes e trabalhadores”. Por outro lado, não compete “aos espíritas” o trabalho de regeneração moral da humanidade. Com mais propriedade deve-se dizer que esse trabalho compete ao Espiritismo, aos Espíritos, à espiritualidade superior, e ao Cristo (tido pelo Espiritismo como o governador, o responsável pelo planeta Terra). De acordo com os planos divinos para este planeta (e de acordo com a natureza, com o evolucionismo típico do Espiritismo), a Terra já iniciou o seu processo de mudança de nível – o que se tornará factualmente visível nas próximas décadas, até o fim do presente século, e que se aprimorará ao longo do terceiro milênio, quando o planeta se transformará, segundo mensagens espíritas recentes, em um grande hospital-escola, com muitas doenças (porém com uma medicina avançadíssima), a fim de que o ser humano pratique o amor, a caridade, a benevolência, a ajuda ao próximo. A violência e o terrorismo diminuirão consideravelmente (e se extinguirão), deixando de ser um dos grandes males da humanidade. Esse mal será substituído por outro: as doenças. E o planeta passará a ser uma escola da prática do amor – já que foi até hoje principalmente uma escola da prática da ciência, do materialismo, do capitalismo, da tecnologia. Ou seja, será a hora de a Terra passar para um novo aprendizado, já que evoluiu bastante em ciência materialista e pouco em filosofia espiritualista.

Como esse processo já se iniciou (segundo os espíritas), notam-se, por todo o mundo, alguns movimentos pacifistas, o surgimento de pensadores mais espiritualistas, mudanças de mentalidades e costumes, novas pedagogias libertadoras – como o próprio De Mario exemplifica, citando a França e os Estados Unidos. Aliás, o próprio advento do Espiritismo, no século XIX, já foi um começo dessa mudança. Kardec foi discípulo e seguidor de Pestalozzi, o grande educador do amor – além de ser adepto das ideias de Comenius, Rousseau e outros educadores humanistas. Estavam aí os prenúncios da grande virada do planeta, que se concluirá no terceiro milênio.

Uma outra incoerência de De Mario está na frase: “A Escola Espírita forma o caráter através da Filosofia Espírita da Educação, não ensina Espiritismo, que é tarefa do Centro Espírita” (De Mario, 1999, p. 22) (Sem grifo no original).

De Mario pretende uma escola ecumênica (ou que pelo menos não aborde diretamente o Espiritismo). Mas deseja os alunos visitando hospitais, asilos, prisões. Dificilmente tais práticas preconizadas por ele serão implantadas, no momento, em escolas abertas a todas as seitas, porque as famílias atuais não querem seus filhos nesse tipo de atividade – querem seus filhos estudando conteúdos científicos a fim de prestarem vestibulares e concursos, para terem uma profissão e um emprego que lhes dêem os meios de sobrevivência na atual sociedade capitalista com alto índice de desemprego. Os pais permitem apenas que as atuais escolas “espíritas” pratiquem uma certa caridade, por meio do fornecimento de roupas, abrigos, alimentos e outros gêneros a pessoas e comunidades carentes. Permitem também orações e alguma reflexão espiritualista na escola – até porque tais atividades aliviam a consciência e fornecem uma espécie de sensação de dever cumprido, de participação no combate à violência e à criminalidade, por exemplo, que tanto amedrontam a sociedade.

Um outro aspecto a ser considerado é que, sem o ensino do Espiritismo, a pedagogia moralizante preconizada pelo autor (com base em obras e em outros educadores espíritas) se tornaria enfadonha e desinteressante para as crianças e jovens atuais, cujos valores morais (e de suas famílias) são os mais diversos possíveis. A escola moralizante teria fortes concorrentes na internet, na mídia em geral, no consumismo, nos *shoppings centers*, etc.

Portanto, infelizmente ainda não é hora de essa escola ser implementada. Ou seja, o direcionamento deve vir do alto e essa escola só vai surgir na hora certa. Claro que não se pode esperá-la comodamente de braços cruzados. Por isso já começaram a acontecer no mundo movimentos regeneradores. Por isso algumas escolas espíritas já vêm sendo implantadas – na medida do possível. E por isso obras como a De Mario estão sendo produzidas e são bem-vindas. Em outras palavras: já estão ocorrendo, na sociedade, alterações (e abertura) para que tais escolas sejam implantadas no futuro.

Em síntese, se existem coisas que, de fato, acontecem “de cima para baixo” são as de Deus. A sociedade atual não comporta a escola espírita ideal. Ou se muda a sociedade, ou tal escola não sai do papel – ou se limita a experiências isoladas, feitas por espíritas iluminados de grande boa vontade e de posses financeiras, como os já citados: Herculano Pires, Anália Franco, Novelino, Ney Lobo, Vinicius, etc. Porém a mudança da sociedade já está nos planos de Deus (graças a Ele...). Aos “simples mortais” compete esperar – e fazer o que tem sido feito por alguns (que na verdade são a encarnação de Espíritos mais (ou muito) iluminados, designados pela espiritualidade superior para virem ao planeta a fim de prepará-lo para a grande mudança): discutir questões sociais, escrever livros esclarecedores, propor linhas pedagógicas, aprofundar a pesquisa científica em todas as áreas, implantar movimentos sociais pacifistas, provocar reações políticas, melhorar as leis jurídicas, abrir escolas espíritas e outras escolas espiritualizadas, criar mais centros espíritas, encetar lutas ecológicas, combater a discriminação social, defender os interesses das minorias exploradas, denunciar atos e atividades abusivas e atroz, discutir as políticas locais e mundiais, etc. Tudo isso já é preparo para a nova era que vem sendo anunciada.

De Mario, conclamando as escolas espíritas existentes a terem uma atitude concreta, a fim de implantarem a pedagogia do espírito, indica “os passos a serem seguidos” nas escolas já existentes – construídas por centros espíritas, as conveniadas com a esfera pública e que não seguem ainda as propostas do autor – (obra citada, p. 22): 1) A diretoria do Centro Espírita deve designar uma comissão para estudar a Educação Espírita a partir de algumas obras: *O Mestre na Educação* (de Vinicius), *Pedagogia Espírita* (Herculano Pires) e *Filosofia da Educação* (Ney Lobo); 2) Os dirigentes do Centro Espírita deverão se reunir para estudar a obra *Educandário de Luz*, de Chico Xavier, a fim de “se posicionarem diante do Centro Espírita como escola”; 3) Na sequência, comissão e dirigentes se reunirão para

elaborarem fins e objetivos que deverão nortear a Escola Espírita e o Centro Espírita; 4) Assim, a diretoria do centro estará alicerçada doutrinária e pedagogicamente, então poderá convidar a direção da escola para reavaliar o processo pedagógico e adequá-lo às diretrizes espíritas, iniciando o processo de “retomada da administração” da escola; 5) Para reforçar o processo, serão contratados, na medida do possível, professores espíritas, e serão ministrados cursos de atualização sobre Pedagogia Espírita.

Além desses passos, De Mario afirma já “existir elaborada uma pedagogia espírita e seu consequente modelo educacional”. Ele diz:

Refiro-me à obra “Filosofia Espírita da Educação e Suas Consequências Pedagógicas e Administrativas” em cinco volumes, da autoria de Ney Lobo, onde o autor levantou 25 problemas de Educação Espírita; cada problema seguido de 7 a 8 soluções (em média), incluindo a solução espírita, perfazendo um total de 137 soluções. As soluções espíritas, profundas, são compostas por 154 conclusões espíritas; essas conclusões ordenam-se a 164 consequências pedagógicas e administrativas. Tudo conforme o seguinte quadro:

FATORES	PROBLEMAS	SOLUÇÕES	CONCLUSÕES	CONSEQUÊNCIAS
EDUCANDO	6	31	42	34
EDUCADOR	3	19	25	26
FINS	2	14	6	18
DISCIPLINA	4	17	30	17
CURRÍCULO	2	15	14	24
MÉTODO	4	20	22	26
INSTITUIÇÃO	4	21	15	19
TOTAL	25	137	104	164

A obra em questão fundamenta suas ideias em cerca de 5 mil textos extraídos da Codificação Espírita (De Mario, 1999, p. 57).

4.3. Pode haver uma Pedagogia Espírita?

Dora Incontri não tem dúvida de que sim (enaltecendo a sua própria produção nessa área). E ainda cita Herculano Pires, também convicto:

Existe a Pedagogia Espírita na própria estrutura da doutrina, mas qualquer sistematização que fizermos não será ‘a’, mas ‘uma’ Pedagogia Espírita, sujeita a revisões futuras. E poderão surgir no futuro tantas pedagogias espíritas quantas se fizerem necessárias, de acordo com as diferenciações culturais que ocorrerem em diversos países. A unidade desses sistemas, entretanto, será garantida pelo modelo inicial e fundamental que permanece nos princípios essenciais da doutrina. Uma

pedagogia só será espírita se estiver fundada nesses princípios (Herculano Pires, in Dora Incontri, 2006, p. 201).

[...]

A Pedagogia Espírita está em processo de desenvolvimento e constituição. Não se trata de uma proposta fechada em si mesma, completamente sistematizada. E como parte de um devir histórico presente, não é possível apreendê-la desconectada dos parâmetros ideológicos e culturais do Brasil e do mundo.

[...].

E quando se trata, afinal, de pôr na mesa quais os contornos precisos, embora não rígidos, de uma Pedagogia Espírita, fazemos de forma a abstrair das raízes históricas, das obras de Kardec e do seu desenvolvimento no Brasil, um universo mais sistematizado de conceitos, do que todos os autores espíritas até agora o puderam fazer, no seu condicionamento de espaço e tempo. Na perspectiva histórico-filosófica, considerando-se as mais remotas origens socrático-platônicas até chegar às escolas espíritas atuais, sobressaem ideias-chaves e propostas práticas inegavelmente originais e que, certamente, pela primeira vez, estão sendo aqui abarcadas em bloco, dentro dos critérios de um trabalho acadêmico. O ineditismo deste trabalho, que pretende abrir espaços para outros desdobramentos e pesquisas, se completa com a nossa contribuição para a sistematização de uma Pedagogia Espírita. A terceira parte, portanto, divide-se entre a pesquisa sobre as propostas pedagógicas espíritas no Brasil e uma conclusão nossa, abstraindo princípios gerais (Incontri, 2006, p. 24). (Sem grifo no original).

A Pedagogia Espírita é declaradamente de cunho religioso, ou seja, trata-se da educação confessional, que já foi dominante no meio educacional, do qual se viu alijada nos últimos séculos, mediante a intervenção do Estado, que consignou a ideia em forma de lei. A esse respeito, expõe Bigheto:

A ligação entre a religião e a educação é polêmica e complexa, ao mesmo tempo antiga. As religiões, na maioria das sociedades, sempre foram fonte de valores éticos e de explicações do mundo, da vida, da existência, do agir. As sociedades transmitiram isso às novas gerações. Nesse sentido, as religiões guardam projetos utópicos para a humanidade, para melhorar o ser humano, realizá-lo, torná-lo mais feliz, levá-lo à transcendência, como bem viu Ernest Bloch. A educação foi um meio para desenvolver esse projeto. Mas também, historicamente as religiões se institucionalizaram, ligando-se aos poderes políticos e econômicos, ficando muitas vezes ao lado das elites dominantes, sendo instrumentos de opressão e controle sobre os dominados. Nesse caso, a educação também foi um meio de manter as estruturas sociais injustas.

[...]

Deve-se dizer que nem mesmo a escola laica, livre do jugo das Igrejas, ficou sem compromissos com o poder, já que o Estado passou a controlar a educação com sua ideologia. Nesse contexto, toda e qualquer religiosidade foi retirada da educação, pois a desqualificação do pensamento religioso chegou às salas de aula, pela ascensão ideológica da ciência materialista.

[...]

Kardec, assim como outros teóricos espiritualistas entendem [sic] que o fenômeno religioso é universal, constituindo-se numa das instâncias mais importantes do psiquismo humano e da cultura de todos os povos. E independentemente do embate filosófico, se a religiosidade humana é transcendente ou não [sic], é um verdadeiro crime cultural retirar da educação a cultura religiosa. Dessa forma os educadores espíritas em geral consideram que é preciso superar historicamente na escola essa dicotomia entre a doutrinação confessional e sectária

e o esquecimento deliberado a respeito de tema tão essencial na humanidade (Bigheto, 2006, p.173-174).

As correntes educacionais modernas forçaram a retirada da religião da escola em nome de princípios filosóficos, sociológicos, psicológicos, alegando a liberdade de cultos, bem como a presença de fundamentos científicos e culturais, que seriam suficientes para a humanização dos alunos, sem se abordar a ideia de Deus. Portanto há que se perguntar se a inclusão da religiosidade e da educação moral na escola é o bastante para formar uma linha pedagógica.

Como se define uma pedagogia, uma linha ou corrente pedagógica? O que faz com que uma linha pedagógica seja tida como tal – uma linha pedagógica? Ou seja, quais são os critérios científicos, epistemológicos, metodológicos necessários, bastantes e suficientes para que se defina uma linha de raciocínio e/ou uma prática na área da educação como uma linha ou corrente pedagógica?

As diferentes linhas ou correntes pedagógicas surgiram, ao longo da história, em razão da reflexão sobre o próprio ser e fazer pedagógico, com foco em um ou alguns de seus elementos: aluno, professor, currículo, programa, aprendizagem, etc. Estudiosos da educação apresentaram suas ideias a respeito das questões pedagógicas, desenvolvendo teorias e/ou realizando práticas. Diversos livros de Pedagogia trazem a sistematização das correntes pedagógicas dos tempos modernos.

Assim, uma primeira divisão nas principais correntes pedagógicas ocidentais é a dicotomia: Pedagogia Liberal e Pedagogia Progressista. A Pedagogia Liberal é constituída de diversas correntes: Pedagogia Tradicional, Pedagogia Renovada Progressista ou Escola Nova, Pedagogia Renovada Não-Diretiva, Pedagogia Tecnicista. Já a Pedagogia Progressista é formada por: Pedagogia Libertadora, Pedagogia Libertária, Pedagogia Crítico-Social dos Conteúdos ou Pedagogia Histórico-Crítica⁴⁷.

⁴⁷ A sistematização apresentada foi obtida a partir de material exposto pela professora Adriana, no endereço eletrônico estagioseed2007.pbwiki.com/f/correntes.doc ProfAdriana

A Pedagogia Liberal tem como ponto central o conteúdo, o currículo, o programa. Seu pressuposto básico é a aprendizagem individual, de cada um, de cada aluno. O ensino é fornecido, transmitido a todos, de modo igual. E cada um o apreende de acordo com suas potencialidades individuais, sendo cada um responsável pela própria aprendizagem.

A Pedagogia Progressista tem como foco básico não os conteúdos ou métodos, mas a aprendizagem: como se realiza, seus fins, metas, etc.

Dentro da Pedagogia Liberal está a primeira corrente: a Pedagogia Tradicional, defendida, por exemplo, por Herbart. Para essa corrente, ensinar é essencialmente transmitir ou repassar conteúdos; os programas de ensino obedecem a uma lógica dos adultos que elaboraram os programas. Trata-se de uma aprendizagem receptiva, mecânica, com ênfase na memorização. Os alunos fazem muitos exercícios com o fim de memorizar ou decorar os conteúdos. Esse ensino é da tradição enciclopédica: são ensinados os conteúdos universais acumulados em livros pela humanidade, de acordo com o avanço das ciências. Para a aprendizagem são aplicados reforços positivos (recompensas, notas altas, aprovação) ou negativos (punições e castigos, notas baixas, reprovação). Existe um aluno ideal, um conteúdo ideal, um nível ideal a ser atingido. O Aluno alcança esse nível ideal ou não. Esse tipo de ensino foi praticado durante muito tempo – e ainda é.

A corrente da Pedagogia Renovada Progressista (ou Escola Nova) tem como expoentes os pensadores Dewey, Montessori, Decroly. É baseada na autoaprendizagem. Aprender é uma descoberta realizada pelo aluno. A escola oferece os meios, a motivação. E a motivação depende da estimulação do problema e dos interesses dos alunos. Ou seja, nessa linha são respeitadas a individualidade, as diferenças entre as crianças.

A Pedagogia Renovada Não-Diretiva é proposta por Carl Rogers e A. Neill. É centrada na motivação, na autorrealização, na valorização do “eu”, na autoavaliação. O aluno aprende aquilo que estiver relacionado de modo significativo com suas percepções. E as percepções, evidentemente, são diferentes nos indivíduos, e mesmo em cada momento da vida de uma mesma pessoa – portanto a pessoa pode mudar de percepção sobre algo, o que afeta sua aprendizagem sobre determinado conteúdo.

A Pedagogia Tecnicista tem um enfoque diretivo. Oferece motivação e exige a retenção dos conteúdos. Prepara mão-de-obra para o mercado de trabalho, sendo uma educação voltada para o desenvolvimento econômico. No Brasil, é a base da Lei 9.394/1996, tão criticada por educadores de outras linhas. Seus expoentes mais significativos são os norte-americanos Bloom, Gagné e Skinner.

Dentro da Pedagogia Progressista, uma primeira corrente é a Pedagogia Libertadora, de Paulo Freire. Trata-se de uma pedagogia problematizadora: problematiza-se o mundo. São feitas análises da realidade do homem, com abstrações construídas por professores e alunos, visando à formação da consciência, coletiva e individual. Portanto aprender é conhecer a realidade, e para isso é analisada a razão de ser dos fatos. Com isso cada um constrói a sua visão sobre o mundo.

A Pedagogia Libertária foi criada por Tragtemberg, Miguel Arroyo e Freinet. Ela propõe o crescimento em grupo, de acordo com as aspirações e necessidades dos alunos. É antiautoritária, por isso o professor é um instrutor, um monitor à disposição dos grupos de alunos.

A Pedagogia Crítico-Social dos Conteúdos (ou Histórico-Crítica) é exposta e defendida por Saviani, José Carlos Libâneo e Nosela. Para essa linha, o ensino deve partir daquilo que o aluno já sabe, caminhando em direção do domínio do saber sistematizado, que deve ser articulado à prática social do aluno. Para essa corrente, a escola é parte integrante do todo social, portanto deve preparar o aluno para a sociedade, para o mundo do adulto, que é, por natureza, contraditório. A escola deve preparar o aluno para a participação ativa no processo de democratização da sociedade, difundindo os conteúdos escolares, que devem ser vistos de modo vivo, concreto, localizado no tempo e no espaço. A escola tem, portanto, um papel fundamental na vida do aluno. Os conteúdos culturais universais, que devem ser transmitidos, precisam ser permanentemente reavaliados frente às diferentes realidades sociais. Não basta que tais conteúdos sejam bem ensinados; é preciso que eles sejam relacionados com a realidade, a fim de terem uma significação humana e social. Os métodos de ensino estão subordinados aos conteúdos, visando a uma ruptura com o senso comum. Para tanto busca-se atingir a consciência crítica por meio da unidade entre a teoria e a prática de ensino. A relação entre professor e aluno exige uma certa disciplina. O professor é tido como autoridade competente, direcionando o processo de ensino e aprendizagem, fazendo a

mediação entre o conteúdo e os alunos – o que não significa, porém, autoritarismo. As manifestações dessa corrente na prática escolar são muito claras: trata-se de ensinar conteúdos com visão crítica visando ao preparo para a vida. Portanto há um compromisso concreto com as transformações da sociedade, embora o saber seja sistematizado e não se abra mão dos conteúdos, ou seja, trata-se de uma linha conteudista com visão crítica (da sociedade e dos próprios conteúdos).

Diante da exposição das principais correntes pedagógicas modernas, pode-se indagar o que caracteriza uma corrente de pensamento, no caso, uma corrente pedagógica. Pelo apresentado tem-se que uma corrente precisa de uma unidade fundamental, baseada em um objeto, ao redor do qual é elaborada uma linha de raciocínio que tenha intencionalidade, sistematização, fundamentação; ao mesmo tempo, a corrente pedagógica deve apresentar uma filosofia da educação e mesmo do mundo; deve também considerar os conteúdos, o currículo, o programa; e ter um projeto de ensino focalizando o aluno, o professor, o papel da escola, bem como o processo de ensino e aprendizagem.

A mudança do ponto de vista sobre um (ou alguns) desses requisitos, desde que seja significativa e embasada em princípios teóricos e práticos sobre a educação, já significa que uma nova linha pedagógica foi criada. Libâneo define pedagogia: “Pedagogia é, então, o campo de conhecimento que se ocupa do estudo sistemático da educação, isto é, do ato educativo, da prática educativa concreta que se realiza na sociedade como um dos ingredientes básicos da configuração da atividade humana” (Libâneo, 2008, p. 46). Em outro trabalho, Libâneo escreve:

Como ciência prática da e para a educação – teoria e prática – constitui-se como teoria filosófica (enquanto reflexão problematizadora sobre a atividade educativa, sobre seus fins e meios) e como teoria científica (enquanto descreve e explica o ato educativo em suas várias dimensões). Nesse sentido, o caráter normativo da Pedagogia não se desprende apenas da ciência enquanto descrição de fatos educativos, como também de uma concepção filosófica do mundo e do homem, isto é, de fins educacionais buscados nas tendências evolutivas da história do sentido do progresso humano.

Se por um lado a educação é um fato inerente à vida social e, portanto, uma categoria para investigação da realidade social, por outro, seu conteúdo e essência é mutável em função de determinações históricas da vida material, isto é, do desenvolvimento social, das relações sociais e das ideias. Por isso, o objeto da educação, sua forma e conteúdo, são construídos historicamente, ou seja, a Pedagogia não se constitui como teoria a priori, antes, ela se enraíza na práxis histórico-social para desvendar aí os nexos constitutivos da prática educativa e, somente daí, firmar diretrizes acerca do “que” e do “como” da atividade educativa (Libâneo, 1990, p. 270).

Com a reflexão sobre os elementos educacionais no contexto social, vários pensadores elaboraram seu pensamento pedagógico, levando-o à prática e fazendo a história da Pedagogia – da qual participaram também as religiões.

Em *Os Grandes Pedagogistas*, obra que aborda, em cada capítulo, um nome marcante na educação (Platão, Comenius, Rousseau, Humboldt, Decroly, Dewey, Claparède, Montessor, Pestalozzi, etc.), há um capítulo intitulado “A pedagogia dos jesuítas”.

Depreende-se então que os jesuítas elaboraram uma corrente pedagógica. Assim como a Igreja Protestante ou pelo menos a Presbiteriana e a Calvinista, que fundaram diversas escolas pelo mundo ocidental nos séculos XIX e XX.

Ditas “confessionais”⁴⁸, as escolas de religiosos marcaram época e tiveram grande influência na família e na sociedade, quando foram criadas e enquanto atuaram, no seu tempo. O maior exemplo veio da Igreja Católica – e os pedagogos reconhecem a existência de uma “Pedagogia católica” (Libâneo, 2008, p. 47). No âmbito da prática educativa católica, destacou-se a pedagogia dos jesuítas, que se difundiu por boa parte do mundo.

O livro *Os Grandes Pedagogistas* delimita, temporalmente, a pedagogia dos jesuítas entre 1548 e 1762, datas significativas de abertura e fechamento de colégios jesuítas na França. Pierre Mesnard, o autor do capítulo, afirma no início da sua exposição:

Muito se escreveu sobre a pedagogia dos jesuítas. Infelizmente, os estudos consagrados à questão foram, na maior parte, redigidos no calor de discussões ideológicas, ou políticas (...). Se a pedagogia dos jesuítas corresponde a um ideal preciso (...) esse ideal foi concebido por gênios espantosamente realistas em função das exigências de determinada época (Mesnard, 1978, p. 60).

Conforme Mesnard, a pedagogia jesuítica foi estabelecida para o “honnête homme” da idade barroca – período histórico que se caracterizou pela figura do homem dividido entre o céu e a terra. Os jesuítas se definiam como homens nas mãos de Deus, seguindo a tendência de hegemonia da Igreja Católica durante dois milênios – como sucede

⁴⁸ Confessional, do latim “confessione”, significa “relativo a, ou próprio de confissão”, “relativo a uma crença religiosa” (Dicionário Aurélio, verbete indicado).

com qualquer seita religiosa: julga-se de posse da verdade e nessa condição representa Deus na terra.

A atividade missionária, o ministério da palavra, o ensinamento teológico (para a formação de novos padres e pregadores da palavra de Deus), a crença de que a educação das crianças seria a renovação do mundo (de acordo com o Pe. Bonifácio, no Brasil), o trabalho de evangelização e doutrinação (realizado pela Companhia de Jesus em muitas partes do mundo, principalmente em países do terceiro mundo e colônias, com o fim de levar princípios, valores, civilidade e o Cristianismo a povos selvagens e populações carentes) foram princípios da mais alta relevância para os educadores jesuítas, dentro da atuação ideológica, social e política da Igreja Católica.

Afirma Mesnard:

A educação dos jesuítas tem sido muitas vezes criticada, falando-se da “marca” indelével que seus colégios deixariam no espírito dos alunos. É certo que dificilmente se poderá encontrar formação mais completa e mais bem definida contra as influências exteriores. O traço mais aparente de seus institutos e, talvez, o mais original, na época, é, com efeito, a *disciplina* (Mesnard, 1978, p. 73-74).

Foram comuns os colégios católicos de internos. O internato era um “pequeno Estado escolar”, autônomo, bem-remunerado, que acolhia crianças de famílias que podiam pagar. As famílias delegavam aos diretores todo o poder na condução da educação dos filhos. Assim, os colégios católicos eram organizações muito fortes, com professores muito bem orientados sobre os estatutos da casa e sobre o seu papel diante dos alunos. Havia, no entanto, diferenças entre as escolas dos jesuítas e os demais colégios católicos. Conforme Mesnard:

Organização tão forte quase não precisa de sanção. Aliás, as dos jesuítas eram das mais suaves, como até seus adversários reconhecem. Se as punições físicas eram mantidas, eram serviço de um “corretor”, agregado à casa e geralmente discreto no uso do chicote: assim desapareciam da escola a cara furiosa do mestre de palmatória em punho, e todos os complexos de ódio e de inibição que havia feito nascer nos séculos precedentes (Mesnard, 1978, p. 76).

O *Ratio Studiorum* (*Ratio atque Instituto Studiorum*), documento escrito por Inácio de Loiola, unificou o ensino dos jesuítas, não só pelo poderio da instituição mas também pela sua estrutura interna, pois era um plano de estudos muito bem definido e com grande unidade. O plano de estudos baseava-se principalmente na área de humanidades, como

ponto de partida, tendo a literatura à frente – ao invés da instrução enciclopédica então em voga. Formal, gramatical, literária, a educação jesuítica era contínua e progressiva, com a introdução paulatina das diversas disciplinas (auxiliares do humanismo), chegando aos conhecimentos positivos. Buscava-se a erudição efetiva e suave para crianças, adolescentes e jovens, que saíam dos colégios formados na “arte de discorrer”, ou seja, capazes de sustentar na sociedade discussões brilhantes sobre quaisquer “assuntos referentes à condição humana”, e ainda sob os princípios cristãos. Com uma sólida cultura, esses jovens podiam ir para as universidades, a fim de adquirirem os conhecimentos técnicos, científicos e profissionais, completando, desse modo, a sua formação. Continua Mesnard:

Os moços assim formados na cultura geral por sólida instrução secundária estariam, então, aptos a adquirir, nas universidades, depois, nas carreiras liberais, os conhecimentos científicos e técnicos destinados a perfazer-lhes a educação integral. Cumpre não esquecer, quando se julga a pedagogia da idade barroca (assim a católica como a protestante), que esse ensino secundário formal não passa, ao cabo, de longa propedêutica, de uma cultura científica e técnica, à qual todos estão de acordo em barrar o acesso aos espíritos insuficientemente amadurecidos.

A distribuição dos cursos e o método de ensino sublinharão, uma vez mais, a unidade fundamental de toda essa pedagogia (Mesnard, 1978, p. 76).

A programação da pedagogia jesuíta era formada de séries e conteúdos bem articulados, em seqüência rigorosamente seguida, constituída das disciplinas: Humanidade, Lógica e Gramática; as classes eram homogêneas, com promoções anuais. Os alunos tinham facilidade em aprender línguas e iniciavam logo o latim (para leitura e conversação, como uma segunda língua natural – treinavam o latim até no recreio) e o grego, fazendo muitos exercícios. Para evitar a monotonia, dedicava-se um dia da semana para “exercícios mais interessantes”, variando-se os autores estudados.

As classes mais adiantadas praticavam a eloquência e a retórica. Eram lidos autores clássicos. Os alunos, em grupos, faziam competições entre si e tinham todo tipo de emulação possível, a fim de se facilitar a sua aprendizagem. Diz Mesnard a respeito:

O Pe. Ravier resume em termos muito bons os resultados desta “gentil emulação” nascida espontaneamente ao contato da glória e da virtude romanas: “A honra – desejada e conquistada em perspectiva cristã de caridade e de humildade – tal a grande moda da pedagogia dos jesuítas. Graus, vitórias, prêmios, academias, mil outros métodos inventados, e sempre renovados, pelo professor, segundo seu engenho pessoal, ativam incessantemente o espírito da criança” (Mesnard, 1978, p. 80).

Expressa no *Ratio Studiorum*, a filosofia compunha também a pedagogia jesuíta: “um humanismo consequente acaba sempre por engendrar sua filosofia, e os jesuítas, cada vez mais impregnados de Cícero e Quintiliano, não tardariam em reconhecer, na esteira de seus mestres, a excelência e a necessidade dessa disciplina mestra” (Mesnard, p.81). A leitura básica dos alunos era Aristóteles. Além disso, estudavam história (da Antiguidade, da Idade Média, da Renascença) e geografia – em parte assemelhando-se aos programas da pedagogia protestante, que também abria colégios, principalmente no mundo anglo-saxão (Inglaterra e Alemanha): “Assim, os jesuítas não hesitavam, a bem da evolução, em tomar, a seus principais rivais protestantes, a ideia de um plano de estudos históricos, tal como haviam feito sua a ideia luterana de uma história universal” (Mesnard, p. 87-88). Embora com ênfase menor, a matemática, a física e a química também eram estudadas.

Com várias edições seguidas, o *Ratio Studiorum* era a obra que norteava a pedagogia jesuíta, em todos os aspectos: na condução dos alunos, na programação, na formação dos mestres. A ação dos seguidores de Loyola chegou a universidades, de onde saíram professores notáveis, o que engrandecia a Companhia de Jesus e aumentava o número dos colégios (eram quase 700 em meados do século XVIII). Os jesuítas chegaram ao Extremo Oriente com seu objetivo missionário e sua educação – de onde também trouxeram muita aprendizagem.

Tamanha expansão acabou trazendo autonomia às várias províncias onde havia colégio jesuíta, e os bons professores não eram suficientes: “Não se tratava somente de pôr os colégios em marcha; cumpria encontrar mestres para eles!” (Mesnard, 1978, p. 96).

Os jesuítas criaram um tipo de humanismo cristão, mesclando autores profanos (os clássicos gregos e romanos e mesmo alguns autores das línguas nacionais nascentes, como o francês, que já havia produzido um Racine, formado em Port-Royal) com o Cristianismo: formação literária e formação religiosa caminhavam juntas. Aos poucos as línguas nacionais começaram a ser estudadas e mesmo as comédias de Molière eram lidas nos colégios jesuítas da França – porém esses pequenos avanços não foram suficientes para modernizá-los.

Perdurando por dois séculos, a pedagogia jesuíta teve um grande valor na sua época e deixou um valioso legado:

Que esse balanço seja positivo, ninguém parece ter o direito de contestar. Um esforço pedagógico que prosseguiu durante duzentos anos nas nações mais variadas fala por si mesmo em seu favor.

[...]

Essas escolas não teriam tão uniformemente vingado, se sua concepção não correspondesse às necessidades mais profundas da época. Após os abalos violentos e a desagregação do século XVI, o Ocidente sonhava com a universalidade, a ordem e a cultura. A pedagogia unitária e formal dos jesuítas, a exata disciplina de seus colégios, o nível elevado dos estudos correspondiam a esse ideal. Pois, malgrado as oposições violentas que a atividade jesuítica encontrou de parte das universidades preexistentes e das ordens concorrentes (...), ninguém duvida da excelência de seus métodos. (...) e se estes [os jesuítas] haviam tomado aos humanistas protestantes certo número de disposições, estes lhes pagavam na mesma moeda, em particular Comenius, o instituidor da Europa não-conformista, que lhes tomou boa metade de seu programa (...). A perfeita adaptação dos jesuítas à época que se estende de 1600 a 1750 é reconhecida até pelos adversários que reclamam o aparecimento de espírito novo.

Uma primeira resposta consistiria em lembrar que, sendo a Companhia de Jesus ordem religiosa, cumpre, primeiro, julgá-la pelos religiosos que deu, e a lista impressionante de seus santos, de seus doutores e de seus mártires bastaria para provar que o fim fundamental da ordem havia sido realmente atingido: nem todo o mundo produz Francisco Xavier e Canisius (Mesnard, 1978, p. 107-108).

Pela análise de Mesnard, os jesuítas seguiram “o caminho real das humanidades”, ofereceram “uma formação elegante e desinteressada” (clássica e de excelente qualidade) e definiram “nova realidade escolar, o ensino do segundo grau”. Eles criaram uma “nova escolástica”, juntando a doutrina cristã e o melhor dos autores clássicos.

Porém, depois de dois séculos, o mundo requeria mudanças, principalmente porque a educação jesuíta já havia nascido em pleno período de mudanças, o Renascimento. Depois do fim da Idade Média, o que se viu no Ocidente foi quase um novo perfil de mundo a cada século.

Mesnard arrola algumas causas para o fim da fase jesuíta. Uma delas seria a autofagia: o sistema teria desmoronado por si mesmo, pelas suas próprias concepções internas, despreparado para outras realidades: “Aristotélicos no que concerne ao domínio da fé e dos costumes, os jesuítas eram, na prática, desprovidos de filosofia para julgar outros planos” (Mesnard, obra citada, p. 111).

Fracos em ciências e matemáticas, eles não perceberam, por exemplo, a chegada de Descartes, que inclusive era católico e um de seus alunos. Declara Mesnard:

O cartesianismo teria podido, ao contrário, oferecer, aos jesuítas, ocasião de fazer dar, a seu programa de estudos, o salto decisivo, substituindo a erudição pela

ciência exata, e ajuntando, ao benefício da formação literária, o da cultura matemática, da qual seus professores especialistas já havia notado as vantagens. Por não haver realizado, em tempo, esse enxerto cartesiano, que devia aproveitar ao Oratório, os jesuítas não chegaram a dominar o movimento científico, nem, até, a partir de 1700, a acompanhá-lo (Obra citada, p. 111).

E os anos 1700 foram exatamente o século de Descartes. Com o seu racionalismo, logo viria o positivismo e mesmo o auge tecnológico da nova realidade científica e do capitalismo já formado.

Por outro lado, como homens literários presos aos autores antigos, os jesuítas não deram abertura para as literaturas nacionais que despontavam, trazendo vultos grandiosos. Então, a par das perseguições religiosas e políticas que já sofriam, passaram a receber críticas de uma sociedade cada vez mais moderna. Ou seja, seu modelo educacional estava defasado.

O processo de autofagia era evidente na preocupação em formar reprodutores do próprio sistema. Nas palavras de Mesnard: “Desde cerca de 1700 a formação dos mestres se havia tornado a principal preocupação da companhia, cedendo a esse espírito de autofagia que todos os corpos ensinantes acabam por praticar em detrimento de seus alunos” (Obra citada, p. 113).

Obras surgiam tecendo severas críticas ao ensino dos jesuítas – muitas escritas por padres, como o Pe. Fleury, em seu *Traité des études*, de 1686, que:

Protestava, a exemplo de Montaigne e de Descartes, contra a preponderância do espírito escolar e contra sua ineficiência absoluta na vida prática. O tratado acabava, em suma, pela condenação do *bel esprit* adquirido nos colégios e que não poderia servir senão aos padres ou aos professores. Concluía pela ruptura definitiva da identidade clássica entre humanista e *honnête homme* que, este, não deveria ser, doravante, mais que um homem hábil. Reclamava sólida formação geométrica e jurídica como base de uma honesta cultura teórica e prática (Mesnard, obra citada, p. 113).

O Pe. Navarre é mais agressivo:

Longe daqui esses legisladores da língua grega e da latina, tão próprios a assustar nossos jovens alunos. Que sejam banidos para sempre dos colégios essa coleção fastidiosa de preceitos, esses gelos da sintaxe, essas glosas que inundam as escolas e são capazes de extinguir todo o fogo do espírito francês!” e o orador se pronunciava com veemência em favor de uma educação nacional e enciclopédica (Mesnard, obra citada, p. 113).

Hoje decaiu a Pedagogia Católica, o espaço das escolas confessionais é circunscrito, e a educação pública se tornou laica por disposição legal.

Diante desse quadro, qual seria a possibilidade de se implantar a Pedagogia Espírita?

Nem é preciso descrever uma outra grande educação confessional, a protestante, para que se tenha a ideia da diferença entre as pedagogias religiosas do passado e a intenção de uma Pedagogia Espírita no presente. Naqueles séculos, o mundo ocidental era carente de escolas, colégios, universidades, o que não acontece atualmente, principalmente depois do grande processo de privatização do ensino, que grassa por todo o mundo. E também as religiões eram muito fortes no Estado e na sociedade.

Tomando-se o Brasil, tem-se uma estatística alarmante: mais de 70% das instituições de ensino superior são particulares. No nível do ensino de primeiro e segundo graus, o índice das escolas particulares é menor, mesmo porque o Estado, em cumprimento aos dispositivos legais, ainda mantém uma extensa rede escolar pública. Mas a tendência é de expansão da malha particular, pois o processo é recente, mal começou e está longe de se esgotar. A escola está se tornando uma empresa lucrativa; sofisticada-se cada vez mais, oferecendo um alto padrão e atividades diversificadas aos que podem pagar; por outro lado, adapta-se em preços e nível para atingir camadas econômicas mais baixas; pratica a competição, faz propaganda, ocupa a mídia e toma uma série de medidas a fim de mostrar serviço e se impor na sociedade.

A sociedade, que busca os meios de sobrevivência no sistema capitalista e convive com o desemprego, procura a escola com um objetivo específico: obter um produto que lhe permita a sobrevivência. O fim primeiro e último é o emprego, o concurso público, o vestibular, a universidade – tomando-se a educação como um dos meios de “vencer na vida”. Essas ideias são muito claras, em todos os níveis sociais. Trata-se da oferta de um produto, pelo qual se paga e pelo qual se obtém lucro.

Se a educação confessional do passado tinha um segundo objetivo (além da oferta do produto educação, com vistas à profissão, ao emprego, ao trabalho, à sobrevivência), de

cunho político-ideológico (doutrinar, ampliar-se, obter adesão, difundir-se, impor-se), qual seriam, atualmente, os interesses de uma pedagogia confessional? Mais especificamente: o da Pedagogia Espírita?

Comparativamente, o Espiritismo perde de longe para o Catolicismo e o Protestantismo em vários aspectos fundamentais: econômico, político, social, histórico, ideológico.

A Igreja Católica tem uma história de 2000 anos; o Protestantismo, de 500 anos; o Espiritismo, de 150 anos. Em termos de adesão, os católicos e os protestantes (evangélicos) são numericamente bastante superiores aos espíritas, em todo o mundo ocidental. Economicamente, a comparação também deixa em larga desvantagem o Espiritismo. A Igreja Católica é uma potência financeira; o Vaticano é um Estado; a riqueza e o poderio dessa igreja chegam a ser ostensivos aos olhos da sociedade, de tantos bens amealhados ao longo da sua história. Embora em proporções bem menores, a Igreja Protestante também é rica, ainda mais contando com a contribuição praticamente obrigatória (trata-se do dízimo estipulado pela Bíblia) cobrada dos fiéis de todos os níveis econômicos (a pessoa paga de acordo com suas posses). Quanto ao aspecto político, é historicamente registrada toda a trajetória da Igreja Católica e da Igreja Protestante em busca do poder, da hegemonia, da conquista de espaço social. São famosos os vultos que se destacaram em ambas, como são igualmente conhecidas as lutas (verdadeiras guerras com derramamento de sangue, mortes, assassinatos, perseguições, etc.) de ambos os lados. A Igreja Católica já dirigiu o Estado em diversos países, já determinou os rumos de grandes sociedades, e muitos soberanos exerciam seu poder despótico em nome de Deus, entronados pela Igreja Católica. O poder da Igreja Protestante, embora menor, também já foi decisivo. Aliás, ainda hoje é inquestionável que essas igrejas, principalmente a Católica, ainda exercem sua influência no Estado, em segmentos sociais, em instituições diversas e até nos dispositivos legais de muitos países. Finalmente, em termos ideológicos, os dogmas e doutrinas católicos e protestantes têm supremacia na sociedade, porque estão de acordo com a Bíblia, tanto no Velho quanto no Novo Testamento. O resultado é que, na área da educação, em muitas escolas, até hoje Darwin não conseguiu desbancar Adão e Eva. E no próprio meio social os temas bíblicos são tão polêmicos e geram tantos debates acalorados que muita gente sensata já estipulou que “religião não se discute”.

Em todos esses aspectos o Espiritismo perde de longe. Com apenas 150 anos de existência, nunca exerceu qualquer tipo de poder (tendo até sido colocado em uma espécie de ostracismo pela comunidade científica quando surgiu, no século XIX). O Espiritismo é, aliás, a negação de todos esses aspectos. Não cobra o dízimo, e os médiuns são incentivados a trabalhar de graça, sob a bandeira “dai de graça o que de graça recebestes”. A renda dos livros psicografados é revertida para a Fundação Espírita do Brasil, que a destina a obras diversas: construção e manutenção da sede e de centros espíritas, ajuda a diversas instituições de caridade, assistencialismo em geral, promoção de eventos, divulgação do Espiritismo, etc. Alguns centros espíritas pedem contribuições aos frequentadores para sua manutenção ou ajuda a comunidades carentes – “na medida do possível”, “com quanto você puder” –, outros nem isso. É possível frequentar um centro espírita assiduamente, durante décadas, sem nunca se saber quem o construiu, quem o sustenta, quem paga as contas de água e de luz, quem compra os copinhos descartáveis em que é servida a água fluidificada. Em muitos casos o presidente desembolsa de si para fazer frente a muitas despesas, e pessoas mais ricas tomam para si certos encargos, anonimamente. Com poucos adeptos no mundo (fora do Brasil, o país com o maior índice de espíritas), e em muitos lugares rechaçado, o Espiritismo não tem como influenciar governos, sistemas políticos, instituições de qualquer espécie. Ou seja, seu poder social, político, ideológico é praticamente nulo.

Diante disso, pergunta-se qual seria a viabilidade de implantação de uma Pedagogia ou Educação Espírita na rede escolar. Dois pontos de destacam nessa questão: a) Qual seria o objetivo do Espiritismo em querer desenvolver uma pedagogia; b) Qual é o interesse e necessidade da comunidade nesse projeto.

Católicos e protestantes tinham um interesse político-ideológico muito forte: fazer adeptos, doutrinar, vencer contendas religiosas, adquirir poder político e social. Em outras palavras: difundir a religião, implantá-la onde ela não existisse, expandir domínios e territórios. Mas o Espiritismo nem isso quer. Como diz De Marcio, a escola espírita deve apenas formar o homem moral, porque para ensinar a doutrina espírita existem os centros espíritas, essa incumbência é deles. Segundo Dora Incontri e De Marcio, a escola espírita não precisa nem deve falar em Espiritismo, deve ser ecumênica, aceitar e respeitar todos os credos religiosos. O espírita não tem o hábito de discutir religião, não se interessa em fazer adeptos ou convencer pessoas quanto a sua doutrina religiosa. Ele não bate de porta em porta, não faz pregações públicas com o fim de conquistar as pessoas de outras seitas. Não convida nem

insiste com pessoas de outras religiões para irem a um centro espírita, a fim de se converterem e mudarem de religião. E todas as publicações espíritas na mídia, palestras ou eventos têm um alvo específico: os espíritas. O espírita deixa que cada um decida por si, de acordo com seu livre-arbítrio (um dos conceitos mais batidos do Espiritismo), acreditando que “tudo tem a hora”, “tudo só acontece na hora certa”, “cada um tem um plano de vida estabelecido antes de reencarnar e vai segui-lo devidamente”, “cada um tem o seu carma a ser cumprido”, etc. Ou seja, nada deve ser forçado. Muito menos o credo religioso. Portanto não há campanhas espíritas de doutrinação. E jamais haverá uma guerra religiosa promovida por espíritas.

Quanto ao item “b” da questão, referente à sociedade, pode-se colocar em dúvida, no atual momento histórico-social, o interesse das pessoas em uma escola espírita – a não ser que a família já seja espírita e que a escola atenda aos interesses do momento. Evidentemente, populações carentes que recebessem educação de graça aceitariam de boa vontade qualquer escola, de qualquer religião, principalmente uma escola que lhes desse o máximo de assistência, ajuda na sobrevivência e ainda tivesse bom nível.

Mas até às famílias espíritas pode-se questionar: qual escola prefeririam, hoje, para a formação profissional dos filhos: um colégio de altíssimo nível, que puxasse bastante na parte cognitiva, nas disciplinas teóricas, na parte teórica, nos conteúdos, nas leituras didáticas e literárias, na prática da redação, nos exaustivos exercícios das várias disciplinas (Matemática, Física, Química, Geografia, História, Biologia, Língua Portuguesa, Literatura, língua estrangeira, etc.), aplicasse semanalmente o que se convencionou chamar de “simulado” (testes semelhantes a um vestibular) a fim de que os filhos fossem aprovados no vestibular de Medicina, Direito, Engenharia, Ciências da Computação, etc., ou um colégio que desse prioridade à formação do homem moral, não aplicasse provas nem fizesse cobranças, e usasse, regularmente, parte do tempo escolar dos alunos com visitas a hospitais, asilos, presídios, creches, com campanhas de arrecadação de roupas e alimentos, e com outras práticas da fraternidade, da caridade? Sim, deveria ser regularmente, porque, se fosse esporádica, a atividade não teria valor nem efeito educativo. E do mesmo modo, também com regularidade, deveriam ser praticadas todas as atividades fraternas na escola: sem competição, sem avaliações, todos se ajudando mutuamente, discussões e encenações teatrais acerca do sofrimento alheio, da prática do bem, do amor ao próximo, etc.

Em síntese: a sociedade atual quer a Pedagogia Espírita nos moldes apresentados por Dora Incontri, Herculano Pires, Eurípedes Barsanulfo, Ney Lobo, Vinicius, De Marcio e outros?

O Espiritismo não é uma religião com tradição hierárquica, com títulos e postos. Não tem papas, cardeais, bispos nem pastores. Não se faz curso de Teologia para conseguir um título ou posto no Espiritismo. O Espiritismo não é um corpo organizado. Nem é preciso se cadastrar, solicitar licença ou atender a qualquer formalidade legal para se abrir um centro espírita: qualquer que queira e se disponha pode fazê-lo. Qualquer um que tenha o dom da fala pode ser orador espírita. Do mesmo modo qualquer um pode ser médium, bastando que tenha o dom mediúnico. O presidente do centro espírita é aquele que se dispuser a sê-lo. Criam-se diretorias internas mais para que se organizem melhor os trabalhos. À medida que o centro cresce, criam-se, livremente, estatutos, regulamentos, comissões, etc. Líderes surgem espontaneamente, atividades são propostas e executadas voluntariamente. O Espiritismo é uma religião sem formalidades, é uma religião de voluntários, da boa vontade, do trabalho gratuito.

Sem corporativismo; sem um órgão centralizador; sem licenças, autorizações e cadastramentos oficiais; sem hierarquias e cargos; sem uma autoridade responsável; sem uma instituição que determine regras, faça atribuições, realize cobranças e fiscalizações; sem poder político; sem recursos financeiros; sem tradição ideológica, social e histórica; sem grande aceitação na sociedade (é uma religião de poucos); enfim, sem todo o aparato da Igreja Católica, por exemplo, como conseguir unidade no Espiritismo a fim de que se crie uma Pedagogia Espírita e se execute a mesma?

Uma pedagogia precisa da teoria e da prática para constituir-se como tal. A prática das ditas “escolas espíritas” existentes hoje não atende aos requisitos propostos por Dora Incontri, De Marcio e outros que escrevem nessa área. Por outro lado, se se questionar sobre a teoria que embasa as mesmas, o que se vai encontrar é o ensino público praticado na rede pública. Proibidas pela lei de falar em religiões específicas, as atuais escolas espíritas têm mais um cunho assistencial – e abordam, em grau menor ou maior, os temas da caridade e do amor ao próximo.

De Marcio pretende que a obra *Filosofia Espírita da Educação e Suas Consequências Pedagógicas e Administrativas*, de Ney Lobo, seja o manual básico que daria sustentação a um projeto de Pedagogia Espírita para todo o Brasil – à semelhança do *Ratio Studiorum* da Pedagogia Jesuíta. Porém ele se esquece de que não existe uma Companhia de Jesus e todo um séquito de padres controlados por um papa para executar o *Ratio*. Acredita que a teoria já esteja pronta e conclama “homens de boa vontade” para aplicá-la. Sem a prática não se chega à práxis, que é a prática como produto da reflexão da própria prática com base em uma teoria. O *Ratio* passou por diversas reescrituras e edições, reformulando-se a partir da prática dos jesuítas em centenas de colégios. A religiosidade imperava naquele tempo histórico. Os alunos pagavam pela sua educação. Ou seja, havia todas as condições propícias para a atuação e o sucesso de uma educação religiosa. A Companhia de Jesus foi a ponte adequada entre a Idade Média e o mundo moderno que surgia com o Renascimento, conciliando a fé dogmática com o conhecimento dos clássicos – foi uma atitude apaziguadora em um momento histórico que exigia essa tendência.

Os propositores atuais da Pedagogia Espírita pretendem que o Estado assuma tal educação. Acontece que a escola pública é laica, como está na Constituição do Brasil. E tem um programa e um currículo a seguir, determinado pelo Ministério da Educação e Cultura. Os funcionários da escola, de todos os cargos (diretor, supervisor, professor, secretária, merendeira, limpadeira, vigilante, etc.) são funcionários públicos concursados, de qualquer seita religiosa, com horário a cumprir e chefes a obedecer. Essas escolas estão sob o comando da Secretaria Estadual de Educação e da Secretaria Municipal de Educação de cada estado e cada município. E as secretarias prestam contas, em todos os aspectos, ao governador e ao prefeito de cada estado e município. O Estado brasileiro não vai assumir, no presente momento histórico, a escola religiosa, mesmo ecumênica, para a formação do homem moral, do homem de bem.

Por sua vez, a rede privada “vai muito bem, obrigada”, com sua ideologia, seu método, seu programa, seus clientes, sua riqueza material.

De Marcio, Dora Incontri e outros da mesma tendência esquecem que a sociedade precisa solicitar e ao mesmo tempo estar pronta para receber uma mudança; na verdade é a sociedade com sua vontade e sua prontidão que faz a mudança – e as mudanças são lentas. A atual sociedade capitalista não está solicitando uma escola religiosa só porque o mundo está

cheio de violência, caiu no niilismo, há muitos crimes, o sexo é livre e promíscuo e provoca doenças, o ateísmo cresce, o uso das drogas aumenta a cada dia, etc.

As soluções para esses problemas deverão nascer no seio da sociedade. A globalização está revelando problemas e soluções. Há movimentos pacifistas e ecológicos, há ONGs, há reuniões de países para discutirem a economia e os problemas climáticos do planeta. Mas também continuam as guerras. O policiamento aumenta, bem como os presídios de segurança máxima. Surgem grupos extremistas de extermínio ao lado de campanhas e leis contra as discriminações. A mídia denuncia; governos reagem, atendendo ou não. O capitalismo avança enquanto continuam a existir as favelas, os desabrigados, os mendigos, a fome, a sede.

Não há, hoje, espíritas de “boa vontade” em número suficiente para aplicar a Pedagogia Espírita de Ney Lobo. Até porque o espírita é também um homem dividido, entre o céu e a terra, à semelhança do homem barroco, só que em outro sentido. O espírita faz a sua parte, freqüentando os centros, estudando as obras básicas do Espiritismo, fazendo a caridade e praticando a sua reforma íntima, porque ele acredita que “se não for por amor vai pela dor”. Mas ele espera mesmo é de Deus a grande reforma social, com a elevação do planeta ao nível de regeneração, o que já começou a acontecer no terceiro milênio – segundo a própria crença espírita. E se o Espiritismo não prega a pedagogia, mas a reforma íntima, a comunidade espírita brasileira, no seu todo, na sua grande maioria, não está preocupada com a escola e sim com a caridade – e mesmo com a família, pois Deus perguntará um dia a cada pai: “Que fizeste com o filho que te emprestei?”. Ou seja, envolvido com sua evolução individual e com as tarefas e estudos dos centros espíritas, a comunidade espírita procura as boas escolas laicas, capitalistas, materialistas existentes a fim de que seus filhos possam se firmar no mercado de trabalho – e a fé, o ensinamento religioso, a caridade, enfim, todos os princípios do Espiritismo são transmitidos aos jovens na família e nas casas espíritas, que possuem trabalhos e atividades destinados às crianças e à juventude.

Portanto o projeto teórico da Pedagogia Espírita pode não encontrar ressonância na sociedade, nem se concretizar na prática – pelo menos por enquanto. Com toda a sua pesquisa acadêmica e sua exposição sobre o Espiritismo e a Pedagogia Espírita, Dora Incontri pretende implantar na sociedade o que ela denominada a “emersão do paradigma do espírito”, que se apresentou como uma nova realidade humana a partir do Espiritismo.

CONCLUSÃO

O próprio Allan Kardec, o codificador, disse que o Espiritismo não é uma novidade. Os Espíritos existiram desde sempre. Bem como a sua manifestação. A própria Bíblia se assemelha a uma sessão mediúnica do começo ao fim, com muitos anjos do Senhor descendo à terra constantemente e se comunicando com os homens, e também com o próprio Senhor aparecendo aos profetas, falando com eles, alimentando-se com eles, quase como de igual para igual em certos aspectos – e de certa forma eram realmente iguais, pois todas as aparições eram simplesmente de Espíritos desencarnados, que manuseavam diferentemente a matéria perispirítica a fim de se apresentarem com o aspecto visual que desejassem (de anjos com asas; de lindos jovens angelicais sem asas; de imagem resplandecente e ofuscante, que cegava os olhos de quem ousasse fitá-la; de um nobre ancião com longas barbas, para representar o Senhor; etc.). Eram Espíritos superiores, encarregados pela espiritualidade superior de implantar no planeta a ideia do monoteísmo. Eles possuíam (e possuem até hoje) inclusive o poder de ingerir alimentos materiais (ou de simular fazê-lo, por um tipo de gesto hipnótico magnetizador), usando as suas forças mentais e o livre manuseio do seu perispírito. Essa foi a forma usada pela espiritualidade superior para atingir os homens incrédulos, simples, ignorantes e mesmo rudes daqueles tempos.

As bases espiritualistas e reencarnacionistas do Espiritismo também não são novidade, pois se encontram há milênios nas seitas orientais. O que distingue o Espiritismo e o torna único é a associação de tais princípios com o Cristianismo, e ainda o longo e profundo estudo realizado por Kardec a fim de provar com fatos, dados, documentos, observação direta, experimentação, relatos de diversas pessoas idôneas em várias partes do mundo e o registro dos diálogos com os Espíritos através de médiuns – daí o teor científico do Espiritismo – os fenômenos da mediunidade e da manifestação dos Espíritos, como fatos naturais, como um aspecto da natureza que a ciência “séria” ainda não comprovou (mas que ainda vai comprovar, acreditam os espíritas).

Por outro lado, a Bíblia também está repleta de demônios, que perturbam as pessoas, causando-lhes todo tipo de problemas e doenças; que tentam Jesus ou são por Ele expulsos, em verdadeiras sessões mediúnicas de desobsessão. Na visão espírita, Jesus foi o maior médium de todos os tempos do planeta Terra, porém, mesmo que suas atividades espirituais (ressurreição de mortos; expulsão de demônios; levitação; multiplicação de alimentos; transfiguração; cura de doentes; diálogo com entidades espirituais e com o Pai; jejum prolongado; lágrimas de sangue; precocidade de conhecimento pela sua idade; etc.) estejam descritas na Bíblia, sendo do conhecimento de todas as seitas religiosas atuais, as concepções do Espiritismo acerca do fenômeno mediúnico de Jesus Cristo (considerando-o legítimo e natural) são vistas com preconceito e repúdio por tais seitas, principalmente as Protestantes (atualmente autodenominadas de “Evangélicas”) – em atitude incoerente, pois os católicos fazem exorcismos, enquanto os evangélicos realizam expulsão de demônios e “sessões de descarrego”, que são, em última análise, formas de contato com entidades espirituais.

Kardec compreendeu tão bem o Espiritismo, na convivência com os Espíritos, que chegou a um nível de conhecimento suficiente o bastante que lhe proporcionasse produzir obras não psicografadas e a fazer qualquer observação ou comentário sobre questões espíritas. E para os espíritas não existe a menor dúvida de que ele (Kardec) tenha sido enviado em missão, no devido tempo, dentro do plano estabelecido pela espiritualidade superior (que atua sob as ordens de Jesus, o governador do planeta), para codificar a Doutrina Espírita – criação e obra dos Espíritos e não de Kardec.

Se a matriz epistemológica do Espiritismo como ciência é o Positivismo, os seus fundamentos filosóficos estão em Platão, Sócrates e Aristóteles, com os preceitos morais, a máxima da virtude, o conceito do homem de bem – que é a filosofia de Jesus Cristo.

De tríplice aspecto – religião, filosofia e ciência –, o Espiritismo é tido como “o consolador” prometido por Cristo, conforme o que ditaram os Espíritos, e mais especificamente o “Espírito de Verdade”, que esteve junto com Kardec durante os anos de sua pesquisa experimental sobre os comunicados mediúnicos e a codificação da Doutrina Espírita.

No aspecto religioso, o Espiritismo é considerado como a terceira revelação da lei de Deus, dentro de uma classificação tradicional na literatura espírita. O princípio das três

revelações das leis de Deus descreve uma trajetória de progresso da humanidade no campo da religiosidade e do desenvolvimento espiritual. As revelações divinas são tidas como verdades incontestáveis pelos que professam a crença religiosa inaugurada com os profetas antigos e descrita na Bíblia Sagrada. Essa evolução espiritual da humanidade vai da barbérie ao supremo amor, caridade, pacifismo pregados por Cristo. Ao tempo de Moisés ainda predominava um grande estado de ignorância, tanto que ele teve que usar da força e do temor para que o povo abandonasse o bezerro de ouro (uma alegoria do politeísmo, do paganismo, da idolatria às coisas materiais). Na época de Moisés ainda prevalecia a pena de talião, com a máxima “olho por olho, dente por dente”. As hordas primitivas e pagãs ainda vagavam, sem destino fixo, pela superfície do planeta.

A primeira revelação teria sido aquela anunciada por Moisés, figura dominante, na Bíblia Sagrada, do Velho Testamento. Moisés recebeu as leis de Deus no Monte Sinai, iniciando assim o monoteísmo na Terra. Sua missão era disciplinar o povo, revelar a existência de um Deus único, anunciar a continuidade da vida além da morte, mostrar as penas e recompensas que esperavam o homem após a morte. Na primeira revelação bastava que se anunciasse a existência do lado espiritual do homem, além da matéria, mesmo que o homem tivesse uma única vida. Para além dessa vida, havia um Deus à espera do espírito para puni-lo ou recompensá-lo de acordo com os seus atos enquanto vivo na Terra.

A segunda revelação foi trazida por Jesus Cristo, personagem central do Novo Testamento. Jesus inaugura a era do amor – o amor ao próximo, o amor universal, o amor fraterno, o amor junto com a caridade, o amor inclusive às pessoas consideradas más, que devem ser perdoadas infinitas vezes. Escreve Allan Kardec em uma expressiva metáfora: “Quando Jesus pronunciou a divina palavra – amor, os povos sobressaltaram-se e os mártires, ébrios de esperança, desceram ao circo” (Kardec, ESE, 2006, p. 205).

O Espiritismo é, então, para seus adeptos e de acordo com revelações dos Espíritos, desde Kardec, a terceira revelação. A terceira revelação não está centrada em uma figura de destaque, como foram Moisés e Jesus. Não se trata, pois, de um ensinamento individual, mas coletivo. São centenas, milhares de Espíritos superiores que transmitem, através dos médiuns, as novas leis, que agora já podiam ser reveladas. Os captadores dessas mensagens também são milhares, os médiuns espalhados pelo planeta, de diferentes níveis culturais e econômicos. Kardec foi escolhido, na França, no século XIX (mais

especificamente, em 1854), para sistematizar esse novo corpo doutrinário. Segundo o Espiritismo, os Espíritos vieram revelar a verdade total, que não podia ter sido mostrada antes. Eles trouxeram a fé iluminada pelo raciocínio (não se tratava mais da fé cega), mostrando ao homem a sua transcendência. O homem não precisava mais temer, nem crer sem compreensão. Agora era-lhe revelado por que crer e amar, o que tornava mais fácil, lógica e amena a obediência às leis divinas – aliás, o que tornava prazeroso seguir tais leis, e inclusive tirava-lhes o teor negativista de leis (geralmente impostas). Em outras palavras: o fim a ser alcançado era o estágio do amor sincero, puro, desinteressado, real, tal como o praticara Jesus.

A comprovação da possibilidade de comunicação com os seres do mundo espiritual, pela mediunidade, foi a maior garantia que se podia oferecer ao homem da existência do mundo extrafísico, da justiça divina, dos laços afetivos, da vida eterna, da importância de se preparar na vida terrena as condições de felicidade atual e futura. Portanto o tema da morte muda com o Espiritismo, sob o anúncio de que a morte não existe, de que o Espírito é eterno, de que a pessoa continua sendo ela mesma, em vidas sucessivas, acumulando experiências, aprendizagens, sentimentos, em constante evolução. A vida futura já não é mais vaga, não é mais uma simples conjectura. É certeza e é concreta.

Portanto o Espiritismo é dialético, no sentido de mudança, movimento, transformação, dinâmica, evolução contínuos do Espírito, que é o mesmo e apenas muda de feição física a cada roupagem carnal. Assim, a reencarnação, com o princípio das vidas sucessivas (do mesmo Espírito) é a principal pedra-de-toque da terceira revelação, seguida da mediunidade, uma concessão de Deus ao homem para que ele pudesse entrar em contato com a nova realidade revelada. Estudos históricos relatam práticas mediúnicas nas comunidades mais primitivas, portanto a mediunidade não chega a ser no Espiritismo algo absolutamente novo. No entanto, as circunstâncias em que o fenômeno ocorreu no século XIX, em pleno movimento científico positivista, na forma em que aconteceu (muitos casos em diversos países ao mesmo tempo), e recebendo a investigação de monta que Kardec realizou, esse conjunto de peculiaridades é que faz com que se passe a enxergar e compreender o processo mediúnico, bem como a praticá-lo. Tal prática no início era vigiada e condenada, sob o imperativo dogmático de outras religiões e de autoridades públicas e eclesiásticas, de forças militares e autoritárias, de segmentos fundamentalistas, que agiam em nome de tradições, sectarismos, preconceitos e intolerância – as mesmas razões subjetivas e ideológicas que provocaram ao longo da história verdadeiras guerras religiosas. Porém, nos dias de hoje, a

mediunidade é praticada no Brasil abertamente, sem as restrições de outrora, podendo as casas espíritas ostentar em suas fachadas o credo religioso professado, a exemplo de qualquer religião.

A terceira revelação não diminui o poder de Deus nem nega o Evangelho de Cristo. Ao contrário, engrandece um e outro, na medida em que engrandece o homem, pois quanto maior a criatura maior é o criador. Ao colocar as novas leis (imortalidade do Espírito, reencarnação, eternidade, perfeição do espírito, etc.) na natureza, ocorre uma ampliação desta com o conseqüente aumento da magnitude de Deus – que continua um mistério mesmo no âmbito do Espiritismo, e é definido apenas como a causa primária de todas as coisas. O Evangelho torna-se mais inteligível, as alegorias e parábolas de Cristo ficam mais claras. O próprio Cristo se torna mais aceitável, próximo e compreensível – os espíritas dizem, mesmo, que Jesus foi um grande médium, um grande magnetizador e hipnotizador (o que Moisés também foi). Os espíritas consideram, simbolicamente, que o Espiritismo (ou a terceira revelação) significa a volta ou a presença viva de Cristo na terra depois de dois mil anos.

Segundo Kardec, o elemento que concede maior crédito ao Espiritismo é seu caráter científico, que se manifesta em dois aspectos: primeiro, a forma como ele forme elaborado e codificado; em segundo lugar, vem a cientificidade do seu conteúdo.

Nascido no século XIX, na efervescência de um mesclado de ideias políticas, sociais, filosóficas inovadoras, o Espiritismo significou o coroamento impactante da fusão entre espiritualismo e cientificismo. Definindo o seu método de pesquisa como positivo, Kardec trabalhou com o máximo de rigor e seriedade criteriosa ao se debruçar sobre os fenômenos mediúnicos espíritas. Era o século de Comte com sua teoria dos três estados pelos quais passou a humanidade em busca do conhecimento. Do *estado teológico* (a origem do conhecimento é Deus), passando pelo *metafísico* (a mente humana busca, abstratamente, através de especulações e conjecturas a substância das coisas tomadas ontologicamente), Comte atinge o *estado positivo*, no qual predomina o caráter empírico e sensível de observação experimental para se fazer ciência: a análise descritiva positiva do fato.

Assim, a terceira revelação das leis de Deus representou, no trabalho de Kardec, o caráter científico do estado teológico. A presença do fato mediúnico deu oportunidade a que se pudesse fazer uma pesquisa empírica de base científica sobre um objeto até então

desconhecido (o Espírito desencarnado) mas de presença ostensiva e inegável, configurando uma outra lei da natureza. A descoberta do mundo invisível (mundo espiritual), constatado indutivamente em uma década e meia de pesquisa, conferiu ao Espiritismo o foro científico de que necessitava a entidade divina para se alojar como verdade num período em que o homem se debatia em muitos questionamentos de toda ordem.

Embora o Espiritismo revele o mundo transcendental (em certo sentido confundido com a metafísica), Kardec não executou um salto sobre o pensamento metafísico, ligando os polos mais extremos do processo do conhecimento, cientificizando o elemento divino, ou seja, ele aplicou o estado positivo para descrever e compreender uma realidade teológica. Portanto, Kardec não fez metafísica, uma vez que o Espírito desencarnado (o seu objeto de pesquisa) se mostrava real e concreto.

Num primeiro momento das suas investigações, Kardec raciocinou partindo, dedutivamente, dos efeitos para a causa, pressupondo que efeitos inteligentes (movimentos de objetos que obedeciam a um código humano de comunicação) só poderiam ter uma causa inteligente, que ele considerou como a alma dos mortos. No entanto, logo veio uma segunda fase em que os próprios espíritos se manifestavam pela psicografia ou psicofonia ditando as leis de uma nova doutrina religiosa e filosófica. Kardec descobria então uma nova faceta da realidade natural do mundo – o mundo dos Espíritos é apenas a continuidade do mundo material. Pelas suas pesquisas e declarações dos Espíritos que o mundo é um só, porém dividido em dois em razão da energia que os compõe, uma energia materializada e uma energia sutil.

Na condução de suas pesquisas, o codificador não lançou hipóteses a serem controladas e testadas, com vista à comprovação de um problema previamente questionado – fato que leva a considerá-lo como um transgressor em relação ao método tradicional positivista. Sua transgressão ao positivismo estende-se ainda e principalmente ao seu objeto de pesquisa (o Espírito desencarnado), tido como atípico e *sui generis* pelos padrões normais de um cientista eleger o foco de seus estudos. O que conferiu mais autoridade de ciência ao Espiritismo foram algumas características específicas do seu trabalho, como a universalidade e a generalidade dos fatos mediúnicos, expressos em grande quantidade de comunicações espíritas em diversos lugares e classes sociais, ocorridas de forma semelhante com diferentes médiuns.

No aspecto filosófico, a ideia nuclear do Espiritismo é o registro do ensino moral ditado pelos Espíritos do mundo invisível, com base nas lições de Cristo acerca do bem, do amor, da caridade, da igualdade, da fraternidade, da evolução do homem pelas vidas sucessivas reencarnatórias e o seu esforço íntimo de desenvolvimento evolutivo.

O ponto alto da filosofia espírita é a educação moral do homem, por força da aquisição de bons hábitos, do domínio dos instintos negativos, da prevalência de sentimentos nobres, condições necessárias para se alcançar a perfeição espiritual.

O Espiritismo em seu aspecto filosófico é tributário, como o próprio Kardec o colocou, de Sócrates e Platão quanto à concepção moral e ética do ser humano. Porém a grande base da filosofia apontada por Kardec é a de Jesus Cristo, repetida nos ditados dos Espíritos, consolidada nos princípios religiosos do Cristianismo primitivo e puro, como pregou Jesus. Trata-se portanto de uma filosofia moral religiosa.

Assim é que, dentre os princípios do Espiritismo, destaca-se, ao lado da caridade, a educação moral, a autoeducação, a educação do Espírito (a reforma íntima) individual, que tem relação direta com o livre-arbítrio e o carma, e representa a missão do Espírito imortal em direção à verdade, à perfeição, à luz, ao Pai. Essa é a verdadeira meta educativa do espírita, com vista ao atingimento da perfeição espiritual do homem.

O ideal de se buscar a perfeição espiritual do homem chegou, com alguns espíritas brasileiros, às salas de aula de crianças e adolescentes. Sabe-se que os outros dois grandes segmentos religiosos cristãos ocidentais, o Catolicismo e o Protestantismo, criaram tendências pedagógicas, erguendo escolas e colégios pelo mundo todo. Essa, porém, não foi uma pretensão de Kardec, apesar de Hippolyte León Denizard Rivail ter sido pedagogo. Ou seja, o Espiritismo, no seu país de origem, não se enveredou pela educação oficial – o que se deu no Brasil, considerado o país mais espírita do mundo. A experiência brasileira, contudo, no seu todo, teve dimensões reduzidas no tempo e em números defensores e praticantes.

Embora sem tradição na pedagogia escolar, o Espiritismo brasileiro chegou a produzir algumas poucas experiências isoladas de colégios espíritas, construídos e mantidos por pessoas abnegadas que acreditavam na educação religiosa da criança e do adolescente

como ponto de partida para a formação de uma sociedade melhor, mais justa, mais feliz. No entanto essas iniciativas não foram levadas avante, por falta de seguidores e de recursos financeiros. Ou seja, não existem mais esses antigos educandários, que se fecharam com a morte ou desistência de seus criadores, sem que seus ideais tenham sido absorvidos ou pelos poderes públicos ou por segmentos privados que os levassem avante.

O ideário motivador desses empreendimentos foi o mesmo que perpassou todo o movimento espírita de modo geral, cujos seguidores repetiram sempre as ideias de alguns filósofos e educadores humanistas: Comenius, Rousseau e Pestalozzi, chamado por Dora Incontri como pedagogos cristãos não-ortodoxos.

Após essas experiências de certa forma bem-sucedidas, atualmente alguns espíritas tentam resgatar e propor um programa de Pedagogia Espírita, com base nos mesmos princípios subjacentes tanto naquelas práticas pedagógicas quanto em todas as reflexões espíritas: o amor fraterno, a evolução espiritual, a convivência respeitosa e harmoniosa, a elevação moral, a formação do homem integral, a construção da consciência para o bem, a prática da caridade, a igualdade entre as pessoas, a liberdade de pensamento e ação, o comportamento ético, as atitudes enobrecedoras, etc. Além desses valores, a Pedagogia Espírita almeja ainda os objetivos educacionais programáticos que proporcionem conteúdos didáticos e a formação profissional, como as demais escolas oficiais do país, dentro de propostas educativas construtivistas, democráticas, libertadoras, formadoras do homem e do cidadão.

Assim, hoje, entre o ensino privado, cada vez mais próspero e empresarial, de grande sucesso entre as elites, e a escola pública cada vez mais decaída, pensadores espíritas enxergam uma terceira via para a área escolar: a Pedagogia Espírita. A Pedagogia Espírita seria a educação para a caridade, a fraternidade, o amor. E prepararia o homem imortal, universal, interexistente, intergaláctico, interestelar.

No entanto, apesar da teoria enaltecida, esses autores não apontam a viabilização prática do projeto, que esbarra numa série de obstáculos, como a falta de consistência da proposta, a fluidez do programa, a inexistência de recursos financeiros, a carência de recursos humanos adequados, a falta de uma prática escolar espírita que possa embasar uma práxis nos moldes apresentados, e principalmente o desinteresse da Federação

Espírita Brasileira (FEB) por tal projeto. Se a FEB abraçasse a ideia, provavelmente a Pedagogia Espírita poderia se tornar uma realidade, tal como aconteceu com outras propostas pedagógicas confessionais (católicas e protestantes), cujas congregações superiores hierárquicas do credo professado não mediram esforços para levar adiante sua ideologia religiosa a toda a sociedade por meio de suas igrejas e também de suas escolas.

A situação da Pedagogia Espírita brasileira, no entanto, é diferente. Seus idealizadores esperam que a proposta seja acatada pelo poder público – o que não aconteceu com outras experiências escolares confessionais, cujas escolas eram e continuam sendo privadas –, até porque, sob a bandeira da igualdade e fraternidade, a escola espírita seria gratuita, exigindo assim o financiamento pelo Estado. Ocorre, porém, que as políticas públicas para a educação já estão elaboradas e em funcionamento, sob as normas, as estruturas, a definição e o abrigo do próprio Estado – que inclusive propõe legalmente a escola laica. Então o que se tem é que alguns intelectuais espíritas idealizaram uma proposta, na teoria, sem terem o mínimo de condições e perspectivas da sua implementação, deixando para que outros a concretizem.

Um outro aspecto a se pensar sobre a Pedagogia Espírita é o da sua identificação religiosa perante a sociedade, porque os atuais idealizadores desejam uma escola ecumênica, que agrade a todos os credos religiosos, sem imposição sectarista ou declaração aberta de que se trata de uma escola espírita. A experiência pedagógica de Eurípedes Barsanulfo só logrou sucesso quando ele, encorajado, segundo seu relato, pela Virgem Maria, abriu o Colégio Espírita Allan Kardec. Se o educando é um espírito reencarnado (segundo o Espiritismo), e a conscientização do princípio reencarnatório é o ponto alto na formação e busca da evolução do ser, então pode-se considerar que o fundamento de uma Pedagogia Espírita pressupõe necessariamente o paradigma da reencarnação.

Diante disso, as atuais propostas da Pedagogia Espírita esbarram em vários elementos complicadores: a questão financeira, o assentimento da instituição espírita maior (FEB), o recrutamento de recursos humanos, a estruturação de espaço físico, e principalmente (o que é um paradoxo, considerando-se o ecumenismo) a falta de autoidentificação como instituição espírita.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABBAGNANO, Nicola. *Historia da Filosofia*. Lisboa: Ed. Presença, 1984.
- ALVES, Walter Oliveira. *Educação do espírito: introdução à pedagogia espírita*. São Paulo: IDE, 2001.
- ARANA, Hermas Gonçalves. *Positivismo: reabrindo o debate*. Campinas: Autores Associados, 2007.
- ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. Os pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 1987.
- BACHELARD, Gaston. *A formação do espírito científico: contribuição para uma psicanálise do conhecimento*. Trad. Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.
- BACHELARD, Gaston. *O racionalismo aplicado*. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.
- BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulinas, 1999.
- BIGHETO, Alessandro Cesar. *Eurípedes Barsanulfo: um educador de vanguarda na Primeira República*. Bragança Paulista, SP. Editora Comenius, 2006.
- CAMARGO, Pedro de (Vinicius). *Na escola do mestre*. São Paulo: FEESP, 1981.
- CHÂTEAU, Jean (org.). *Os grandes pedagogistas*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1978.
- COLOMBO, Cleusa Beraldi. *Ideias sociais espíritas*. São Paulo: Comenius e IDEBA, 1998.
- COMTE, Augusto. *Curso de filosofia positiva. Discurso sobre o espírito positivo e Catecismo positivista*. Trad. José Arthur Giannotti. Os pensadores. São Paulo: Abril s.a. Cultural e Industrial, 1973.
- CONSULEX, Revista Jurídica. *Psicografia como prova judicial*. Ano X, n. 229, julho/2006.
- CURTI, Rino. *Espiritismo e reforma íntima*. São Paulo: FEESP, 1979.
- DE MARIO, Marcus Alberto. *Visão espírita da educação*. São Paulo: O Clarim, 1999.
- DENIS, Léon. *Socialismo e Espiritismo*. São Paulo: O Clarim, 1987.
- ECO, Umberto. *Como se faz uma tese*. São Paulo: Perspectiva S/A. 1996.
- FACURE, Núbior O. *Muito além dos neurônios*. São Paulo: Perspectivas s.a., 1996.
- INCONTRI, Dora. *A educação segundo o Espiritismo*. São Paulo: Ed. Feesp, 1997.
- INCONTRI, Dora. *Pedagogia Espírita – um projeto brasileiro e suas raízes*. Bragança Paulista, SP: Comenius, 2004.
- KARDEC, Allan. *O livro dos Espíritos*. Trad. Guillon Ribeiro. Rio de Janeiro: FEB, 2007.
- KARDEC, Allan. *O livro dos Médiuns*. Trad. Guillon Ribeiro. Rio de Janeiro: FEB, 2007.

- KARDEC, Allan. *O Evangelho segundo o Espiritismo*. Trad. Guillon Ribeiro. Rio de Janeiro: FEB, 2006.
- KARDEC, Allan. *Obras Póstumas*. Rio de Janeiro: FEB, 2006.
- KARDEC, Allan. *O Céu e o Inferno*. Rio de Janeiro: FEB, 2007.
- KARDEC, Allan. *A gênese*. Rio de Janeiro: FEB, 2007.
- KARDEC, Allan. *O que é o Espiritismo*. Rio de Janeiro: FEB, 2006.
- KARDEC, Allan. *Revista Espírita*. 12 volumes (1858-1869). Trad. Júlio Abreu Filho. São Paulo. São Paulo: Edicel, 1968 a 1976.
- LAUCAS, Marco Túlio. *A ciência procura por Deus*. Revista Presença Espírita. Salvador, BA: Leal, jan/fev. 2002. p. 29 a 33.
- LIBÂNEO, José Carlos. *Fundamentos teóricos e práticos do trabalho docente: estudo introdutório sobre pedagogia e didática*. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo: São Paulo, 1990. (Mimeo).
- LIBÂNEO, José Carlos. *Pedagogia e pedagogos, para quê?* S. Paulo: Cortez, 2008.
- LOBO, Ney. *Filosofia espírita da Educação e suas consequências pedagógicas e administrativas*. Rio de Janeiro: FEB, 1990. Volumes 1 a 5.
- LOBO, Ney. *Espiritismo e educação*. Vitória: FESPE, 1995.
- MENEZES, Lydienio Barreto de. *A educação à luz do Espiritismo*. Rio de Janeiro: Edições Léon Denis, 2006.
- MEYLAN, Louis. *Os grandes pedagogistas*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1978.
- MESNARD, Pierre. *Os grandes pedagogistas*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1978.
- MICHAELUS. *Magnetismo espiritual*. 7. ed. Brasília: FEB, 1995.
- MIRANDA, Hermínio. *Nossos filhos são Espíritos*. Rio de Janeiro, Arte e Cultura, 1991.
- MORAIS, Regis de. *Espiritualidade e educação*. Campinas, SP: Centro Espírita “Allan Kardec”, departamento editorial, 2002.
- MOREAU, Joseph. *Os grandes pedagogistas*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1978.
- MORENTE, Manuel García. *Fundamentos de filosofia – lições preliminares*. 4. ed. São Paulo: Mestre Jou, 1970.
- NOUSIAINEN, Saara. *O espiritismo em época de transição*. Fortaleza: CE: Edições Caminhos de Harmonia, 2008.
- NOVELINO, Corina. *Eurípedes, o homem e a missão*. Araras: IDE, 1981.
- OLIVEIRA, Jorge Leite de. *Texto acadêmico: técnicas de redação e de pesquisa científica*. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.
- PENNA, J. B. Damasco. *Os grandes pedagogistas*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1978.
- PIRES, J. Herculano. *Introdução à filosofia espírita*. São Paulo: Paideia, 1983.
- PIRES, J. Herculano. *Pedagogia Espírita*. São Paulo: Edicel, 1985.
- PLATÃO. *Fédon*. Tradução: Heloísa da Graça Burati. São Paulo: Rideel, 2005.
- REIS, Linda G. *Produção de monografia: da teoria à prática*. Brasília, DF: Editora Senac, 2006.
- RIBEIRO JÚNIOR, João. *O que é positivismo*. São Paulo: Brasiliense, 2006.

- RIVAIL, Hippolyte Léon Denizard. *Textos pedagógicos*. Tradução Dora Incontri. São Paulo: Comenius, 1997.
- RIVAIL, Hippolyte Léon Denizard. *Plano proposto para a melhoria da educação pública*. Tradução Albertina Escudeiro Seco. Rio de Janeiro: Edições Léon Denis, 2005.
- SANTOS, Boaventura de Souza. *Introdução a uma ciência pós-moderna*. Rio de Janeiro: Graal, 1989.
- TEIXEIRA, J. Raul. *Educação e vivências*. Niterói, RJ: Fráter, 2004.
- TERNES, José. *Mesa-Redonda com François Delaporte – entrevista*. O texto foi estudado em sala de aula do curso de Mestrado em Educação, Goiânia, GO, 2º semestre de 2006, s/d.
- TERNES, José. Bachelard e a ciência moderna. *Bachelard e o pensamento moderno*. O texto foi estudado em sala de aula do curso de Mestrado em Educação, Goiânia, GO no 2º semestre de 2006, s/d.
- TERNES, J. . *Michel Foucault e a Idade do Homem*. 2ª. ed. Goiânia: Ed. da UCG: Ed. da UFG, 2009
- TERNES, J. . Bachelard e a noção de objeto científico.. *Inter-Ação*, Goiânia, v. 2, p. 31-52, 1976.
- TRIVIÑOS, Augusto N. S. Três enfoques na pesquisa em Ciências Sociais. In: *Introdução à pesquisa em Ciências Sociais*. São Paulo: Atlas, 1987.
- WANTUIL, Zêus & THIESEN, Francisco. *Allan Kardec: o educador e codificador*. Rio de Janeiro: FEB, Vol. I e II., 2004.
- WANTUIL, Zeus & THIESEN,. Francisco. *Allan Kardec*. 3 vol. Rio de Janeiro: FEB, 1979.
- XAVIER, Chico. *Brasil, coração do mundo, pátria do evangelho* (pelo espírito Humberto de Campos). Rio de Janeiro: FEB, 1977.
- XAVIER, Chico. *O consolador* (pelo espírito Emmanuel). Rio de Janeiro: FEB, 1977.
- XAVIER, Chico. *A caminho da luz* (pelo espírito Emmanuel). Rio de Janeiro: FEB, 1985.
- <http://www.pedagogiaespirita.com.br>, acesso em 08.11.2006.
- <http://www.espirito.org.br>, acesso em 08.11.2006.
- <http://www.nossosaopaulo.com.br>, acesso em 09.11.2006.
- <http://www.feparana.com.br/biografias/chico-xavier-htm>, acesso em 09.11.2006.
- <http://www.aat.bvsalud.org>, acesso em 09.11.2006.
- <http://www.mythoseditora.com.br/>, acesso em 10.11.2006.
- <http://pt.wikipedia.org/wiki/Obsessao>, acesso em 20.01.2009.
- <http://pt.wikipedia.org/wiki/Quaker>, acesso em 07.05.2009.
- <http://www.universoespirita.com.br/revista/clipping>, acesso em 10.05.2008.
- <http://www.espirito.org.br/portal/codificacao/1e/1e-0-00.html>, acesso em 03.09.2008.
- <http://www.carlosparchen.net/filosofia020205.html>, acesso em 05.10.2008.
- <http://www.cfh.ufsc.br/~simposio/novo/2216y810.htm>, acesso em 09.11.2008.
- http://pt.wikipedia.org/wiki/Fluido_universal, acesso em 10.02.2007, acesso em 09.11.2008.
- http://www.dm.com.br/materias/show/t/terceira_revelacao, acesso em 09.03.2009.
- <http://pt.wikipedia.org/wiki/Karma>, acesso em 09.03.2009.
- <http://estagioseed2007.pbwiki.com/f/correntes.docProfAdriana>, acesso em 09.11.2007
- http://www.universoespirita.com.br/revista/clipping_detalle.asp?cng_ukey=38650175519509QIQM, acesso em 03.09.2008.

ANEXO I

Resumo da Doutrina Espírita

Os seres que se comunicam designam-se, a si mesmos, como o dissemos, sob o nome de Espíritos ou de Gênios, tendo pertencido, pelo menos alguns, a homens que viveram na Terra. Eles constituem o mundo espiritual, como nós constituímos, durante nossa vida, o mundo corporal.

Resumimos assim, em poucas palavras, os pontos mais importantes da Doutrina que eles nos transmitiram, a fim de respondermos mais facilmente a algumas objeções.

“Deus é eterno, imutável, imaterial, único, todo-poderoso, soberanamente justo e bom.”

“Criou o universo, que compreende todos os seres animados e inanimados, materiais e imateriais.”

“Os seres materiais constituem o mundo visível ou corporal; os seres imateriais, o mundo invisível ou espírita, ou seja, dos Espíritos.”

“O mundo espírita é o mundo normal, primitivo, eterno, preexistindo e sobrevivendo a tudo.”

“O mundo corporal é apenas secundário, poderia deixar de existir ou nunca ter existido, sem alterar a essência do mundo espírita.”

“Os Espíritos vestem temporariamente um corpo material perecível, cuja destruição pela morte lhes devolve a liberdade.”

“Entre as diferentes espécies de seres corporais, Deus escolheu a espécie humana para a encarnação dos Espíritos que atingiram um certo grau de desenvolvimento, o que lhe dá a superioridade moral e intelectual sobre os outros.”

“A alma é um Espírito encarnado, sendo o corpo apenas o seu envoltório.”

“Há três coisas no homem: 1ª) o corpo ou ser material semelhante ao dos animais e animado pelo mesmo princípio vital; 2ª) a alma ou ser imaterial, Espírito encarnado no corpo; 3ª) o laço que une a alma ao corpo, princípio intermediário entre a matéria e o Espírito.

“Assim, o homem tem duas naturezas: pelo corpo participa da natureza dos animais, dos quais tem os instintos; pela alma participa da natureza dos Espíritos.”

“O laço ou perispírito que une o corpo e o Espírito é uma espécie de envoltório semi material. A morte é a destruição do envoltório mais grosseiro. O Espírito conserva o segundo, que constitui para ele um corpo etéreo, invisível para nós no estado normal, mas que pode tornar-se algumas vezes visível e mesmo tangível, como ocorre no fenômeno das aparições.”

“O Espírito não é, portanto, um ser abstrato, indefinido, que somente o pensamento pode conceber; é um ser real, definido, que, em alguns casos, pode ser reconhecido, avaliado pelos sentidos da visão, da audição e do tato.”

“Os Espíritos pertencem a diferentes classes e não são iguais em poder, inteligência, saber e nem em moralidade. Os da primeira ordem são os Espíritos superiores, que se distinguem dos outros por sua perfeição, seus conhecimentos, sua proximidade de Deus, pela pureza de seus sentimentos e seu amor ao bem: são os anjos ou Espíritos puros. Os das outras classes não atingiram ainda essa perfeição; os das classes inferiores são inclinados à maioria das nossas paixões: ao ódio, à inveja, ao ciúme, ao orgulho, etc. Eles se satisfazem no mal; entre eles há os que não são nem muito bons nem muito maus, são mais trapaceiros e importunos do que maus, a malícia e a irresponsabilidade parecem ser sua diversão: são os Espíritos desajuizados ou levianos.”

“Os Espíritos não pertencem perpetuamente à mesma ordem. Todos melhoram ao passar pelos diferentes graus da hierarquia espírita. Esse progresso ocorre pela encarnação, que é imposta a alguns como expiação e a outros como missão. A vida material é uma prova que devem suportar várias vezes, até que tenham atingido a perfeição absoluta. É uma espécie de exame severo ou de depuração, de onde saem mais ou menos purificados.”

“Ao deixar o corpo, a alma retorna ao mundo dos Espíritos, de onde havia saído, para recomeçar uma nova existência material, depois de um período mais ou menos longo, durante o qual permanece no estado de Espírito errante.”

“O Espírito deve passar por várias encarnações. Disso resulta que todos nós tivemos muitas existências e que ainda teremos outras que, aos poucos, nos aperfeiçoarão, seja na Terra, seja em outros mundos.”

“A encarnação dos Espíritos se dá sempre na espécie humana; seria um erro acreditar que a alma ou o Espírito pudesse encarnar no corpo de um animal*.”

“As diferentes existências corporais do Espírito são sempre progressivas e o Espírito nunca retrocede, mas o tempo necessário para progredir depende dos esforços de cada um para chegar à perfeição.”

“As qualidades da alma, isto é, as qualidades morais, são as do Espírito que está encarnado em nós; desse modo, o homem de bem é a encarnação do bom Espírito, e o homem perverso a de um Espírito impuro.”

“A alma tinha sua individualidade antes de sua encarnação e a conserva depois que se separa do corpo.”

“Na sua reentrada no mundo dos Espíritos, a alma reencontra todos aqueles que conheceu na Terra e todas as suas existências anteriores desfilam na sua memória com a lembrança de todo o bem e de todo o mal que fez.”

“O Espírito, quando encarnado, está sob a influência da matéria. O homem que supera essa influência pela elevação e pela depuração de sua alma aproxima-se dos bons Espíritos, com os quais estará um dia. Aquele que se deixa dominar pelas más paixões e coloca todas as alegrias da sua existência na satisfação dos apetites grosseiros se aproxima dos Espíritos impuros, porque nele predomina a natureza animal.”

“Os Espíritos encarnados habitam os diferentes globos do universo.”

“Os Espíritos não encarnados ou errantes não ocupam uma região determinada e localizada, estão por todos os lugares no espaço e ao nosso lado, vendo-nos numa presença contínua. É toda uma população invisível que se agita ao nosso redor.”

“Os Espíritos exercem sobre o mundo moral e o mundo físico uma ação incessante. Eles agem sobre a matéria e o pensamento e constituem uma das forças da natureza, causa determinante de uma multidão de fenômenos até agora inexplicável ou mal explicada e que apenas encontram esclarecimento racional no Espiritismo.”

“As relações dos Espíritos com os homens são constantes. Os bons Espíritos nos atraem e estimulam para o bem, sustentando-nos nas provações da vida e ajudando-nos a suportá-las com coragem e resignação. Os maus nos sugestionam para o mal; é um prazer para eles nos ver fracassar e nos assemelharmos a eles.”

“As comunicações dos Espíritos com os homens são ocultas ou ostensivas. As comunicações ocultas ocorrem pela influência boa ou má que exercem sobre nós sem o sabermos; cabe ao nosso julgamento discernir as boas das más inspirações. As comunicações ostensivas ocorrem por meio da escrita, da palavra ou outras manifestações materiais, muitas vezes por médiuns que lhes servem de instrumento.”

“Os Espíritos se manifestam espontaneamente ou por evocação. Podem-se evocar todos os Espíritos, tanto aqueles que animaram homens simples como os de personagens mais ilustres, qualquer que seja a época em que viveram, os de nossos parentes, amigos ou inimigos, e com isso obter, por meio das comunicações escritas ou verbais, conselhos, ensinamentos sobre sua situação depois da morte, seus pensamentos a nosso respeito, assim como as revelações que lhes são permitidas nos fazer.”

“Os Espíritos são atraídos em razão de sua simpatia pela natureza moral do ambiente em que são evocados. Os Espíritos superiores se satisfazem com reuniões sérias em que dominam o amor pelo bem e

o desejo sincero de receber instrução e aperfeiçoamento. A sua presença afasta os Espíritos inferiores que, caso contrário, encontrariam aí livre acesso e poderiam agir com toda a liberdade entre as pessoas levianas ou guiadas somente pela curiosidade. Em todos os lugares onde se encontram maus instintos, longe de obter bons conselhos, ensinamentos úteis, devem-se esperar apenas futilidades, mentiras, gracejos de mau gosto ou mistificações, visto que, freqüentemente, eles tomam emprestado nomes veneráveis para melhor induzir ao erro.”

“Distinguir os bons dos maus Espíritos é extremamente fácil. A linguagem dos Espíritos superiores é constantemente digna, nobre, repleta da mais alta moralidade, livre de toda paixão inferior; seus conselhos exaltam a sabedoria mais pura e sempre têm por objetivo nosso aperfeiçoamento e o bem da humanidade. A linguagem dos Espíritos inferiores, ao contrário, é inconstante, muitas vezes banal e até mesmo grosseira; se por vezes dizem coisas boas e verdadeiras, dizem na maioria das vezes coisas falsas e absurdas por malícia ou por ignorância. Zombam da credulidade e se divertem à custa daqueles que os interrogam ao incentivar a vaidade, alimentando seus desejos com falsas esperanças. Em resumo, as comunicações sérias, no verdadeiro sentido da palavra, apenas acontecem nos centros sérios, cujos membros estão unidos por uma íntima comunhão de pensamentos, visando ao bem.”

“A moral dos Espíritos superiores se resume, como a de Cristo, neste ensinamento evangélico: ‘Fazer aos outros o que quereríamos que os outros nos fizessem’, ou seja, fazer o bem e não o mal. O homem encontra neste princípio a regra universal de conduta, mesmo para as suas menores ações.”

“Eles nos ensinam que o egoísmo, o orgulho e a sensualidade são paixões que nos aproximam da natureza animal, prendendo-nos à matéria; que o homem que se desliga da matéria já neste mundo,

desprezando as futilidades mundanas e amando o próximo, se aproxima da natureza espiritual; que cada um de nós deve se tornar útil segundo as capacidades e os meios que Deus nos colocou nas mãos para nos provar; que o forte e o poderoso devem apoio e proteção ao fraco, pois aquele que abusa de sua força e de seu poder para oprimir seu semelhante transgride a Lei de Deus. Enfim, ensinam que no mundo dos Espíritos nada pode ser escondido, o hipócrita será desmascarado e todas as suas baixezas descobertas; que a presença inevitável, em todos os instantes, daqueles com quem agimos mal é um dos castigos que nos estão reservados; que ao estado de inferioridade e de superioridade dos Espíritos equivalem punições e prazeres que desconhecemos na Terra.”

“Mas também nos ensinam que não há faltas imperdoáveis que não possam ser apagadas pela expiação. Pela reencarnação, nas sucessivas existências, mediante os seus esforços e desejos de melhoria no caminho do progresso, o homem avança sempre e alcança a perfeição, que é a sua destinação final.”

Este é o resumo da Doutrina Espírita, resultante do ensinamento dado pelos Espíritos superiores. Vejamos agora as objeções que lhe fazem.

ANEXO II

Biografia de Allan Kardec⁴⁹

Minhas senhoras, meus senhores:

Muitas pessoas que se interessam pelo Espiritismo manifestam muitas vezes o pesar de não possuírem senão muito imperfeito conhecimento da biografia de Allan Kardec, e de não saberem onde encontrar, sobre aquele a quem chamamos Mestre, as informações que desejariam conhecer. Pois é para honrar Allan Kardec e festejar a sua memória que nos achamos hoje reunidos, e mesmo sentimento de veneração e de reconhecimento faz vibrar todos os corações. Em respeito ao fundador da filosofia espírita, permiti-me, no intuito de tentar corresponder a tão legítimo desejo, que vos entretenha alguns momentos com esse Mestre amado, cujos trabalhos são universalmente conhecidos e apreciados, e cuja vida íntima e laboriosa existência são apenas conjeturadas.

Se fácil foi a todos os investigadores conscienciosos inteirarem-se do alto valor e do grande alcance da obra de Allan Kardec pela leitura atenta das suas produções, bem poucos puderam, pela ausência até hoje de elementos para isso, penetrar na vida do homem íntimo e seguí-lo passo a passo no desempenho da sua tarefa, tão grande, tão gloriosa e tão bem preenchida.

Não somente a biografia de Allan Kardec é pouco conhecida, senão que ainda está por ser escrita. A inveja e o ciúme semearam sobre ela os mais evidentes erros, as mais grosseiras e as mais impudentes calúnias.

Vou, portanto, esforçar-me por mostrar-vos, com luz mais verdadeira, o grande iniciador de quem nos desvanecemos de ser discípulos.

Todos sabeis que a nossa cidade se pode honrar, a justo título, de ter visto nascer entre seus muros esse pensador tão arrojado quão metódico, esse filósofo sábio, clarividente e profundo, esse trabalhador obstinado cujo labor sacudiu o edifício religioso do Velho Mundo e preparou os novos fundamentos que deveriam servir de base à evolução e à renovação da nossa sociedade caduca, impelindo-a para um ideal mais são, mais elevado, para um adiantamento intelectual e moral seguros.

Foi, com efeito, em Lião, que, a 3 de outubro de 1804, nasceu de antiga família lionesa, com o nome de Rivail, aquele que devia mais tarde ilustrar o nome de Allan Kardec e conquistar para ele tantos títulos à nossa profunda simpatia, ao nosso filial reconhecimento.

Eis aqui a esse respeito um documento positivo e oficial:

⁴⁹ Seu verdadeiro nome é Hippolyte Léon Denizard Rivail, conforme estudo de autoria de Zêus Wantuil, inserto em “Reformador” de abril de 1963, p.p. 95/6, intitulado “Kardec e seu nome civil”. Nota da FEB.

“Aos 12 do vindemiário⁵⁰ do ano XIII, auto do nascimento de Denizard Hippolyte-Léon Rivail, nascido ontem às 7 horas da noite, filho de Jean Baptiste-Antoine Rivail, magistrado, juiz, e Jeanne Duhamel, sua esposa, residentes em Lião, rua Sala n° 76.

“O sexo da criança foi reconhecido como masculino.

“Testemunhas maiores:

“Syriaque-Frédéric Dittmar, diretor do estabelecimento das águas minerais da rua Sala, e Jean-François Targe, mesma rua Sala, à requisição do médico Pierre Radamel, rua Saint-Dominique n° 78.

“Feita a leitura, as testemunhas assinaram, assim como o *Maire* da região do Sul.

“O presidente do Tribunal,
(assinado): *Mathiou.*”

O futuro fundador do Espiritismo recebeu desde o berço um nome querido e respeitado e todo um passado de virtudes, de honra, de probidade; grande número dos seus antepassados se tinham distinguido na advocacia e na magistratura, por seu talento, saber e escrupulosa probidade. Parecia que o jovem Rivail devia sonhar, também ele, com os louros e as glórias da sua família. Assim, porém, não foi, porque, desde o começo da sua juventude, ele se sentiu atraído para as ciências e para a filosofia.

Rivail Denizard fez em Lião os seus primeiros estudos e completou em seguida a sua bagagem escolar, em Yverdun (Suíça), com o célebre professor Pestalozzi, de quem cedo se tornou um dos mais eminentes discípulos, colaborador inteligente e dedicado. Aplicou-se, de todo o coração, à propaganda do sistema de educação que exerceu tão grande influência sobre a reforma dos estudos na França e na Alemanha. Muitíssimas vezes, quando Pestalozzi era chamado pelos governos, um pouco de todos os lados, para fundar institutos semelhantes ao de Yverdun, confiava a Denizard Rivail o encargo de o substituir na direção da sua escola. O discípulo tornado mestre tinha, além de tudo, com os mais legítimos direitos, a capacidade requerida para dar boa conta da tarefa que lhe era confiada. Era bacharel em letras e em ciências e doutor em medicina, tendo feito todos os estudos médicos e defendido brilhantemente sua tese.⁵¹ 4 Lingüista insigne, conhecia a fundo e falava corretamente o alemão, o inglês, o italiano e o espanhol; conhecia também o holandês, e podia facilmente exprimir-se nesta língua.

Denizard Rivail era um alto e belo rapaz, de maneiras distintas, humor jovial na intimidade, bom e obsequioso. Tendo-o a conscrição incluído para o serviço militar, ele obteve isenção e, dois anos depois, veio fundar em Paris, à rua de Sèvres n° 35, um estabelecimento semelhante ao de Yverdun. Para essa empresa se associara a um dos seus tios, irmão de sua mãe, o qual era seu sócio capitalista.

No mundo das letras e do ensino, que freqüentava em Paris, Denizard Rivail encontrou a senhorita Amélia Boudet, professora com diploma de 1ª classe.

Pequena, mas bem proporcionada, gentil e graciosa, rica por seus pais e filha única, inteligente e viva, ela soube por seu sorriso e predicados fazer-se notar pelo Sr. Rivail, em quem adivinhou, sob a franca e comunicativa alegria do homem amável, o pensador sábio e profundo, que aliava grande dignidade à mais esmerada urbanidade.

O registro civil nos informa que:

⁵⁰ Veja-se “Reformador” de abril de 1947, pág. 85.

⁵¹ Ver “Reformador” de março de 1958, pág. 67

“Amélie Gabrielle Boudet, filha de Julien-Louis Boudet, proprietário e antigo tabelião, e de Julie Louise Seignat de Lacombe, nasceu em Thiais (Sena), aos 2 do Frimário do ano IV (23 de novembro de 1795).”

A senhorita Amélia Boudet tinha, pois, mais nove anos que o Sr. Rivail, mas na aparência dir-se-ia ter menos dez que ele, quando, em 6 de fevereiro de 1832, se firmou em Paris o contrato de casamento de Hippolyte-Léon-Denizard Rivail, diretor do Instituto Técnico à rua de Sèvres (Método de Pestalozzi), filho de Jean-Baptiste Antoine e senhora, Jeanne Duhamel, residentes em Château-du-Loir, com Amélie-Gabrielle Boudet, filha de Julien Louis e senhora Julie Louise Seignat de Lacombe, residentes em Paris, 35 rua de Sèvres. O sócio do Sr. Rivail tinha a paixão do jogo; arruinou o sobrinho, perdendo grossas somas em Spa e em Aix-la-Chapelle. O Sr. Rivail requereu a liquidação do Instituto, de cuja partilha couberam 45.000 francos a cada um deles. Essa soma foi colocada pelo Sr. e Sra. Rival em casa de um dos seus amigos íntimos, negociante, que fez maus negócios e cuja falência nada deixou aos credores.

Longe de desanimar com esse duplo revés, o Sr. e Sra. Rivail lançaram-se corajosamente ao trabalho. Ele encontrou e pôde encarregar-se da contabilidade de três casas, que lhe produziam cerca de 7.000 francos por ano; e, terminado o seu dia, esse trabalhador infatigável escrevia à noite, ao serão, gramáticas, aritméticas, livros para estudos pedagógicos superiores; traduzia obras inglesas e alemãs e preparava todos os cursos de Levy-Alvarès, freqüentados por discípulos de ambos os sexos do *faubourg* Saint-Germain. Organizou também em sua casa, à rua de Sèvres, cursos gratuitos de química, física, astronomia e anatomia comparada, de 1835 a 1840, e que eram muito freqüentados.

Membro de várias sociedades sábias, notadamente da Academia Real d'Arras, foi premiado, por concurso, em 1831, pela apresentação da sua notável memória: *Qual o sistema de estudo mais em harmonia com as necessidades da época?*

Dentre as suas numerosas obras convém citar, por ordem cronológica: *Plano apresentado para o melhoramento da instrução pública*, em 1828; em 1829⁵², segundo o método de Pestalozzi, ele publicou, para uso das mães de família e dos professores, o *Curso prático e teórico de aritmética*; em 1831 fez aparecer a *Gramática francesa clássica*; em 1846 o *Manual dos exames para obtenção dos diplomas de capacidade*, soluções racionais das questões e problemas de aritmética e geometria; em 1848 foi publicado o *Catecismo gramatical da língua francesa*; finalmente, em 1849, encontramos o Sr. Rivail professor no Liceu Polimático, regendo as cadeiras de Fisiologia, Astronomia, Química e Física. Em uma obra muito apreciada resume seus cursos, e depois publica: *Ditados normais dos exames na Municipalidade e na Sorbona; Ditados especiais sobre as dificuldades ortográficas*.

Tendo sido essas diversas obras adotadas pela Universidade de França, e vendendo-se abundantemente, pôde o Sr. Rivail conseguir, graças a elas e ao seu assíduo trabalho, uma modesta abastança. Como se pode julgar por esta muito rápida exposição, o Sr. Rivail estava admiravelmente preparado para a rude tarefa que ia ter que desempenhar e fazer triunfar. Seu nome era conhecido e respeitado, seus trabalhos justamente apreciados, muito antes que ele imortalizasse o nome de Allan Kardec.

Prosseguindo em sua carreira pedagógica, o Sr. Rivail poderia viver feliz, honrado e tranqüilo, estando a sua fortuna reconstruída pelo trabalho perseverante e pelo brilhante êxito que lhe havia coroado os esforços; mas a sua missão o chamava a uma tarefa mais onerosa, a uma obra maior, e, como teremos muitas vezes ocasião de o evidenciar, ele sempre se mostrou à altura da missão gloriosa que lhe estava reservada. Seus pendores, suas aspirações, tê-lo-iam impelido para o misticismo, mas a educação, o juízo reto, a observação metódica, conservaram-no igualmente ao abrigo dos entusiasmos desarrazoados e das negações não justificadas.

⁵² Houve engano dos biógrafos. Não foi em 1829, mas em 1824. Ver “Reformador” de 1952, págs. 77 e 79. - Nota da FEB.

Foi em 1854 que o Sr. Rivail ouviu pela primeira vez falar nas mesas girantes, a princípio do Sr. Fortier, magnetizador, com o qual mantinha relações, em razão dos seus estudos sobre o Magnetismo. O Sr. Fortier lhe disse um dia: “Eis aqui uma coisa que é bem mais extraordinária: não somente se faz girar uma mesa, magnetizando-a, mas também se pode fazê-la falar. Interroga-se, e ela responde.”

- Isso, replicou o Sr. Rivail, é uma outra questão; eu acreditarei quando vir e quando me tiverem provado que uma mesa tem cérebro para pensar, nervos para sentir, e que se pode tornar sonâmbula. Até lá, permita-me que não veja nisso senão uma fábula para provocar o sono.

Tal era a princípio o estado de espírito do Sr. Rivail, tal o encontraremos muitas vezes, não negando coisa alguma por *parti pris*, mas pedindo provas e querendo ver e observar para crer; tais nos devemos mostrar sempre no estudo tão atraente das manifestações do Além.

Até agora, não vos falei senão do Sr. Rivail, professor emérito, autor pedagógico de renome. Nessa época, porém, da sua vida, de 1854 a 1856, um novo horizonte se rasga para esse pensador profundo, para esse sagaz observador. Então o nome de Rivail se obumbra, para ceder o lugar ao de Allan Kardec, que a fama levará a todos os cantos do globo, que todos os ecos repetirão e que todos os nossos corações idolatram.

Eis aqui como Allan Kardec nos revela as suas dúvidas, as suas hesitações e também a sua primeira iniciação:

“Eu me encontrava, pois, no ciclo de um fato inexplicado, contrário, na aparência, às leis da Natureza e que minha razão repelia. Nada tinha ainda visto nem observado; as experiências feitas em presença de pessoas honradas e dignas de fé me firmavam na possibilidade do efeito puramente material; mas a ideia, de uma mesa *falante*, não me entrava ainda no cérebro.

“No ano seguinte - era no começo de 1855 - encontrei o Sr. Carlotti, um amigo de há vinte e cinco anos, que discorreu acerca desses fenômenos durante mais de uma hora, com o entusiasmo que ele punha em todas as ideias novas. O Sr. Carlotti era corso de origem, de natureza ardente e enérgica; eu tinha sempre distinguido nele as qualidades que caracterizavam uma grande e bela alma, mas desconfiava da sua exaltação. Ele foi o primeiro a falar-me da intervenção dos Espíritos, e contou-me tantas coisas surpreendentes que, longe de me convencerem, aumentaram as minhas dúvidas. - Você um dia será dos nossos - disse-me ele. - Não digo que não, respondi-lhe eu -; veremos isso mais tarde. “Daí a algum tempo, pelo mês de maio de 1855, estive, em casa da sonâmbula Sra. Roger, com o Sr. Fortier, seu magnetizador. Lá encontrei o Sr. Pâtier e a Sra. Plainemaison, que me falaram desses fenômenos no mesmo sentido que o Sr. Carlotti, mas noutro tom.

O Sr. Pâtier era funcionário público, de certa idade, homem muito instruído, de caráter grave, frio e calmo; sua linguagem pausada, isenta de todo entusiasmo, produziu-me viva impressão, e, quando ele me convidou para assistir às experiências que se realizavam em casa da Sra. Plainemaison, rua Grange-Batelière n° 18, aceitei com solicitude. A entrevista foi marcada para a terça-feira⁵³ de maio, às 8 horas da noite.

“Foi aí, pela primeira vez, que testemunhei o fenômeno das mesas girantes, que saltavam e corriam, e isso em condições tais que a dúvida não era possível.

“Aí vi também alguns ensaios muito imperfeitos de escrita mediúnica em uma ardósia com o auxílio de uma cesta. Minhas ideias estavam longe de se haver modificado, mas naquilo havia um fato que devia ter uma causa. Entrevi, sob essas aparentes futilidades e a espécie de divertimento que com esses fenômenos se fazia, alguma coisa de sério e como que a revelação de uma nova lei, que a mim mesmo prometi aprofundar.

⁵³ Esta data ficou em branco no manuscrito de Allan Kardec. - Nota do Autor.

“A ocasião se me ofereceu e pude observar mais atentamente do que tinha podido fazer. Em um dos serões da Sra. Plainemaison, fiz conhecimento com a família Baudin, que morava então à rua Rochechouart. O Sr. Baudin fez-me oferecimento no sentido de assistir às sessões hebdomadárias que se efetuavam em sua casa, e às quais eu fui, desde esse momento, muito assíduo.

“Foi aí que fiz os meus primeiros estudos sérios em Espiritismo, menos ainda por efeito de revelações que por observação. Apliquei a essa nova ciência, como até então o tinha feito, o método da experimentação; nunca formulei teorias preconcebidas; observava atentamente, comparava, deduzia as conseqüências; dos efeitos procurava remontar às causas pela dedução, pelo encadeamento lógico dos fatos, não admitindo como válida uma explicação, senão quando ela podia resolver todas as dificuldades da questão.

Foi assim que sempre procedi em meus trabalhos anteriores, desde a idade de quinze a dezessete anos. Compreendi, desde o princípio, a gravidade da exploração que ia empreender. Entrevi nesses fenômenos a chave do problema tão obscuro e tão controvertido do passado e do futuro, a solução do que havia procurado toda a minha vida; era, em uma palavra, uma completa revolução nas ideias e nas crenças; preciso, portanto, se fazia agir com circunspeção e não levianamente, ser positivista e não idealista, para me não deixar arrastar pelas ilusões.

“Um dos primeiros resultados das minhas observações foi que os Espíritos, não sendo senão as almas dos homens, não tinham nem a soberana sabedoria, nem a soberana ciência; que o seu saber era limitado ao grau do seu adiantamento, e que a sua opinião não tinha senão o valor de uma opinião pessoal. Esta verdade, reconhecida desde o começo, evitou-me o grave escolho de crer na sua infalibilidade e preservou-me de formular teorias prematuras sobre a opinião de um só ou de alguns.

“Só o fato da comunicação com os Espíritos, o que quer que eles pudessem dizer, provava a existência de um mundo invisível ambiente; era já um ponto capital, um imenso campo franqueado às nossas explorações, a chave de uma multidão de fenômenos inexplicados. O segundo ponto, não menos importante, era conhecer o estado desse mundo e seus costumes, se assim nos podemos exprimir. Cedo, observei que cada Espírito, em razão de sua posição pessoal e de seus conhecimentos, desvendava-me uma fase desse mundo, exatamente como se chega a conhecer o estado de um país interrogando os habitantes de todas as classes e condições, podendo cada qual nos ensinar alguma coisa e nenhum deles podendo, individualmente, ensinar-nos tudo. Cumpre ao observador formar o conjunto, com o auxílio dos documentos recolhidos de diferentes lados, colecionados, coordenados e confrontados entre si. Eu, pois, agi com os Espíritos como teria feito com os homens: eles foram, para mim, desde o menor até o mais elevado, meios de colher informações e não *reveladores predestinados*.”

A estas informações, colhidas nas *Obras Póstumas* de Allan Kardec, convém acrescentar que a princípio o Sr. Rivail, longe de ser um entusiasta dessas manifestações e absorvido por outras preocupações, esteve a ponto de as abandonar, o que talvez tivesse feito se não fossem as instantes solicitações dos Srs. Carlotti, René Taillandier, membro da Academia das Ciências, Tiedeman-Manthèse, Sardou, pai e filho, e Didier, editor, que acompanhavam havia cinco anos o estudo desses fenômenos e tinham reunido *cinquenta cadernos de comunicações diversas*, que não conseguiam pôr em ordem. Conhecendo as vastas e raras aptidões de síntese do Sr. Rivail, esses senhores lhe enviaram os cadernos, pedindo-lhe que deles tomasse conhecimento e os pusesse em termos -, os arranjasse. Este trabalho era árduo e exigia muito tempo, em virtude das lacunas e obscuridades dessas comunicações; e o sábio enciclopedista recusava-se a essa tarefa enfadonha e absorvente, em razão de outros trabalhos.

Uma noite, seu Espírito protetor, Z., deu-lhe, por um médium, uma comunicação toda pessoal, na qual lhe dizia, entre outras coisas, tê-lo conhecido em uma precedente existência, quando, ao tempo dos Druidas, viviam juntos nas Gálias.

Ele se chamava, então, Allan Kardec, e, como a amizade que lhe havia votado só fazia aumentar, prometia-lhe esse Espírito secundá-lo na tarefa muito importante a que ele era chamado, e que facilmente levaria a termo.

O Sr. Rivail, pois, lançou-se à obra; tomou os cadernos, anotou-os com cuidado. Após atenta leitura, suprimiu as repetições e pôs na respectiva ordem cada ditado, cada relatório de sessão; assinalou as lacunas a preencher, as obscuridades a aclarar, e preparou as perguntas necessárias para chegar a esse resultado.

“Até então, diz ele próprio, as sessões em casa do Sr. Baudin não tinham nenhum fim determinado; propus-me, aí, fazer resolver os problemas que me interessavam sob o ponto de vista da filosofia, da psicologia e da natureza do mundo invisível.

Comparecia a cada sessão com uma série de questões preparadas e metodicamente dispostas: eram respondidas com precisão, profundidade e de modo lógico. Desde esse momento as reuniões tiveram caráter muito diferente, e, entre os assistentes, encontravam-se pessoas sérias que tomaram vivo interesse pelo trabalho.

Se me acontecia faltar, ficavam as sessões como que tolhidas, tendo as questões fúteis perdido o atrativo para o maior número. A princípio eu não tinha vista senão a minha própria instrução; mais tarde, quando vi que tudo aquilo formava um conjunto e tomava as proporções de uma doutrina, tive o pensamento de o publicar, para instrução de todos. Foram essas mesmas questões que, sucessivamente desenvolvidas e completadas, fizeram a base de *O Livro dos Espíritos*.”

Em 1856, o Sr. Rivail freqüentou as reuniões espíritas que se realizavam à rua Tiquetone, em casa do Sr. Roustan, com Mlle. Japhet, sonâmbula, que obtinha como médium comunicações muito interessantes, com o auxílio da cesta aguçada⁵⁴; fez examinar por esse médium as comunicações obtidas e postas precedentemente em ordem. Esse trabalho foi efetuado, a princípio, nas sessões ordinárias; mas a pedido dos Espíritos, e para que fosse consagrado mais cuidado, mais atenção a esse exame, foi continuado em sessões particulares.

“Não me contentei com essa verificação, diz ainda Allan Kardec, que os Espíritos me haviam recomendado. Tendo-me as circunstâncias posto em relação com outros médiuns, toda vez que se oferecia ocasião, eu a aproveitava para propor algumas das questões que me pareciam mais melindrosas. Foi assim que mais de dez médiuns prestaram seu concurso a esse trabalho. E foi da comparação e da fusão de todas essas respostas, coordenadas, classificadas e muitas vezes refeitas no silêncio da meditação, que formei a primeira edição de *O Livro dos Espíritos*, a qual apareceu em 18 de abril de 1857.”

Esse livro era em formato grande, in-4, em duas colunas, uma para as perguntas e outra, em frente, para as respostas. No momento de publicá-lo, o autor ficou muito embaraçado em resolver como o assinaria, se com o seu nome - Denizard-Hippolyte-Léon Rivail, ou com um pseudônimo. Sendo o seu nome muito conhecido do mundo científico, em virtude dos seus trabalhos anteriores, e podendo originar uma confusão, talvez mesmo prejudicar o êxito do empreendimento, ele adotou o alvitre de o assinar com o nome de Allan Kardec que, segundo lhe revelara o guia, ele tivera ao tempo dos Druidas.

A obra alcançou tal êxito que a primeira edição foi logo esgotada. Allan Kardec reeditou-a em 1858⁵⁵ sob a forma atual in-12, revista, correta e consideravelmente aumentada.

⁵⁴ Arranjada em forma de bico. - Nota do Tradutor.

⁵⁵ A 2ª edição foi impressa em 1860, e não 1858. - Nota da FEB.

No dia 25 de março de 1856 estava Allan Kardec em seu gabinete de trabalho, em via de compulsar as comunicações e preparar o *O Livro dos Espíritos*, quando ouviu ressoarem pancadas repetidas no tabique; procurou, sem descobrir, a causa disso, e em seguida tornou a pôr mãos à obra. Sua mulher, entrando cerca das dez horas, ouviu os mesmos ruídos; procuraram, mas sem resultado, de onde podiam eles provir. Moravam, então, à rua dos Mártires n° 8, no segundo andar, ao fundo.

“No dia seguinte, sendo dia de sessões em casa do Sr. Baudim, escreve Allan Kardec, contei o fato e pedi a explicação dele.

Pergunta: - Ouvistes o fato que acabo de narrar; podereis dizer-me a causa dessas pancadas que se fizeram ouvir com tanta insistência?

Resposta: - Era o teu Espírito familiar.

P. - Com que fim, vinha ele bater assim?

R. - Queria comunicar-se contigo.

P. - Poderei dizer-me o que queria ele?

R. - Podes perguntar a ele mesmo, porque está aqui.

P. - Meu Espírito familiar, quem quer que sejais, agradeço-vos terdes vindo visitar-me. Quereis ter a bondade de dizer-me quem sois?

R. - Para ti chamar-me-ei a *Verdade*, e todos os meses, durante um quarto de hora, estarei aqui, à tua disposição.

P. - Ontem, quando batestes, enquanto eu trabalhava, tínheis alguma coisa de particular a dizer-me?

R. - O que eu tinha a dizer-te era sobre o trabalho que fazias; o que escrevias me desagradava e eu queria fazer-te parar.

NOTA - O que eu escrevia era precisamente relativo aos estudos que fazia sobre os Espíritos e suas manifestações.

P. - A vossa desaprovação versava sobre o capítulo que eu escrevia, ou sobre o conjunto do trabalho?

R. - Sobre o capítulo de ontem: faço-te juiz dele. Torna a lê-lo esta noite; reconhecer-lhe-ás os erros e os corrigirás.

P. - Eu mesmo não estava muito satisfeito com esse capítulo e o refiz hoje.

Está melhor?

R. - Está melhor, mas não muito bom. Lê da terceira à trigésima linha e reconhecerás um grave erro.

P. - Rasguei o que tinha feito ontem.

R. - Não importa. Essa inutilização não impede que subsista o erro. Relê e verás.

P. - O nome de *Verdade* que tomais é uma alusão à verdade que procuro?

R. - Talvez, ou, pelo menos, é um guia que te há de auxiliar e proteger.

P. - Posso evocar-vos em minha casa?

R. - Sim, para que eu te assista pelo pensamento; mas, quanto a respostas escritas em tua casa, não será tão cedo que as poderás obter.

P. - Podereis vir mais freqüentemente que todos os meses?

R. - Sim; mas não prometo senão uma vez por mês, até nova ordem.

P. - Animastes alguma personagem conhecida na Terra?

R. - Disse-te que para ti eu era a *Verdade*, o que da tua parte devia importar discrição; não saberás mais que isto.”

De volta a casa, Allan Kardec apressou-se a reler o que escrevera e pôde verificar o grave erro que com efeito havia cometido. A dilação de um mês, fixada para cada comunicação do Espírito *Verdade*, raramente foi observada. Ele se manifestou freqüentemente a Allan Kardec, mas não em sua casa, onde durante cerca de um ano não pôde este receber nenhuma comunicação por médium algum e, cada vez que ele esperava obter alguma coisa, era obstado por uma causa qualquer e imprevista, que a isso se vinha opor.

Foi a 30 de abril de 1856, em casa do Sr. Roustan, pela médium Mlle. Japhet, que Allan Kardec recebeu a primeira revelação da missão que tinha a desempenhar.

Esse aviso, a princípio muito vago, foi precisado no dia 12 de junho de 1856, por intermédio de Mlle. Aline C., médium. A 6 de maio de 1857, a Sra. Cardone, pela inspeção das linhas da mão de Allan Kardec, confirmou as duas comunicações precedentes, que ela ignorava. Finalmente, a 12 de abril de 1860, em casa do Sr. Dehan, sendo intermediário o Sr. Croset, médium, essa missão foi novamente confirmada em uma comunicação espontânea, obtida na ausência de Allan Kardec.

Assim, também, se deu a respeito do seu pseudônimo. Numerosas comunicações, procedentes dos mais diversos pontos, vieram reafirmar e corroborar a primeira comunicação obtida a esse respeito.

Urgido pelos acontecimentos e pelos documentos que tinha em seu poder, Allan Kardec formara, em razão do êxito de *O Livro dos Espíritos*, o projeto de criar um jornal espírita. Havia-se dirigido ao Sr. Tiedeman, para solicitar-lhe o concurso pecuniário, mas este não estava resolvido a tomar parte nessa empresa. Allan Kardec perguntou aos seus guias, no dia 15 de novembro de 1857, por intermédio da Srta. E. Dufaux, o que deveria fazer.

Foi-lhe respondido que pusesse a sua ideia em execução e que não se inquietasse com o resto.

“Apressei-me em redigir o primeiro número, diz Allan Kardec, e o fiz aparecer no dia 1º de janeiro de 1858, sem nada dizer a pessoa alguma. Não tinha um único assinante, nem sócio capitalista. Fi-lo, pois, inteiramente por minha conta e risco, e não tive de que me arrepender, porque o êxito ultrapassou a minha expectativa. A partir de 1º de janeiro, os números se sucederam sem interrupção, e, como o previra o Espírito, esse jornal se me tornou em poderoso auxiliar.

Reconheci, mais tarde, que era uma felicidade para mim não ter tido um sócio capitalista, porque estava mais livre, enquanto que um estranho interessado teria pretendido impor-me as suas ideias e a sua vontade e poderia embaraçar-me a marcha. Só, eu não tinha que prestar contas a ninguém, por mais onerosa que, como trabalho, fosse a minha tarefa.”

E essa tarefa devia ir sempre crescendo em labor e em responsabilidades, em lutas incessantes contra obstáculos, emboscadas, perigos de toda sorte. À medida, porém, que a lide se tornava mais áspera, esse enérgico trabalhador se elevava, também, à altura dos acontecimentos, que nunca o surpreenderam; e durante onze anos, nessa *Revista Espírita*, que acabamos de ver como começou tão modestamente, ele afrontou todas as tempestades, todas as emulações, todos os ciúmes que não lhe foram poupados, como ele mesmo relata e como lhe fora anunciado ao ser-lhe revelada a sua missão. Essa comunicação e as reflexões de que as anotou Allan Kardec nos mostram, sob um prisma pouco lisonjeiro, a situação naquela época, mas fazem também ressaltar o grande valor do fundador do Espiritismo e o seu mérito em ter sabido triunfar:

Médium, Mlle. Aline C. - 12 de junho de 1856:

P. - Quais são as causas que me poderiam fazer fracassar? Seria a insuficiência das minhas aptidões?

R. - Não; mas a missão dos reformadores é cheia de escolhos e perigos; a tua é rude; previno-te, porque é ao mundo inteiro que se trata de agitar e de transformar.

Não creias que te seja suficiente publicar um livro, dois livros, dez livros, e ficares tranqüilamente em tua casa; não, é preciso te mostrares no conflito; contra ti se açularão terríveis ódios, implacáveis inimigos tramarão a tua perda; estarás exposto à calúnia, à traição, mesmo daqueles que te parecerão mais dedicados; as tuas melhores instruções serão impugnadas e desnaturadas; sucumbirás mais de uma vez ao peso da fadiga; em uma palavra, é uma luta quase constante que terás de sustentar com o sacrifício do teu repouso, da tua tranqüilidade, da tua saúde e mesmo da tua vida, porque tu não viverás muito tempo. Pois bem. Mais de um recua quando, em lugar de uma vereda florida, não encontra sob seus passos senão espinhos, agudas pedras e serpentes. Para tais missões não basta a inteligência. É preciso antes de tudo, para agradar a Deus, humildade, modéstia, desinteresse, porque abatem os orgulhosos e os presunçosos. Para lutar contra os homens, é necessário coragem, perseverança e firmeza inquebrantáveis; é preciso, também, ter prudência e tato para conduzir as

coisas a propósito e não comprometer-lhes o êxito por medidas ou palavras intempestivas; é preciso, enfim, devotamento, abnegação, e estar pronto para todos os sacrifícios.

“Vês que a tua missão está subordinada a condições que dependem de ti.
Espírito Verdade.”

NOTA - (É Allan Kardec que assim se exprime):

“Escrevo esta nota no dia 1º de janeiro de 1867, dez anos e meio depois que esta comunicação me foi dada, e verifico que ela se realizou em todos os pontos, porque experimentei todas as vicissitudes que nela me foram anunciadas. Tenho sido alvo do ódio de implacáveis inimigos, da injúria, da calúnia, da inveja e do ciúme; têm sido publicados contra mim infames libelos; as minhas melhores instruções têm sido desnaturadas; tenho sido traído por aqueles em quem depositara confiança, e pago com a ingratidão por aqueles a quem tinha prestado serviços. A Sociedade de Paris tem sido um contínuo foco de intrigas, urdidas por aqueles que se diziam a meu favor, e que, mostrando-se amáveis em minha presença, me detravam na ausência.

Disseram que aqueles que adotavam o meu partido eram assalariados por mim com o dinheiro que eu arrecadava do Espiritismo. Não mais tenho conhecido o repouso; mais de uma vez, sucumbi; sob o excesso do trabalho, tem-se-me alterado a saúde e comprometido a vida.

“Entretanto, graças à proteção e à assistência dos bons Espíritos, que sem cessar me têm dado provas manifestas de sua solícitude, sou feliz em reconhecer que não tenho experimentado um único instante de desfalecimento nem de desânimo, e que tenho constantemente prosseguido na minha tarefa com o mesmo ardor, sem me preocupar com a malevolência de que era alvo. Segundo a comunicação do Espírito Verdade, eu devia contar com tudo isso, e tudo se verificou.”

Quando se conhecem todas essas lutas, todas as torpezas de que Allan Kardec foi alvo, quanto ele se engrandece aos nossos olhos e como o seu brilhante triunfo adquire mérito e esplendor! Que se tornaram esses invejosos, esses pigmeus que procuravam obstruir-lhe o caminho? Na maior parte são desconhecidos os seus nomes, ou nenhuma recordação despertam mais: o esquecimento os retomou e sepultou para sempre em suas sombras, enquanto que o de Allan Kardec, o intrépido lutador, o pioneiro ousado, passará à posteridade com a sua auréola de glória tão legitimamente adquirida.

A Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas foi fundada a 1º de abril de 1858. Até então, as reuniões se realizavam em casa de Allan Kardec, à rua dos Mártires, com Mlle. E. Dufaux, como principal médium; o seu salão poderia conter de quinze a vinte pessoas. Cedo, aí reuniu ele mais de trinta. Tornando-se, então, esse local muito acanhado e não querendo onerar Allan Kardec com todos os encargos, alguns dos assistentes se propuseram formar uma sociedade espírita e alugar um outro local em que se efetuassem as reuniões. Mas era preciso, para se poderem reunir, obter o reconhecimento e a autorização da Polícia.

O Sr. Dufaux, que conhecia pessoalmente o prefeito de polícia de então, encarregou-se de dar os passos para esse fim, e, graças ao ministro do Interior, o general X., que era favorável às novas ideias, a autorização foi obtida em quinze dias, enquanto que pelo processo ordinário teria exigido meses, sem grande probabilidade de êxito.

“A Sociedade foi, então, regularmente constituída e reunia-se todas as terças-feiras, no local que fora alugado no Palais-Royal, galeria Valois. Aí ficou durante um ano, de 1º de abril de 1858 a 1º de abril de 1859. Não podendo lá permanecer por mais tempo, reunia-se todas as sextas-feiras em um dos salões do restaurante Douix, no Palais-Royal, galeria Montpensier, de 1º de abril de 1859 a 1º de abril de 1860, época em que se instalou em sede própria, à rua e passagem Sant’Ana n° 59.”

Depois de haver dado conta das condições em que se formou a Sociedade e da tarefa que teve a desempenhar, Allan Kardec assim se exprime (*Revista Espírita*, 1859, pág. 169):

“Empreguei em minhas funções, que posso dizer laboriosas, toda a solicitude e toda a dedicação de que era capaz; do ponto de vista administrativo, esforcei-me por manter nas sessões uma ordem rigorosa e por imprimir-lhe um caráter de gravidade, sem o qual o prestígio de assembléia séria teria cedo desaparecido. Agora, que a minha tarefa está terminada e que o impulso está dado, devo inteirarvos da resolução que tomei, de renunciar de futuro a toda espécie de função na Sociedade, mesmo a de diretor dos estudos; não ambiciono senão um título - o de simples membro titular, com que me sentirei sempre feliz e honrado. O motivo da minha determinação está na multiplicidade dos meus trabalhos, que aumentam todos os dias, pela extensão das minhas relações; porque, além daqueles que conheceis, preparo outros trabalhos mais consideráveis, que exigem longos e laboriosos estudos e não absorverão menos de dez anos; ora, os trabalhos da Sociedade não deixam de tomar muito tempo, quer para o preparo, quer para a coordenação e a passagem a limpo. Reclamam assiduidade muitas vezes prejudicial às minhas ocupações pessoais, pois que se torna indispensável a iniciativa quase exclusiva que me tendes deixado.

É a esse motivo, meus senhores, que eu devo o ter tantas vezes tomado a palavra, lamentando com freqüência que os membros eminentemente esclarecidos que possuímos nos privassem das suas luzes. Desde muito tempo alimentava o desejo de demitir-me das minhas funções: manifestei-o de modo muito explícito em diversas ocasiões, quer aqui, quer em particular a muitos dos meus colegas, e especialmente ao Sr. Ledoyen. Tê-lo-ia feito mais cedo, se não fora o temor de produzir uma perturbação na Sociedade. Retirando-me no meado do ano, poderiam acreditar em uma deserção, e era preciso não dar esse prazer aos nossos adversários.

Desempenhei, portanto, a minha tarefa até ao fim; hoje, porém, que esses motivos cessaram, apresso-me em vos dar parte da minha resolução, para não embarçar a escolha que fareis. É justo que cada um tenha a sua parte nos encargos e nas honras.”

Apressemos-nos a acrescentar que essa demissão não foi aceita e que Allan Kardec foi reeleito por unanimidade, menos um voto e uma cédula em branco. Diante desse testemunho de simpatia, ele se submeteu e se conservou em suas funções.

Em setembro de 1860, Allan Kardec fez uma viagem de propaganda à nossa região, e eis aqui como a ela fez referência na Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas:

“O Sr. Allan Kardec dá conta do resultado da viagem que acaba de fazer, no interesse do Espiritismo, e felicita-se pela cordialidade do acolhimento que por toda parte encontrou, especialmente em Sens, Mácon, Lião e Saint-Etienne. Observou, em todo lugar em que se demorou, os progressos consideráveis da doutrina; mas o que sobretudo é digno de nota, é que em parte alguma viu que dela se fizesse um divertimento, mas, que, ao contrário, dela se ocupam de modo sério, e que por toda parte lhe compreendem o alcance e as conseqüências futuras. Há, sem dúvida, muitos adversários, sendo os mais encarniçados os inimigos interessados, mas os motejadores diminuem sensivelmente; vendo que os seus sarcasmos não colocam do seu lado os gracejadores, e que auxiliam mais do que impedem o progresso das novas crenças, começam a compreender que nada ganham com isso e que consomem o seu espírito em pura perda, e assim se calam. Uma frase muito característica parece ser em toda parte a ordem do dia, e é esta: *o Espiritismo está no ar*; só por si desenha ela o estado das coisas. Mas, é sobretudo em Lião que são mais notáveis os resultados. Os espíritas são, aí, numerosos em todas as classes, e na classe operária contam-se por centenas. A Doutrina Espírita tem exercido sobre os operários a mais salutar influência, sob o ponto de vista da ordem, da moral e das ideias religiosas; em resumo, a propagação do Espiritismo marcha com a mais animadora celeridade.”

No decurso dessa viagem, Allan Kardec pronunciou um discurso magistral, no banquete realizado a 19 de setembro de 1860, do qual eis aqui algumas passagens, próprias a nos interessar, a nós que aspiramos a substituir dignamente esses trabalhadores da primeira hora:

“A primeira coisa que me impressionou foi o número de adeptos; eu sabia perfeitamente que Lião os contava em grande escala, mas estava longe de imaginar que o número fosse tão considerável, porque é por centenas que eles se contam, e, em pouco tempo - eu o espero -, já se não poderão contar mais.

“Se, porém, Lião se distingue pelo número, não o faz menos pela qualidade, o que ainda vale mais. Por toda parte não encontrei senão espíritas sinceros, compreendendo a doutrina sob seu verdadeiro ponto de vista. Há, meus senhores, três categorias de adeptos: uns que se limitam a crer na realidade das manifestações e que procuram, antes de tudo, os fenômenos; o Espiritismo é simplesmente para eles uma série de fatos mais ou menos interessantes. Os segundos vêem outra coisa nele além dos fatos, compreendem o seu alcance filosófico, admiram a moral que deles decorre, mas não a praticam; para eles, a caridade cristã é uma bela máxima, e nada mais. Os terceiros, finalmente, não se contentam de admirar a moral: praticam-na e aceitam-lhe as conseqüências.

Bem convencidos de que a existência terrestre é uma prova passageira, esforçam-se por aproveitar esses curtos instantes, para marchar na senda do progresso que lhes traçam os Espíritos, empenhando-se em fazer o bem e em reprimir as suas más inclinações; as suas relações são sempre seguras, porque as suas convicções os afastam de todo pensamento do mal; a caridade é, em toda ocasião, a regra da sua conduta: são esses os *verdadeiros espíritas*, ou, melhor, os *espíritas-cristãos*.

“Pois bem, meus senhores, eu vo-lo digo com satisfação: ainda não encontrei, aí, nenhum adepto da primeira categoria; em parte alguma vi que se ocupassem do Espiritismo por mera curiosidade, com frívolos intuítos; por toda parte o fim é grave, as intenções são sérias; e, a crer no que me dizem, há muitos da terceira categoria.

Honra, pois, aos espíritas lioneses, por terem, assim, entrado largamente nessa senda progressista, sem a qual o Espiritismo não teria objetivo. Este exemplo não será perdido, terá suas conseqüências, e não é sem razão - eu o vejo - que os Espíritos me responderam noutro dia, por um dos vossos médiuns mais dedicados, posto que dos mais obscuros, quando eu lhes exprimia a minha surpresa: “Por que te admiras disso? Lião foi a cidade dos mártires; a fé aí é vivaz; ela fornecerá apóstolos ao Espiritismo. Se Paris é a cabeça, Lião será o coração.”

Essa opinião de Allan Kardec, sobre os espíritas lioneses de sua época, é para nós grande honra, mas deve ser também uma regra de conduta. Devemos esforçar-nos por merecer esses elogios, aprofundando por nossa vez as lições do Mestre e, sobretudo, conformando com elas o nosso proceder. *Noblesse oblige*, diz um adágio; saibamo-nos recordar sempre disso e conservar alto e firme o estandarte do Espiritismo.

Mas, Allan Kardec não se contentava em atirar flores sobre nossos companheiros; dava-lhes, sobretudo, sábios conselhos, sobre os quais, por nossa vez, deveremos meditar.

“Vindo dos Espíritos o ensino, os diferentes grupos, tantos como os indivíduos, se acham sob a influência de certos Espíritos, que presidem aos seus trabalhos, ou os dirigem moralmente.

Se esses Espíritos não se acham de acordo, a questão está em saber qual é o que merece maior confiança; será, evidentemente, aquele cuja teoria não pode provocar nenhuma objeção séria, em uma palavra, aquele que, em todos os pontos, dá maior número de provas de superioridade. Se tudo nesse ensino é bom, racional, pouco importa o nome que toma o Espírito; e a esse respeito a questão de identidade é inteiramente secundária. Se, sob um nome respeitável, o ensino peca pelas qualidades essenciais, podeis imediatamente concluir que é um nome apócrifo e que é um Espírito impostor ou galhofeiro. Regra geral: o nome nunca é uma garantia; a única, a verdadeira garantia de superioridade é o pensamento e a maneira porque é ele expresso. Os Espíritos enganadores tudo podem imitar, tudo, exceto o verdadeiro saber e o verdadeiro sentimento.

“Acontece muitas vezes que, para fazer adotar certas utopias, alguns Espíritos fazem alarde de um falso saber e pensam impô-las, escolhendo no arsenal das palavras técnicas tudo o que pode fascinar aquele que é facilmente crédulo. Eles têm, ainda, um meio mais certo: é afetar as exterioridades da

virtude; com o auxílio das grandes palavras - caridade, fraternidade, humildade - esperam fazer passar os mais grosseiros absurdos e é o que acontece muitas vezes, quando se não está precavido. É preciso, pois, evitar o deixar-se seduzir pelas aparências, tanto da parte dos Espíritos, quanto da dos homens; ora, eu o confesso, aí está uma das maiores dificuldades; mas, nunca se disse que o Espiritismo fosse uma ciência fácil; tem seus escolhos que se não podem evitar senão pela experiência. Para escapar à cilada, é preciso, antes de tudo, fugir ao entusiasmo que cega, ao orgulho que leva certos médiuns a acreditarem-se os únicos intérpretes da verdade; é preciso que tudo seja friamente examinado, maduramente pesado, confrontado, e, se desconfiarmos do próprio julgamento, o que é muitas vezes mais prudente, é preciso recorrer a outras pessoas, segundo o provérbio: que quatro olhos vêem melhor do que dois. Só um falso amor próprio ou uma obsessão podem fazer persistir em uma ideia notoriamente falsa e que o bom-senso de cada um repele.”

Eis os conselhos tão sábios e tão práticos dados por aquele que quisera fazer passar por um entusiasta, um místico, um alucinado; e essa regra de conduta, estabelecida no começo, ainda não foi invalidada, nem pela observação, nem pelos acontecimentos; é sempre a vereda mais segura, mais prudente, a única a seguir por aqueles que se querem ocupar do Espiritismo.

Allan Kardec trabalhava, então, em *O Livro dos Médiuns*, que apareceu na primeira quinzena de janeiro de 1861, editado pelos Srs. Didier & Cia., livreiros editores.

O mestre expõe a sua razão de ser nos seguintes termos, na *Revista Espírita*:

“Procuramos neste trabalho, fruto de longa experiência e de laboriosos estudos, esclarecer todas as questões que se prendem à prática das manifestações; ele contém, de acordo com os Espíritos, a explicação teórica dos diversos fenômenos e condições em que eles se podem produzir; mas a parte concernente ao desenvolvimento e ao exercício da mediunidade foi, sobretudo, de nossa parte, objeto de atenção toda especial.

“O Espiritismo experimental está cercado de muito mais dificuldades do que se acredita geralmente, e os escolhos, que aí se encontram, são numerosos; é o que produz tanta decepção aos que dele se ocupam sem ter a experiência e os conhecimentos necessários. O nosso fim foi acautelar os investigadores contra tais dificuldades, nem sempre isentas de inconvenientes para quem quer que se aventure, com imprudência, por esse novo terreno. Não podíamos desprezar um ponto tão capital, e o tratamos com cuidado igual à sua importância.”

O Livro dos Médiuns é, ainda, o *vade-mécum* de quantos se querem entregar com proveito à prática do Espiritismo experimental; nada apareceu de melhor nem de mais completo nessa ordem de ideias. É ainda o mais seguro guia de que nos podemos servir para explorar, sem perigo, o terreno da mediunidade.

*

No ano de 1861, Allan Kardec fez uma nova viagem espírita a Sens, Mácon e Lião, e verificou que em nossa cidade o Espiritismo atingira a maioridade.

“Com efeito, não é mais por centenas, diz ele, que aí se contam os espíritas, como há um ano; é por milhares, ou, para melhor dizer, já se não contam, e pode-se calcular que, seguindo a mesma progressão, dentro de um ano ou dois eles serão mais de trinta mil. O Espiritismo, aí, tem feito adeptos em todas as classes, mas é sobretudo na classe operária que se tem propagado com maior rapidez, e isso não é de admirar: sendo essa classe a que mais sofre, volta-se para o lado que lhe oferece maior consolação. Se aqueles que clamam contra o Espiritismo lhe oferecessem outro tanto, essa classe se voltaria para eles; mas, ao contrário, querem tirar-lhe exatamente aquilo que a ajuda a carregar o seu fardo de miséria. E isto tem sido o meio mais seguro de perderem as suas simpatias e fazê-la engrossar as nossas fileiras. O que vimos com os nossos próprios olhos é de tal modo característico e encerra ensino tão grande, que acreditamos dever consagrar aos operários a maior parte do nosso relatório.

“No ano passado, só havia um único centro de reunião, o dos Brotteaux, dirigido por Dijoux, chefe de oficina, e sua mulher; depois, formaram-se outros em diferentes pontos da cidade: em Guillotière, em Perrache, em Croix-Rousse, em Vaise, em Saint-Just, etc., sem contar grande número de reuniões particulares.

Então, havia apenas dois ou três médiuns neófitos; hoje os há em todos os grupos e muitos são de primeira ordem; em um só grupo vimos cinco escreverem simultaneamente. Vimos, igualmente, um rapaz muito bom médium vidente, no qual pudemos verificar essa faculdade desenvolvida no mais alto grau.

“Sem dúvida, muito é para desejar que se multipliquem os adeptos, mas o que mais vale ainda do que o número é a qualidade. Pois bem, declaramo-lo bem alto: não vimos, em parte alguma, reuniões espíritas mais edificantes do que as dos operários lioneses, quanto à ordem, ao recolhimento e à atenção que prestam às instruções dos seus guias espirituais; há homens, velhos, senhoras, jovens, crianças mesmo, cuja atitude respeitosa contrasta com a sua idade; jamais uma única criança perturbou por instantes o silêncio das nossas reuniões, muitas vezes longas; pareciam quase tão ávidas quanto seus pais, em recolher as nossas palavras.

“Mas, isto não é tudo: o número das metamorfoses morais é, entre os operários, quase tão grande quanto o dos adeptos: hábitos viciosos reformados, paixões acalmadas, ódios apaziguados, lares tornados tranqüilos, em uma palavra, as mais legítimas virtudes cristãs desenvolvidas, e isso pela confiança, de agora em diante inabalável, que lhes dão as comunicações espíritas, no futuro em que não acreditavam; é uma felicidade para eles assistirem a essas instruções, de que saem reconfortados contra a adversidade; muitos chegam a galgar mais de uma légua, sob qualquer tempo, inverno ou verão, tudo arrostando para não faltarem a uma sessão; é que neles não há a fé vulgar, mas a baseada sobre uma convicção profunda, raciocinada e não, cega.”

Por ocasião dessa viagem, um banquete novamente reuniu sob a presidência de Allan Kardec os membros da grande família espírita lionesa. No dia 19 de setembro de 1860 os convivas eram apenas uns trinta; a 19 de setembro de 1861 o número era de cento e sessenta, “representando os diferentes grupos, que se consideram todos como membros de uma grande família, entre os quais não existe sombra de ciúme e de rivalidade, o que - diz o Mestre -, temos, de passagem, grande satisfação em registrar. A maioria dos assistentes era composta de operários e toda gente notou a perfeita ordem que não cessou de reinar um só instante. É que os verdadeiros espíritas põem sua satisfação nas alegrias do coração e não nos prazeres ruidosos.”

A 14 de outubro do mesmo ano encontramos Allan Kardec em Bordéus, onde, como em todas as cidades por que passava, semeava a boa-nova e fazia germinar a fé no futuro.

Além das viagens e dos trabalhos de Allan Kardec, esse ano de 1861 permanecerá memorável nos anais do Espiritismo por um fato de tal modo monstruoso que quase parece incrível. Refiro-me ao auto-de-fé levado a efeito em Barcelona, e em que foram queimadas pela fogueira dos inquisidores trezentas obras espíritas.

O Sr. Maurício Lachâtre estava nessa época estabelecido como livreiro, em Barcelona, em relações e em comunhão de ideias com Allan Kardec. Assim, pediu a este que lhe enviasse certo número de obras espíritas, para as expor à venda e fazer propaganda da nova filosofia.

Essas obras, em número de trezentas aproximadamente, foram expedidas nas condições ordinárias, com uma declaração em ordem do conteúdo das caixas. À sua chegada à Espanha, foram os direitos da alfândega cobrados ao destinatário e arrecadados pelos agentes do governo espanhol; mas a entrega das caixas não se fez: o bispo de Barcelona, tendo julgado esses livros perniciosos à fé católica, fez confiscar a expedição pelo Santo-Ofício.

Uma vez que não queriam entregar essas obras ao destinatário, Allan Kardec reclamou a sua devolução; mas a sua reclamação foi de nulo efeito, e o bispo de Barcelona, erigindo-se em policiador da França, fundamentou a sua recusa com a seguinte resposta: “A Igreja Católica é universal, e sendo esses livros contrários à fé católica, o governo não pode consentir que eles passem a perverter a moral e a religião de outros países.”

E não somente esses livros não foram restituídos, mas também os direitos aduaneiros ficaram em poder do fisco espanhol. Allan Kardec poderia promover uma ação diplomática e obrigar o governo espanhol a efetuar o retorno das obras. Os Espíritos, porém, o dissuadiram disso, dizendo que era preferível para a propaganda do Espiritismo deixar essa ignomínia seguir o seu curso.

Renovando os fastos e as fogueiras da idade Média, o bispo de Barcelona fez queimar em praça pública, pela mão do carrasco, as obras incriminadas.

Eis aqui, a título de documento histórico, o processo verbal dessa infâmia clerical:

“Aos nove dias de outubro de mil oitocentos e sessenta e um, às dez horas e meia da manhã, na esplanada da cidade de Barcelona, no lugar em que são executados os criminosos condenados à pena última, por ordem do bispo desta cidade foram queimados trezentos volumes e brochuras sobre o Espiritismo, a saber:

“*A Revista Espírita*, diretor Allan Kardec;

“*A Revista Espiritualista*, diretor Piérart;

“*O Livro dos Espíritos*, por Allan Kardec;

“*O Livro dos Médiuns*, pelo mesmo;

“*O que é o Espiritismo*, pelo mesmo;

“*Fragmento de Sonata*, ditado pelo Espírito de Mozart;

“*Carta de um católico sobre o Espiritismo*, pelo Doutor Grand;

“*A História de Joanna d’Arc*, por ela mesma ditada a Mlle. Ernance Dufaux;

“*A realidade dos Espíritos demonstrada pela escrita direta*, pelo Barão de Guldenstubbé.

“Assistiram ao auto-de-fé:

“Um padre revestido de hábitos sacerdotais, trazendo em uma das mãos a cruz e, na outra, uma tocha;

“Um tabelião encarregado de redigir o processo verbal do auto-de-fé;

“O escrevente do tabelião;

“Um empregado superior da administração das alfândegas;

“Três *mozos* (serventes) da alfândega, encarregados de alimentar o fogo;

“Um agente da alfândega, representando o proprietário das obras condenadas pelo bispo;

“Uma multidão incalculável aglomerava-se nos passeios e cobria a esplanada em que ardia a fogueira.

“Quando o fogo consumiu os trezentos volumes e brochuras espíritas, o padre e os seus ajudantes se retiraram cobertos pelos apupos e as maldições dos numerosos assistentes, que gritavam: Abaixo a Inquisição!

“Em seguida muitas pessoas se acercaram da fogueira e apanharam cinzas.”

Seria diminuir o horror de tais atos, acompanhá-los com a narrativa dos comentários; constatemos somente que ao clarão dessa fogueira o Espiritismo tomou um incremento inesperado em toda a Espanha e, como o haviam os Espíritos previsto, conquistou, aí, um número incalculável de adeptos. Só podemos, pois, como o fez Allan Kardec, alegrar-nos com o grande reclamo que esse ato odioso operou em favor do Espiritismo. A propósito, porém, da propaganda que nós mesmos devemos fazer da nossa filosofia, nunca deveremos esquecer estes conselhos do Mestre (*Revista Espírita*, 1863, pág. 367):

“O Espiritismo se dirige aos que não crêem ou que duvidam, e não aos que têm fé e a quem essa fé é suficiente; ele não diz a ninguém que renuncie às suas crenças para adotar as nossas, e nisto é conseqüente com os princípios de tolerância e de liberdade de consciência que professa. Por esse motivo não poderíamos aprovar as tentativas feitas por certas pessoas para converter às nossas ideias o clero, de qualquer comunhão que seja. Repetiremos, pois, a todos os espíritas: acolhei com solicitude os homens de boa-vontade; ofereci a luz aos que a procuram, porque com os que crêem não sereis bem sucedidos; não façais violência à fé de ninguém, muito mais quanto ao clero que aos seculares, porque semeareis em campos áridos; ponde a luz em evidência, para que a vejam os que quiserem ver; mostrai os frutos da árvore e deles dai de comer aos que têm fome e não aos que se dizem saciados.”

Estes conselhos, como todos os de Allan Kardec, são claros, simples e sobretudo práticos; cumpre que deles nos recordemos e os aproveitemos oportunamente.

*

O ano de 1862 foi fértil em trabalhos favoráveis à difusão do Espiritismo. No dia 15 de janeiro apareceu a pequenina e excelente brochura de propaganda: *O Espiritismo em sua mais simples expressão*.

“O fim desta publicação, diz Allan Kardec, é apresentar, em quadro muito resumido, um histórico do Espiritismo e uma ideia suficiente da doutrina dos Espíritos, para permitir ser compreendido o seu fim moral e filosófico. Pela clareza e simplicidade do estilo, procuramos pô-lo ao alcance de todas as inteligências.

Contamos com o zelo de todos os verdadeiros espíritas, para que lhe auxiliem a propagação.” - Este apelo foi ouvido, porque a pequena brochura se espalhou em profusão, devendo muitos a esse excelente trabalho o terem compreendido o fim e o alcance do Espiritismo.

Tendo os nossos predecessores no Espiritismo transmitido a Allan Kardec, por ocasião do Ano-Novo, a expressão dos seus sentimentos de gratidão, eis aqui como respondeu o Mestre a esse testemunho de simpatia:

“Meus caros irmãos e amigos de Lião:

“A manifestação coletiva que tivestes a bondade de transmitir-me, por ocasião do Ano-Novo, produziu-me vivíssima satisfação, provando-me que conservastes de mim uma boa recordação; mas, o que me causou maior prazer, nesse ato espontâneo de vossa parte, foi encontrar, entre as numerosas assinaturas que nele figuram, representantes de quase todos os grupos, porque é um sinal da harmonia que reina entre eles. Sou feliz por ver que compreendestes perfeitamente o fim dessa organização, cujos resultados desde já podeis apreciar, porque deve ser agora evidente para vós que uma sociedade única seria quase impossível.

“Agradeço, meus bons amigos, os votos que fazeis por mim; eles me são tanto mais agradáveis quanto sei que partem do coração, e são os que Deus atende. Ficai, pois, satisfeitos, porque Ele os ouve todos os dias, proporcionando-me a extraordinária satisfação no estabelecimento de uma nova doutrina, de ver aquela a que me tenho dedicado engrandecer e prosperar, em minha vida, com uma rapidez maravilhosa; considero um grande favor do céu ser testemunha do bem que ela já produz.

“Esta certeza, de que recebo diariamente os mais tocantes testemunhos, me paga com usura todos os meus sofrimentos, todas as minhas fadigas; não peço a Deus senão uma graça, e é a de dar-me a força física necessária para ir até ao fim da minha tarefa, que longe se encontra de estar concluída; mas, como quer que suceda, possuirei sempre a maior consolação, pela certeza de que a semente das ideias novas, espalhada agora por toda parte, é imperecível; mais feliz que muitos outros, que não trabalharam senão para o futuro, é-me permitido contemplar os primeiros frutos.

“Se alguma coisa lamento, é que a exigüidade dos meus recursos pessoais me não permita pôr em execução os planos que concebi para um avanço ainda mais rápido; se Deus, porém, em sua sabedoria, entendeu dispor de modo diferente, legarei esses planos aos nossos sucessores, que, sem dúvida, serão mais felizes. A despeito da escassez dos recursos materiais, o movimento que se opera na opinião ultrapassou toda a expectativa; crede, meus irmãos, que nisso o vosso exemplo não terá sido sem influência, Recebei, portanto, as nossas felicitações pela maneira porque sabeis compreender e praticar a Doutrina.

“No ponto a que hoje chegaram as coisas, e tendo em vista a marcha do Espiritismo através dos obstáculos semeados em seu caminho, pode dizer-se que as principais dificuldades estão superadas; ele conquistou o seu lugar e está assente sobre bases que de ora em diante desafiam os esforços dos seus adversários.

“Perguntam como uma doutrina, que torna feliz e melhor, pode ter inimigos; é natural; o estabelecimento das melhores coisas choca sempre interesses, ao começar.

Não tem acontecido assim com todas as invenções e descobertas que têm revolucionado a indústria? As que hoje são consideradas como benefícios, sem as quais não se poderia mais passar, não tiveram inimigos obstinados? Toda lei que reprime um abuso não tem contra si todos os que vivem dos abusos?

Como quereríeis que uma doutrina que conduz ao reino da caridade efetiva não fosse combatida por todos os que vivem no egoísmo? E sabeis que são eles numerosos na Terra!

“No começo contaram sepultá-la com a zombaria; hoje vêem que essa arma é impotente e que, sob o fogo dos sarcasmos, ela prosseguiu o seu caminho sem tropeçar. Não acrediteis que se confessem vencidos; não, o interesse material é tenaz. Reconhecendo que é uma potência com que é necessário de hoje em diante contar, vão dirigir-lhe assaltos mais sérios, mas que só servirão diretamente por palavras e atos, e a perseguirão até na pessoa dos seus adeptos, que eles se esforçarão por desalentar a poder de embaraços, enquanto que outros, secretamente e por caminhos disfarçados, procurarão miná-la surdamente.

“Ficai prevenidos de que a luta não está terminada; fui avisado de que eles vão tentar um supremo esforço. Não tendes, porém, receio: o penhor da vitória está nesta divisa, que é a de todos os verdadeiros espíritas: *Fora da caridade não há salvação*. Arvorai-a bem alto, porque ela é a cabeça de Medusa para os egoístas.

“A tática, posta já em prática pelos inimigos dos espíritas, mas que eles vão empregar com novo ardor, é tentar dividi-los criando sistemas divergentes e suscitando entre eles a desconfiança e o ciúme. Não vos deixeis cair no laço, e tende como certo que quem quer que procure um meio, qualquer que seja, para quebrar a boa harmonia, não pode ter boa intenção. É por isso que vos recomendo useis da maior circunspeção na formação dos vossos grupos, não somente para vossa tranqüilidade, como no próprio interesse dos vossos labores.

“A natureza dos trabalhos espíritas exige calma e recolhimento. Ora, não há recolhimento possível se se está preocupado com discussões e com a manifestação de sentimentos malévolos. Não haverá sentimentos malévolos se houver fraternidade; não pode, porém, haver fraternidade em egoístas, ambiciosos e orgulhosos.

Entre orgulhosos, que se suscetibilizam e ofendem por tudo, ambiciosos que se sentirão mortificados se não tiverem a supremacia, egoístas que não pensam senão em si, a cizânia não pode tardar a introduzir-se, e com ela a dissolução. É o que desejariam os nossos inimigos, e é o que eles procuram fazer.

“Se um grupo quer estar em condições de ordem, de tranqüilidade e de estabilidade, é preciso que nele reine o sentimento fraternal. Todo grupo ou sociedade que se formar, sem ter caridade efetiva por base, não tem validade; enquanto que aqueles que forem fundados de acordo com o verdadeiro espírito da doutrina olhar-se-ão como membros de uma mesma família que, não sendo possível habitarem todos sob o mesmo teto, moram em lugares diferentes. A rivalidade entre eles seria um contra-senso; ela não poderia existir onde reina a verdadeira caridade, porque a caridade não se pode entender de duas maneiras.

“Reconhecei, pois, o verdadeiro espírito na prática da caridade por pensamentos, palavras e obras, e persuadi-vos de quem quer que nutra em sua alma sentimentos de animosidade, de rancor, de ódio, de inveja ou de ciúme, mente a si próprio se tem a pretensão de compreender e praticar o Espiritismo.

“O egoísmo e o orgulho matam as sociedades particulares, como matam os novos e a sociedade em geral...”

Tudo mereceria citação nestes conselhos, tão justos quão práticos; mas é preciso que nos limitemos, em razão do tempo de que podemos dispor.

A pedido dos espíritas de Lião e de Bordéus, Allan Kardec fez, em setembro e outubro, uma longa viagem de propaganda semeando por toda parte a boa-nova e prodigalizando conselhos, mas somente aos que lho pediam; o convite feito pelos grupos lioneses estava subscrito por quinhentas assinaturas. Uma publicação especial deu conta dessa viagem de mais de seis semanas, durante a qual o Mestre presidiu a mais de cinquenta reuniões em vinte cidades, onde por toda parte foi alvo do mais cordial acolhimento e se sentiu feliz por verificar os imensos progressos do Espiritismo.

A respeito das viagens de Allan Kardec, como certas influências hostis houvessem espalhado o boato de que eram feitas a expensas da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, sobre cujo orçamento igualmente ele sacava de antemão todos os seus gastos de correspondência e de manutenção, o Mestre rebateu, assim, essa falsidade:

“Muitas pessoas, sobretudo na província, pensaram que as despesas dessas viagens oneravam a Sociedade de Paris; tivemos que desfazer esse erro quando se ofereceu a ocasião; aos que ainda o pudessem partilhar, recordaremos o que afirmamos noutra circunstância (número de junho de 1862, página 167, *Revista Espírita*), que a Sociedade se limita a prover às suas despesas correntes e não possui reservas; para que pudesse acumular capital, ser-lhe-ia preciso que tivesse em mira o número; e isto é o que ela não faz nem quer fazer, porque o seu fim não é a especulação e porque o número nada acrescenta à importância dos trabalhos. Sua influência é toda moral e está no caráter de suas reuniões, que dão aos estranhos a ideia de uma assembléia grave e séria; aí está o seu mais poderoso meio de propaganda. Ela, pois, não poderia prover tal despesa. Os gastos de viagem, como todos os que as nossas relações reclamam para o Espiritismo, são tirados dos nossos recursos pessoais e das nossas economias, aumentadas com o produto das nossas obras, sem o qual nos seria impossível prover a todos os encargos, que são para nós a conseqüência da obra que empreendemos. Isto é dito sem vaidade e unicamente para render homenagem à verdade, e para edificação daqueles aos quais se afigura que nós capitalizamos.”

Em 1862 Allan Kardec fez também aparecer uma *Refutação às críticas contra o Espiritismo*⁵⁶, no ponto de vista do materialismo, da ciência e da religião.

⁵⁶ Allan Kardec, no livro “Voyage Spirite en 1862” (Ledoyen, Paris, 1862, Gr.in-8°, 64 p.p.), revela ter desistido da ideia de publicar o opúsculo que anunciara um ano antes (Revue Spirite, 1861, dez., p. 371) e que seria intitulado “Réfutation des critiques contre le Spiritisme au point de vue matérialiste, scientifique et religieux”. - Nota da FEB.

Em abril de 1864 publicou a *Imitação do Evangelho segundo o Espiritismo*, com a explicação das máximas morais do Cristo, sua aplicação e sua concordância com o Espiritismo. O título dessa obra foi depois modificado, e é hoje *O Evangelho segundo o Espiritismo*.

Aproveitando-se da época das férias, Allan Kardec fez em setembro de 1864 uma viagem a Antuérpia e a Bruxelas. Expondo aos espíritas belgas o seu modo de ver acerca dos grupos e sociedades espíritas, recorda o que já havia dito em Lião, em 1861: “Vale mais, portanto, haver em uma cidade cem grupos de dez a vinte adeptos, em que nenhum se arrogue a supremacia sobre os outros, do que uma única sociedade que a todos reunisse. Esse fracionamento em nada pode prejudicar a unidade dos princípios, desde que a bandeira é uma só e que todos se dirigem para um mesmo fim.”

As sociedades numerosas têm sua razão de ser sob o ponto de vista da propaganda; mas, quanto aos estudos sérios e continuados, é preferível constituírem-se grupos íntimos.

No dia 1º de agosto de 1865, Allan Kardec fez aparecer uma nova obra – *O Céu e o Inferno ou a Justiça Divina segundo o Espiritismo*, na qual são mencionados numerosos exemplos da situação dos Espíritos, no mundo espiritual e na Terra, e as razões que motivaram essa situação.

Os admiráveis êxitos do Espiritismo, seu desenvolvimento quase incrível, criaram-lhe inúmeros inimigos e, à proporção que ele se foi engrandecendo, aumentou, também, a tarefa de Allan Kardec. O Mestre possuía uma vontade de ferro, um poder de combatividade extraordinários; era um trabalhador infatigável; de pé, em qualquer estação, desde às 4 horas e meia, respondia a tudo, às polêmicas veementes dirigidas contra o Espiritismo, contra ele próprio, às numerosas correspondências que lhe eram dirigidas; atendia à direção da *Revista Espírita* e da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, à organização do Espiritismo e ao preparo das suas obras.

Esse excesso físico e intelectual esgotou-lhe o organismo, e repetidas vezes os Espíritos precisam chamá-lo à ordem, a fim de obrigá-lo a poupar a saúde. Ele, porém, sabe que não deve durar mais que uns dez anos ainda: numerosas comunicações o preveniram desse termo e lhe anunciaram mesmo que a sua tarefa não seria concluída senão em nova existência, que sucederia a breve trecho à sua próxima desencarnação; por isso ele não quer perder ocasião alguma de dar ao Espiritismo tudo o que pode, em força e vitalidade.

Em 1867 faz uma curta viagem a Bordéus, Tours e Orleans; em seguida põe novamente mãos à obra, para publicar, em janeiro de 1868, *A Gênese, os milagres e as predições segundo o Espiritismo*. É das mais importantes esta obra, porque constitui, sob o ponto de vista científico, a síntese dos quatro primeiros volumes já publicados.

Allan Kardec ocupa-se, em seguida, de um projeto de organização do Espiritismo, por meio do qual espera imprimir mais vigor, mais ação à filosofia de que se fez apóstolo, procurando desenvolver-lhe o lado prático e fazer-lhe produzir seus frutos. O objeto constante das suas preocupações é saber quem o substituirá em sua obra, porque sente que o desenlace está próximo; e a constituição que elabora tem precisamente por fim prover às necessidades futuras da Doutrina Espírita.

Desde os primeiros anos do Espiritismo, Allan Kardec havia comprado, com o produto das suas obras pedagógicas, 2.666 metros quadrados de terreno na avenida Ségur, atrás dos Inválidos. Tendo essa compra esgotado os seus recursos, ele contraiu com o Crédit Foncier um empréstimo de 50.000 francos para fazer construir nesse terreno seis pequenas casas, com jardim; alimentava a doce esperança de recolher-se a uma delas, na Vila Ségur, e torná-la-ia depois da sua morte asilo a que se pudessem recolher na velhice os defensores indigentes do Espiritismo.

Em 1869 a Sociedade Espírita era reconstituída e tornada sociedade anônima, com o capital de 40.000 francos, dividido em quarenta ações, para a exploração da livraria, da *Revista Espírita* e das obras de Allan Kardec. A nova sociedade devia instalar-se no dia 1º de abril, à rua de Lille n° 7.

Allan Kardec, cujo contrato de arrendamento na passagem Sant'Ana estava quase a terminar, contava retirar-se para a Vila Ségur, a fim de trabalhar mais ativamente nas obras que lhe restava fazer e cujo plano e documentos se achavam já reunidos. Estava, pois, em todos os preparativos de mudança de domicílio, quando a 31 de março a doença de coração que o minava surdamente pôs termo à sua robusta constituição e, como um raio, o arrebatou à afeição dos seus discípulos. Essa perda foi imensa para o Espiritismo, que via desaparecer o seu fundador e mais poderoso propagandista, e lançou em profunda consternação todos os que o haviam conhecido e amado.

Hippolyte-Léon-Denizard Rivail - Allan Kardec - faleceu em Paris, rua e passagem Sant'Ana, 59, 2ª circunscrição e *mairie* de la Banque, em 31 de março de 1869, na idade de 65 anos, sucumbindo da ruptura de um aneurisma.

Unânimes sentimentos acolheram a dolorosa notícia, e numerosíssima concorrência acompanhou ao Père Lachaise⁵⁷, sua derradeira morada, os despojos mortais daquele que fora Allan Kardec, daquele que, através dos tempos, brilhará como um meteoro fulgurante na aurora do Espiritismo.

Quatro orações foram proferidas à beira do túmulo do Mestre: a primeira, pelo Sr. Levent, em nome da Sociedade Espírita de Paris; a segunda, pelo Sr. Camilo Flammarion, que não fez somente um esboço do caráter de Allan Kardec e do papel que cabe aos seus trabalhos no movimento contemporâneo, mais ainda, e sobretudo, um exame da situação das ciências físicas, no ponto de vista do mundo invisível, das forças naturais desconhecidas, da existência da alma e da sua indestrutibilidade. Em seguida, tomou a palavra o Sr. Alexandre Delanne, em nome dos espíritas dos centros afastados; e, depois, o Sr. E. Muller, em nome da família e dos seus amigos, dirigiu ao morto querido os últimos adeuses.

A senhora Allan Kardec tinha 74 anos por ocasião da morte de seu esposo. Sobreviveu-lhe até 1883, ano em que, a 21 de janeiro, se extinguiu, na idade de 89 anos, sem herdeiros diretos.

Erraria quem acreditasse que, em virtude dos seus trabalhos, Allan Kardec devia ser uma personagem sempre fria e austera. Não era, entretanto, assim. Esse grave filósofo, depois de haver discutido pontos mais difíceis da psicologia e da metafísica transcendental, mostrava-se expansivo, esforçando-se por distrair os convidados que ele freqüentemente recebia na Vila Ségur; conservando-se sempre digno e sóbrio em suas expressões, sabia adubá-las com o nosso velho sal gaulês em rasgos de causticante e afetuosa bonomia. Gostava de rir com esse belo riso franco, largo e comunicativo, e possuía um talento todo particular em fazer os outros partilharem do seu bom-humor.

Todos os jornais da época se ocuparam da morte de Allan Kardec e procuraram medir-lhe as conseqüências. Eis aqui, a título de lembrança, o que a esse respeito escrevia o Sr. Pagès de Noyez, no *Journal de Paris*, de 3 de abril de 1869:

“Aquele que por tão longo tempo ocupou o mundo científico e religioso sob o pseudônimo de Allan Kardec, chamava-se Rivail e morreu na idade de 65 anos.

“Vimo-lo deitado num simples colchão, no meio da sala das sessões a que há tantos anos ele presidia; vimo-lo com o semblante calmo como se extinguem aqueles a quem a morte não surpreende e que, tranqüilos quanto ao resultado de uma vida honesta e laboriosamente preenchida, imprimem como que um reflexo da pureza de sua alma sobre o corpo que abandonaram.

“Resignados pela fé em uma vida melhor, e pela convicção da imortalidade da alma, inúmeros discípulos tinham vindo lançar um derradeiro olhar àqueles lábios descolorados que, ainda na véspera, lhes falavam a linguagem da Terra. Mas eles recebiam já a consolação de além-túmulo: o Espírito de Allan Kardec veio dizer-lhes quais haviam sido as suas comoções, quais as suas primeiras impressões, quais, dos que o haviam precedido no além-túmulo, tinham vindo ajudar-lhe a alma a desprender-se da

⁵⁷ Ver “Reformador” de abril de 1957, pág. 93.

matéria. Se “o estilo é o homem”, aqueles que conheceram Allan Kardec em vida não podem deixar de ficar emocionados pela autenticidade dessa comunicação espírita.

“A morte de Allan Kardec é notável por uma coincidência estranha. A Sociedade fundada por esse grande vulgarizador do Espiritismo acabava de desaparecer. Abandonado o local, retirados os móveis, nada mais restava de um passado que devia renascer sobre novas bases. No fim da última sessão, o presidente fizera as suas despedidas; preenchida a sua missão, retirava-se da luta cotidiana, para se consagrar inteiramente ao estudo da filosofia espiritualista. Outros, mais jovens - intrépidos - deveriam continuar a obra e, fortes por sua virilidade, impor a verdade por sua convicção.

“Para que referir os detalhes da morte? Que importa o modo por que se partiu o instrumento, e por que consagrar uma linha a esses fragmentos de ora em diante mergulhados no turbilhão imenso das moléculas? Allan Kardec morreu na sua hora própria. Com ele terminou o prólogo de uma religião vivaz, que, irradiando todos os dias, cedo terá iluminado toda a Humanidade. Ninguém melhor que ele podia conduzir a bom termo essa obra de propaganda, à qual era necessário sacrificar as longas vigílias que alimentam o espírito, a paciência que educa com o correr do tempo, a abnegação que afronta a estultícia do presente, para não ver senão a irradiação do futuro.

“Allan Kardec terá, com suas obras, fundado o dogma pressentido pelas mais antigas sociedades. Seu nome, apreciado como o de um homem de bem, está há muito tempo vulgarizado pelos que crêem e pelos que receiam. É difícil praticar o bem sem chocar os interesses estabelecidos. O Espiritismo destrói muitos abusos, reanima muitas consciências doloridas, dando-lhes a certeza da prova e a consolação do futuro.

“Os espíritas choram hoje o amigo que os deixa, porque o nosso entendimento, por assim dizer, material, não se pode submeter a essa ideia de *transição*; pago, porém, o primeiro tributo a essa inferioridade do nosso organismo, o pensador ergue a cabeça e através desse mundo invisível, que ele sente existir além do túmulo, estende a mão ao amigo, que já não existe, convencido de que o seu Espírito nos protege sempre.

“O presidente da Sociedade Espírita de Paris está morto; mas o número de adeptos cresce todos os dias, e os corajosos, os quais pelo respeito ao Mestre se deixavam ficar no segundo plano, não hesitarão em se evidenciar, por bem da grande causa.

“Esta morte, que o vulgo deixará passar indiferente, não deixa de ser, por isso, um grande fato para a Humanidade. Não é mais o sepulcro de um homem, é a pedra tumular enchendo esse imenso vácuo que o materialismo cavara aos nossos pés e sobre o qual o Espiritismo esparge as flores da esperança.”

Um ponto sobre o qual não atraí a vossa atenção, mas que devo assinalar, é a caridade verdadeiramente cristã de Allan Kardec; dele se pode dizer que a mão esquerda ignorou sempre o bem que fazia a direita, e que esta ainda menos conheceu os botes que à outra atiravam aqueles para quem o reconhecimento é um fardo excessivamente pesado. Cartas anônimas, insultos, traições, difamações sistemáticas, nada foi poupado a esse intrépido lutador, a essa alma grande e varonil que penetrou integralmente na imortalidade.

O despojo mortal de Allan Kardec repousa no Père Lachaise, em Paris, sob modesta lápide erigida pela piedade dos seus discípulos; é aí que se reúnem todos os anos, desde 1869⁵⁸, os adeptos que têm guardado fidelidade à memória do Mestre e conservam preciosamente no coração o culto da saudade.

E já que um sentimento análogo nos reúne hoje, repitamos bem alto, minhas senhoras, meus senhores:

Honra! Honra e glória a Allan Kardec!

Henri Sausse.

⁵⁸ Ver Revista “Reformador” de abril de 1957, pág. 93.